Luiz Antonio Sacconi

# Não erre mais!

## Português agradável e descomplicado

29.ª edição





educacional

# Não erre mais!

**29.ª edição**

*Entre os elementos orgânicos de uma nação,*
*é o idioma a revelação mais eloqüente do espírito de nacionalidade e,*
*ao mesmo passo, o vínculo mais forte da união nacional*

**Laudelino Freire**

**escala**
**educacional**

# E isto

Um indivíduo só pode dizer-se inteiramente livre, no âmbito da comunicação lingüística, quando conhece todas as modalidades de língua a seu dispor e escolhe aquela que melhor convém ao momento do discurso. É pouco, portanto, conhecer apenas uma língua funcional ou a sua variante sociolingüística. O ideal é que o indivíduo seja um poliglota dentro da sua própria língua.

Conhecer a norma culta, assim, de certa forma, é sentir-se mais livre para comunicar-se. Norma culta, ou seja, a língua utilizada segundo os padrões estabelecidos pelos clássicos ou bons escritores do idioma, é assim como etiqueta social: não é preciso conhecê-la para **viver,** mas é absolutamente indispensável conhecê-la para **conviver.**

Há os que, quase simploriamente, afirmam que o importante é **se comunicar.** Sim senhor! Por fumaça também se comunica! A esses, no ato da alimentação, certamente o mais importante é a **digestão,** sendo de somenos importância os meios como se leva o alimento à boca. Mas são justamente esses meios que diferenciam o ser humano educado, civilizado, dos demais de sua espécie. Cada qual vive e come à sua própria moda, é certo, mas todos têm o direito de conhecer caminhos, para poderem fazer a sua escolha. É justamente essa escolha que determina a posição e o papel que cada um de nós deve ocupar em nosso meio, na sociedade. Ademais, a norma culta é a única que garante a unidade lingüística de uma nação.

Esta obra, desde a sua primeira edição, em 1975, surgiu como uma opção aos que pretendem conhecer a norma culta, a fim de usá-la no **momento** que for ou que achar conveniente. Assim como não se aconselha o uso da língua popular num discurso, também desaconselhável será o emprego da norma culta entre amigos que se divertem ou que tomam sol numa praia. Saber distinguir os vários **momentos** é fundamental. Por isso, esta obra não deve ser vista como um instrumento tirano, mas como um meio de levar você, caro leitor, a alcançar um pouco mais da tão sonhada liberdade. Mais livres somos quanto mais escolhas temos à disposição.

As brincadeiras, ironias e às vezes até alguns sarcasmos encontrados aqui e ali ficam por conta de uma índole espirituosa, quando não de uma caturrice sem conta. Nada tem que ver com desprezo ou menosprezo aos ignorantes. Afinal, todos têm o direito de ser felizes à sua própria moda...

**Luiz Antonio Sacconi**

## Devo escrever *Aírton Sena* ou *Ayrton Senna?*

Pelas normas ortográficas em vigor, fixadas pela Academia Brasileira de Letras, hoje devemos escrever *Aírton Sena.*

É bem provável que o leitor tenha ficado surpreso com a resposta. É compreensível; nós também não somos favorável a tamanha mutilação, principalmente nos sobrenomes.

Pelas regras vigentes, no entanto, após a morte de uma pessoa, seu nome passa a estar sujeito às normas ortográficas em vigor: *Philomeno* vira *Filomeno, Raphael* vira *Rafael, Thomaz* vira *Tomás, Teophilo* vira *Teófilo, Josephina* vira *Josefina, Manoel* vira *Manuel, Newton* vira *Nilton, Walter* tem de se tornar *Válter* e assim por diante. Os sobrenomes nacionais com letras dobradas, como *Villa-Lobos* e *Villas-Boas,* devem perder uma dessas letras, tornando-se, portanto, *Vila-Lobos, Vilas-Boas,* etc. Não considero isso razoável, por isso desobedeço aqui e em outras obras minhas a essa norma, mas apenas no tocante aos apelidos ou sobrenomes. Convém lembrar, porém, que *Thomé de Souza* passou a *Tomé de Sousa* (e ninguém reclama); que *Adhemar de Barros* virou *Ademar de Barros* (e ninguém reclama); que *Paes Leme* passou a *Pais Leme;* que *Rodrigues de Moraes* passou a *Rodrigues de Morais;* que *Viriato Corrêa* virou *Viriato Correia;* que *Carlos Goes* passou a *Carlos Góis;* que *Osman Lins* virou *Osmã Lins.* Um dia, também eu mesmo virarei *Luís Antônio Sacconi.* (E já estou indignado.)

Mesmo com relação aos nomes, é preciso haver alguma condescendência. Veja o caso de *Wilson.* Alguém aceitará *Uílson?* Ou *Vílson?* Não, creio que já seja hora de mudarmos isso. Toda mudança, contudo, tem de ter a chancela da Academia Brasileira de Letras, que ainda não se dignou manifestar.

Tom Jobim não aceitava que alguém escrevesse *Vinícius* (com acento) *de Morais* (com **i).** Queria que todos respeitassem a grafia constante do registro civil do grande poeta: *Vinícius de Moraes.* Mal sabia Tom que seu próprio sobrenome deveria ser escrito, após a sua morte, *Jubim* (esta é a forma correta, segundo a norma em vigor).

Os sobrenomes estrangeiros ou de origem estrangeira ficam, até pela norma, imutáveis. Portanto, grafaremos sempre *Drummond, Goulart, Kubitschek, Matarazzo, Sacconi,* etc.

## o "falecimento" de Aírton Senna

Não. O piloto brasileiro não "faleceu". **Morreu.** Só *falece* aquele que sai da vida naturalmente, ou por velhice. *Morre* todo aquele que perde a ".ida, brutalmente ou não. Toda pessoa que falece, morre, mas nem toda pessoa que morre, falece. Uma pessoa assassinada não "falece", **morre.** Um nonagenário, num asilo ou num leito de hospital, *falece.* Só a *morte* pode ser violenta; o *falecimento,* ao contrário, apenas exprime um efeito natural e é sereno, calmo, tranqüilo. Por isso, rezemos todos para *falecermos,* bem tarde, muito tarde!

## todo o mundo

Sempre com o artigo, em qualquer acepção. Mas todo **o** mundo no Brasil escreve "todo mundo". É impressionante! Existem até certos gramáticos que abonam a expressão sem o artigo, num equívoco imperdoável. Como é em francês? *Tout* ***le*** *monde.* Como é em espanhol? *Todo* ***el*** *mundo.* Por que, em português, seria "todo mundo"? Daí por que saem matérias em jornais assim: ***Todo mundo mente. A mentirafaz parte da natureza humana.*** *Segundo recentes estudos científicos sobre a mentira, constatou-se que esta faz parte da natureza humana: todo o mundo mente.*

Reparou, caro leitor? No título, "todo mundo"; no texto, *todo* ***o*** *mundo.* Uma das tarefas mais interessantes reservadas aos jornalistas de hoje é justamente esta: confundir o leitor, que, naturalmente, não deixa de ser uma forma de mentir. Mas a confusão, a mentira, não fica só por conta dos jornalistas. Veja como escreve um dos imortais da Academia Brasileira de Letras: *"Todo mundo", pelo menos "todo mundo" com quem converso, sabe que tive problemas com álcool e, de certa forma, sempre terei, porque ele é meu inimigo permanente. Saiu até minha cara toda inchada na capa de uma revista, apareci igualmente inchado e meio bêbedo num programa de tevê em que eu era o assunto e, quando ia falar no sofrimento que estava enfrentando, as luzes se apagaram. "Todo mundo"ficou impressionado, há quem até hoje ache que foi intencional.*

De fato, estou impressionado e até acho que foi intencional...

A Embratel anuncia: *"Todo mundo" vai se comunicar melhor. Use o 21 para fazer DDD e DDI pelo celular. "Todo mundo"fala mais, ouve mais e vê "o"quanto é barato.*

Comunicar-se melhor desse jeito?!

A Veja, ed. 1.818, pág. 34, reproduziu assim uma declaração do presidente Lula: *"Todo mundo"sabe que nunca aceitei o rótulo de esquerda.*

No *site* da revista se leu, ainda: *Milhões de fiéis em "todo mundo" esperam pelo novo pontífice a partir desta segunda-feira.*

Os jornalistas da revista, sem dúvida a melhor do Brasil, parece que são visceralmente contra o uso do artigo nessa expressão, até mesmo quando ela eqüivale a o *mundo inteiro.* Veja como se leu no *site* da revista: *Em seu primeiro sermão, o novo papa disse aos católicos de "todo mundo " que pretende trabalhar sem poupar energia para manter a unidade dos seguidores de Cristo. Ele ainda prometeu continuar a obra de seu antecessor, João Paulo II, e manter o diálogo com outras fés.*

Como se não bastasse, surge agora um dicionário registrando "todo mundo". Mas nele, como veremos logo adiante, tudo é perfeitamente normal.

**26**

## disparado

Esta palavra é invariável quando funciona como advérbio; eqüivale a *de longe, sem comparação: O Brasil tem os melhores jogadores de futebol do mundo* ***disparado!*** * * * As *mulheres brasileiras são as mais bonitas do mundo* ***disparado!***

Tudo isso, todo o mundo já está cansado de saber. Dia destes, porém, um participante do programa *Manhattan Connection,* da Globo News, saiu-se com esta, lá de Nova Iorque: As *reservas de petróleo da Arábia Saudita são maiores que as do Iraque "disparadas".*

Seria o caso de perguntar: quem foi o gigante que espantou as reservas, a ponto de elas saírem disparadas?

## "em" Veja ou *na* Veja?

Caro leitor, leia sempre ***a*** *Veja,* esteja sempre com ***a*** *Veja* nas mãos, que se trata, sem dúvida, da melhor revista do Brasil - disparado.

Se, porém, quiser fazer referência a um conhecido (e também bom) produto de limpeza, use apenas *Veja.* Por isso, compre ***a*** *Veja* nas bancas e *Veja* na mercearia, na quitanda, nos supermercados.

Todo e qualquer nome de revista deve ser usado com o artigo: ***a*** *Placar,* ***a*** *Carinho,* ***a*** *Capricho,* ***a*** *Contigo,* ***a*** *Caras,* ***a*** *Playboy,* ***a*** *Tudo,* ***a*** ***ISTOÉ,*** ***a*** *Época,* etc.

Para encerrar, todavia, leia com atenção este editorial da Veja 1.907: *Muito se especulou entre políticos governistas sobre as motivações "de" Veja ao publicar as recentes reportagens a respeito da corrupção em órgãos públicos. O ministro José Dirceu disse que beirava o golpismo a reprodução "por"Veja de uma frase dele sobre os perigos que corriam dois companheiros graduados do partido de ser pegos por uma CPI. A frase de Dirceu foi relatada "a"Veja por dois petistas.*

## *Ficamos-lhe* muito *agradecido* pelo que nos tem feito

Frase perfeita. O adjetivo ou o pronome adjetivo pode ficar no singular, quando se refere a uma só pessoa.

Veja outros exemplos: *Nós* ***mesmo*** *percebemos isso.* (É, na verdade, uma única pessoa que fala ou escreve.) *** *O fato nos deixou profundamente* ***impressionado.*** (O adjetivo se refere, na verdade a um pronome da primeira pessoa (eu), subentendido.)

Trata-se do *plural majestático,* que ocorre, portanto, sempre que a primeira pessoa do plural expressa um só indivíduo.

Os desavisados acham que o orador ou o escritor erra, ao proceder assim.

Consulte *Silepse de número,* em **Nossa gramática contemporânea,** da Escala Educacional.

## "Mogi" é palavra de origem "tupi-guarani"?

A palavra de origem tupi é, em verdade, *Moji,* de onde sai *mojiano* (a grafia "mogiano" não existe). "Mogi" é apenas a forma tradicional.

O tupi e o guarani constituem línguas distintas. Na verdade, o que existe é o grupo, a *família tupi-guarani,* não a língua.

O tupi era a língua usada pelos jesuítas na catequese; era falada do Maranhão a São Vicente (SP), a primeira cidade brasileira. O guarani, um dialeto do tupi, era a língua falada pelos nativos de São Vicente ao Paraguai, onde até hoje é a língua oficial, ao lado da castelhana.

O tupi é o idioma indígena que mais contribuiu para o léxico português. Foi a língua da catequese e a língua das bandeiras: os bandeirantes conheciam muito bem o tupi, o que lhes facilitava a comunicação com os índios, na busca do ouro e das pedras preciosas.

Na Universidade de São Paulo (USP), no departamento de Letras Vernáculas, existe uma cadeira, e apenas uma: *Tupi.* Ninguém, ao menos até agora, apresentou-se para ministrar aulas de"Tupi-Guarani"...

## Mogi-Guaçu

Os intransigentes preferimos grafar *Mojiguaçu,* além de *Embuguaçu* e *Mojimirim.* Primeiro, porque *Moji* é palavra de origem indígena; segundo, porque os sufixos *-açu* ou *-guaçu* (= grande) e *-mirim (*= pequeno) só se ligam por hífen a palavras terminadas em vogai acentuada graficamente (p. ex.: *amoré-guaçu)* ou em tônica nasal (p. ex.: *capim-mirim).*

Fora daí, o emprego do hífen é desnecessário e, naturalmente, incorreto. Note que ninguém escreve *"cupu-açu",* mas *cupuaçu.* Sendo assim, cabe-nos a nós, os intransigentes, corrigir o que os antigos fizeram errado. Aliás, eles escreviam "Mogi-Guassu","Embu-Guassu". Alguns preferiram corrigir parcialmente; os intransigentes preferem a correção integral...

## Jaboticabal / Pirassununga / Bagé

• Estão no mesmo caso de "Mogi": devem ser preteridas tais formas. Uma das grandes virtudes do ser humano é a coerência. E não há coerência naqueles que grafam *Jaboticabal* a par de *jabuticabalénse.* Ora, escrever que *jabuticabalense* é aquele que nasce em *Jaboticabal* é uma notória incoerência. A menos que ainda queira escrever "jaboticaba". Como a Reforma Ortográfica de 1943 veio corrigir todas as discrepâncias que havia na nossa maneira de escrever, não posso aceitar que ainda haja pessoas que não a tenham acatado. Quem for a qualquer bom dicionário só encontrará *jabuticabalense, piraçununguense, bajeense.* Como, então, querem morar em *Jaboticabal, Pirassununga* e *Bagé?*

## pé-rapado

Este composto, eminentemente popular, cujo significado **é** *que ou pessoa que tem baixa condição socioeconômica,* pode ser adjetivo e também

nome sobrecomum. Não varia em gênero: *Tenho uma amiga* ***pé-rapado.*** ***1'lssa mulher é um pé-rapado.***

Muito bem. Todo brasileiro sabe que as nossas telenovelas não são positivamente um marco no processo de educação em nosso país. Numa delas *(Cabocla),* diz, então, uma de suas personagens: *Não vejo como um moço fino e bonito como o Luís possa viver bem com uma cabocla pé-rapada como Zuca.*

Na verdade, aí, além do erro "pé-rapada", existe uma notória redundância, já que todo *Luís* (ou *Luiz)* é fino e bonito...

## "quisto" ou cisto?

*Cisto* é a forma correta, embora na língua cotidiana muito se encontro "quisto".

Opinião do embaixador Itamar Franco, publicada pela Folha de S. Paulo em 26 de maio de 2005, sobre Romero Jucá, ministro da Previdência, e Henrique Meirelles, presidente do Banco Central: *Não convém ao PT, não convém ao presidente a permanência desses homens. São "quislos "no governo. "Quisto"no governo faz mal à opinião pública.*

Há muito mais coisas que fazem mal à opinião pública, embaixador.

## horas "extra"

As pessoas fazem horas *extras,* vôos *extras* e lêem edições *extras. A* palavra varia normalmente no plural, e a pronúncia correta é *êstra(s).* Apesar de certos supermercados, que divulgam justamente o contrário.

## "extra-terrestre"

O prefixo *extra-* (que se pronuncia *êstra)* só exige hífen antes de palavras iniciadas por *vogai (extra-escolar; extra-oficial, extra-uterino), h (axtra-humano), r (extra-regulamentar)* ou *s (extra-sensorial, extra-so-*/ur). Portanto, sem hífen: *extraclasse, extraconjugal, extrajudicial, extra-matrimonial, extraprograma, extraventricular,* etc.

Em Fortaleza há um apresentador de televisão famoso por imitar Sílvio Santos. Recentemente, perguntou a um de seus "jurados": *Dr. Lima, o senhor acredita em "extras terrestres "?*

A imitação era, realmente, perfeita...

## "neste" sábado / "neste" domingo

Quando se diz *Sábado eu vou,* já se entende que se trata do próximo sábado. Quando se diz *Domingo eu vou,* já se entende que se trata do próximo domingo. E assim por diante.

As emissoras de televisão, no entanto, insistem em anunciar: *"Neste sábado"não percam o nosso programa de calouros.* *** *"Neste domingo", não percam o Domingão do Leitão.*

Se o anúncio de um programa que será exibido no sábado for numa

quinta-feira, por exemplo, deverão usar *depois de amanhã-,* se for numa sexta-feira, usem *amanhã;* se for no próprio sábado, usem *hoje.*

Pode ser, todavia, que as palavras *hoje* e *amanhã* e a expressão *depois de amanhã* tenham caído em desuso. Se for esse o caso, quero que todos me perdoem...

No *site* de um jornal, exatamente no dia da notícia: *A partir "deste domingo", usuários de celulares terão de de escolher a operadora que fará as chamadas de DDD e DDI.*

E se fosse *a partir de* **hoje,** seria diferente?

No *site* do mesmo jornal, numa segunda-feira: *O líder do governo na Câmara afirmou hoje que a base governista tentará concluir "nesta terça--feira"a votação da reforma da Previdência.*

E se fosse *amanhã,* não seria melhor?

Notícia veiculada numa sexta-feira: *Sob aplausos e gritos de "santo, santo", a multidão que participa emocionada do funeral de João Paulo II, "nesta sexta-feira", na basílica de São Pedro (Vaticano), interrompeu os ritos por alguns minutos, logo após a comunhão, pedindo a canonização do sumo pontífice, que morreu no sábado (2).*

Notícia lida numa quarta-feira: *A chegada de dom Cláudio Hummes, arcebispo de São Paulo, para os funerais do Papa João Paulo II está prevista para "esta quarta-feira ".*

Por que não usar *hoje,* em ambos os textos?

Na primeira página de um jornal paulistano, numa segunda-feira: O *jornal espanhol ABC diz "nesta segunda-feira" que já estão começando a aparecer relatos de curas milagrosas que teriam sido realizadas pelo Papa João Paulo II quando ainda estava vivo.*

Se usasse *hoje, o* jornalista, além de economizar espaço, pouparia o leitor a mais essa excrescência do jornalismo brasileiro.

## relâmpago

Esta palavra não varia quando usada com o valor de adjetivo, por muito rápido. Portanto, construímos: *gols relâmpago, promoções relâmpago,* etc.

Numa folha paulistana: *Cinco homens foram presos nesta quarta--feira acusados de praticar roubos em casas na região do Jabaquara, zona sul de São Paulo, com características de seqüestros "relâmpagos ".*

Note ainda que os jornalistas parece não serem capazes de se livrar do vício: aí também se vê "nesta quarta-feira "por *hoje.*

Manchete de um diário de São Paulo: *Quadrilha internacional fez* 72 *seqüestros "relâmpagos".*

Veja, agora, como escreveu um jornalista cearense: *O autor de dois "seqüestros-relâmpagos" ocorridos anteontem à noite, na área nobre da Capital, foi capturado em flagrante por policiais militares.*

Não satisfeito apenas com *relâmpago,* no singular, o nobre jornalista achou ainda de usar um hífen completamente desnecessário. Para ligar o que a quê?

## Estado "de" Mato Grosso do Sul

Os nomes de Estado que trazem modificadores exigem obrigatoriamente o uso do artigo. Portanto: Estado do Rio Grande do Norte, Estado do Rio Grande do Sul, Estado do Mato Grosso do Sul.

O Estado do Mato Grosso do Sul, no entanto mandou timbrar todos os papéis oficiais sem o artigo: Governo "de" Mato Grosso do Sul. É pouco provável, entretanto, que algum membro do governo do Mato Grosso do Sul já tenha dito que passou "por" Rio Grande do Norte ou que já tenha morado "em" Rio Grande do Sul.

## Estado "do" Mato Grosso

Nomes de Estado normalmente não exigem o emprego do artigo, a não ser nos casos vistos acima e no de *Bahia.* Portanto: Estado *de* Mato Grosso. Moro *em* Mato Grosso. Gosto muito *de* Mato Grosso.

Noticia, então, uma folha paulistana: *Um terremoto considerado moderado atingiu o norte "do"Mato Grosso na tarde desta quarta-feira.*

Esse texto, tão curto, traz mais dois inconvenientes: "norte", com minai minúscula, quando deveria ter inicial maiúscula; e "desta quarta-feiin" em vez de *hoje* (a notícia estava sendo veiculada na própria quarta-feiru).

## Estado *"de"* Tocantins

A exemplo de Mato Grosso do Sul, este nome também exige o artigo: *Moro no Tocantins. Conheço o Tocantins. Governo do Tocantins.* Há jornalista que ainda não aprendeu esta singela lição. Veja: *Médicos cubanos são proibidos de trabalhar "em" Tocantins. Os 62 médicos cubanos que trabalham no Tocantins devem voltar ao seu país nesta sexta-feira. A decisão é do juiz federal Marcelo Albernaz, que concedeu liminar ao Conselho Regional de Medicina "de" Tocantins pedindo que eles fossem impedidos de atuar profissionalmente por falta de registro na entidade.*

Repare: ora o jornalista usa o artigo, ora não. Quem é a vítima? O leitor, que fica sem saber se,é isto ou aquilo.

## está na hora *dela* chegar

Há uma tendência no português contemporâneo de contrair a preposição *de* com o artigo ou o pronome antes de orações reduzidas de infiniI ivo, em benefício da eufonia. De fato, os melhores escritores portugueses c brasileiros efetuaram a contração. Por isso, não há nenhum risco **da** língua ruir...

Sinta-se, portanto, plenamente à vontade para construir frases como estas: *Ele sai para o trabalho antes* ***do*** *Sol nascer.* *** *Em vez* ***dele*** *ir ao cinema, foi ao estádio.* * * * *No momento* ***do*** *avião decolar, começou a pane no motor.* * * * *Já passou do tempo* ***do*** *governo perceber que a falta de segurança é gravíssima.* * * * *Chegou a hora* ***desses*** *caras se mancarem.* * * *

*O fato* ***do*** *Brasil ficar na América do Sul não significa que seus habitantes falem espanhol.* *** *Apesar* ***dela*** *ter-me feito isso, ainda a amo.* *** *Não gosto do modo* ***dela*** *me beijar.*

Afinal, todos dizemos *Chegou a hora* ***da*** *onça beber água.* Ou alguém prefere separar?...

## recomendar "para que"

Ninguém recomenda "para que"nem"para alguma coisa". Este verbo se constrói corretamente assim: *Recomendei a meus filhos que voltassem cedo.* (E não: Recomendei a meus filhos "para que" voltassem cedo.) *** *Recomendei a ela que fosse deitar-se.* (E não: Recomendei a ela "para que" fosse deitar-se.) *** *Vou recomendar a ela ter cautela nessa questão..* (E não: Vou recomendar a ela "para" ter cautela nessa questão.) *** *Ela não tinha condições para fazer ginástica; recomendei-lhe, então, que pegasse seu ônibus dois pontos antes.* (E não:... recomendei-lhe, então,"para"que pegasse seu ônibus dois pontos antes.)

Na mídia: *Foi Nossa Senhora que, em Fátima, recomendou aos três pastorinhos "para" que rezassem o Terço todos os dias, afim de alcança-rem a paz.*

O objeto indireto pode vir antecedido tanto de *a* quanto de *para: O filme é bom e já o recomendei a* (ou *para) várias amigas.*

## patinar / patinhar

Só *patina* quem anda em patins. Como carro nenhum neste mundo não possui patins, na lama ou na neve ele *patinha,* ou seja, suas rodas giram em falso, fazendo um movimento parecido com o dos *patos* na água.

Usa-se *patinhar* em sentido figurado por *escorregar* ou, então, por *não evoluir* ou *não progredir, estacionar. O jogador patinhou na hora de fazer o gol.* *** A *cultura musical brasileira regrediu, patinhou ou evoluiu depois da bossa nova?*

De um âncora de telejornal: *A economia mundial "patina": só na Alemanha, o PIB caiu 2%.*

Manchete de um jornal paulistano: *Corinthians "patinou"em Salvador: 0 a 0.*

É difícil imaginar que economia e equipes *patinem,* ainda que seja o Corinthians...

O uso de *patinar por patinhar* é tão descabido, que nenhuma palavra da mesma família de *patinar* tem ligação semântica com *patinhar.* Há dicionários que contrariam tudo isso.

## a gente "véve" bem aqui

Imagine se não vivesse... Pessoas a quem falta alguma escolaridade costumam usar"véve"por *vive* e também"asséste"por *assiste.* São pessoas que devem ter muita afinidade com Bento Carnêro,"vampir brasilêro", aquele que "véve" no além e no aquém...

## os "sem-terra"

Há quem defenda esta "concordância". Nesta vida há mesmo de tudo! Se há até os que vivem no aquém, temos naturalmente que compreender...

Na verdade, o que as pessoas fazem é uma ligeira confusão entre a expressão *Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra,* (legítima, já que *sem* neste caso é preposição) e *Movimento dos Sem-Terras* (aqui *sem* já não é preposição, mas prefixo, daí por que o substantivo **(cin** de variar). O diabo é que poucos conhecem a diferença entre um elemento e outro; a conseqüência, evidentemente, só pode ser uma grande confusão.

Vamos, contudo, ao cerne da questão. Existe uma regra que preceitua o seguinte: todo substantivo composto formado de prefixo + substantivo luz o plural com variação do segundo elemento. Isso está em qualquer gramática, até mesmo nas mambembes. Assim, temos: *os ex-ministros, os r/rc-prefeitos, os sem-vergonhas, os sem-tetos, os sem-lares, os sem-cartis, os sem-culturas, os sem-dentes, os sem-túmulos, os sem-responsabiIidades, os sem-juízos* e, naturalmente, *os sem-terras.*

Há dicionários que dão o plural de apenas alguns compostos desse tipo, mas incompreensivelmente se omitem em outros. Por que dar o plural, por exemplo, de *sem-fim* e de *sem-justiça,* mas não de *sem-terra?* Só o aquém explica...

Na mídia: *Na terra dos "sem-delegacia" o tráfico é rei. *** Rossetto todo feliz no palácio...e os "sem-terra" botando pra quebrar. *** A Vale do Rio Doce entrou para o movimento dos "com-avião ". É agora proprietária de um Cessna.*

É, de fato, uma criatividade emocionante!

De um articulista da revista Veja: *Não se deixe enganar pelas sandálias havaianas dos "sem-terra".*

Eu não me deixo enganar...

Os que desatinadamente aceitam "os sem-terra" ou "os sem-teto"são obrigados, por coerência, a aceitar concordâncias grotescas, como estas, que já apareceram e continuam aparecendo em revistas e jornais brasileiros: *"Sem-terra seqüestram" caminhão em Pernambuco. *** Obrigados pela Justiça a desocupar uma fazenda em São Paulo, "sem-terra roubaram"eletrodomésticos e mataram animais. *** "Sem-terra prevêem" intensificação de invasões. *** "Sem-terra tomam"secretário como refém em Alagoas. *** "Sem-teto fazem" manifestação em frente ao INCRA. *** "Sem-teto da República vão"para Rua Aurora. *** "Sem-teto*

*tentam"invadir cinco imóveis em São Paulo. *** "Sem-terra invadem" Ministério e debocham do país.*

Recentemente, a Veja trouxe isto: *Um grupo de sem-terra "ocuparam" uma fazenda da multinacional Monsanto, para queimar plantação de transgênicos.*

Ou seja: a mais clássica concordância do absurdo.

Com esse tipo de "concordância", os jornalistas brasileiros conseguem inovar, invertendo uma situação sintática, pois as pessoas iletradas costumam deixar o verbo no singular, quando o sujeito está no plural (As *pessoas "vive"bem aqui. Nós "fica"em casa quando chove.).*

Como continuo acreditando na evolução do ser humano, repudio tal "concordância". Mas se o jornalismo brasileiro "véve"bem com elas, que fique à vontade, que vá em frente! Afinal, cada qual deve sentir-se à vontade no ambiente em que "véve"...

## atender "o" telefone

Quando o complemento é coisa, o verbo *atender* se usa com a preposição *a: atender ao portão, à porta, à campainha, ao pedido, aos seus próprios interesses* e, naturalmente, *ao telefone.*

Quando o complemento é pessoa, podemos dispensar a preposição: *atender* o (ou ao) pai de aluno, *atender* os (ou aos) deputados, *atender* os (ou aos) empregados.

No *site* da Abrelivros, órgão dos principais editores brasileiros: *No dia 13 de maio, o Ministério da Cultura e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) anunciam um conjunto de medidas que serão tomadas pelo banco para atender "o" mercado editorial brasileiro, e que integrarão o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) com a alcunha de BNDES-PROLIVRO.*

De um secretário da Educação de São Paulo: O *governo "atende uma"reivindicação justa dos professores.*

Atente, por favor para o cargo: secretário da **Educação!**

## Ir "à" cavalo / ir "à" pé

Antes de palavras masculinas não pode haver à, a não ser em casos especialíssimos, que a gramática prevê.

A verdade é que todo o mundo vai mesmo ***a*** *cavalo* e ***a*** *pé.*

Repare nesta notícia do provedor Terra: *Os ruralistas aceitaram na reunião "deste domingo" suspender a barreira na ponta se os "sem-terra""voltassem"à localidade de Passo do Verde, onde também há colonos acampados. No entanto, o MST não concordou com a proposta. Neste momento, fazendeiros "à" cavalo e "à" pé, munidos de pedaços de pau, lanças e "cacetetes" estão de um lado da ponte, e os "sem-terra"permanecem no outro com bandeiras do movimento.*

No lugar de "deste domingo" deveria estar *hoje*; no de "sem-terra", .r *ni-terras,* no lugar de "voltassem", *voltarem;* no de "à" cavalo, *a cavalo;* no lugar de"à"pé, *a pé;* e, finalmente, no de"cacetetes", *cassetetes.*

O nível do jornalismo brasileiro contemporâneo é de arrepiar!

Logo abaixo, voltava-se a ler: *O efetivo policial, que contava com dez oi aturas, além de homens "à" cavalo e "à"pé da Polícia Militar e da Polícia Rodoviária Federal, está sendo reforçado por Batalhões de Operações Kspeciais das cidades próximas.*

Esquecem-se nossos jornalistas de que o castigo sempre vem **a** cnvulo...

## assistir

Este é um verbo transitivo indireto, na acepção de *ver, presenciar: assisti ao espetáculo, assisti ao filme, assisti à cena,* etc. Isso quase todo o inundo sabe. O que poucos sabem é que este verbo não admite o pronome *lhe* (ou variação) como complemento, mas sim *a ele* (ou variações). Portanto, devemos construir: *O filme é bom, mas ainda não tive tempo de* ***assistir a ele*** (e não: "assisti-lo"). *A cena foi essa, e muita gente assistiu* ***a*** *<7«* (> não: "assisti-la").

Eis, no entanto, como declara um diretor de telenovela: *A novela A mérica é histérica. Todos falam acima do tom. Tenho deixado de "assisti Ia" porque é estressante.*

**Estressante:** eis a palavra certa!

## bicho-de-sete-cabeças

Qualquer criança sabe disso: *bicho-de-sete-cabeças* (com hifens) é coisa complicada, difícil de fazer, de resolver ou de entender: *Informática não é um bicho-de-sete-cabeças.* Não se confunde com *bicho de sete cabeças* (sem hifens), que é um ente ou monstro imaginário, de sete cabeças.

Eis como um jornalista de um dos grandes jornais de Fortaleza achou de elaborar o título de uma notícia: *Automação não é nenhum "bicho de sete cabeças".*

Que ninguém duvide disso!...

## "Chega" ao fim os erros dos jornalistas?

Parece que não. Veja o que um deles escreveu no *site* de A Gazeta Esportiva, em manchete: *"Chega" ao fim as trajetórias de Hierro e Del IUísque no Real Madrid.*

Quando é que **chegam** ao fim? Nunca?!

## empatar / empatado / empate

Uma equipe empata com outra sempre *de* (ou *por)* determinado placur, e não "em". Ex.: ***O*** *Flamengo empatou com o Vasco* ***de*** (ou***por)*** *2 a 2.*

*Empatado* se usa com as mesmas preposições, porém, *empate* só aceita *de: O jogo terminou empatado* ***de*** *(ou* ***por)*** *2 a 2. *** O empate* ***de*** *2 a 2 agradou às duas equipes. *** O jogo terminou em empate* ***de*** *0 a 0.*

Na mídia: *Com um futebol completamente apático, o Brasil não saiu do empate "em" 0 a 0 com a seleção da China.*

Há até um dicionário especializado em regência nominal que registra "empate em". Pois é.

## "Quem gostaria?"

Eis a pergunta mais asinina dos últimos tempos. A pessoa atende ao telefone e, antes de chamar a pessoa com quem desejamos falar, faz essa clássica pergunta, em vez de *Quem deseja falar com ele(a)?* Existem atendentes, ainda, que acentuam e prolongam a primeira sílaba do verbo, tornando-se ainda mais dolorosa a pergunta: "Quem gossssstaria?". Eu bem que gostaria...

## No futebol, uma vitória por 4 a 3 é *goleada?*

Não. *Goleada* é uma vitória por uma diferença igual ou superior a três gols. Por exemplo, quando o Palmeiras vence o Corinthians por 4 a 1. Outro exemplo: quando o Palmeiras é derrotado pelo Vitória por 2 a 7.

Os jornalistas esportivos têm dito, em vitórias de 4 a 3 e de 5 a 4, que o time vencedor aplicou *goleada.* Equivocam-se (aliás, é o que mais eles fazem): *goleada* não é *vitória por muitos gols.* A goleada existe na *diferença,* e não na quantidade.

## perder por "5 a 0"

Só as vitórias merecem os placares favoráveis; as derrotas merecem, naturalmente, os desfavoráveis. Assim, em rigor, um time vence por 5 a 0 e perde por 0 a 5.

No *site* de um provedor da Internet: *Bastou uma derrota na primeira partida da temporada para conturbar o ambiente no São Paulo. Cartolas do clube bateram cabeça após os "2 a 1 "contra o Paulista de Jundiaí, pelo Paulistão.*

Perder de"2 a 1" agrava ainda mais a dor de cabeça...

Escreve um jornalista esportivo: O *Santos perdeu por "2 x 0"para o Vitória, da Bahia, pois não soube aproveitar as chances.*

Ora, se o Santos **perdeu,** como partir do número positivo?

## trave = travessão?

Não. *Trave* é o nome de cada um dos postes ou barras verticais que sustentam o *travessão,* a barra horizontal que une as traves, delimitando a altura do gol ou arco. Assim, uma bola que bate na *trave,* vai de en-

rontro necessariamente a um dos postes laterais; se bate no *travessão,* evidentemente, não bate na *trave.*

Alguns narradores esportivos, no entanto, falam em bater na *trave,* cm referência ao encontro da bola contra o *travessão.* Na emoção do gol que não saiu, a torcida nem percebe o dislate. Mas há quem, em meio ao uuuuuuuuuuuuu da torcida, está atento e grita sozinho: uuuuuuuuuu (agora não é nenhuma emoção, é vaia mesmo...).

## dengue

Tanto o nome do mosquito quanto o nome da doença são femininos: *ii dengue.* Recentemente, porém, o apresentador de um programa de esportes pela televisão, armando-se de grande autoridade em assuntos do idioma, disse que era *"o"dengue,* e não ***a*** *dengue.* E falou com uma segurança de arrepiar criancinha!

Pessoas desse tipo só prestam desserviços. Há indivíduos que se julgum sábios só porque conhecem de cor escalações de equipes de futebol do tempo do Onça. É muito pouco! Mas sempre se consegue enganar alguém. E o homem recebeu o título de cidadão paulistano em 2003. No Hrasil, é assim...

## Rui Barbosa foi cognominado "o" Águia de Haia?

Seria uma afronta, e não um elogio, se conferissem a Rui Barbosa o cognome de *"o" Águia de Haia,* porque ***o*** *águia* é o mesmo que o *velhaco, o espertalhão, o vigarista, o cabra-safado, o sabichão* (com toda a carga pejorativa que o termo encerra).

No feminino, *águia* é o mesmo que *inteligência, sagacidade.* Sabe-se que *a águia* é a ave que representa a perspicácia, a sutileza, o talento, a inteligência, virtudes que se acumulavam em Rui, a quem com justiça denominaram **a** *Águia de Haia.*

O mesmo apresentador de um programa de esportes da televisão que garantiu a todos os espectadores que o correto era "o" dengue, afirmou i|uc Rui Barbosa foi "o" Águia de Haia.

Como pululam os águias por aí!...

## cólera

Em qualquer sentido, só existe ***a*** *cólera.*

Certa vez uma fábrica de desinfetante provocou muita cólera, ao anunciar:

*Não deixe "o" cólera atacar. Proteja sua família.*

Continuavam: *"O"cólera é uma doença infecciosa que ataca o sistema digestivo, produzindo diarréia, podendo levar* **à** *morte. Para proteger sua família contra esse inimigo, alguns simples cuidados devem ser tomados.*

Falar em proteção e em inimigo a esta altura já é demais!

Na campanha presidencial de 2002, um dos candidatos declarou (sem

ficar vermelho): *Quando Ciro foi governador do Ceará, a dengue e "o" cólera tiveram os índices mais altos do Ceará. Ele chegou a ser apelidado de governador "do " cólera.*

Mentira dá nisso.

## fome

A pronúncia correta desta palavra *éfôme* (com **o** fechado). Se não estiver com *fome,* convém pronunciar *fôme.* Mas se estiver com muita *fome,* é melhor pronunciar *fôme.* Isto é, sem abrir muito a boca (porque não há nenhuma necessidade).

Creio que me fiz entender: é sempre melhor estar com *fôme.* Há, no entanto, os que preferem estar sempre com "fome". Cada um tem *a fome* que merece.

Quando o governo de Lula lançou o programa *Fome Zero,* alguns apresentadores de telejornais diziam corretamente: *fôme* (principalmente os cariocas e nordestinos). Outros, bem, outros ainda continuam com "fóme"...

## homem / lobisomem

Pronunciam-se também com **o** fechado. Toda vogai que antecede consoante nasal é fechada. Não há exceção a esta regra. Jamais encontraremos no português do Brasil uma vogai aberta antes de consoante nasal (cf. *ema, ama, cama, lenha, banha, fronha, dona,* etc.).

Por que, então, as pessoas dizem "fóme", "hómem", "lobisomem"? Ora, porque cada um vive e diz como quiser. Aqueles que quiserem, podem ficar à vontade e continuar dizendo: O *"hómem" que "cóme" sem estar com "fóme"vira "lobisomem".*

A gente sempre entende...

## Toninho / Tonho / Tonhão

Todos estes três nomes são hipocorísticos de *Antônio.* Todos têm o primeiro **o** fechado, justamente pela presença da consoante nasal (nh). Curioso é que no Brasil todos escrevemos *Antônio,* com acento circunflexo no **o** (indicando som fechado), e quase todo o mundo diz "Antônio", que é a pronúncia e a escrita lusitanas. Daí por que, no meio popular, também se ouve "Tòninho", "Tónho", "Tònhão". Além desses, há mais um: *Totonho,* que o vulgo pronuncia "Totónho".

Note, todavia, que outro hipocorístico de *Antônio* muito comum é *Tôni* (e não "Tóne"). No interior paulista, todavia, existem muitos "Tónes".

EM TEMPO - *Hipocorístico* é o nome curto e carinhoso, retirado do próprio nome de batismo, geralmente duplicado ou no diminutivo, ao qual o povo chama *apelido.* Assim, *Lili, Ciça, Lulu, Chico, Zezé, Toninho, Toninha, Tonho, Totonho, Tonhão,* etc. são *hipocorísticos,* nome difícil para designar coisinhas tão curtas e carinhosas.

## Jonas

Também se pronuncia com **o** fechado: *Jônas.* Repare na presença da ronsoante nasal **(n).** Em boa parte do Brasil, contudo, se diz "Jónas". Mas por que diabos nenhum brasileiro diz também "dóna", "lona", "sóno"? Por quê? Porque isso é coisa de português.

## Jaime

Pronuncia-se com o ditongo fechado: *Jaime.* O ditongo *ai,* quando nntecede fonema nasal, soa fechado. Repare: *amaina, andaime, paina, faina, Baima, sotaina, polainas, Taino, Gislaine, Elaine* (no Nordeste se diz "eláine"). Os cariocas pronunciam corretamente este nome; os paulistas, bem os paulistas estão na extremidade oposta à dos cariocas, neste item.

## Roraima

A pronúncia correta deste nome é *Roraima* (o ditongo é fechado), pelas razões expostas anteriormente.

Quem diz "Roráima", com o ditongo aberto (e há os que insistem nesiia pronúncia) fala mal, dá mau exemplo, presta desserviço à educação, já que nas salas de aula se aprende que a pronúncia correta é *Roraima.* Na verdade, quem diz "Roráima" imita os índios ianomâmis da região que, impossibilitados foneticamente da nasalação, dizem "Roráima". Ora, mas eles assim pronunciam, porque não conseguem articular fonemas nasais. Nós não conseguimos?

## TV *E*

Diz-se TV *é* (as vogais e e o, pronunciadas isoladamente, soam abertas).

Vamos, então, ler em voz alta: vitamina E, a turma E da escola, Tafman E, lâmpada GE, o TRE, o DNER, o DER, a ECT, o BNDES, a série E da Mercedes-Benz, o grupo E da Copa do Mundo, Toyota XE, o Corolla SE-G; o SOS, a LDO, o ET (= extraterrestre), etc.

A Mercedes-Benz resolveu, recentemente, divulgar pela televisão os seus automóveis. Uma voz que se ouvia antes do início do Jornal Nacional anunciava: *Mercedes-Benz Classe "ê" oferece o Jornal Nacional.*

A marca é boa, o carro é bom, mas o apresentador furou os quatro pneus do carro...

## quilômetro / têxtil / têxteis

Note: estas três palavras têm acento circunflexo na vogai tônica, indicando que se trata de vogais fechadas. Então, por que quase todo o mundo pronuncia"kilómetro","téstil","tésteis"? Só o sobrenatural tem a resposta.

## sobressair

Este não é nem nunca foi verbo pronominal, o que eqüivale a dizer que nunca devemos usá-lo com o pronome oblíquo ("sobressair-se").

Na mídia: *Não se pode negar que o Omega foi um carro que passou por problemas, afinal, ele veio para substituir o mito Opala, talvez o carro mais querido do Brasil. Porém, suas qualidades "se sobressaíram" e ele se tornou um líder de vendas, assim como seu antecessor.* *** *Cazuza foi, sem dúvida, um cantor e compositor que "se"sobressaiu no rock nacional.* *** *O fato de o cacto "se"sobressair em regiões áridas deve-se à capacidade de armazenamento de água em seu interior.* *** *Num setor onde as maiores multinacionais investem bilhões de dólares, a Gurgel "se" sobressaía usando tecnologia e recursos nacionais, que, porém, não foram suficientes para evitar a sua falência.*

Escrever assim, francamente, é querer levar a língua à falência.

Aliás, à falência também andam querendo levar a língua certos dicionários, tidos por muita gente como a fina flor da lexicografia portuguesa. Como pode ser visto assim um dicionário que registra *sobressair* como verbo pronominal? Deste assunto, ainda trataremos adiante.

## Sua "senhora" já chegou?

A palavra feminina que corresponde a *marido* é *mulher,* somente *mulher.*

*Esposo* e *esposa,* por sua vez, são termos que se usam em meios bem específicos (jurídico e administrativo), além de se aplicarem propriamente em referência a pessoas ilustres e a deuses da antigüidade: *O duque veio acompanhado da rainha, sua **esposa.*** *** *A primeira-dama não soube explicar por que o presidente, seu **esposo,** deixara de usar aliança na mão esquerda.* *** *Júpiter era o **esposo** de Juno?*

Recentemente, num desses programas populares da televisão, o apresentador perguntou a uma senhora que sobrevive catando papel nas ruas: *A senhora veio com seu "esposo"?*

## Não tenho nada "haver" com isso.

Na verdade, esta frase é que não tem nada **a ver...**

Sim, porque esse é um caso de emprego da preposição *a* + o verbo *ver,* e não do verbo *haver,* que não tem nada **a ver** com isso. Por isso, estas são as frases que têm tudo **a ver:** *Sua opinião não tem nada **a ver** com a minha.* * * * *Seu papo tem tudo **a ver** comigo.*

Como se vê, trata-se de um uso eminentemente popular, restrito à língua falada despretensiosa, princ. dos jovens. No português castiço, usa-se assim: *Não tenho nada **que ver** com isso.* *** *Sua opinião não tem nada **que ver** com a minha.* *** *Seu papo tem tudo **que ver** comigo.*

*A* garotada, porém, não quer nem ouvir falar nisso. Com razão, porque esse uso está muito mais próximo de Portugal que do Brasil.

### brasileiros e brasileiras

Esta é uma invenção de um ex-presidente da República, no afã de agradar ao eleitorado feminino.

A expressão não teve o mesmo brilho com Collor, mas foi reabilita-<n pelo Sr. Fernando Henrique e, agora, parece prestigiada, se bem que ilc forma mais ou menos alterada, por Lula, que recentemente declarou: *K.vía é a hora de cada "brasileiro e brasileira"pensar menos em si mesmo c mais no país.*

Ora! Não há nenhuma necessidade de usar o adjetivo pátrio no feminino. Quando dizemos O *Brasil espera que cada brasileiro cumpra seu dever,* já estamos nos referindo ao homem e à mulher. Ou o Brasil só espera que o homem brasileiro cumpra seu dever?

Quando afirmamos que o Brasil tem mais de 140 milhões de *eleitores,* jíü estamos nos referindo ao homem e à mulher. Acrescentar"e eleitoras"é de uma primariedade imperdoável. E asinina, naturalmente. Isso de querer agradar às mulheres, ofendendo a língua, não me parece boa política. Ademais, com aquele acréscimo injustificado, a frase acabou trazendo erros elementares de concordância, pois *pensar* e *mesmo* deveriam estar no plural.

O presidente Lula declarou em setembro de 2003 que erradicaria o analfabetismo do país até 2006. Vejamos como um jornalista nos trouxe a notícia: *Segundo Lula, os brasileiros e brasileiras que aprenderam a ler e a escrever devem socializar esse conhecimento com aqueles que não I iveram a mesma oportunidade e, assim, será possível acabar com o analfabetismo no país.*

Realmente, com um pouco de esforço até que dá...

Quem usa essa expressão equivocada fica obrigado, pela coerência, a usar também "eleitores e eleitoras", "telespectadores e telespectadoras", "leitores e leitoras","lixeiros e lixeiras", etc., como, aliás, fez o ministro da Previdência, em 2003, em carta aberta aos funcionários públicos.

O início da carta estava assim: *"Caras servidoras e caros servidores".*

Ora... A seguir por aí, uma escola não tem tantos mil *alunos,* tem tantos mil "alunos e alunas". A seguir por aí, não existem hoje no país 185 milhões de *brasileiros,* mas 185 milhões de "brasileiros e brasileiras".

Agora, o dia 15 de outubro já não é o Dia do Professor. É o Dia do 1'rofessor e"da Professora" .Veja você!

Brincadeiras têm hora e lugar! E brincadeiras de mau-gosto não têm nem hora nem lugar.

O presidente Lula se redimiu, em discurso improvisado, no congresso da CUT, em junho de 2003, quando afirmou, cutucando seu antecessor: *Eu não tenho que falar inglês para ser respeitado no mundo. Eu tenho que [idar português. Eu só tenho que falar a língua de 185 milhões de brasileiros para merecer o respeito do mundo.* Falou e disse...

Mas por ocasião da comemoração dos 50 anos de criação da Petro-

bras, no final do discurso, a recaída: *Parabéns, petroleiros e "petroleiras" de todo Brasil!*

Ninguém é perfeito...

## paisinho / paizinho

Convém não confundir. *Paisinho* é diminutivo de *país; paizinho,* de *pai.* Há, ainda diferença de pronúncia: na primeira, existe hiato, portanto se diz *pa-i-si-nho;* na segunda existe ditongo, portanto se pronuncia *pai-zi-nho.*

Em setembro de 2003, por ocasião da formatura de alguns diplomatas, o presidente brasileiro emitiu uma nota afirmando que o Brasil já não é aquele "paizinho" do Terceiro Mundo, aquele "paizinho" só do futebol, aquele "paizinho" só do carnaval.

*Paizinho,* presidente, o Brasil nunca foi mesmo!

## caça-níqueis

Usa-se assim tanto no singular quanto no plural: o/os *caça-níqueis.*

Recentemente, porém, o presidente da República, discursando em Caxias do Sul, em meio à divulgação do primeiro escândalo no seu governo, declarou, orgulhoso: *Vou acabar com os "bingo"e com os "caças-níquel".*

Só, presidente?...

## simpatia

Quem tem simpatia, tem simpatia normalmente **por** alguém. Ninguém deve duvidar disso. Portanto, construímos: *Tenho simpatia* ***por*** *essa atriz.* * * * *Essa é uma atriz* ***pela*** *qual tenho simpatia.* * * * *Essa é uma tese* ***por*** *que não nutro simpatia.* *** *Esse é um regime* ***por*** *que nunca senti nenhuma simpatia.*

Muito bem. O presidente Lula discursa, então, por ocasião do lançamento da loteria Timemania: *O Botafogo é um daqueles times que não têm uma torcida igual à do Flamengo e do Vasco, mas todo o mundo tem simpatia.*

Pode até ser que o Botafogo seja um time que não tem uma torcida tão numerosa quanto a do Flamengo e a do Vasco da Gama. Mas posso garantir que é um clube **pelo** qual todo o mundo tem simpatia.

## a cavaleiro

Significa perfeitamente à vontade: *Estou* ***a cavaleiro*** *para falar neste assunto.*

Depois de um discurso na ONU, afirmou uma autoridade brasileira: *O Brasil hoje é um país que está a "cavalheira", e não precisa renovar o acordo com o FMI.*

## definição de *ilha*

*A* correta definição é: *ilha é uma porção de terra cercada de água marinha, fluvial ou lacustre.*

Em alguns livros de Geografia, no entanto, lê-se redundantemente: *ilha é uma porção de terra cercada de água "por todos os lados ".*

Há quem já tenha visto alguma coisa *cercada* que não seja *por todos os lados?*

## A toda ação corresponde uma reação igual "e contrária".

Frase que muito se ouve no dia-a-dia, mas também redundante, uma vez que na palavra *reação* já existe a idéia *de força contrária. Reagir* significa *opor a uma ação outra que lhe é contrária.*

*A* terceira lei de Newton, ou seja, a lei da ação e reação é enunciada geralmente assim: *A toda ação corresponde uma reação, com a mesma intensidade, na mesma direção "e em sentidos contrários".*

O melhor mesmo é enunciá-la assim: *A toda força corresponde uma força contrária, de mesma intensidade e direção.* Ou: *A toda ação corresponde uma reação igual.*

## prova dos *noves*

Prova corretíssima. A prova sempre foi dos *noves.* Veio o burro, não soube fazer a prova e saiu dizendo que *prova dos "nove"não* era com ele. Burro é sempre burro...

O nome dos números varia normalmente: *os uns, os quatros, os cincos, os setes, os oitos, os noves,* etc. Só os que terminam em -s ou em *-z* não sofrem variação: *dois, três, seis* e *dez.*

Assim, 44 se faz com dois *quatros* juntos; 111 se faz com três *uns* juntos. Nenhum ser humano normal forma 99 sem servir-se de dois *noves* juntos, um ao lado do outro. Hoje, existe até dicionário que traz "prova dos nove"! É o tipo de dicionário que tem *vítimas,* em vez de consulentes.

## anos "sessenta"

É o que mais se vê e ouve. Mas está errado. Há um notório erro de concordância aqui, que poucos conseguem ver (ou enxergar). Quem sabe distinguir numerai de substantivo facilmente vê; quem não sabe não vai ver nunca. Muito menos enxergar.

O numerai é invariável; o substantivo não. Ter *sete* irmãos é uma coisa; pintar os *setes* é outra. No primeiro caso temos um numerai, por isso, jamais caberia ali "setes"; no segundo caso temos um substantivo, portanto: *setes.*

Vamos ver isto, porém, com mais calma! A década de 1960 é composta, naturalmente, de dez anos:

1960 - mil novecentos e **sessenta** (já temos 1 sessenta);
1961 - mil novecentos e **sessenta** e um (temos, agora, 2 sessentas);
1962 - mil novecentos e **sessenta** e dois (temos 3 sessentas);
**1963** - mil novecentos e **sessenta** e três (temos **4** sessentas);
1964 - mil novecentos e **sessenta** e quatro (temos 5 sessentas);
1965 - mil novecentos e **sessenta** e cinco (temos 6 sessentas);
**1966** - mil novecentos e **sessenta** e seis (temos **7** sessentas);
1967 - mil novecentos e **sessenta** e sete (temos 8 sessentas);
1968 - mil novecentos e **sessenta** e oito (temos 9 sessentas) e
1969 - mil novecentos e **sessenta** e nove (temos 10 sessentas).

O fato se repete com as décadas de 1920,1930,1940,1950,1970,1980 e 1990. Já com a década de 1910, não é possível usar "anos dezes", primeiro porque *dez* (que termina em -z) não varia (1010 se faz com dois *dez,* e não com dois "dezes"); segundo, porque a década de 1910 é assim formada:

1910 - mil novecentos e **dez** (portanto, 1 só dez);
1911 - mil novecentos e onze;
1912 - mil novecentos e doze;
1913 - mil novecentos e treze, e assim por diante.

Ou seja, não se repete o *dez* em mais nenhum ano da referida década.

Agora, que - espero - tudo está maravilhosamente mais claro, deixe-me revelar uma coisa: se você não viveu os maravilhosos anos *sessentas,* os dourados anos *sessentas,* esteja certo: você não sabe o que perdeu!

Importante: sabemos que, apesar de todas as evidências, apesar dessa irrefutável prova matemática, muita gente vai continuar vivendo dos seus anos "vinte", dos seus anos "trinta", dos seus anos "noventa", etc. Cada um que viva do jeito que quiser, mas que ao menos tenha consciência!...

## "esteje" / "seje"

Só existem as formas *esteja* e seja. Por isso, *seja* sempre atencioso e *esteja* sempre atento: anos sessentas!...

Muito pior do que usar "esteje" e "seje" é usar "teja" por *tenha,* como fez recentemente o goleiro de um clube paulista, tido pelos jornalistas esportivos como "intelectual": *Por mais experiência que você "teja", antes de uma partida importante você sempre fica meio tenso.*

## protestar *a favor da* paz

Expressão perfeita. Muitos pensam que só se protesta *contra.* Enganam-se.

*Protestar* significa levantar-se, insurgir-se, clamar, bradar. Assim, todos podemos (e devemos) protestar a favor da paz, protestar a favor do amor, a favor da alegria e - sem dúvida - protestar contra os incêndios na Amazônia, protestar contra a matança das baleias, protestar contra o contrabando de nossos animais silvestres. Enfim, protestar a favor do ser humano e veementemente contra o homem predador e irracional!

## anético / anistórico

São, à luz da coerência, as formas rigorosamente corretas, muito melhores e mais coerentes que "aético" e "aistórico".

Ora, em nossa língua, palavras iniciadas por *vogai* ou por *h* receitem o prefixo *an- (analfabeto, analgésico, anidro, anistórico);* as iniciadas por consoante recebem o prefixo *a- (amoral, apartidário, apolítico, ateu, atípico).*

Se assim é (e não há exceção a essa norma), por que, então, "aético"? Por que "aistórico"?

Um deputado paulista, ex-ministro de vários governos militares, declarou: *Economia é uma ciência "aética".*

Definição *anética.*

Conhecido jornalista escreveu: O *Estado vem se revelando um ente "aético".*

Bem, em pena de jornalista tudo é normal...

Recentemente, conhecida professora universitária declarou: O *texto c "a-histórico", equivocado e um desaforo!*

Isso é português ou é desaforo?

## *Me* dó um beijo!

É assim que todos nós, brasileiros, pedimos ao ser amado. Os portugueses não. Pedem diferente: ***Dã-me*** *um beijo!* Por quê? Porque em sua fala é mais fácil dizer *Dá-me* que *Me dá.* A nós, brasileiros, ocorre justamente o oposto.

O português falado no Brasil guarda algumas diferenças de ordem fonética em relação ao português lusitano, e não poderia ser mesmo diferente: todo um oceano nos separa.

Entre nós, a próclise (colocação do pronome oblíquo antes do verbo) tem preferência em quaisquer circunstâncias, mesmo que em início de período. Tal preferência se explica e se justifica pelos padrões fonéticos por nós utilizados.

Os brasileiros preferimos a próclise com alguma razão. Em Portugal, a preferência pela ênclise (colocação do pronome oblíquo depois do verbo) faz os lusitanos construir com visível duplo sentido uma frase como esta, por exemplo: *Os jornais chamam-**nos** de animais.*

Os brasileiros evitamos a ambigüidade, ao construirmos: *Os jornais* ***os*** *chamam de animais.*

Que brasileiro cantaria ***"Dá-me** um dinheiro aí?"Que* brasileiro pede, ao balcão do bar, um cafezinho usando *Dá-me?*

Não se amofine com o assunto colocação pronominal, caro leitor: tenha sempre como aliado o ouvido! E siga em frente!

Certos exames vestibulares continuam insistindo em exigir conhecimentos de colocação pronominal com base na colocação portuguesa. Exigência esdrúxula. É bom parar com isso.

O Sr. Antônio Ermírio de Moraes escreveu certa feita na Folha de S. Paulo: *A reviravolta soviética é estimulante.* ***Nos** faz pensar.*

Tal colocação torna seu autor um inovador, um vanguardista, um verdadeiro revolucionário. *Adelante,* camaradas!...

## TEXACO - Produtos "que" o mundo confia.

Hoje em dia está muito perigoso viver, caro leitor! Está muito difícil confiar *em* alguém, *em* alguma coisa. A gente abre o jornal, vem a bomba; lê um anúncio, vem outra bomba; abre a revista, mais bomba; liga o televisor, eis nova bomba! Vai a um posto de gasolina, leva **bomba!**

Não está fácil. Realmente, viver não está fácil!

Se quem confia, confia *em* alguém ou *em* alguma coisa, como pode a TEXACO, empresa simpática, que nos vende gasolina boa e barata, adotar um *slogan* mambembe desses?

Todos estamos certos de que na TEXACO se encontram produtos **em** que o mundo todo confia. Então, por que nos causar tanta decepção?

Recentemente, a mesma TEXACO, empresa simpática, que nos vende gasolina boa e barata, anunciou numa revista, em letras garrafais: *Leve seu carro "num"posto TEXACO para conhecer a gasolina "que"os pilotos do mundo todo confiam.*

Ora, sim senhor! Levar o carro "num" posto? Para abastecer com a gasolina "que" os pilotos do mundo todo confiam? Não, prefiro levar meu carro **a** outro posto, para conhecer outra gasolina, menos sofisticada, é bem verdade, mas a gasolina **em** que eu mesmo confio...

Em vista disso tudo - a simpática TEXACO que me perdoe! -, mas a pergunta me parece inevitável (e pertinente): confiar **em** quê?

## penal = pênalti?

Não. Em futebol, a infração cometida por um jogador dentro da sua grande área é punida com um chute livre direto, ou seja, com uma *penalidade máxima* ou *pênalti.*

Certos jornalistas esportivos acham lindo usar "penal" por *pênalti,* sinonímia inexistente, mas nem por isso fora de registro de certos dicionários.

## motosserra

É esta a forma correta, assim como *motobomba, motomecanizado, motonáutica, motoniveladora,* etc., sempre sem hífen, porque o elemento *moto-* nunca o exige.

A revista Veja, contudo, na capa de sua ed. 1.592 (repare bem: na capa), traz em letras garrafais, amarelas: *O massacre da "moto-serra".*

Era matéria exclusiva.

O erro, primário, chocou, principalmente por ter saído onde saiu, mas não teria sido tão chocante se não houvesse a tentativa grotesca, na edição posterior, de corrigir o equívoco. A emenda foi muito, muito, muito pior que o soneto.

A Veja é a melhor revista de informação do Brasil - disparado! Não precisava disso. Bastava reconhecer, numa linha: *Erramos. Afinal, quem não erra?*

E, então, todos os seus leitores perdoaríamos.

## "mega-sena"

Se você quiser ter sorte na vida, caro leitor, comece logo com o pé direito: escrevendo corretamente: *megassena.*

O elemento *mega-* não exige hífen: *megaempresário, megainvestidor,* etc.

## Chorou, "ao" ponto de desmaiar

Não existe a locução *"ao"ponto de,* mas apenas *a ponto de,* de valor consecutivo nas orações reduzidas de iníinitivo. Portanto: *Chorou, **a** ponto de desmaiar.* (= Chorou tanto, que desmaiou.) *** *Gumersindo ficou nervoso, **a** ponto de esmurrar a mesa.* (= Gumersindo ficou tão nervoso, que esmurrou a mesa.) *** *Juçara se humilhou tanto, **a** ponto de beijar os pés do namorado.* *** *O ministro está **a** ponto de pedir demissão do cargo.* * * * A *população de São Paulo e do Rio de Janeiro está assustada a ponto de já não sair de casa à noite.*

No sentido de *prestes a* é ainda *a ponto de* que se usa: *Manuel se endividou tanto, que está **a** ponto de perder tudo o que possui.*

Um dia antes do jogo final da Copa do Mundo no Japão, escreveu um jornalista esportivo: *O goleiro Marcos, da seleção brasileira, disse que não vê tanta qualidade assim no goleiro da Alemanha, "ao"ponto de elegê-lo como o melhor do mundo.*

O homem tem - no mínimo - 500 anos de jornalismo esportivo. E ainda não aprendeu.

Sem sair do esporte, escreve outro jornalista: *O Palmeiras continua a oscilar muito dentro de um mesmo jogo. Há momentos em que ele dá um sufoco no adversário. Em outros, todo seu time parece ficar paralisado "ao" ponto de deixar o adversário livre para realizar qualquer tipo de jogada.*

O Palmeiras, por um tempo, andou tão capenga, tão mal administra-i lo, que qualquer pessoa que se referisse ao time ficava mesmo a ponto de locar a loucura...

## dormir "no" volante

Se dormir ao volante já é perigoso, que se dirá, então, de dormir *"no"* volante!

Certa vez, lemos no pára-choque de um caminhão: *Não tenho medo de animais na pista, mas tenho muito medo de alguns burros "no"volante.*

Ele era mais um...

Certa vez, a revista Veja (ed. 1.619) apresentou na capa um jogador de futebol, com uma frase animalesca: *Animais "no"volante.*

Ante a grita de alguns leitores mais atentos, veio lá a revista com uma conversa mole, com um nhenhenhém daqueles, tentando confundir o leitor. Resolveu, então, consultar uma professora e um professor (o mesmo que costuma repetir no vídeo a didática e as doutrinas alheias - sem corar!). Como se, para isso, uma redação do porte da Veja precisasse de consultas sobre assunto tão elementar.

A professora da Universidade de São Paulo diz que há o registro coloquial e o registro da norma culta. Correto. E as publicações - as sérias, pelo menos, como a Veja - devem usar o registro da norma culta.

Por favor, não tentem nos fazer crer que o registro coloquial serve para a imprensa! Como já tentou fazer uma vez a mesma revista, ao querer justificar a expressão *"uma* grama de ouro". Conversa mole só serve mesmo para boi dormir.

## falar "no" telefone

Na norma culta, fala-se ao telefone, assim como se toca ao piano, se trabalha ao computador, se senta à janela do ônibus.

Certa vez, uma companhia de aviação anunciou: *O melhor lugar num avião não é na frente, atrás, no meio, "na"janela: é o lugar que você preferir.*

Há os que preferem fora...

## O ônibus passa "na" porta de casa

É assim que o português do Brasil prefere, ou seja, nós, brasileiros, preferimos usar a preposição *em,* quando se trata de indicar proximidade, contigüidade. Em Portugal, todavia, o ônibus nunca passa "na" porta, mas à porta. Lá em Portugal, ônibus que passa **na** porta é o que passa **por cima dela.** Apesar de ser uma porta - convenhamos - ela não tem culpa...

## o Zé / *a* Ciça

Usamos o artigo antes de nome próprio somente quando se trata de pessoas íntimas ou que gozam da nossa amizade. O emprego do artigo, neste caso, é próprio da língua falada. Assim é que temos ***o** Zé,* ***a** Chiquinha,* ***o** Mané,* ***a** Ciça,* ***o** Carlinhos,* ***a** Nandinha,* etc.

Em certas regiões brasileiras, porém, usa-se o artigo antes de qual-

(|uer nome de pessoa, conhecida ou não, simpática ou não, amiga ou não. Assim, ouve-se comumente: o *Antônio Carlos* (em referência a Antônio Carlos Magalhães). Ou: ***o** Maluf(em* referência a Paulo Salim Maluf). Ou: ***a** Maria Betânia.* Ou: ***o** Caetano.* Ou: ***o** Palocci.* Ou: ***o** Genoino.*

Mesmo quando se trata de nomes inteiros (neste caso, a língua culta rejeita o artigo), costumam usá-lo: *"o" Fernando Henrique Cardoso, "o" Caetano Veloso, "a"Marta Suplicy, "a"Roseana Sarney.* Já ouvimos pessoas que, ao referirem-se a Machado de Assis, disseram: *"o"Machado.* Aí já é intimidade demais... A propósito, alguém se meteu recentemente a comentar os "erros" machadianos pela Internet. Escreveu assim o título de seu "trabalho": *Os erros de portugués do Machado de Assis.* (Reparou: e ainda "portugués", sem acento. Quem confia?)

Se essa não é uma intimidade nada boa, que se dirá daquela que insinuou uma governadora fluminense, do PT, que, desesperada com a presença em seu Estado de um perigoso bandido e querendo livrar-se dele, sem o conseguir, declarou: *Espero que algum governador aceite receber "o " Fernandinho Beira-Mar.*

Que intimidade mais estranha!...

## viajar "à" 180km/h

Viajar a essa velocidade é desejar ser multado. Mas também multado deverá ser o patrulheiro rodoviário que lavrar multa dessa forma. Antes de numerais não se usa o acento da crase. Por isso, viajar **a** 180km/h, embora não seja recomendável, é muito mais saudável que viajar "à" 30km/h...

Agora, que mal lhe pergunte, caro leitor: como vai sua vida **a** dois?

## de segunda *"à"* sexta-feira

Atende-se melhor ***de** segunda **a** sexta-feira.* Ora, se não se usou o artigo contraído com a preposição *de* (da), não pode haver acento no *a,* já que aqui não há o artigo. Afinal, crase não é o nome da fusão de dois *aa?*

Note, agora, esta frase: *Os alunos estão em prova, **da** quinta **à** oitava s(rie.* Por que, agora, o à? Porque antes tivemos *da,* e não *"de".* Se usarmos, portanto: *Atendemos **da** segunda **à** sexta-feira,* também é obrigatório o uso de à.

## TV a cabo

Expressão consagrada, porém, a legítima é outra: *TV**por** cabo.* Nunca vi ninguém aderir à TV "à" assinatura, mas sim à TV **por** assinatura; nunca vi ninguém receber sinal "a" satélite, mas sim *por* satélite.

Há os que usam, ainda, *TV"à"cabo, o* que é quase um duplo homicídio qualificado...

## bode "expiratório"

Quando sobre uma pessoa recai a culpa de outrem ou quando é o alvo predileto de chacotas de outras, diz-se que é *bode **expiatório.***

Um famoso seqüestrador, no entanto, ao ser preso, declarou aos repórteres que estava sendo mero bode "expiratório". Ou seja: ele estava querendo no fundo, no fundo (porque bem o merecia), expirar antes do tempo...

## Vulcão expele "larva"?

Por enquanto, não... O que os vulcões expelem (todo o mundo sabe) é *lava,* rocha em fusão.

Num jornal: *As fantásticas ruínas romanas de Pompéia, a cidade dizimada pela "larva"de um vulcão.*

Que larva poderosa é essa, capaz de destruir uma cidade inteira?...

## "Miss" Brasil

No Brasil é diferente: ***Misse*** *Brasil.* Lá fora, sim, é que a faixa da nossa representante nesses concursos traz *Miss.* Não só isso: traz também *Brazil.* Aqui devemos usar *misse.*

Numa revista: *A história da "miss" cassada por ser casada acabou bem para todas as partes.* *** *Os organizadores do "Miss"Brasil celebraram o oba-oba em torno de um concurso quase esquecido.*

Só faltou escreverem "Miss Brazil".

## uma contato "publicitário"

*Contato,* usada como sinônimo de profissional que estabelece um elo entre uma agência de publicidade e um cliente, é nome comum-de-dois, ou seja, usa-se **o** *contato* para o homem e **a** *contato* para a mulher.

Se, todavia, a palavra vier modificada por um adjetivo, a concordância se fará com o artigo, naturalmente, assim como se dá com **a** *modelo fotográfica.* Portanto: **a** *contato publicitária.*

No *site* de um jornal: *Joseane, a "Miss"Brasil, foi eliminada hoje do Big Brother Brasil 3 com 64% dos votos. Ela disputou o paredão com a contato "publicitário "Andréa.*

## ponto separativo

Os números que indicam quantias são separados por ponto: R$1.385.876,00. A vírgula só separa a parte inteira da decimal.

O ponto não deve substituir a vírgula neste caso, ao menos na língua portuguesa. A indústria automotiva, no entanto, lança seus veículos" 1.8", "2.0","2.5", rigorosamente como fazem os ingleses e norte-americanos, já que a língua inglesa usa ponto onde usamos vírgula.

Sobre este assunto, veja esta pérola encontrada em manchete de uma folha paulistana: O *Copom aumentou em 0,25 "ponto percentual"a taxa Selic.*

O jornalismo brasileiro é, realmente, formidável...

## números comuns

Nos números comuns, ou usamos o ponto, ou deixamos um espaço em branco que lhe corresponda: 5.692 ou 5 692.

Convém lembrar, todavia, que os números que identificam o ano não l.em ponto nem intervalo: 1958, 2004, etc.

## retornar "a" ligação

Faltou só o acento grave aí, pois o verbo *retornar* (dar retorno a telefonema, recado, etc.) é transitivo indireto.

Portanto, se ela ainda não *retornou* ***à*** ligação que você fez, por algo Nora...

## abuso do gerúndio

*Gerúndio* é uma forma nominal do verbo, assim como o infinitivo e o particípio. É chamado forma nominal, porque, além da função de verbo, exerce também a função de nome. Sempre termina em *-não: cantando, rendendo, partindo, beijando, correndo,* etc.

Há certas pessoas (principalmente as nossas lindas e charmosas secretárias) que acham elegante usar o gerúndio. E nos mandam gerúndio i torto e a direito: *Vou estar "retornando sua"ligação em alguns minutos.* Nota-se aí mais um inconveniente: a transitividade do verbo *retornar* (v. eiiso anterior).

Basta usar: *Retornarei à sua ligação em alguns minutos.*

Mais exemplos de abuso do gerúndio: *Estarei "enviando" a nota fiscal amanhã.* (Aliás: *Enviarei* a nota fiscal amanhã.) *** *Amanhã vou estar "viajando"para o Rio de Janeiro.* (Aliás: Amanhã *viajarei* para o Rio ile Janeiro.) *** *Seu vôo vai estar "saindo"dentro de quinze minutos.* (Ou mija: Seu vôo *sairá* dentro de quinze minutos.) *** *Vou estar "mandando"* ***hcii*** *dinheiro amanhã.* (Isto é: *Mandarei* seu dinheiro amanhã.) *** *Ela /•ai estar "se apresentando"neste teatro na próxima semana.* (Aliás: Ela v< • *apresentará* neste teatro na próxima semana.) * * * *Seu cheque vai estar "sendo" debitado em sua conta corrente ainda hoje.* (Aliás: Seu cheque *ndrá debitado...)*

O abuso do gerúndio tem nome: *gerundismo.*

## "uso abusivo" do gerúndio

Combinação redundante. Deve ser substituída por *abuso* ou, então, por *uso excessivo, uso exagerado, uso imoderado,* etc.

Num jornal: O *"uso abusivo"de antibióticos prejudica a saúde.*

Noutro jornal, um título: *STF critica o "uso abusivo"de MPs.*

Escreve um artigo um professor e o intitula assim: O *professor e a prevenção ao "uso abusivo" de drogas na escola.*

É muito abuso!

## A França é três vezes "menor" que o Amazonas

Não. ***O** Amazonas é que é três vezes **maior** que a França.*

Se uma coisa pode ser tantas vezes maior que a outra, isso não significa que esta pode ser tantas vezes "menor" que aquela, porque, evidentemente, apenas *uma vez menor* já é igual a zero.

## ministro de "descendência" árabe

Pode haver ministro de *ascendência* árabe, e não de "descendência" árabe. O que produz um filho ou a prole é *ascendente;* o que resulta disso, ou seja, o filho ou a prole se diz *descendente.*

Assim, pergunta-se corretamente: - *Você tem ascendência italiana?*

Responde-se: - *Sim, tenho ascendência italiana.*

**cerveja que desce *redondo***

Frase perfeita. *Redondo,* aí, é advérbio, e não adjetivo; eqüivale a *de modo redondo.* Nessa frase, tem sentido figurado e significa: *fácil e gostoso* (= de modo fácil e gostoso).

## Experimenta! Experimenta! Experimenta!

Nada contra esta forma verbal nem muito menos contra cervejas. Convém apenas ressaltar que, na fala brasileira, com exceção de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, no imperativo afirmativo a preferência é pela forma da terceira pessoa, e não da segunda. Tanto é que normalmente dizemos: ***Escreva** isso para mim!* (E não: ***Escreve** isso para mim!).*
*** ***Leia** a carta para mim!* (E não: ***Lê** a carta para mim!)*

Ora, se assim é, por que, então, contrariar um uso quase generalizado numa propaganda? Ou ela foi feita apenas para gaúchos e catarinenses? A forma *experimenta* é da segunda pessoa (que a maioria dos brasileiros rejeita); *experimente* é que é a forma da terceira pessoa. Portanto: **Experimente! Experimente! Experimente!**

Assim, ninguém rejeita!

O mais curioso é que na propaganda que a fábrica faz, há uma advertência absolutamente correta: ***Aprecie** com moderação.*

E *aprecie* de que pessoa é mesmo?...

Um mês depois do lançamento do *Experimenta!,* saiu novo anúncio, novamente equivocado: *Se experimentar, não dirija. Se dirigir, não "experimenta".*

Desse jeito, qualquer cerveja vai descer quadradinho, quadradinho...

## recém / refém

Estas duas palavras são oxítonas, mas aqui e ali sempre se ouve *"récem", "réfem".* É perigoso! Já pensou, caro leitor, ter um *"récem-nascido"como "réfem"* de bandidos?

É torturante!...

## octogenário

É a palavra correta, mas há quem insista em usar"octagenário".

Na revista Quatro Rodas: *Quando leio ou escuto a palavra* roadster, *logo o E-Type aparece na minha mente. Julgo-o o supra-sumo da categoria. Norman Dewis (hoje um "octagenário"ativo que participa de eventos da Jaguar) teve soberba sensibilidade em seus testes.*

No melhor jornal da Bahia: *Uma visita à Bahia feita pelo "octagenário" pianista cubano Bebo Valdés foi o ponto de partida do filme espanhol.*

## Filme pode agradar "o" público?

Não, filme só pode *agradar ao público. Agradar* só se usa como transitivo direto, quando o sujeito é ser animado: *Por mais que se esforce, ela não consegue agradar o chefe* (ou *agradá-lo).*

Se o sujeito é ser inanimado, convém usar o verbo apenas como transitivo indireto: *A notícia agradou ao presidente* (ou *agradou-lhe).* *** O *resultado das pesquisas agradou **à** candidata* (ou *agradou-lhe).*

O antônimo, *desagradar,* é rigorosamente transitivo indireto: *A notícia desagradou ao presidente* (ou *desagradou-lhe).* *** *O resultado das pesquisas desagradou à candidata* (ou *desagradou-lhe).*

Na mídia: *Berzoini diz que proposta é boa porque "desagrada opostos".* *** *A nova proposta da Fiesp não agradou "os" sindicatos.* *** *Novos preços do arroz não agradam indústria do RS.* *** *Mudanças na Unesco para agradar "os" EUA.* *** *Aumento da meta de* superávit, *de 11,75% para 4,25% do PIB, agrada "o"FMI.*

Durante a realização de um de nossos salões do automóvel, um instituto de pesquisa distribuiu um folheto com a seguinte pergunta: *Qual o automóvel nacional que mais "o" agradou neste salão?*

Por ocasião do lançamento do Honda FIT, a revista Quatro Rodas trouxe na capa a foto do veículo junto com uma pérola: *Será que o campeão de vendas no Japão vai agradar "o " brasileiro?*

Carro *agradar* gente é mesmo coisa do outro mundo.

Em suma: essa gente não anda agradando **a** ninguém...

## ao + infinitivo

Neste tipo de construção, o infinitivo varia obrigatoriamente. Ex.: ***Ao entrarmos,*** *encontramos tudo revirado.* * * * ***Ao ouvirem*** *isso, todos ficaram preocupados.* *** ***Ao derreterem-se,*** *as amostras de gelo deixaram grossas camadas de sedimentos negros.*

Na capa da revista de maior circulação nacional: *A luta pública do ator Raul Cortez contra um câncer mostra não apenas coragem. É um sinal dos tempos: com o fim dos tabus, pacientes e familiares sofrem menos "ao enfrentar" abertamente a doença.*

Na mesma edição da revista, há uma entrevista com um membro da Academia Brasileira de Letras, que diz: *Os colonizadores ingleses, "ao*

*vir" para a América, estavam dando as costas para a Europa. Sua intenção, "ao chegar" ao Novo Mundo, era conceber uma nação ou várias pequenas nações nas treze colônias.*

Num jornal: *Classes média e alta não são civilizadas "ao dirigir". *** Autoridades russas confirmaram a morte de 32 estudantes que dormiam em alojamento, em Moscou. Mais de 139 ficaram intoxicados "ao inalar" fumaça ou feridos "ao pular" das janelas.*

## mais bem - mais mal

São formas corretas, quando usadas antes de adjetivos-particípios. Assim, por exemplo: *Suas crianças estão gordas, porque são mais bem-alimentadas que as minhas. *** Seus filhos são mais mal-educados que os meus.* (Convém usar o hífen, quando for o caso.)

Se houver posposição, empregar-se-ão as formas sintéticas *melhor* e *pior: Suas crianças estão gordas, porque são alimentadas melhor que as minhas. *** Seus filhos são educados pior que os meus.*

## "sócio-econômico"

O elemento *socio-* (redução de *social)* não exige hífen: *socioeconômico, sociocultural, sociolingüística, sociopolítico,* etc.

Num jornal: *Lula tem aprovação de 83,6%, diz CNT-Sensus. O índice de satisfação com a atual política "sócio-econômica" dos entrevistados foi de 34%, mas mostrou que a expectativa de melhoras para os próximos meses é de 63,5%.*

## "todos dois"

Não existe *"todos dois" em* nossa língua, embora seja combinação muito usada em certas regiões do Nordeste. Por exemplo: *O clube contratou Alex e Pedrinho. "Todos dois"são armadores.*

O pronome *todos* só se usa de três em diante: *Estavam no carro os três filhos de Isaque;* ***todos três*** *saíram ilesos do acidente.*

Numa de nossas revistas semanais de informação: *Elas são seis: Adélia, Otilia, Juracy, Laurinda, Eulinda e Marinete - as irmãs Lira, como são conhecidas em Caruaru, PE. Algumas são cinqüentonas; outras já estão na casa dos 60. "Todas as seis"são solteironas.*

O uso do artigo, neste caso, só se justifica quando o numerai antecede o substantivo. Assim, por exemplo: *Todas* ***as seis solteironas*** *são de Caruaru (PE). Todos* ***os quatro filhos*** *de Cármen já são formados.*

## bossa nova = Bossa Nova?

Não. A **bossa nova** é o ritmo musical, misto de *jazz* com samba, de melodia e harmonia novas, excepcionalmente inovadoras, surgido no final da década de 1950, em Ipanema, bairro carioca; muitos dizem apenas *bossa. O Brasil precisa reencontrar urgentemente o caminho da* ***bossa nova,*** *que é o verdadeiro rumo da sua cultura musical.* **Bossa Nova** é o

nome do movimento ou, com mais propriedade, do surto cultural da musica popular brasileira, iniciado em 1958, no Rio de Janeiro, com o propósito de renovar a forma rítmica, harmônica e melódica da música popular da época e valorizar as suas letras, com o ressurgimento do sentimento da beleza da vida, dos encantos da terra e da paixão à mulher amada. Constitui-se na principal arrancada da nossa cultura musical rumo ao belo, à perfeição. Mas... tornemos à *bossa nova.* Como é um misto de *jazz* com samba, a *bossa nova* agradou em cheio ao mais exigente dos músicos norte-americanos, que o chamam com propriedade o *jazz brasileiro. Garota de Ipanema, Ela é carioca, Samba do avião, Samba de uma nota só* e *Corcovado* são as cinco músicas que marcaram o auge da *bossa nova,* tanto no Brasil quanto no exterior. Não por acaso, todas cinco são composições de Tom Jobim, o gênio da *bossa nova* e um dos maiores compositores da música popular brasileira de todos os tempos. Hoje, incompreensivelmente, ouve-se mais *bossa nova* nos Estados Unidos e no Japão que no Brasil. **O Brasil precisa merecer a bossa nova** - eis a frase proverbial de Tom Jobim. Merece? Hoje o mundo canta e toca *bossa nova.* E o Brasil?

## "Reage Rio"

Há uma regra singela de pontuação que preceitua o seguinte: todo vocativo deve vir isolado por vírgula. Portanto: **Reage, Rio!** (Note, ainda o ponto de exclamação, também obrigatório, porque se trata de frase imperativa, com caráter enfático.)

Um partido político saiu-se recentemente com esta: *"Competência Brasil!"* (Foi justamente o que eles esqueceram: a competência.)

Recentemente, torcedores do Santos F.C. lançaram um movimento do Fico, em relação ao principal jogador da equipe. Assim: *Fica Robinho.* O que aconteceu? O jogador foi...

Não faz muito, o Ministério da Saúde lançou um programa muito interessante pelas televisões educativas, apresentado por um conhecido médico, que tinha ainda o mérito de ser bastante didático. Mas o nome do programa padecia de doença grave: *O que eu faço doutor?*

Se usar camisinha, nos dias de hoje, é importante; se fazer exercícios físicos sempre foi uma necessidade do homem; se fumar ou deixar de fumar é apenas uma questão de ser inteligente ou não, convém saber que a vírgula nunca deixou de ser importante.

Portanto, pra frente, Brasil!

## mais vírgula

A vírgula é um sinal de pontuação importante, mas cada vez mais desprezado, não por redução de sua importância, mas por queda de conhecimento, queda de cultura, queda até de bom-senso, ao escrever.

Antes de orações reduzidas temporais iniciadas por *ao + infinitivo,* por exemplo, é obrigatório o uso da vírgula. Veja, porém, o que se leu num editorial da maior revista semanal de informação do Brasil: *O governo do*

*PT está brincando com fogo ao permitir que diversas autoridades dêem livremente sua opinião sobre taxa de câmbio.*

A falta da vírgula depois de *fogo* e antes da oração reduzida iniciada por *ao + infinitivo* revela que o redator não tem pleno domínio do que escreve.

O texto continua assim: *Até o presidente contribuiu para o erro ao dizer, dias atrás, que o real não deveria valorizar-se muito para não atrapalhar as exportações.*

São duas, agora, as vírgulas faltantes: uma depois de *erro,* e a outra antes de *para* (que inicia nova oração reduzida).

Mais adiante se lê: *Há dois anos os epidemiologistas americanos ficaram intrigados "ao encontrar" traços de um dos vírus mais antigos de que se tem notícia, o da malária, em Boston.*

São dois os problemas aqui: *"encontrar"* (por *encontrarem)* e a ausência da vírgula, depois de *intrigados.*

## *a* vírgula, outra vez

Qualquer estudante do ensino médio sabe que o sujeito não pode vir separado do predicado por vírgula. Por isso, nenhum deles escreve: *Minha namorada, queria me dar um beijo.* Mesmo porque, seriam duas mentiras...

Jornalista que mente, porém, é intolerável. Veja esta "mentira" de um deles: *Os CDs de Inezita Barroso, Teca Calazans e Isaac "Brasil, mostram" que há no país música rural de qualidade. Não é apenas aquele lixo das duplas sertanejas disponíveis no mercado.*

Ao menos, no final, esse jornalista foi sincero: a música popular brasileira, nos dias atuais, está não no lixo, mas no lixão! É uma pobreza de fazer dó! Há uma total e completa inversão de valores em nossa música popular hoje em dia: em vez de vermos ótimos intérpretes da nossa boa música, como Fátima Guedes, Lisa Ono e Rosa Passos, vemos cada vez mais lixos. Até quando vai isso?

## ainda, a vírgula

As orações explicativas vêm obrigatoriamente antecedidas de vírgula. Por quê? Por arbitrariedade da língua? Não, porque esse tipo de oração exige pausa. Daí a razão pela qual escrevemos: *Não chore,* ***que é pior!*** * * * *Não faça isso,* ***porque é feio!***

Os vocativos, como já vimos, desde o surgimento de Camões, devem vir sempre separados por vírgula: ***Jeni,*** *venha cá.* *** *Aondefoste,* ***Mônica?***

No editorial de uma revista: *Vamos lá que o desafio não é pequeno.*

*A* bem da verdade, faltaram dois sinais: a vírgula, antes da oração explicativa, e o ponto de exclamação, encerrando o período, já que as frases imperativas normalmente exigem seu término com esse sinal.

Ao virarmos a página, encontramos: *Salve simpatia.*

Salve, língua portuguesa!

## finalmente, a vírgula

A vírgula é obrigatória, para separar orações iniciadas pela conjunção e, quando os sujeitos forem diferentes. Eis exemplos singelos: *A mulher chegou, e o homem saiu.* *** *O presidente discursou, e o ministro apenas falou à imprensa.*

De um famoso jornalista carioca, sediado em Brasília: *Nossa economia estagnou e a luz de alerta está acesa no Palácio do Planalto.*

Uma singela vírgula depois de *estagnou* elevaria o conceito do jornalista perante muitos leitores.

Esse mesmo jornalista é autor desta frase (completamente sem vír-C.iila): *A privatização além de piorar os serviços públicos também os tornou mais caros.*

Ele truncou a oração principal e não indicou graücamente. A leitura correta dessa frase é esta: *A privatização* (pausa) *além de piorar os serviços públicos* (pausa) *também os tornou mais caros.*

A pausa da fala é marcada na escrita, normalmente, pela vírgula.

Esse mesmo jornalista escreve (totalmente sem vírgula): *Nessa torre de babel que é a reforma da Previdência não há ninguém para zelar por nós trabalhadores que temos uma aposentadoria limitada.*

Em português escorreito, essa mesma frase deveria ser publicada assim: *Nessa torre de babel, que é a reforma da Previdência, não há ninguém para zelar por nós, trabalhadores, que temos uma aposentadoria limitada.*

Esse mesmo jornalista é autor desta frase: *"Nesses" primeiros seis meses de governo Lula uma coisa ficou clara: uma coisa é prometer outra é conseguir cumprir as metas de campanha.*

Além do emprego de "nesses" por *nestes,* nota-se falta da competente vírgula depois de *Lula* e de *prometer.*

Conclusão: o homem é mesmo j ej uno em questão de emprego da vírgula.

Esta é de outro jornalista, não menos "inimigo" da vírgula: *Lula e Fernando Henrique continuam trocando farpas e uma ruptura é iminente.*

A Serasa faz, então, propaganda por ocasião dos seus 35 anos de fundação. Depois de um histórico, o encerramento foi com esta frase: *Mais consumo significa mais produção, que gera mais emprego, que gera mais consumo, que por sua vez gera mais produção e o resto da história você já conhece.*

Só conheço esta história: a falta da vírgula depois de *produção.*

## confraternizar

É verbo transitivo indireto ou intransitivo, mas nunca pronominal: *Ao final da partida, alguns jogadores **confraternizaram** com o árbitro.* *** *Ao final da partida, os jogadores e o árbitro **confraternizaram.***

Nada, portanto, de 'confraternizar-se", "confraternizaram-se".

No editorial do Correio Braziliense: *O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra vive momento de grande contradição. Seus líderes vão ao Palácio do Planalto, "confraternizam-se" com o presidente da República, que, apesar do evidente desgaste, se deixa fotografar com boné da entidade na cabeça, mas, em vez de ceder ao diálogo, continua a se utilizar da força.*

Agora, repare como define *confraternização* um de nossos dicionários: ato ou efeito de "confraternizar-se". Logo abaixo, está o verbete *confraternizar,* mas o autor não classifica esse verbo como pronominal. Então, é o caso de perguntar: o que é "confraternizar-se"? O que é de fato um bom dicionário?

## Classic

A palavra é inglesa, portanto, pronuncia-se *kléssik.* Se a palavra é inglesa, devemos lê-la à inglesa. Conforme fazemos, aliás, com *Sprite, Nike, Hilux, Goodyear, Firestone, American Airlines,* etc. Se a palavra é francesa, devemos lê-la conforme sua língua de origem, ou seja, à francesa. Por exemplo: *Air France, Renault, Michelin, 5áSec* (mas a própria empresa anda anunciando *"cinco"a* sé/c), etc.

Nos anos setentas, despontou nos Estados Unidos um conjunto vocal chamado *Classics Four.* Nenhum locutor por aqui, naquela época, ousou dizer "klassíks fór".

No Brasil, o ensino tem regredido tanto da década de 1970 para cá, que as pessoas, ao invés de progredirem, regridem. E a passos largos!

Pouco tempo atrás, o próprio Banco do Brasil lançou um cheque especial chamado *Classic.* Tudo seria normal, se o banco não fosse o do *Brasil* e não o anunciasse como "klassík".

O *Boticário* lançou recentemente uma fragrância masculina e lhe deu o nome *Classic.* Mas nenhum dos seus funcionários fala em suas lojas em "klassík".

Por aqui, é normal termos pessoas pronunciando equivocadamente os nomes estrangeiros. Existe um clube de futebol no Peru de nome *Alianza.* Sabe-se que no espanhol não existe o som zê: a consoante [z] eqüivale ao nosso **c** ou ç. Então: *aliança.* Há, contudo, uma casta de repórteres esportivos que lêem a forma castelhana como se portuguesa ela fosse: "alianza". Parece brincadeira.

Existe outro clube de futebol, agora na Espanha, chamado *Zaragoza.* Os repórteres esportivos são incapazes de dizer corretamente. Só sai "zaragoza". De arrepiar!

O Palmeiras disputou dois jogos no final dos anos noventas com o

San *Lorenzo* de Almagro. Você, naturalmente, já sabe como e que eles pronunciaram o nome da equipe argentina.

Há um jogador colombiano que anda rondando vários clubes brasileiros: *Aristizâbal.* Bem, o caro leitor já sabe como é que eles pronunciam o nome do jogador.

O correio eletrônico, no Brasil, é chamado *e-mail,* como nos países de língua inglesa. Naturalmente, se a palavra é inglesa, devemos lê-la integralmente à inglesa: *i-mêil.* Pois já existe gente por aí dizendo *e-mêil.* Mas ainda ninguém chegou a dizer "e-ma-íl". Graças a Deus! Não deixa de ser um progresso...

## brincadeira de "mal gosto"

Esta é, de fato, uma brincadeira de muito *mau-gosto:* escrever *mal* por *mau* é coisa que tem relação, no máximo, com a quinta série do ensino fundamental.

Não faz muito, o ministro da Casa Civil deu uma declaração um tanto ou quanto meio estranha, que o Jornal do SBT reproduziu assim: O *governo é "mal" como um pica-pau.*

Nem mesmo o u do *pica-pau* serviu para ajudar...

Certa feita, um famoso apresentador da televisão brasileira, também empresário, resolveu fazer uma brincadeira com uma repórter de uma revista e declarou, lá dos Estados Unidos, que estava à beira da morte, que já havia vendido seus bens e que nunca mais voltaria ao Brasil, porque queria morrer em paz.

Muito bem. A coisa repercutiu enormemente. A editora vendeu tantas revistas, que conseguiu equilibrar o orçamento do ano inteiro. Dias depois, como o rumo que o caso tomou foi bem diverso do pretendido, o "moribundo"resolveu desmentir.

Eis como foi, pelo *site* de um jornal: *"Foi uma brincadeira que não saiu como eu queria e que passou a ser uma brincadeira de "mal gosto".*

Esse é o tipo de brincadeira que nunca acaba mesmo em boa coisa.

## torcer "para" o Palmeiras

Torcedor que se preza torce *por* seu time, e não "para" seu time. Por isso, é melhor torcer **pelo** Palmeiras (apesar da enorme "competência" de sua diretoria).

Manchete de uma gazeta paulistana: *Marcelo Teixeira diz que vai torcer "para"o Japão, no jogo de hoje contra o Brasil.*

Como seria bom se todos torcêssemos pelo Brasil!...

## Quem torce pelo Palmeiras é "palmeirista"?

Não. Quem torce pelo Palmeiras é *palmeirense.* Ou *esmeraldino.*

Mas agora é também *porco,* denominação recente, grotesca, pejorativa, de profundo mau-gosto. O bicho-símbolo do Palmeiras sempre foi o periquito.

Os corintianos gostam de chamar os palmeirenses de *porcos.* Os palmeirenses revidam, chamando-os de *gambás.* Aí começa uma rivalidade

não muito inteligente. O Corinthians e o Palmeiras são, na verdade, clubes coirmãos, quer queiram, quer não queiram os seus torcedores; suas histórias estão intimamente ligadas.

O Palmeiras e o Corinthians são os clubes de maior rivalidade em São Paulo. Os corintianos se orgulham de formar a segunda maior torcida do país. Os palmeirenses, na eterna "guerra "de gozações que empreendem contra os corintianos, não se incomodam, mas rebatem, dizendo que o importante mesmo é ter saúde.

Agora, para desespero maior dos corintianos, surgem os astrônomos norte-americanos e declaram, para espanto do mundo (não meu) que o universo é verde. Essa realmente é de ficar orgulhoso. Será mesmo que o Criador também tem seu clube preferido?!...

## "alvi-verde" / "alvi-negro"

O Palmeiras sempre foi *alviverde.* Quem escreve "alvi-verde", naturalmente, deve torcer por outro time. Por um *alvinegro* qualquer, por exemplo...

## "super-campeão"

Não. O Palmeiras, de Valdir, Djalma Santos, Valdemar e Geraldo, Zequinha e Aldemar; Julinho, Romeiro, Américo, Chinesinho e Nardo, foi, na verdade, *supercampeão* em 1959, disputando três jogos decisivos com o poderoso Santos F.C., de Pelé, Zito e Coutinho.

O alviverde ganhou, assim, naquele ano, o *super campeonato* paulista de futebol. Aliás, o Palmeiras (permita-me dizer, caro leitor) foi a única equipe no futebol paulista que conseguiu interromper a série de títulos do então fabuloso Santos F.C. Por isso, merece lembrança e menção honrosa aqui. Só por isso...

O prefixo *super-* só exige hífen antes de palavras iniciadas por **h** (*super-homem)* e **r** *(super-realista).* Fora daí, não há hífen.

Na capa de uma revista de automóveis: *Tigra! - o "super-segredo"da GM.*

A verdade é que esse modelo, o *supersegredo* da GM, por coincidência ou não, acabou sendo um fracasso de vendas no Brasil.

## "bi-campeão"

Quem fica campeão de verdade duas vezes é *bicampeão;* três vezes, *tricampeão;* quatro vezes, *tetracampeão;* cinco vezes, *pentacampeão.*

Quando o São Paulo F.C. se tornou bicampeão mundial de futebol, mandaram escrever bem à frente do seu estádio: *"Bi-campeão"mundial de futebol.* Mais tarde, anos depois, fizeram a devida correção.

Os derivados também se escrevem sem hífen: *bicampeonato, tricampeonato, tetracampeonato, pentacampeonato.*

Também sem hífen se escrevem *supercampeão e super campeonato.*

## Corinthians: campeão do "IV.°" Centenário?

O Corinthians foi o legítimo campeão do ***IV*** Centenário (1954), mas ufio do"IV.°", que isto não existe.

Os algarismos romanos não devem vir acompanhados do sinal por-que eles já são lidos como numerais ordinais. Tal sinal só acompanha numerais cardinais: 1.°, 2.°, etc. Aliás, convém acrescentar que não se usa I racinho nesse caso, mas ponto.

Na sala de troféus do Sport Club Corinthians Paulista, guarda-se a bola com que foi disputado e ganho o título do IV Centenário da cidade de São Paulo. Na velha bola marrom, vê-se: *Bola do "IV°" Centenário.*

Como deverá ser a bola do **V** Centenário?...

## por ora / por hora

São duas expressões que se usam em situações distintas. A primeira eqüivale a *por enquanto, por agora:* ***Por ora,*** *estou satisfeito com o meu salário.* *** *Vou aplicar* ***por ora*** *apenas metade do que eu tenho.*

A segunda eqüivale a *cada período de sessenta minutos: Você ganha vinte centavos* ***por hora*** *e diz que* ***por ora*** *está satisfeito com seu salário?*

Numa das principais revistas de esporte do país lemos isto, recen-temente: *É praticamente certo que Luiz Gonzaga Belluzzo disputará a eleição do Palmeiras contra o atual presidente, que "por hora"conta com 0 apoio da maioria dos conselheiros "alvi-verdes".*

O jornalista nem sequer soube escrever *alviverde.* (Adivinhe, então, qual é o time dele...)

Bem, *por ora* é só, caro leitor. Não. Ainda não. Tenho só uma pergun-1 inha: Ganhas quanto *por hora?*

## site

Trata-se de um anglicismo consagrado no âmbito da Internet, assim como consagrados estão os anglicismos *shopping, show, slalom, skate, pullman,* etc.

Os portugueses usam *sítio,* aportuguesamento que, como tantos ou-tros, não soou muito simpático entre nós, brasileiros, já que preferimos usar essa palavra para significados mais singelos...

Os puristas, que adoram uma novidadezinha dessas, já estão por aí, no entanto, a empregar *sítio* por *site.* Ora, quem usa *sítio* por *site,* deve (se for coerente) usar também *rato* por *mouse; semicúpio* por *bidê, jines* por •*jeans* e *escapar ate* por *vitrina...*

## cal

É palavra feminina: *a cal,* ***uma*** *cal, cal hidratada, cal viva, cal nova.* *** *Quando viu a mulher, ficou branco tal qual* ***a*** *cal.* *** *O susto a fez branca como a cal.*

Na imprensa esportiva, todavia, usam-na como palavra masculina: O *arbitro marcou a falta dentro da área e apontou a marca "do"cal.*

Hoje, porém (façamos justiça!), só os jornalistas de quinto escalão cometem tal equívoco.

## Região "Centro-Sul"

É uma região brasileira que ainda não existe. Mas, se existe, nem mesmo o IBGE a conhece. Os jornalistas brasileiros, no entanto, referem-se a ela quase todos os dias.

O IBGE divide o Brasil apenas nestas regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. A Região "Centro-Sul" é um adendo jornalístico, talvez para corrigir uma "falha" do IBGE...

Eis uma referência a essa região, feita por um de nossos jornalistas; *A previsão da próxima safra é otimista, com a área do milho crescendo em todo o "Centro-Sul".*

E eu continuo curioso de saber: onde fica?

## "*uma*" BMW / "uma" Mercedes / "uma" Ferrari

Coisa boa isso não é. Atrás do nome de qualquer carro está uma idéia masculina: *automóvel.* Daí por que só devemos sonhar com ***um*** *BMW,* com ***um*** *Mercedes,* com ***um*** *Jaguar,* com ***um*** *Porsche,* com ***um*** *Ferrari* e até com ***um*** *Romi-Isetta.*

Muita gente, porém, usa *"uma"Ferrari, "uma"Mercedes* (às vezes até no diminutivo: *"uma"Mercedinha),* talvez por desejar fazer prevalecer a idéia de *poderosa máquina* sobre a de um simples *automóvel.* Tolice.

## esquizofrenia

Penso que poucos duvidarão da ortografia desta palavra e de suas derivadas, que também se grafam com *z.* Recentemente, porém, lendo um respeitável colunista do Jornal da Tarde, deparamos com a grafia "esquisofrenia" como subtítulo de seu trabalho. Estranhamos. Fomos, então, ao corpo da matéria, onde lemos ainda estarrecidos: *Não falta quem considere "esquisofrênicas" atitudes desse tipo.* E completa, para desespero ainda maior dos que padecem: O *presidente Lula é um dos poucos chefes de estado em condições de contribuir para a transformação desse mundo "esquisofrênico ".*

Pois t®[1].

## indústria "automobilística"

A bem da verdade, esta indústria não existe, nunca foi instalada, a não sear na cabecinha de certos "privilegiados"...

O adjetivo *automobilístico* se felaciona com *automobilismo* (modalidade esportivàf^AMih, só se aplica adequadamente quando se trata de corrida de automóvel: *prova automobilística, corrida automobilística, pista automobilística,* etc.

Não sendo assim, é o adjetivo *automotivo* que deve ter uso (em Portu-r.al se usa também *automóvel* como adjetivo): *indústria automotiva, setor automotivo, peças automotivas, oficina automotiva, poluição automotiva, evento automotivo,* etc.

Quem usa indústria "automobilística"por que não afirma que o Salao de Frankfurt é um evento "automobilístico"?

O jornalismo brasileiro, revelando estar tão perdido no assunto quanto cego em meio a cerrado tiroteio, escreve: *Ontem, o ministro do I 'lanejamento, Guido Mantega, confirmou que o governo continua negociando um plano de auxílio ao setor "automobilístico".*

Mas arremata: *Furlan descarta a visão de que o Fórum esteja sendo criado simplesmente para solucionar uma questão pontual na atual crise do setor **automotivo.***

No *site* de um jornal: *Setor "automobilístico" convoca estagiários.*

Que beleza!

Escreve um jornalista italiano há muito tempo radicado no Brasil, comentarista de esportes e de automóveis: *Como o Brasil saiu atrasado na corrida rumo "a" segurança e controle de poluição "automobilística" está sempre uma etapa atrás.*

Poluição é bem a palavra...

A revista Veja, ed. 1.833, p. 94, no entanto, dá uma demonstração de conhecimento e maturidade: *Os utilitários esportivos, como são classificados os jipões de luxo, representam metade das vendas dos veículos de passageiros nos Estados Unidos. Mina de ouro da indústria **automotiva,** eles detêm a preferência dos motoristas graças á aparência possante e á fartura de espaço interno.*

E na mesma reportagem: *É a primeira vez que a indústria **automotiva** reconhece o problema de segurança dos utilitários esportivos.*

A Veja, realmente, de uns tempos para cá, anda diferente. Tão diferente, que já passou até a dançar *chachachá,* quando antes preferia rumbar ao ritmo do"chá-chá-chá"...

Afinal, o tempo existe para evoluirmos...

## talvez

Esta palavra, quando usada antes do verbo, exige o subjuntivo: *Amanhã eu talvez **vá** ao estádio. * * * No futuro talvez eu **faça** uma viagem dessas. *** Talvez o pessoal **tenha** chegado e ainda não **tenhamos** sabido.*

Após o verbo, porém, a palavra não interfere no emprego do modo: ***Irei** ao estádio talvez amanhã. *** **O** pessoal **chega** talvez ainda hoje.*

Num editorial: *Talvez "chegou"a hora do Brasil.*

Hora de quê?...

## "auto-falante"

Esta é uma das grandes invenções modernas. As pessoas acham que estão se referindo a falantes de automóveis. Então, não têm dúvida: escrevem "auto-falante".

Veja: *Foi o próprio governo, por seus "auto-falantes" expostos ou embutidos... *** Montado em seu triciclo equipado com gravador, amplificador, "auto-falantes", bandeiras e espelhos... *** Informação de "auto-falante" poderá influir.*

Até algumas fábricas estão anunciando que seus veículos têm seis "auto-falantes". Deve ser uma barulheira daquelas!...

## "showmício"

E uma excrescência: mistura palavra estrangeira ***(shozv)*** com o final de palavra vernácula ***(comício).*** Mas consta num dicionário! Nesse, porém, tudo é perfeitamente normal, como veremos adiante.

Os neologismos surgem por necessidade de momento. Para serem incorporados ao vocabulário, é necessário que não possuam equivalentes no idioma e que estejam de acordo com os princípios da língua, ou seja, que sejam bem-formados. *Comício-show* me parece muito mais razoável que essa excrescência.

## dona de casa

É assim que se escreve, e não "dona-de-casa". Mas os jornalistas insistem em usar os hifens, que aí não têm nenhuma necessidade. Repare embaixo, no vídeo, como eles escrevem, quando um repórter de televisão entrevista uma *dona de casa.*

Há até dicionários que registram "dona-de-casa". Mas esses mesmos dicionários não são capazes de ser coerentes e registrar também "dor-de--cabeça","dor-de-barriga","dor-de-dente", etc. E por que não o fazem? Porque é asneira, naturalmente!

Só se usa o hífen por razões bem-definidas e necessárias. Para ficar bem claro o assunto, tomemos como exemplo o caso de *dedo duro* e de *dedo-duro: dedo duro* é dedo teso, que não se articula. O Papa João Paulo II, depois do atentado que sofreu, tem um *dedo duro. Dedo-duro* é delator, alcagüete, algo bem diferente.

O uso do hífen propicia o surgimento de outro termo; surge, em virtude do seu emprego, outra unidade semântica. Não é o caso de"dona-de--casa". Que diferença há entre *dona de casa* e"dona-de-casa"? Nenhuma. Então, por que os hifens?

No *site* de um jornal: *"Dona-de-casa"foi esquartejada viva por cirurgião.* No dia seguinte, uo mesmo *site: Polícia conclui inquérito sobre esquartejamento de "dona-de-casa".* Nesta vida, lamentavelmente, é difícil, mas se tem de estar preparado para experimentar uma tragédia atrás da outra...

O caro leitor percebe claramente a diferença de sentido entre *cabra cega* e *cabra-cega.* Ou entre *pé de meia* e *pé-de-meia.*

No futebol, fala-se muito em *virada-de-mesa* (com hífen), porque *virada de mesa* se toma no sentido literal. A palavra hifenizada significa *mudança radical numa situação praticamente consolidada.*

Há certos clubes brasileiros que entendem muito de viradas-de--mesa...

## Ihama

É palavra masculina: ***o*** *lhama,* ***um*** *lhama.*

Recentemente, uma de nossas revistas semanais de informação trouxe, na ed. 1.096, pág. 20: *Cientistas árabes comemoram o primeiro mês de vida de um animal gerado com esperma de um camelo e óvulo de "uma" lhama. O filhote, batizado de cama, herdou o pêlo suave da linhagem materna.*

Se o esperma de um camelo e o óvulo de "uma" lhama produzem uma *cama,* que produto sairá do esperma de um camelo e do óvulo de **um** lhama?

## "o" Marrocos

*Marrocos* é nome que não exige artigo: *Conheço Marrocos. *** Já estive em Marrocos. *** Governo de Marrocos. *** Passei rapidamente por Marrocos.*

As revistas semanais de informação repetem o erro várias vezes até numa mesma edição: *região montanhosa "do" Marrocos; pesquisadores "do" Marrocos; "o" Marrocos quer transformar em parque turístico: rei "do" Marrocos.*

Uma delas trouxe, na ed. 1.712, pág. 20: *Espanha retoma ilhota "do" Marrocos.* Note ainda a falta do artigo antes de *Espanha.*

No *site* de um jornal: *Barco inflável afundou e matou pelo menos 18 pessoas afogadas "no"Marrocos.*

No mesmo *site,* dias depois: *Vinte e quatro pessoas morreram em cinco atentados, três deles com carros-bomba, em Casablanca, "no" Marrocos.*

No mesmo *site,* no dia seguinte a esse, a manchete era: *Polícia prende 27 por atentado em Marrocos.* (Ufa!, pensamos, eles finalmente corrigiram o erro.) A euforia durou poucos segundos. Abaixo se lia: *Nenhum grupo assumiu a autoria do ataque que teria deixado 41 mortos e cem feridos em explosões ontem em Casablanca, capital comercial "do" Marrocos, onde várias bombas explodiram simultaneamente.*

É uma no cravo e a outra bem na ferradura...

Na mesma época se leu no *site* de outro jornal: *"O" Marrocos está decidido a castigar sem clemência os terroristas.*

Castigo só para eles?!...

Depois de realizadas as reuniões de cúpula entre chefes de Estado árabes e sul-americanos, em maio de 2005, no Brasil, os repórteres se apressaram em dizer que as próximas reuniões se farão "no" Marrocos.

Vejamos, finalmente, o que trouxe uma revista: *Espanha e Marrocos brigam por uma ilhota* (subtítulo). Na matéria se lê: *"O"Marrocos sempre reivindicou a posse dessa ilhota.* E ao longo dela só se vê o nome *Marrocos* antecedido do incompetente artigo.

Jornalistas, em princípio, deveriam conhecer a língua, porque vivem dela, é seu instrumento de trabalho. Os diretores do jornal suíço escrito em francês *Les Temps,* cansados de ver erros lingüísticos na publicação, decidiram multar os jornalistas em três dólares por erro cometido, seja de ortografia, seja de sintaxe. Se a medida fosse adotada no Brasil, os diretores de jornal já não precisariam preocupar-se em vender suas publicações: estariam milionários...

Mas não são apenas os jornalistas que padecem desse mal: entre eles há até dicionaristas! V. item seguinte.

## um "tira-teima"

Em português só existe *tira-teimas,* assim como só existe *tira-dúvidas* (e não"tira-dúvida").

"Tira-teima"é brincadeira do mais refinado mau-gosto. Mas, mesmo assim, foi agasalhada por dois dicionários: a um chamaremos, doravante, *dicionário secular,* ao outro, *dicionário do entulho,* em razão do grande número de "recheios" que traz, sem nenhuma necessidade, além do sem-número de equívocos, alguns grosseiros, realmente imperdoáveis.

O dicionário do entulho criou uma acepção especial, só para incluir esta cacografLa. É um privilégio realmente encantador.

Tudo seria muito bom, se ambos não pecassem mortalmente. Confiança, afinal, adquire-se, não se vende nem se empurra goela abaixo.

Atenhamo-nos inicialmente a alguns (apenas alguns) dos equívocos do dicionário secular:

### 1. coco-da-baía

Esta palavra seria melhor grafada *coco-da-bahia,* mas o Vocabulário Oficial não traz esta forma. O dicionário secular registra *coco-da-baía,* mas no verbete *água-de-coco* usa justamente a forma não autorizada oficialmente (embora seja a melhor): *coco-da-bahia.*

### *2.* "arquisseguro"

Os dois dicionários trazem esta forma. Ora, mas o prefixo *arqui-* exige hífen antes de palavras iniciadas por *s (arqui-sacerdote, arqui-sinagoga,* etc.) Por que, então, "arquisseguro"? Não se sabe: é um mistério.

### 3. reduzir "a menos"

Qualquer pessoa vê nesta combinação uma redundância. Mas na acepção 3 de *atenuar,* o dicionário a traz. Seria possível, então, também "reduzir a mais"?

### 4. "azeite-de-dendê"

A grafia correta é *azeite de dendê,* sem hifens. O dicionário secular, no entanto, registra "azeite-de-dendê", mal de que não padece o outro, dicionário do entulho.

Ora, se devemos escrever "azeite-de-dendê", somos obrigados, pela coerência, a grafar também "azeite-de-oliva", "azeite-de-oliveira", "óleo-de-soja", "óleo-de-amendoim", etc. Mas isso nenhum dicionário traz. Por algo será...

### 5. "dona-de-casa"

Como já vimos, é uma tolice. A grafia correta é *dona de casa,* sem hifens.

O mais interessante nisso tudo é que os dois dicionários registram palavras hifenizadas quando elas não exigem hifens e, por outro lado, deixam de empregá-lo quando há necessidade deles. Por exemplo: *buraco-negro* (no sentido astronômico), *disco-voador* (ovni) e *mala-direta* (no sentido publicitário).

Há grande diferença entre um *buraco negro* e um *buraco-negro.* Um *buraco negro* é um buraco que não é branco, nem verde, nem amarelo, etc. O *buraco-negro é* um termo da astronomia; daí por que o vocábulo deve ser hifenizado.

A *caixa-preta* das aeronaves não é uma *caixa preta* (ela tem a cor laranja), assim como um *buraco-negro* não é um *buraco negro.* Se alguns dicionaristas conseguissem entender isso, evitariam muitas complicações.

Façamos justiça, porém: na edição do século XXI já se mudou de "manteiga derretida" para *manteiga-derretida* (pessoa que chora à toa). IVIas no dicionário do entulho continua a "manteiga derretida". Ora, não haverá sensível diferença semântica entre uma manteiga que se derreteu *(manteiga derretida)* e uma pessoa que chora com facilidade *(manteiga-derretida)?*

Ou tudo é a mesma coisa?

## 6. "pôr-do-sol"

É outra brincadeira. É preciso sabermos admirar o verdadeiro *pôr do Sol.* Note: sem hífen e com S maiúsculo (de preferência).

Quem escreve ou registra "pôr-do-sol"tem de, por coerência, escrever e registrar também "nascer-do-sol". Que dicionarista já teve a coragem de fazê-lo? Nenhum. E por que, então, alguns se enchem de coragem para registrar "pôr-do-sol"?

Dia desses vimos uma frase que nos deixou ao mesmo tempo entusiasmado e esperançoso: *De todos os fenômenos celestes, o mais visível é o nascer e o pôr do Sol.*

Alguma luz sempre se faz...

O dicionário secular registra "pôr-do-sol", mas no verbete *sol-pôr,* sinônimo, incompreensivelmente, traz correto: *pôr do Sol.* Não é maravilhosa a coerência?

Já o dicionário do entulho não comete a mesma asneira: traz essa expressão sem o hífen, mas não com S (maiúsculo): *pôr do sol.* Não deixa de ser uma esperança.

A Editora Abril lançou recentemente o seu Guia Brasil, em que destaca uma lista dos poentes mais bonitos em nosso país. E anunciou: O *melhor do "pôr-do-sol".*

Que tal lançar, para breve: O melhor do "nascer-do-sol"?

## 7. "escola de samba"

É outro equívoco dos dois dicionários. O nome correto da agremiação que desfila no carnaval, geralmente com carros alegóricos, é *escola-de-samba.*

Quem, contudo, quer aprender a sambar vai a uma *escola de samba,* assim como quem quer aprender a dançar forró vai a uma *escola de forró;* assim como quem quer aprender a dança do ventre vai à *escola de dança do ventre.*

É muito fácil estabelecer a diferença entre uma escola e outra. Os dicionários não conseguem!

## 8. cagüira

Todo o mundo sabe o que é isso: muito medo e também azar no jogo. Com trema, naturalmente. Mas os dois dicionários trazem "caguira". Alguém já teve "caguira"?

## 9. vereador "municipal"

Qualquer pessoa detecta de pronto a redundância existente nesta combinação. O vereador só pode ser municipal. Mas o dicionário secular define *camarista* assim: *vereador municipal.* Existiria, então, o "vereador estadual"? Ou o "vereador federal"?

### 10. sineta "pequena"

Qualquer criança sabe que *sineta* é sino pequeno. Assim, a combina**rão** acima é redundante. Ao definir *campainha,* o dicionário secular traz: *sineta pequena e manual.* Mas em *sineta,* o próprio dicionário define: *sino pequeno.*

Durma-se com tanto sino batendo...

### 11. "Esporte Clube Coríntiõs Paulista"

Eis aqui o que nem mesmo o mais fanático palmeirense reconheceria. Kxiste este clube no Brasil? Os corintianos sabem que não. Mas no verbete *corintiano* está lá. Quem torce por um clube desses?

### 12. tecnicólor

É assim que devemos escrever e pronunciar esta palavra. O dicionário secular, no entanto, registra *tecnicolor,* ou seja, como oxítona, rimando com *trator.*

O caro leitor, por acaso, já assistiu a algum filme em "tecnicolor"?

### 13. dengue

É palavra feminina (já o dissemos), em qualquer sentido: ***a*** *dengue.* O dicionário secular registra a palavra, na acepção de doença, como masculina. Quem pegou "o" dengue que se cuide!

### 14. Ihama

Você já sabe: *lhama* é nome masculino. O dicionário secular dá corretamente a palavra como masculina, mas no verbete *alpaca* trata o animal de "a lhama".

### 15. dundum

É nome masculino (projétil). O dicionário secular, no entanto, dá a palavra como feminina. É para ferir menos?...

### 16. colocar

Não se aconselha o uso deste verbo como sinônimo de *expor.* Por isso, não fica bem "colocar" uma questão. Mas o dicionário secular registra a sinonímia.

### 1 7. "mais" superior

Esta combinação é redundante, porque a idéia de *mais* já se encontra no adjetivo. No verbete *escapula,* acepção 4, porém, está: *a parte "mais superior" do membro superior.*

Tudo, naturalmente, muito superior...

### 18. embora "sendo"

Combinação reprovável: *embora* não aceita a companhia de gerúndio.

### outros equívocos imperdoáveis do dicionário secular

1. Em *amigado* dá *amasiado* como sinônimo, mas não traz esta palavra.
2. Confunde verbo unipessoal (usado nas terceiras pessoas, do singular e do plural) com verbo impessoal (só usado na terceira pessoa do singular), no verbete *anoitecer.*
3. Dá *atobá* como substantivo feminino.
4. Dá *atrito* como substantivo masculino (corretamente), mas define-o, na acepção 5, como adjetivo: *que tem atrição.*
5. Confunde adjetivo com particípio, como se vê no exemplo fornecido no verbete *ativado.*
6. Confunde verbo transitivo indireto com verbo intransitivo, como se vê pelo exemplo do verbete *batalhar.*
7. Registra *caixa-de-fósforos* como substantivo masculino.
8. Dá *cambeba* como substantivo feminino e remete o consulente a *cambeva,* que já não é feminino, mas masculino.
9. Registra (imagine!) "camondongo", remete o consulente a *camundongo,* mas neste verbete não se refere à cacografia "camondongo".
10. Registra "cerusita", em vez de *cerussita.*
11. Registra *chuva-de-ouro* como substantivo masculino e"dobermann", quando a raça do cão é mais singela: *doberman.*
12. No verbete *cianotipia* aparece *azul-da-prússia,* que o dicionário não registra.
13. Confunde verbo transitivo direto e indireto com verbo transitivo direto e adjunto adverbial, como se vê na acepção 17 do verbete *cobrir.*
14. No verbete *coincidir,* acepção 7, fornece exemplo em que se tem claro erro de concordância verbal e falta de competente vírgula.
15. Registra corretamente *desabafar* como verbo intransitivo, na acepção de desafogar-se, revelando o que sente ou pensa, mas no verbete *desafogar* faz constar, na acepção 12,"desabafar-se". O mesmo equívoco acontece em *desapertar,* acepção 6.
16. Dá *blastoderme* como substantivo masculino. A propósito, o dicionário do entulho dá *blastoderma* como feminina e *blastoderme* como masculina. E é justamente o contrário.
17. Na acepção 3 de *desaperceber,* dá como sinônimo desprover-se (verbo pronominal), mas não registra o verbo como pronominal.
18. Dá *dina* (física) como substantivo feminino, mas no verbete *erg* traz *um dina.* Qual seria o gênero correto de *dina?*

11» I )ii *parteiro* (pasme!) como sinônimo de *obstetra.* Se um dia, caro leitor, estiveres numa maternidade, chama o obstetra de parteiro e verás como nascem os maiores palavrões (sem o uso de fórceps)...

:<>. No subverbete *ciclo suetônico,* menciona "Meton", em vez de *Méton,* astrônomo ateniense do séc.V a.C.

1! I. Em *esquinado* dá *facetado* como sinônimo, mas não registra esta palavra.

"i. *Dá focai* (óptica) como substantivo masculino, mas três linhas abaixo aparece *duas focais.* Qual seria o gênero correto?

23. Dá *forcejar* como verbo transitivo indireto e fornece exemplo em que o verbo é intransitivo.
24. Em *garantia,* acepção 1, define: *ato ou efeito de garantir (-se),* mas não registra o verbo como pronominal.
25. Dá *inocular* como verbo transitivo direto e indireto e fornece exemplo em que o verbo é apenas transitivo direto. Fato idêntico ocorre com o verbo *interdizer,* em que confunde o pronome *lhe,* objeto indireto, com o pronome *lhe* com valor possessivo.
26. Confunde *continuidade* e *continuação,* conforme se percebe pela acepção 1 de *interromper.*
27. Confunde *mandato* com *mandado,* como se vê pela acepção 2 do verbete *mandatário.*
28. Insiste (desde a antiga edição) em registrar *manganina* como substantivo masculino.
29. Insiste (desde a antiga edição) em dar *numeração* como substantivo masculino.
30. Insiste em registrar o verbo *refinar* como pronominal, mas fornecer exemplo de verbo intransitivo.
31. Insiste em registrar *sacar* como verbo transitivo indireto, fornecendo exemplo em que o complemento é objeto direto preposicionado: *sacou de um canivete.*
32. Insiste em confundir substantivo sobrecomum com substantivo comum-de-dois, remetendo o consulente de um verbete para o outro.
33. Confunde objeto indireto com adjunto adverbial de finalidade, como se vê no verbete *pelejar.*
34. Em *perpetuar,* acepção 8, fornece este exemplo: *segundo a Bíblia, o homem não se perpetuará "para sempre".* (Graças a Deus!...)
35. Em *subtangente* usa "seguimento"por *segmento.*
36. Dá *último* como adjetivo e fornece exemplo com um substantivo: o *último da fila.*
37. Em *vidrar,* dá o verbo como transitivo indireto e fornece este exemplo: *O mineiro é vidrado em mar.* Não seria *vidrado,* aí, um adjetivo?
38. Dá *voltado* e *volvido* como sinônimos de *virado,* mas não registra nenhum daqueles verbetes. Ou, melhor: dá, sim, *voltado,* mas não como sinônimo de *virado.*

39. Dá "fim de semana", sem hifens, em vez de *fim-de-semana,* como sinônimo do anglicismo *weekend.*
40. Dá *eliminante* como substantivo masculino.
41. Registra "epistase" por *epístase* e"epistoma"por *epístoma.*
42. Em *derby,* informa que a corrida de cavalos na Inglaterra teve início no século XVII, quando na verdade foi no século XVIII (1780).
43. Em *palavra-filtro,* dá "máscara (26)" como sinônimo, quando é *máscara (27).*
44. No verbete *nove horas,* ora usa *nove-horas,* ora"nove horas". Afinal, o dicionário é cheio de "nove horas" ou de *nove-horas?*
45. No verbete *noticiar,* dá *notificar-se* como sinônimo, na acepção 3, mas não registra *notificar* como verbo pronominal.
46. Em *nistatina,* a fórmula química está completamente errada. (Não explode?...)
47. Em *neutrófilo* usa *granulócito* como adjetivo, quando ele próprio só registra esse nome como substantivo.
48. Registra *neoprene,* em vez de *neopreno* e dá *coxão duro* como sinônimo de *chã-de-fora* (no que está correto), mas não registra nem *coxão duro* nem muito menos *coxão mole.* É mole?
49. Em *nefanálise* existe um estranho "metereológicas". Existiriam mesmo informações desse tipo?
50. Usa "independente" por *independentemente* no verbete *nécton.*
51. Em nascer, corrompe a ordem alfabética, ao trazer *Não ter nascido ontem* depois de *Nascer ontem.*

Bem, paremos por aqui, mesmo porque 51 sempre dá uma boa idéia...

## alguns equívocos imperdoáveis do dicionário do entulho

1. Registra "todo mundo", em vez de *todo o mundo,* e dá "furoa" como feminino de *furão.*
2. Registra corretamente *antidepressivo,* mas ao longo do dicionário usa "anti-depressivo" (v. o verbete **psicotrópico).**
3. Registra *neo-imperialista* como partidário do neo-imperialismo (e o é, de fato), mas não registra *neo-imperialismo;* registra *polarográfico* desta forma: relativo a polarografia ou a polarógrafo, mas não registra *polarógrafo.*
4. Dá *teta, mama, seio* e *úbere* como sinônimos. (Ora, mulher tem teta?! Mulher tem úbere?!)
5. Registra os adjetivos relativos a *microfauna (microfauniano* e *microfaunístico),* mas não faz sequer alusão aos adjetivos relativos a *macrofauna.*
6. Registra corretamente *conto de fadas* (sem hífen) e, logo abaixo, em outro verbete, usa "conto-de-fadas". (Ora, a palavra é ou não é hifenizada?)

7. Dá *peão* como sinônimo de *pedestre.* (Ora, então, todas aquelas pessoas que caminham pela Avenida Paulista, em São Paulo, são peões?!)
8. Dá *xirimbambada* como variante de *turumbamba,* o que é correto, mas em vez de registrar o verbete *xirimbambada,* registra outro, que não existe, "xirimbamba".
9. Dá "portas-e-janelas" como plural de *porta-e-janela,* quando se sabe que o plural das palavras ligadas por **e** se faz com variação apenas do último elemento (p. ex.: *ponto-e-vírgulas, quarto-e-salas).*
10. Registra "toca-fita" ao lado de *toca-fitas,* mas não registra "toca-disco". (Ora, aquele que registra "toca-fita", que não existe, tem de ser coerente e registrar também"toca-disco", que também não existe. Por que não o faz?...)
11. Dá *largo* como sinônimo de *praça.* (Ora, então, podemos dizer indiferentemente: *Largo* ou *Praça* da República, *Praça* ou *Largo* do Ouvidor?!)
12. Dá *musicista* como sinônimo de *músico* e, como conseqüência desse equívoco, define *retretista* como "musicista de retreta".
13. Registra *patinar* como sinônimo de *ganhar (concreções terrosas)* e fornece este exemplo para "elucidar" a acepção: O *tempo patinou o mármore da Acrópole.* (Ora, segundo a definição, temos: "O tempo ganhou concreções terrosas o mármore da Acrópole", ou seja, totalmente sem sentido.)
14. Procede corretamente, ao não registrar "aficcionado", porque a palavra não existe, mas emprega justamente "aficcionado" na obra, no verbete *micreiro.*
15. Define substantivo como se fosse adjetivo *(prodigalidade*, acepção 2) e define adjetivo como se fosse substantivo *(mudo,* acepção 4.2, *combinado,* acepção 7 e *macrofilo).*
16. Registra corretamente o verbo *obedecer* como transitivo indireto, mas usa-o como transitivo direto *(ato,* acepção 5).
17. Registra *biopoese* e *microcâmara* como substantivos masculinos.
18. Registra "por causa que" e até (imagine!) "por causo que". (Só faltou registrar "mendingo" e "mortandela"...)
19. Registra "tutti frutti" sem hífen, classifica corretamente a expressão como locução substantiva, mas a define como adjetivo.
20. Registra *trecentésimo* sem fazer nenhuma referência à forma *tricentésimo,* mas registra esta forma e, no verbete (sem se referir a *trecentésimo),* muda o texto usado em *trecentésimo,* como se existissem acepções distintas para as duas palavras.
21. Confunde objeto indireto com adjunto adverbial e, conseqüentemente, verbo transitivo indireto com verbo intransitivo, fato claro no verbete *pular.*
22. Registra, no verbete *pé,* "pé de atleta" e faz o mesmo registro em verbete próprio *(pé-de-atleta).* (Afinal, qual a palavra correta, com hífen ou sem hífen?)

23. Registra, também no verbete *pé,* "pé quente" e faz o mesmo registro em verbete próprio *{pé-quente).* (Afinal, o dicionário é"pé quente" ou é"pé-quente"?)
24. Registra *muçarela e mozarela,* mas dá a primeira como palavra masculina. (O caro leitor já experimentou comer "um bom" muçarela?)
25. Define *tamborete* assim: assento quadrado ou redondo, sem encosto "e" braços. (Ora, a correlativa de *sem é nem,* e não "e"; daí por que temos dicionários sem eira *nem* beira, dicionários sem pé *nem* cabeça, etc.)
26. Registra a excrescência "showmício". (Só faltou registrar "menas" e "questã"...)
27. Usa, a exemplo de Odorico Paraguaçu, famosa personagem de Dias Gomes, "adredemente", no verbete *conhecimento.* (Ora, "adredemente"é absurdo tão grande quanto"apenasmente","emboramente","somentemente".)
28. Usa, a exemplo de criança da quinta série, "rabujento" (verbete *coroca).*
29. Usa a incrível palavra "imparciabilidade", em vez de *imparcialidade,* no verbete *eqüidade.*
30. Usa"calcáreo", em vez de *calcário,* no verbete *bezoar.*
31. Dá *bituca* como palavra masculina (!) e confere-lhe significado totalmente diverso do que todos conhecemos.
32. Registra corretamente *ponto-de-venda,* mas no verbete *bandeira* usa "ponto de venda". (Afinal, a palavra é ou não é hifenizada?)
33. Classifica os verbos segundo a antiga nomenclatura *(bitransitivo,* p.$^{ex}$.).
34. Não usa ponto no final das frases nem vírgula antes de *etc.,* contrariando o que preceitua ou sugere o Vocabulário Oficial.
35. Confunde *juiz* com *árbitro* e vice-versa. (Um torcedor que xingue o árbitro de "juiz ladrão" é compreensível, mas um dicionário confundir um ofício com outro é imperdoável!)
36. Registra *xerox,* considerando-a palavra oxítona e também como masculina, além de registrar o verbo "xerocar", corruptela grosseira de *xerografar.*
37. Confunde *vaporar* com *evaporar* e *vaporizar,* e *vaporizar* com *vaporar, volatilizar* e *evaporar.* (Faz uma bagunça daquelas entre esses verbos, que não são sinônimos: a água não "se evapora" nem "se volatiliza" a 100°C, mas *vaporiza-se.)*
38. Registra direitinho *Via Láctea,* no verbete *via,* mas em *galáxia* tem uma recaída e usa quatro vezes "Via-Láctea". (Afinal, o nome da nossa galáxia é *Via Láctea,* sem hífen, ou "Via-Láctea"?)
39. Troca a nacionalidade de pessoas, registrando como médico norte-americano o britânico Joseph Bancroft, em *bancroftíase.*
40. Registra"conto-da-carochinha" com hífen e ainda dá a palavra como feminina.

41. Registra *miorrelaxante* como substantivo feminino (!), mas o define como adjetivo e substantivo masculino; com *cerebral* faz justamente o oposto: define o adjetivo como se substantivo fosse, na acepção 6.
42. Considera transitivo direto e indireto o verbo da frase *voltei do trabalho para casa* e transitivo indireto o verbo das frases *voltei ao início da página* e *quando voltará você à nossa casa.* (Ora, o verbo das três frases é unicamente intransitivo, seguido de adjuntos adverbiais, e não de complemento verbal.)
43. Registra "bandoneon", palavra oxítona com *-on* final, totalmente incompatível com a índole do idioma. (A forma correta é *bandônion.)*
44. Usa acento grave na expressão *a distância,* em *xeta.* [Ora, qualquer estudante sabe que só se usa acento grave nessa expressão quando ela vem determinada: *Vejo algo a distância.* (Sem acento.) *Vejo algo à distância de vinte metros.* (Com acento.)]
45. Registra *microaerófilo* como substantivo masculino, mas o define como se fosse um adjetivo.
46. Acentua corretamente *fórum, pia-máter e vade-mécum,* mas não faz o mesmo com *quorum.* (Ora, quem não acentua *quorum* também não deverá acentuar *fórum, álbum,* etc.)
47. Confunde *frade* com *monge* (existiria mesmo o frade budista?) e faz enorme confusão com os nomes científicos (p. ex.: *Myrcia multiflora* não é o nome científico da *pedra-ume,* mas sim do *cambuí,* e ele dá ambos os termos como sinônimos, que não são).
48. Dá *accessível* e *accessório* como equivalentes, respectivamente, de *acessível* e *acessório,* mas nestes verbetes não faz referência àquelas formas. (Aliás, neste particular, o dicionário é um pecador inveterado.)
49. Define verbo como se fosse um substantivo (v. *arrastar,* acepção 11); define substantivo como se fosse verbo (v. *acidificação);* define um adjetivo como se fosse substantivo (v. *condigno,* acepção 1); define um adjetivo e fornece um substantivo como exemplo (v. *comandante,* acepção 1).
50. Usa *Marrocos* com artigo ("o Marrocos" e "do Marrocos"), nos verbetes *almorávida* e *marroquino? (Marrocos* é nome que não admite artigo.)
51. Registra os verbos *sobressair* e *avultar* como pronominais ("sobressair-se", "avultar-se"), coisa que a língua nunca admitiu e, por outro lado, não registra o verbo *branquear* como pronominal, fazendo lá o que deveria ter feito aqui. Enfim, um desastre!

Bem, mas agora é preciso parar: afinal, 51 sempre dá uma boa idéia...

Mas há mais, muito mais ao longo da obra. É só ter paciência. Por exemplo: o que um filho pensaria do pai, se ele lhe perguntasse o que é *degelo,* e o "velho" respondesse: *Meu filho, degelo é degelo mesmo! ?*

Outro exemplo: *arrebentação e arrebentamento.* O dicionário traz, na primeira acepção: ato ou efeito de arrebentar(-se). Mas não registra o verbo *arrebentar* como pronominal. Como pode uma coisa *arrebentar-se,* se isso, para o dicionário, não existe?

Outro exemplo: uma obra séria não pode registrar *cabra* como feminino de *bode* nem *vaca* como feminino de *boi,* porque tais nomes não são "femininos" dos respectivos nomes masculinos.

Outro exemplo? É só ir folhando o dicionário: a cada página, uma ou mais surpresas, cada qual com seu tamanho. O verbo *conceituar* é mesmo bitransitivo? Ou é verbo transobjetivo?

Tudo isso, caro leitor, **tudo isso** só para lhe mostrar que "tira-teima"é mais um de seus grandes equívocos, mais uma de suas formidáveis invenções.

Suponhamos que, em vez de"tira-teima", a emissora de televisão que criou e propagou essa excrescência, tivesse escolhido "tira-dúvida". Será que o referido dicionarista iria mudar o vocábulo correto *tira-dúvidas* para "tira-dúvida"?

A revista Quatro Rodas já estampou isto na capa: *Civic x Corolla: o "tira-teima" dos faixas pretas.*

Substituiria, por acaso, o manchetista "tira-teima" por "tira-dúvida"? (Eu até que não duvido...)

Qualquer dia destes ainda vai aparecer dicionarista que registrará "auto-falante". Para atender ao interesse das fábricas, que quase sem exceção, fazem propaganda afirmando que seus carros têm seis "auto-falantes".

## "às custas de"

Não existe esta locução em nossa língua. O dicionário do entulho, no entanto, não só registra, como usa "às custas de" no verbete **astúcia.**

Se um marido vive à *custa da* mulher, ninguém tem nada a ver com isso, mas se um jornalista ou um dicionarista vive"às custas do"leitor, do consulente ou do assinante, bem, aí a coisa muda.

Veja como escrevem os jornalistas, talvez embasados no maravilhoso dicionário: *Néstor Kirchner, 53, assumiu a Presidência da Argentina diante de 13 chefes de Estado. Segundo ele, o país honrará seus compromissos financeiros, mas não "às custas da"fome e da exclusão do povo. *** Recuperação do Brasil "não pode ser "às custas da" Argentina, diz integrante de ministério argentino. *** A única coisa que se implanta com rapidez no Brasil é o esquema de faturamento "às custas do " consumidor.*

Recentemente, declarou uma autoridade argentina: *Temos a mesma necessidade de crescer que o Brasil.* ***O*** *Brasil não vai crescer* ***à nossa 1'umta.***

*Nuestros "hermanos", muy amigos...*

## *viking* / viquingue

Os *vikings* ou *viquingues* (aportuguesamento) eram piratas escandinavos que saquearam as costas da Europa desde o século IX até o século XI. Até aqui, nenhuma novidade.

O dicionário secular não faz nenhuma referência à forma *viking-,* prefere registrar o aportuguesamento *viquingue* (paroxítono). Já o dicionário do entulho não registra *viquingue,* mas apenas *viking,* porém, cometendo um erro palmar de ordem alfabética: inclui o verbete depois de *vípero,* quando deveria figurar antes de *vil,* que, aliás, assim como 51, também nos dá uma boa idéia...

## esgotar

Na acepção de *vender até o último artigo ou exemplar,* é verbo pronominal: O *estoque de televisores da loja se esgotou em dois dias.* *** *O livro* ***se esgotou*** *em pouco tempo.* *** *Esta obra* ***se esgotará*** *brevemente.*

No dicionário do entulho, registra-se este verbo também como intransitivo.

Na verdade, somente na acepção de *esvaziar-se ou vazar-se completamente,* ou na de *consumir-se, gastar-se completamente* é que este verbo pode ser usado como intransitivo ou como pronominal: A *água do reservatório* ***esgotou*** (ou ***se esgotou)*** *em três tempos.* * * * *A fortuna do pai* ***esgotou*** (ou ***se esgotou)*** *em poucos anos, com suas extravagâncias.*

## espreguiçar

E verbo pronominal, e não intransitivo: *Hortênsia saiu do quarto* ***espreguiçando-se.*** *** *Eu nunca* ***me espreguicei*** *na vida.* *** *Não é muito aconselhável* ***espreguiçar-se*** *em público.*

O dicionário do entulho, todavia, registra este verbo como intransitivo nesta acepção. Nele, é normal.

## estilhaçar

É verbo pronominal, e não intransitivo: As *vidraças do prédio* ***se estilhaçaram*** *com o terremoto.* *** *O pára-brisa* ***se estilhaçou,*** *ferindo o motorista.* * * * *Este vidro trinca, mas não* ***se estilhaça.***

No dicionário do entulho, no entanto, o verbo tem registro como intransitivo. E então? Não é normal?

## estragar

É verbo pronominal, e não intransitivo: *Vinho aberto **se estraga** facilmente.* *** *Fora da geladeira, qualquer leite **se estraga** em pouco tempo.*

O dicionário do entulho registra este verbo também como intransitivo. É ou não é normal?

## sujar

Este verbo é rigorosamente pronominal, na acepção de *tornar-se sujo: Com este ar poluído, a pele e os cabelos facilmente **se sujam.*** *** ***O** chapéu **se sujou** logo ao primeiro uso.*

O dicionário do entulho registra este verbo direitinho como verbo pronominal. Parabéns! Mas...

Mas no verbete **salvaguarda,** acepção 6, usa-o como verbo intransitivo. Afinal, o verbo é pronominal ou intransitivo?

## azaléia / azálea

As duas formas existem, mas a segunda é mais aconselhável, embora a primeira seja a mais popular.

O dicionário do entulho, no entanto, arrumou uma terceira forma, inexistente: "azaléa" (no verbete **murchar).**

## "mais" anterior

Palavras como *anterior, posterior, inferior, superior,* etc. não admitem modificadores como *mais, menos,* etc., porque sua terminação já dá a idéia de *mais* ou de *menos.* Não existe, portanto, um fato "mais" anterior a outro. Existe, sim, fato anterior a outro. Não existe, em rigor, um produto "mais" superior a outro. O que temos é um produto superior a outro.

No dicionário do entulho, todavia, se lê no verbete *clitóris: porção "mais" anterior da vulva.*

Isso existe?

## parusia

Todo bom católico sabe o que esta palavra significa: retorno glorioso de Jesus Cristo, no final do tempos, para estar presente ao Juízo Final. A palavra nos vem do grego *parousia* e é rigorosamente paroxítona, com acento na sílaba *-si-*.

O grande dicionário, todavia, registra "parúsia", coisa naturalmente relacionada com a chegada do demo...

## assim, assim

Quando alguém nos pergunta como vamos, e a nossa saúde não anda lá essas coisas, costumamos responder: *Vou assim, assim.*

Mas o dicionário do entulho não vai *assim, assim.* Vai "assim-assim".

## •ociocultural

íl assim que se escreve esta palavra, e o dicionário do entulho a regis-Ira corretamente, mas...

Mas no verbete **ambiente,** acepção 8, se vê diferente: "sócio-cultu-**ral".**

Afinal, para o dicionário a forma correta é esta ou aquela?

## crisântemo

É esta a única prosódia da palavra, no português contemporâneo. O calhamaço registra direitinho a palavra como proparoxítona, mas...

Mas no verbete **variante,** ao fornecer exemplo de variantes prosódicas, lasca lá um "crisântemo", a par de *crisântemo.*

Coisas do dicionário do entulho.

## "infectocontagioso"

A palavra é hifenizada: *infecto-contagioso.* O calhamaço, no entanto, registra "infectocontagioso".

Ora, se *infecto* é adjetivo, tem vida independente. Não há, por isso, nenhuma razão para a omissão do hífen. Repare que escrevemos sempre com hífen: *econômico-financeiro,* *gráfico-industrial,* etc.

## literocientífico / literomusical

É assim que se escrevem estas palavras, ou seja, sem hífen. Muitos grafam "lítero-musical"equivocadamente: *litero-* não é adjetivo, como *infecto,* do caso anterior, mas elemento prefixo-radical, a exemplo de *aero-* (aeroclube), *agro-* (agroindústria), *áudio-* (audiovisual), *bi-* (bicampeão), *cardio-* (cardiorrespiratório), *eletro-* (eletroeletrônico), *morfo-* (morfossintaxe), *musculo-* (musculomembranoso), *radio-* (radiopatrulha), *socio-* (socioeconômico), *turbo-* (turbocompressor), etc., que nunca exigem hífen, a não ser em raríssimos casos.

A primeira palavra *(literocientífico)* tem uma variante gráfica: *literário-científico.* Por que, agora, com hífen? Porque *literário* é um adjetivo, e não um elemento prefixo-radical. Curiosamente, o calhamaço não registra nenhuma daquelas duas palavras. Se registrasse, talvez o fizesse ambas com hífen. Só para ser coerente, naturalmente...

Veja, agora, caro leitor, como anunciou a nossa melhor revista semanal de informação, em manchete, a morte do Papa: *Morre o papa João Paulo II. Pontífice teve septicemia e crise "cardio-circulatória".*

## musculocartilaginoso / musculomembranoso / musculotendinoso

É assim que se escrevem tais adjetivos compostos, ou seja, sem acento no elemento *musculo-,* que, como vimos no caso anterior, não exige hífen.

Os consulentes daquele formidável dicionário encontrarão no verbete **diafragma** uma novidade, que também não chega a ser uma GRANDE novidade. O mais curioso é que o dicionário não registra a referida palavra.

## destarte / dessarte

As duas formas existem. Mas nenhuma delas se classifica como advérbio; trata-se de palavra denotativa de continuação (v. **Nossa gramática contemporânea).**

Eis, porém, o que escreveu um jornalista, que também, nas horas vagas, põe-se a professor eletrônico, para dirimir as dúvidas das pessoas (que quase sempre acabam ficando ainda com mais dúvidas): *Quando o erudito deputado Roberto de Oliveira Campos usou o "advérbio"* ***dessarte*** *em um de seus artigos pela privatização, a bandeira maior do neoliberalismo, os ossos do padre Vieira chacoalharam de satisfação na Bahia, onde foi enterrado há trezentos anos: ele usou* ***dessarte*** *em um de seus sermões no Século 17.*

O calhamaço está com o jornalista: classifica a palavra como advérbio.

## franco-atirador

Como este composto é formado de adjetivo *(franco* = livre) + substantivo *(atirador),* ambos os elementos variam no plural: os *francos-atiradores.* Houve época em que se confundia o adjetivo com o elemento *franco-* = francês, o mesmo de *franco-alemão, franco-belga, franco-canadense,* etc. Daí por que se vulgarizou o plural *franco-atiradores,* que tem a preferência da mídia.

## peso-pesado

É assim que se escreve este nome do mundo do boxe, assim como estes: *peso-galo, peso-leve, peso-leve-ligeiro, peso-médio, peso-meio-médio, peso-meio-médio-ligeiro, peso-meio-pesado, peso-mosca* e *peso-pena.*

Muito bem. O dicionário do entulho, todavia, registra corretamente *peso-galo, peso-mosca* e *peso-pena,* mas incompreensivelmente "peso leve","peso leve ligeiro","peso médio","peso meio-médio","peso meio-médio ligeiro", "peso meio-pesado" e "peso pesado". Ou seja, faz uma lambança muito a gosto de crianças, que misturam tudo quanto podem, quando brincam. Mas só quando brincam...

## indochinês / indo-chinês

Convém não confundir. **Indochinês** é da península da Indochina, península do Sudeste asiático. **Indo-chinês** é da índia e da China ou entre esses dois países: *as relações indo-chinesas.*

Repare: a Indochina fica no *Sudeste* da Ásia. Pois bem. O dicionário do entulho, no entanto, traz justamente o oposto: que a referida península lica no "Sudoeste" asiático.

E agora?

## ISO

Esta é uma sigla inglesa. De *Internacional Standard Organization* = Organização Internacional de Padronização. O dicionário do entulho, no entanto, acusa: "International Organization for Standardization". Ora, como é que a sigla ISO pode sair dessa expressão? Por milagre?

## avultar

Este verbo não é pronominal. Portanto, ninguém "se" avulta. *Entre os cientistas do mundo, **avulta** Einstein. *** Entre os escritores brasileiros **avulta** Machado de Assis.* Neste caso, *avultar* significa *sobressair, destacar-se.*

Também na acepção de *crescer, aumentar, tomar vulto,* este verbo é rigorosamente intransitivo: *As baixas norte-americanas avultam no Iraque. *** O prestígio do PT só tem avultado com a extraordinária e surpreendente gestão do presidente Lula.*

O fantástico dicionário do entulho, no entanto, registra este verbo como pronominal, que ele não é.

## mala-sem-alça

Os nomes femininos de coisas, usados em sentido figurado, em referência a pessoas, passam a sobrecomum, no masculino. Assim, se *banana* (feminino) se aplica a uma pessoa, usamos: *Ele* (ou *Ela) é **um** banana.* Se *picareta* (feminino) se aplica a alguém, empregamos: *Esse homem* (ou *Essa mulher) é **um** picareta.* Se *laranja* (feminino) se aplica a uma pessoa, usamos: *Esse rapaz* (ou *Essa garota) é só **o** laranja, o chefão não aparece nunca.*

Muito bem. Passemos, agora, ao caso de *mala,* redução de *mala-sem--alça,* termo que se aplica no Brasil, como gíria, ao indivíduo cacete, chato, cricri, cuja companhia nunca é agradável ou bem-vinda. Trata-se, como *banana, picareta* e *laranja,* de um nome feminino de coisa, em referência a pessoas. Portanto, o nome é sobrecomum, e não comum-de-dois, como querem dicionaristas menos avisados. Portanto: *Esse dicionarista* (ou *Essa dicionarista) é **um** mala!*

Cremos ter sido claro...

## pé-de-atleta / pé-quente

E assim que se grafam estas palavras; a primeira é da área dermatológica (micose); a segunda se aplica à pessoa que dá ou traz sorte. O dicionário do entulho registra ambos os verbetes corretamente, mas...

Mas no verbete **pé,** registra os subverbetes "pé de atleta" e "pé quente", reproduzindo a significação dada naqueles verbetes.

Afinal, o dicionário provoca "pé de atleta" ou pé-de-atleta? É pé-quente ou pé-frio?...

## teimar "com insistência"

Visível redundância: quem teima já procede com insistência. Mas o dicionário do entulho é um poço sem fundo de inépcias. No verbete **amuar,** acepção 3, traz a redundância.

É por isso que aqui a gente sempre teima: **Não erre mais!** (Será que, para alguns, vale a insistência?)

## derivar

É verbo transitivo indireto, usado pronominalmente ou não, na acepção de originar-se, provir; resultar: *Jibóia **deriva*** (ou ***se deriva)*** *do tupi.* *** ***O*** *queijo e o iogurte **derivam*** (ou ***se derivam)*** *do leite.*

Quanto a este verbo em particular, caro leitor, queira ir ao calhamaço!

Tomamos o verbete **derivar** apenas como o modelo de bagunça que campeia na obra, na classificação dos verbos. A ânsia por economia de espaço obrigou o autor a englobar várias classificações num só item. O resultado é um imbróglio que confunde até mesmo o consulente mais atento. Acrescente-se a esse imbróglio a escolha infeliz do autor de usar nomenclatura arcaica: *bitransitivo,* p. ex.

Outro fato que salta aos olhos é a classificação errônea dos verbos. Em **derivar,** p. ex., na acepção **10,** o que para o autor é transitivo indireto, na verdade se trata de verbo intransitivo, já que campeia confusão, em toda a obra, entre objeto indireto e adjunto adverbial, mal de que padece também o dicionário secular.

E saber que uma revista semanal de informação alardeou, à época do seu lançamento, a obra como a melhor no gênero já publicada no Brasil. Cego julgando cego dá nisso.

*Habemus papam dominum?*

## parodiador = parodista?

Não. O *parodiador* é aquele que faz imitações humorísticas. Existem apresentadores de televisão que têm muitos *parodiadores,* alguns bons, outros sofríveis. Quantos *parodiadores* não tem o presidente?

*Parodista* é a pessoa que escreve paródias, é o escritor ou a escritora de paródias.

O dicionário do entulho, todavia, registra ambos os termos como sinônimos. Nele, normal.

## apogeu / perígeu

Todo o mundo sabe disso, não é novidade nenhuma: *apogeu* é o oposto de *perigeu.* Em astronomia, *apogeu* é o ponto da órbita de um planeta ou de um satélite no qual este se encontra mais **distante** da Terra; *perigeu* é o ponto da órbita de um planeta ou de um satélite no qual este se encontra mais **próximo** da Terra.

Em sentido figurado, *apogeu* significa o grau máximo de desenvolvimento ou de perfeição que uma pessoa ou uma coisa pode alcançar, o ponto ou grau mais alto. Uma mulher pode estar no *apogeu* da sua juventude. Uma pessoa pode estar no *apogeu* da carreira. Minha geração viu o *apogeu* e a derrocada do império soviético.

Ora, se *apogeu* e *perigeu* são antônimos, como pode *perigeu* significar também o ponto ou grau mais alto? Pois é. O calhamaço veio mesmo para mudar tudo.

*Habemus papam dominum?*

## "mais" inferior / "mais" superior

Qualquer estudante mais ou menos aplicado já sabe que *inferior* e *superior* são palavras que não admitem modificadores, como "mais", "menos", "muito mais", "muito menos", etc. Também não aceitam "que" ou "do que", mas apenas *a: Esse produto é inferior ao meu.* *** *O preço desse carro é superior ao meu.*

Muito bem. Espantar-se-ia o caro leitor se deparasse "mais inferior" num dicionário?Talvez não. Talvez sim. Pelo sim, pelo não, queira consultar o verbete **escorralho.** Do calhamaço, naturalmente.

## cabra-da-peste / cabra-da-moléstia

É assim que se grafam corretamente estas palavras, mas se o caro leitor for a qualquer dicionário vai encontrar "cabra da peste" e "cabra da moléstia". Ora, se as duas palavras se prestam a função adjetiva *(homem cabra-da-peste, mulher cabra-da-moléstia),* como não hifenizar? E por que com hífen trazem esses mesmos dicionários todas estas palavras: *cabra-de-chifre, cabra-de-eito, cabra-de-peia, cabra-escovado, cabra-feio, cabra-macho e cabra-sarado* e não *cabra-da-moléstia e cabra-da-peste?*

Só os ETs explicam.

## habeas corpus / habeas data

É assim que se escrevem estes latinismos, ou seja, sem acento nem hífen.

O dicionário do entulho, contudo, registra *habeas corpus* (corretamente), ao lado de"hábeas-data". Sua coerência é formidável!

## habitar

Este verbo pode ser transitivo direto ou intransitivo. Como transitivo

direto: *Habito uma casa modesta.* *** *Ele habita favela.* Como intransitivo: *Habito numa casa modesta.* *** *Ele habita em favela.*

Como intransitivo, costuma ter adjunto adverbial regido da preposição *em* *(numa casa modesta,* ***em*** *favela).*

Qualquer estudante da oitava série sabe distinguir um objeto indireto (complemento de verbo transitivo indireto) de um adjunto adverbial de lugar.

O dicionário do entulho, todavia, revela desconhecer a diferença entre um e outro, e isto está claro em muitos verbetes, inclusive em *habitar,* em que considera transitivo indireto um verbo que é claramente intransitivo.

## descongelar

Cubos de gelo *se* descongelam: o verbo *descongelar* (derreter-se, degelar) é rigorosamente pronominal. No microondas, uma carne congelada *se* descongela mais rapidamente.

O dicionário do entulho, todavia, registra o verbo também como intransitivo. Nele, normal.

## "aquarelismo"

O caro leitor já ouviu falar em "aquarelismo"? Decerto que não: a palavra não existe! Mas se um consulente quiser saber o que é *aquarelista* e for a certo dicionário, verá que lá está a palavra (que nem mesmo o próprio registra).

Afinal de contas, o que será"a-qua-re-lis-mo"? Onde encontrar esse verbete? Não consigo. Fico, então, sem saber o que é"aquarelismo". Quem sabe se na próxima edição...

## consistir

Este verbo rege a preposição *em,* e não a preposição "de": *O esqueleto humano consiste* ***em*** *muitos ossos.* *** *Minha biblioteca consiste* ***em*** *algumas obras raras.* *** *A Terra consiste* ***em*** *três quartos de água.* *** *A vida consiste* ***em*** *muitos anos de tolices e* ***em*** *muito poucos anos de lucidez.*

Muito bem. O dicionário do entulho traz exemplos perfeitamente corretos com este verbo. Mas ao usá-lo, ao longo da obra, faz justamente o oposto. Consulte os verbetes **escorregador** e **número!**

Podemos até afirmar, para sermos bem didático, que o dicionário consiste **em** muitos equívocos...

## E que "tudo mais" vá para o inferno!

A exemplo de *todo o mundo,* a expressão em destaque não dispensa o artigo. Portanto, quero, sim, que você me aqueça neste inverno. E que *tudo* ***o*** *mais* vá para o inferno!

### "questã"

Quem usa "questã "está perto de usar também"coraçã","limã","mamã", mHã","sabã","bobã", que tudo é uma simples *questão* de cultura.

Há ainda os mais corajosos, que dizem "kuestã"! Aí é mesmo para (icar maluco! Certa feita uma senhora, muito simpática, depois de uma do nossas palestras, chegou e nos convidou, à queima-roupa: *Professor, eu faço "questã" que o senhor jante com a gente.*

Está claro que preferi a fome...

### "mendingo" / "menas"

"Mendingo"e"menas", a exemplo de"questã", são farinha do mesmo saco.

### pantera negra

Não se trata de uma espécie diferente de animal. Trata-se apenas de uma pantera que, por ter excesso de melanina, apresenta a pelagem totalmente negra. Por isso, não há nenhuma necessidade de se usar o hífen aqui. O dicionário do entulho, todavia, registra "pantera-negra". Na década de 1960, nos Estados Unidos, havia os *Panteras Negras* ou os"Panteras-Negras"? (Eita perguntinha marota!)

### penal

Não se usa esta palavra, estritamente do meio jurídico, na linguagem do futebol. A prática esportiva só conhece *penalidade máxima* ou *pênalti,* quando a infração do jogo é cometida dentro da grande área. O dicionário do entulho, no entanto, registra a palavra por *pênalti.*

### de *somenos* importância

Assim como não existe "menas", também não existe "somenas". Recentemente, porém, um presidente de tribunal, numa entrevista pela televisão, afirmou com toda a segurança que o problema da morosidade na justiça é de "somenas" importância.

O que, então, é realmente importante?

### nomes das horas

Os nomes das horas exigem o artigo: *Trabalho* ***das*** *8h* ***às*** *18h.* (E não: *Trabalho "de" 8h às 18h.)* *** *Cheguei por volta* ***da*** *meia-noite.* (E não: *Cheguei por volta "de" meia-noite".)* *** As *lojas, aqui, abrem a partir* ***das*** *9h.* *** *Esperei-a desde* ***as*** *duas horas.* *** *Antes do meio-dia estarei lá.* *** ***Da*** *zero hora aos trinta minutos, passamos muito frio lá.* *** *Telefone-me por volta* ***do*** *meio-dia!* *** *Estarei de volta entre* ***as*** *duas e* ***as*** *três horas.* *** *Só a encontrei depois* ***da*** *uma da madrugada.*

É justamente esse artigo que justifica o uso do acento da crase em: *Voltei às nove horas.* *** *Cheguei às 15h.*

Se não houvesse o artigo, frases que tais dispensariam o acento grave, porque não haveria a ocorrência de crase. Por isso, quem usa o acento grave aí e não usa o artigo nas frases como as que se viram acima não sabe nem mesmo por que acentua o à ou às.

Alguns jornalistas acham exagero exigir o uso do artigo antes dos nomes das horas. O valor ou a importância das coisas, para esses, certamente, se mede pelo seu tamanho.

Na mídia: *Morre Joel, campeão mundial em 1958: o corpo será velado a partir "de" 19h30 na sede da Gávea. *** Entre "10h40"da manhã e "21h20"da quinta-feira passada, Paulo Maluffez um programa diferente dos que costuma cumprir em suas férias anuais em Paris. *** Uma estudante foi morta com várias facadas por volta "de" meia-noite, logo após chegar ao prédio com um homem que seria o seu namorado.*

Veja, agora, caro leitor, o exemplo que encontramos no verbete *bacurau,* acepção 5, em ambos os dicionários: *ônibus que circula entre "uma" e "seis"horas da manhã.*

Estamos ou não estamos muito bem de dicionários?

## lateral-direita

O futebol, na verdade, possui *lateral-direita,* e não "lateral-direito". Por isso, pode afirmar, sem medo de errar: *O maior lateral-direita do mundo foi Djalma Santos.*

Se *lateral* e *ponta* são palavras femininas, só poderemos ter (corretamente, claro): *lateral-direita, lateral-esquerda, ponta-direita, ponta-esquerda.* Por que é que nenhum jornalista usa "ponta-direito", "ponta-esquerdo"? Por algo será...

Nos dias que correm, alguns substituíram *lateral* por *ala.* Mas nenhum deles usa"ala-direito" nem"ala-esquerdo". Todos dizem ou escrevem direitinho: *ala-direita, ala-esquerda.*

O nosso futebol é pentacampeão mundial. E os nossos jornalistas esportivos?

EM TEMPO - O dicionário do entulho registra *lateral-direita* a par de *lateral-direito,* assim como *lateral-esquerda* a par de *lateral-esquerdo.* Seu autor levou em consideração o uso, apenas o uso, ao aceitar os compostos aqui impugnados. Há certos dicionários que têm como lema "o que cair na rede é peixe".Tudo para aumentar o número de verbetes. Qualquer dia destes, certos dicionários ainda vão trazer "mendingo", "mortandela", "menas", "questã", "ignomia", "idoniedade", "espontaniedade" e outras palavras populares. Aí, então, já não será preciso ter dicionário em casa.

## "De sábado"

Quando algo se repete, nos dias da semana, usamos o nome do dia no plural, antecedido da preposição *a:* ***Aos sábados*** *não há expediente. *** Ns* ***segundas-feiras*** *tenho aula de Português. **** ***Aos domingos*** *não saio de casa.*

Quem, na década de 1960, não cantou, pelo menos uma vez, aquela bela canção americana *Never on Sunday?* Ou seja: *Nunca* ***aos domingos.***

NÀ

Há pessoas, no entanto, que se sentem melhor cantando "Nunca de domingo". Assim como há os que se sentem melhor falando em"lateral-direito" e "lateral-esquerdo". Quem é sensato respeita; quem tem juízo nunca acata.

## O *Titanik* "afundou"

Esta informação não traduz inteiramente a verdade. Sim, porque o *Titanik* em verdade ***se*** *afundou* logo na viagem inaugural, quando se dirigia da Inglaterra para os Estados Unidos, na noite de 14 para 15 de abril de 1912, depois de chocar-se com um *iceberg.*

Há uma diferença abissal entre *afundar (*= ir ao fundo) e *afundar-se* (= ir a pique, naufragar). Um mergulhador ou um submarino *afunda e* logo emerge. Muito diferente é um submarino *afundar,* e outro *afundar-se:* para um, trata-se de operação meramente de rotina; para outro, nem tanto...

Golfinhos, baleias e jacarés *afundam* e logo voltam à tona.

Há dicionários que confundem *afundar* com *afundar-se.* Não chega a causar AQUELA surpresa nem AQUELE espanto...

Uma curiosidade: no Brasil se pronuncia "Titanique", que em verdade é uma grande tolice. O navio era britânico, e não francês. A pronúncia verdadeira é *taiténik.*

## jogo de "pimbolim"

O jogo que se faz com 22 bonecos numa caixa de madeira, imitantes a jogadores de futebol, é o *pebolim.*

Um famoso treinador, porém, depois de uma grande vitória do Palmeiras sobre o São Paulo (4 x 2), quando tudo indicava fácil triunfo são--paulino, talvez empolgado pelo placar elástico, que teve até gol de chapéu (Alex), declarou solenemente que futebol não é jogo de "pimbolim".

Isso não existe. Nem em Luxemburgo...

## semi-

Este prefixo exige hífen apenas antes de *vogai, h, r* ou *s: semi-automático, semi-herbáceo, semi-reta, semi-sintético.* Não há hífen em nenhum outro caso. Os revendedores de veículos novos têm geralmente um setor de carros usados, que eles tratam por "semi-novos". A partida que antecede a final de uma competição não é *semifinal.* Para os jornalistas esportivos, trata-se de"semi-fmal".

## mini-

Este elemento, oficialmente, exige hífen apenas antes de **h.** Portanto, segundo a Academia Brasileira de Letras, grafaremos: *minissaia, minissérie, minisselo, minirrestaurante, minirrevólver,* mas: *mini-harpa, mini--hélice, mini-hotel,* etc.

A nosso ver, todavia, trata-se de um prefixo que deveria exigir hífen, assim como *arqui-,* antes não só de **h,** mas também antes de r e s: *mini--restaurante, mini-revólver, mini-saia, mini-série, mini-selo,* etc. Portanto, antes de qualquer outra letra, não há hífen. Mas os jornalistas parecem ignorar isso. Veja como escrevem: *Robinho fica na reserva no "mini-coletivo" da seleção.*

Se a Reforma Ortográfica realmente vier, todos esses probleminhas sobre o hífen serão amenizados. Resta saber quando virá.

## Quem nasce no Acre é...

Oficialmente, *acreano* (forma incorreta); na verdade *acriano:* é a vogai *i* que se usa neste caso, com queda da vogai final *e.* Repare: *Açores/açoriano, Goethe/goethiano, Iraque/iraquiano, raqueiraquiano,* etc.

O Vocabulário Oficial, no entanto, registra *acreano.* E o sapo, quem tem de engolir somos nós. Aliás, o Vocabulário Oficial nos obriga não só a engolir esse sapo, mas muitos outros, cada um maior que o outro.

Durma-se com um coaxar desses!

Por falar em sapos, há vários deles em nosso léxico, que andamos engolindo faz tempo. A Academia Brasileira de Letras, responsável pelo Vocabulário Oficial, tem de se manifestar sobre eles. Tem de nos explicar, por exemplo, por que não agasalha as formas legítimas *carcassa, cassarola, chererém, corsel, gengibirra, harpão, liaça* e *miçanga* que, pelos seus étimos, jamais poderiam ser grafadas como estão no Vocabulário Oficial. E por que *engazopar,* se se trata de derivada de *gás?* E por que *cardeal,* se a palavra nos vem do latim *cardinalis?* Onde foram achar esse e? E por que *chupim,* se a palavra nos vem do tupi *xopil* E por que *chute,* se o grupo *sh* dó inglês se representa com *x* em português *(xampu, xerife,* etc.)? Não seria um verdadeiro *chute?*

Em vez de nos dar resposta a essas perguntas, o Vocabulário Oficial se preocupa em incluir palavras como *inro* (porta-remédio, em japonês), *charruká* (festa judaica), *gefiltefish* (bolinho de peixe), *tzedaká* (boa ação), etc., que absolutamente não correm entre nós. Importante e urgente, sim, é consertarmos primeiro as nossas inépcias.

A Academia Brasileira de Letras foi fundada por Machado de Assis e outros intelectuais contemporâneos seus para - precipuamente - cuidar da língua portuguesa. Sendo assim, a entidade tem de nos explicar por que, por exemplo, só admite as formas *engulimos* e *engulis,* do presente do indicativo, se o verbo é *engolir.* Tem de explicar por que agasalha a forma *estripulia* (forma incabível em Portugal, em que só se usa *estrepolia).* Tem de explicar por que *estmpício,* se o étimo é *stroppicio* (italiano) e em Portugal só se tem corretamente *estropício.* Tem de explicar por que acolhe a forma *mezanino,* se os *zz* italianos dão necessariamente c ou *ç* em português. A coerência e a história nos levam a apenas uma grafia: *meçanino.* E o caso de *muçarela* ou *moçarelal* Quem engole a forma pro-

posta *mozarela?* Tem de explicar por que abona *extensão* a par de *estender,* se são palavras da mesma família.

Por que a Academia nos faz escrever *perônio,* se o étimo é o grego *perone,* através do latim *peroneusl* Por que fazer conviverem *perônio e peroneal?* Por que *sustenido,* se o étimo, seja o espanhol *sostenido,* seja o italiano *sostenuto,* só nos leva a grafar com **o** na primeira sílaba? Por que a Academia prefere a grafia *acrídeo* a *acrídio* (a oficial em Portugal), se a palavra provém do grego *akridion,* diminutivo de *akris* = gafanhoto? Por que a Academia registra *xucro,* se a palavra tem por étimo *chucre* que, em espanhol, significa *recém-chegado* e, como tal, *ignorante das coisas americanas?*

A Academia Brasileira de Letras precisa explicar por que registra *neoprene* e *neopreno* (corretamente), mas apenas *isopreno.* Precisa explicar por que não manda acentuar os substantivos *fôrma* e *sêde,* se os acentos gráficos em tais palavras são absolutamente necessários. Seria interessante, ainda, que a Academia nos explicasse por que considera *mini-* um elemento prefixo-radical, e não um prefixo.

Esperamos ainda da Academia Brasileira de Letras uma solução para o caso dos nomes próprios, alguns de origem indígena, como *Mossoró* e *Sergipe,* e outros de origens as mais diversas, como *Gibraltar,* que deveriam, todos três, de acordo com seus étimos, ser grafados, respectivamente, *Moçoró, Serjipe* e *Jibraltar.*

A Academia Brasileira de Letras precisa, enfim, começar a atuar como a Academia Francesa, por exemplo, que produz o *Dicionário,* uma obra séria, o árbitro oficial da língua francesa. Afinal, já temos mais de quinhentos anos! Não está na hora de criarmos juízo?

EM TEMPO - Sobre a Academia Brasileira de Letras, eis o que trouxe uma revista semanal de informação, na ed. 1.715, pág. 144: *Há muito tempo, a Academia Brasileira de Letras não produz nada de relevância cultural. Gera, no máximo, algumas fofocas curiosas. E, mesmo assim, só de vez em quando.* Como se vê, muito longe dos princípios que nortearam Machado de Assis a fundá-la.

## piorar "mais" / piorar "ainda mais"

Visíveis redundâncias, porém, muito cometidas nos dias que correm, principalmente por repórteres e jornalistas. Eis um exemplo: *Em São Paulo, 66% da população consideram o trânsito da cidade ruim e 67% acreditam que a situação vai piorar ainda "mais".*

Numa revista: *Empresas e prestadores de serviço fazem malabarismos para evitar que a situação piore "ainda mais ".*

Há certos jornalistas que se comprazem mais em fazer malabarismos com a língua...

O mais trágico, porém, aconteceria num fatídico dia de abril de 2003. Um jornalista escreveu: O *clima no Palmeiras, já conturbado depois da*

*derrota por 7 a 2 para o Vitória, na última quarta-feira, piorou "ainda mais" nesta sexta-feira, na véspera da estréia da equipe na Série B do Campeonato Brasileiro, contra o Brasiliense, em Taguatinga.*

Piorar "ainda mais", principalmente no Parque Antártica, em 2002, era impossível. A verdade é que o Palmeiras *piorou tanto,* mas *piorou tanto* naquele ano, que caiu para a segunda divisão do campeonato brasileiro.

Reparou? Não foi preciso usar "mais "nem "ainda mais".

## adiar "para depois"

Nem é preciso comentar: trata-se de uma redundância palmar. Há, porém, variantes. Repare nesta frase de um economista, escrita num periódico: *Crédito, ou confiança, que um estabelecimento dispensa ao consumidor permite adiar o cumprimento de uma obrigação "para uma oportunidade posterior".*

Mais curioso ainda seria se um estabelecimento adiasse o cumprimento de uma obrigação "para uma oportunidade anterior"...

## melhorar "mais"

Redundância explosiva, como as anteriores. Semelhante a "cair para baixo". Ou seja, coisa de "demente mental"... O governo federal, no entanto, cometeu-a. Em 1996, durante o primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso, um de seus anúncios pela televisão anunciava uma melhora para todos os brasileiros. Então, se lia na tela: *Para uns, "melhorou mais", para outros "melhorou menos", mas que melhorou, melhorou.*

Naturalmente, o razoável seria que lêssemos de outra forma. Assim, por exemplo: *Para uns, melhorou* ***muito,*** *para outros melhorou* ***pouco,*** *mas que melhorou, melhorou.*

## ir para

Quem vai **para** algum lugar, vai para ficar ou demorar bastante; quem vai passear ou mesmo trabalhar às pressas e tenciona regressar brevemente, vai **a.** Portanto: *Vou* ***a*** *Santos todos os fins de semana.* *** *Nas férias irei* ***a*** *Madri.* ****Vou* ***a*** *Fortaleza, mas voltarei amanhã.* *** *Faz dez anos que Bernadete foi* ***para*** *Lajes.* * * * *Depois disso nunca mais a vi.* *** *Querida, escolhi nossa futura cidade: iremos* ***para*** *Teresópolis!*

Assim, não se usa com propriedade, por exemplo, a preposição **para** em frases assim: *vou "para" a praia, vou "para" a piscina, vou "para" o clube.* A não ser que a intenção seja morar ali definitivamente, o que não parece coisa razoável.

Num jornal: *Para ver uma rena ao vivo, só indo "para" o pólo Norte ou "para"a Eurásia (a parte superior da Europa), seu ambiente natural.*

Nem tanto...

Noutro jornal: *Uma empresária foi vítima de assalto e acabou baleada no braço quando levava três filhas para a escola.*

E as filhas ficaram lá na escola, nunca mais voltaram pra casa?!...

## dar à luz uma criança

É assim que se constrói o verbo *dar* nesta expressão. Eis mais exemplos: *Minha vizinha deu à luz gêmeos.* (E não: *Minha vizinha deu "a"luz "a"gêmeos.)* *** *A elefanta deu à luz um macho.* (E não: *A elefanta deu "a" luz "a"um macho.)*

Num jornal: *Cigarra consegue dar à luz "a" mais de 300 filhotes.* (E muitos pensaram que o verdadeiro exagero estava nos 300...)

## assim como / bem como

Quando entre os sujeitos houver a expressão *assim como* ou *bem como,* o verbo concordará sempre com o primeiro sujeito: ***Eu,*** *assim como vocês,* ***sou brasileiro.*** *** ***Vocês,*** *bem como eu,* ***são brasileiros.*** *** ***O Brasil,*** *bem como todos os países sul-americanos,* ***épobre.*** * * * ***O homem,*** *assim como todos os seres humanos,* ***ê mortal.*** *** ***Nós,*** *assim como elas,* ***chegaremos*** *a um acordo.* *** ***Elas,*** *bem como nós,* ***chegarão*** *a um acordo.*

De um jornalista: *A partir de agora, a publicação de livros, revistas, jornais e panfletos, bem como sua importação e comercialização, "dependerão " de autorização prévia das autoridades.*

## berinjela ou beringela?

O Vocabulário Oficial traz apenas a primeira forma, mas a etimologicamente correta é a segunda.

Um dicionarista registra a forma *beringela* como correta, fato que tem um lado positivo e um negativo. O positivo fica por conta da iniciativa corajosa, digna de um autêntico dicionarista; o negativo fica por conta da confusão em que a iniciativa pode meter alunos, que já não saberão como escrever a palavra corretamente, e professores, que não poderão corrigir nem uma nem outra forma de seus alunos, já que campeia a bagunça, a desordem, o caos em relação à palavra.

Levado pelo rigoroso senso de disciplina que nos norteia, nossa posição é de defesa intransigente da forma *berinjela,* até que a nobre Academia Brasileira de Letras se prontifique a registrar a outra forma, mais consentânea com a etimologia. Os luminares acadêmicos se basearam no espanhol *berenjena* para fixar a grafia da nossa palavra, mas se esqueceram do persa *(badingan)* e das demais línguas latinas, com exceção do espanhol, que só a registram com *g,* caso do catalão *alberginia* e do francês *aubergine.*

O que me surpreende, todavia, no dicionarista que dá preferência à Ibrma *beringela* é o fato de não proceder da mesma forma em relação a outras palavras, cujo étimo leva à escrita diferente daquela registrada no Vocabulário Oficial. *Carcaça,* por exemplo. A palavra, em rigor, se levado

em eonta o seu étimo, só poderia ser escrita com *ss: carcassa.* Nada nos faz escrever com ç, a não ser o registro oficial. Por que, então, o dicionarista não mudou também a grafia da palavra?

Por que não mudou a grafia de *arpão* para *harpão?*

Por que não mudou a grafia de *caçarola* para *cassarola?*

Por que não fez constar em seu dicionário a grafia *corsel?*

Por que não mudou a grafia de *giz* para *gis,* já que o étimo só nos leva a esta forma?

São perguntas que, infelizmente, já não podem ter resposta, uma vez que seu autor já não está entre nós.

## malograr

Este verbo é pronominal, no sentido de fracassar, gorar: *Os esforços para a paz **malograram-se.*** * * * *Os planos do governo para erradicar a fome **malograram-se.***

Escreve um jornalista carioca sediado em Brasília: *Funcionalismo público promete greve geral para amanhã, mas parece que vai "malograr".*

No editorial de um jornal: *Esse plano, como se vê, tem tudo para "malograr". Por isso, se a realidade da educação básica já é trágica, como atesta o Saeb, ela poderá piorar "ainda mais" se Lula não mandar seu ministro da Educação deixar de lado a demagogia e preparar um novo plano mais realista e compatível com a realidade financeira do Estado.*

Será que tudo mesmo vai *piorar?...*

## bastidores

É palavra só usada no plural (lado íntimo ou curioso, pouco sabido do público): *os bastidores da política, os bastidores das televisões.*

Dia destes, uma repórter começou seu trabalho assim: *Comenta-se "no bastidor" que...*

Repórter que já começa dando notícia dessa forma não deve conhecer nada do que acontece nos *bastidores.*

Outra repórter nos informava que "no bastidor" já se sabia que o ministro dos Transportes não seria exonerado pelo presidente.

Na verdade, nenhuma conhece o trabalho de *bastidores...*

## história / estória

Urge estabelecer a distinção entre *história* e *estória,* como já fizeram João Ribeiro, Câmara Cascudo e tantos outros insignes brasileiros. Guimarães Rosa, um de nossos mais revolucionários e notáveis escritores, escreveu *Primeiras estórias* (contos, 1962). Todos eles teriam cometido equívoco? Todos teriam vacilado? A distinção entre as formas *história* e *estória* é uma questão de bom-senso, e não propriamente de etimologia, de ciência.

NÀ

A forma *estória* nos vem do inglês *story,* trata-se em verdade de um cstrangeirismo como outro qualquer e merece, sim, toda a consideração. ()u você também é avesso aos estrangeirismos? Se for, não se envolva com informática! Se for, não se meta com futebol nem muito menos com esportes radicais! Se preferir ser ranzinza, ranheta, você vai acabar ficando confinado numa jaula lingüística. Não vale a pena: a vida é curta!

Ademais, *estória* não é só um anglicismo, senão uma forma arcaica do próprio português. João Ribeiro, o gramático, em 1919 já admitia o seu emprego, a par de *história.* Foi ele quem sugeriu o emprego da palavra. Câmara Cascudo, um grande brasileiro, acatou-lhe a sugestão, além de tantos outros insignes escritores nacionais.

*História* é ciência, é o que jamais se inventa; é o que existe ou o que existiu como fato; é fato comprovado por documentos. Sendo assim, *estórias* jamais ganharão o *status* de *histórias.* Nenhuma *estória* faz *história;* vira conto, narrativa. Mas a *história* propicia muitas *estórias* engraçadas. Houve já um autor nacional que resolveu contar-nos passagens dos bastidores da nossa história. Intitulou a obra desta forma: *Estórias da nossa história.* Perfeito.

Ademais, *estória* não é só um anglicismo, senão uma forma arcaica do próprio português. João Ribeiro, o gramático, em 1919 já admitia o seu emprego, a par de *história.* Foi ele quem sugeriu o emprego da palavra, na acepção de balela, lorota, conversa mole ou na de ficção: *Não me venha com* ***estórias!*** *Criança gosta mesmo é de* ***estórias*** *em quadrinhos.*

Repare ainda nestas frases, em que só cabe mesmo o emprego de *estória,* aqui equivalente de *complicação: Deus me livre de* ***estória*** *com a polícia! Não há uma pessoa na cidade que queira* ***estória*** *com essa gente.* É bem verdade que muitos de nossos escritores, principalmente os regionalistas, relutaram em usar *estória* e, na dúvida, empregavam mesmo *história,* para não criarem polêmica.

É mais do que sabido que a única grafia cientificamente defensável, no português, é *história.* Não é esse, porém, o ponto que se discute. Se as maiores autoridades em lexicografia latina já registravam *história* por "causo" ou por *conversa fiada,* é hora de estabelecermos a distinção, para maior clareza da comunicação, por bom-senso (que não faz ciência, mas é virtude sempre indispensável). Um ladrão ou um bandido, à frente de um juiz, nunca jamais contará a *história;* preocupar-se-á com *estórias,* porque a verdade conspira contra ele.

O *Dicionário do folclore brasileiro,* de Luís da Câmara Cascudo, traz a forma *estória,* além da informação de que em Portugal o conde de Sabugosa, no prefácio de *Damas de tempos idos,* propõe a forma que tanta abominação causa a certos autores e escritores brasileiros, muitos deles caturras por excelência.

Caldas Aulete registra a forma *estória,* além de outros lexicógrafos de nomeada. Nós estabelecemos a diferença e fazemos questão de nos nortear por ela. O leitor que dela não se convencer estará livre para en-

cerrar-se definitivamente na *história,* quando contarem "causos": não ofende a língua, mas agride firmemente o bom-senso!

Por falar em "causo" e só por mor de ilustração, eis um interessante, que talvez o ajude, caro leitor, a decidir por esta ou aquela forma, conforme sua consciência:

Numa cidadezinha do interior, dois compadres conversavam aproveitando o clarão da Lua. Cadeira na calçada, pito na boca e o costumeiro pijama listrado. Aí, um compadre diz pro outro:

- Conta uma daquelas ***estórias*** suas, compadre! A Lua *tá* tão boazinha, *tá memo* pra gente *proseá.* Como foi *memo* sua *viage* à Bahia? Deu tudo certo?

Vendo que não podia fugir do papo, o compadre não teve jeito:

- Que certo, que nada, compadre, quase que eu morro!

Aparteando com um *Num diga!,* o compadre viu logo que ia sair **estória.** Encostou mais a cadeira, e o outro foi narrando sua aventura.

- Quando o desgraçado do navio ia se aproximando da costa da Bahia, compadre, não é que foi *batê* logo numa pedra e arromba todo o casco? E haja água pra *entrá* por tudo quanto era buraco!

O compadre, cada vez mais interessado pela **estória,** procurando ajudar o outro, ajuntou:

- E *vosmecê,* compadre, que nunca nadou nem *memo* em riacho daqui, que tem somente uns *parmo* de fundura, hem?

E o outro prosseguiu:

- Mas na hora da morte, compadre, a gente é capaz de tudo! Quando vi o aguaceiro *entrá* porta adentro do meu quarto do navio, subindo *parmo* a *parmo* numa ligeireza danada, e a porta depois *fechá* com o ferrolho emperrado, tive uma idéia pai-d'égua.

- Conta, conta, compadre - acudiu o outro, cada vez mais interessado.

- Então, abri aquela portinha redonda de vidro que fica no quarto pra gente *oiá* o mar; tirei toda a roupa, peguei minha latinha de vaselina, besuntei todo o corpo e... tchibung! caí no mar e *taquei* a *nadá* em direção a terra.

- Nadando *memo,* compadre? - aparteou o outro.

- Nadando que nem um cão, guiado por umas *luizinha* que *piscava* lá longe. Mas isso *num* é tudo! O *pió* é que quando eu *tava* meio caminho andado, já perto da terra, não é que me vi cercado de tubarão por *tudo* quanto é canto, cada um querendo me *ganhá* primeiro, compadre, e por baixo!!!

- Ixe, nossa mãe!

- Aí, compadre, *num* tive dúvida, saquei da minha *pexera* e fui degolando de um em um.

- Mas como, compadre?! - atalhou o outro - *vosmecê num* disse que tinha saído do navio nuzinho em pêlo?

A esta altura, o compadre estourou:

Basta, compadre, basta! Já vi que *vosmecê num tá* querendo *memo* ouvi **estória.**

E retirou-se, zangado.

Há muita gente séria por aí que só gosta de ouvir *histórias* desse tipo...

## Um time pode perder "do" outro?

Não, um time *ganha* ***do*** outro, mas *perde* ***para*** o outro: *Faz tempo que o Flamengo ganha* ***do*** *Vasco da Gama.* * * * *Faz tempo que o Flamengo não perde* ***para*** *o Vasco.* * * * ***O*** *Corinthians andava ganhando* ***de*** *todo o mundo.* * * * ***O*** *Palmeiras perdeu até* ***para*** *o ASA, de Arapiraca.*

## acordo entre "Brasil" e "Argentina"

É comum nossos jornais trazerem manchetes assim, ou seja, sem o artigo antes de nomes que o exigem. Ora, alguém mora "em" Brasil ou "em" Argentina?

Eis uma notícia de jornal: *Mais de 700 mulheres australianas posaram nuas hoje para protestar contra o provável envolvimento do seu país no caso de uma guerra entre "Estados Unidos"e "Iraque".* (Ora, quem é que vai a "Estados Unidos" e foge "de" Iraque?)

Escreve no Jornal da Tarde conhecido e respeitado editorialista: *Parece que Lula e Bush vão surpreender o mundo com uma parceria inédita entre "Brasil"e "Estados Unidos".*

É o caso de perguntar: será que o jornalista conhece o Brasil?; será que ele sabe onde ficam os Estados Unidos? Ou ele mora mesmo é "em" Brasil e viaja sempre "a" Estados Unidos?

Outro jornalista carioca, mas sediado em Brasília, escreve: *A guerra entre "EUA"e "Iraque"é cada vez mais iminente e colocará em frangalhos a economia mundial.*

A guerra, viu-se depois, não colocou em frangalhos apenas a economia mundial, mas também evidenciou o frangalho em que se encontra a pena de muitos jornalistas.

É o mesmo jornalista que escreve: *Vejam a contradição: "EUA"e "Inglaterra" estão destruindo Bagdá e outras cidades iraquianas, mas já escolheram as empresas que irão participar da reconstrução.*

Vejam que contradição!...

Esta é de outro jornalista: *"França" e "Brasil" se aproximam ainda mais graças a encontro entre representantes dos dois países.*

O caro leitor, por acaso, já visitou "França"? Conhece "França"? Mora "em" Brasil? Vive "em" Brasil? Trabalha "em" Brasil? Já viajou "por" Brasil?

Noutro jornal: *Segundo o presidente da UIA (União da Indústria Argentina), Héctor Mendez, Furlan é o ministro brasileiro que mais preocupa os empresários argentinos. Para ele, é necessário a adoção de uma política empresarial entre "Brasil"e "Argentina"que seja capaz de corrigir as assimetrias do Mercosul.*

Numa revista: *A história das relações entre "Brasil" e "Argentina" obedece a um princípio básico: toda vez que a economia de um deles atinge velocidade superior à do outro, surgem atritos diplomáticos.*

AVeja (ed. 1.615) fez uma entrevista com o respeitável senador Pedro Simon, um dos políticos mais dignos que este país já produziu. Lá pelas tantas:

*- O senhor acha que os paulistas são arrogantes?*

*- Não. É que São Paulo está muito à frente. Tem de fazer um esforço muito grande para conversar com o resto do Brasil. E como os Estados Unidos dialogando com "Bolívia", "Equador" ou Uganda.*

Repare no uso escorreito do artigo antes de *Estados Unidos* e de *Brasil.* Mas... por que diabo o competente, digníssimo e também muito simpático senador o omitiu antes de *Bolívia* e *Equador?*

É um mistério!

## Nomes de clube também exigem o artigo?

Também: **o** *Flamengo,* ***o*** *Corinthians,* ***a*** *Portuguesa,* ***o*** *Atlético,* ***o*** *Cruzeiro,* ***o*** *Grêmio,* ***o*** *Internacional,* ***o*** *Palmeiras,* ***o*** *ASA...*

Quando, porém, a referência é a um jogo, a omissão do artigo é também correta: *Palmeiras e Corinthians sempre foi um jogo emocionante.* *** *A tabela marca Vasco e Flamengo no Maracanã.*

## nós "vai", vocês "fica"

É de rir, não é? Pois bem, há jornalista por aí cometendo quase a mesma asnice. Veja o que se leu recentemente no *site* de A Gazeta Esportiva: *O volante Claudecir reconheceu que o Palmeiras ainda não apresentou um futebol digno do Palmeiras. De acordo com o jogador, as duas vitórias do time não "iludiu" o elenco nem a torcida.*

*A* maré do Palmeiras andou tão em baixa em 2002, que jornalista que se referia ao clube já nem pensava em plural, porque o clube era muito singular...

## taça Libertadores "de" América

Em português não existe isso, mas os nossos jornalistas e narradores esportivos abusam da expressão. Em espanhol, sim, é que a palavra *América* dispensa o artigo; os povos de língua espanhola estão, portanto,

corretos em usar a expressão daquela forma. Nós, brasileiros, não. Que brasileiro diria que Colombo foi o descobridor "de"América?

### campeonato mundial "interclubes"

A palavra *interclube* é malformada, já que o prefixo *inter-* se apõe a adjetivo, e não a substantivo. Assim, deveríamos ter em seu lugar *inter-clubista,* que ninguém usa, mesmo porque não existe no seio da língua. Em razão dessa má formação, os jornalistas esportivos usam a palavra por *entre clubes,* daí resultando uma concordância extraterrena: um adjetivo no plural modificando uma expressão no singular.

### Olimpíadas

Os jogos olímpicos modernos se denominam *Olimpíadas* (sempre no plural). A *Olimpíada* faz parte do tempo do Onça: eram jogos disputados antes de Cristo. V. **Dicionário de dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa.**

No *site* de um jornal: *São Paulo e Rio de Janeiro acirram disputa "pela Olimpíada"de 2012.*

A manchete seria mais palatável se estivesse rigorosamente assim: *São Paulo e* ***o*** *Rio de Janeiro acirram disputa pelas* ***Olimpíadas.***

*A* vida, no entanto, nunca é como a gente quer...

### "massivo"

Não existe esta palavra em nossa língua. Quem a usa está, na verdade, empregando uma adaptação do vocábulo da língua inglesa *massive.* Em português existe *maciço,* vocábulo que, aliás, deveria ser grafado de outra forma: *massiço,* já que é derivado de *massa.* O Vocabulário Oficial, todavia, prega-nos mais essa peça.

No *site* de um jornal: *Documento reitera que Iraque já não possui armas de destruição "massiva".*

No *site* de um provedor: *Ataque "massivo" dos Estados Unidos ao Iraque.*

O que se vê, na verdade, cotidianamente, é um ataque **maciço** à língua...

### crianças "prodígios"

*Prodígio* (extraordinariamente talentoso) é uma palavra que, usada como adjetivo, não varia: *Madame de Staêlfoi uma menina* ***prodígio.*** *** *Essa escola está cheia de alunas* ***prodígio.*** *** *Joana Maranhão, garota* ***prodígio*** *de 16 anos, ganha medalha e vai às Olimpíadas.*

Existem até os que usam para animais: *cachorros* ***prodígio,*** *cavalos* ***prodígio,*** etc. Note: além de não variar, também sempre sem hífen.

Numa emissora de televisão, num desses programas de fofocas, a apresentadora, ao falar sobre o excepcional papel desempenhado por uma menina em certa novela, afirmou: *Muitas crianças já foram consideradas "prodígias" na TV.*

A autora da pérola, certamente, nunca esteve entre elas.

## Ele só fala "dele" mesmo

Em português, os pronomes da terceira pessoa que indicam reflexibilidade são *se, si* e *consigo*. Assim, ninguém fala "dele" mesmo, nem faz elogio a "ele" mesmo, mas fala de *si* mesmo, faz elogio a *si* mesmo: *Os árabes brigam entre **si** mesmos.* * * * *As mulheres se enfeitam para **si** mesmas.* *** *Ele só fala **de si** mesmo.* *** *Ela só gosta **de si** mesma.* *** *Eles só falam **de si** mesmos.* * * * *Elas só gostam **de si** mesmas.* * * * *Ele só se interessa **por si** mesmo.* *** *Ela só se esforça **por si** mesma.* *** *Eles só respondem **por si** mesmos.* * * * *Elas só se responsabilizam **por si** mesmas.* *** *O ministro fez um elogio **a si** mesmo.*

Na mídia: *Viola está encantado. Com "ele"mesmo.* *** *O nosso planeta, a Terra, gira em volta "dele"mesmo.* * * * *Deputados trabalham para "eles" mesmos.* *** *Quem acompanha futebol conhece as brincadeiras que os jogadores costumam fazer entre "eles".* Numa revista: *Será que não está na hora de o povo brasileiro ser fã "dele mesmo" e não cultuar tantos artistas e atletas?*

Manchete de um âncora de telej ornai: *Deputados aumentam salários para "eles"mesmos.*

Se ISSO não é uma **ver-go-nha,** o que será?

## a "poeta"

As mulheres sensíveis, que procuram atingir e difundir o belo em versos, são rigorosamente *poetisas.*

Há somente um caso em que a palavra *poeta* pode ser empregada em referência a mulheres, mas só absolutamente um caso: quando se considera o todo, o universo dos poetas (homens e mulheres). Assim, por exemplo: *Cecília Meireles é **o** maior **poeta** da literatura brasileira.* Ou seja: entre todos os poetas (homens e mulheres) brasileiros, Cecília é quem se destaca, quem sobressai. Fora daí, nada!

Numa revista: *Atenção para o nome de Maria Lúcia Dal Farra: ninguém no Brasil é melhor poeta que ela.*

Alvíssaras! Certo! Absolutamente certo! Quando li, fiz um esforço danado para que a forte emoção não me dominasse por completo...

Só para firmar conhecimento, veja mais este exemplo: *Juçara é o melhor advogado da cidade.* Se afirmarmos que Juçara é *a* melhor *advogada* da cidade, os homens que exercem a mesma profissão estarão de fora, automaticamente.

Certa feita, qualificaram-se em Maceió e Natal para disputar o segundo turno duas mulheres em cada uma dessas capitais. Tanto bastou para que uma repórter anunciasse (com certo ar de regozijo de classe): *Em Maceió e Natal, "a prefeita"será obrigatoriamente uma mulher.* Não será, não! Em Maceió e Natal, **o prefeito** será obrigatoriamente uma mulher.

Noutra vez uma revista semanal de informação trouxe na capa (ed. 1 (>70): *Marta Suplicy, candidata a "prefeita" em São Paulo.* Não, ela foi candidata a **prefeito.**

Dois anos depois, no *site* de um jornal: *Marta é a pior entre 9 prefeitos, segundo pesquisa Datafolha.* (Aliás, Marta é **o** pior entre 9 prefeitos.)

No *site* da Jovem Pan: *Marta é considerada pior "prefeita".* (Aliás, Marta é considerada pior **prefeito.)**

O mais curioso nisso tudo é que as livrarias estão cheias de manuais de redação que se propõem "ensinar" português. Como?

Escreve-me um consulente afirmando que, numa consulta a certo professor eletrônico, este afirmou que **poeta** já é substantivo comum-de-dois. Sem comentários.

## Lojas Americanas

Expressão que não leva o verbo ao plural, a exemplo de *Casas Bahia, Supermercados Pão de Açúcar, Lojas Brasil, Lojas Riachuelo, Casas da Banha,* etc. Se, porém, tivéssemos um artigo antes de tais nomes, o verbo iria obrigatoriamente para o plural.

Suponhamos, então, que o nome da empresa fosse As *Lojas Americanas.* Construiríamos: As *Lojas Americanas* ***abrirão*** *nova filial na cidade.* Portanto: *Casas Bahia* ***deseja*** *a seus amigos e fregueses um feliz Natal.* *** *Lojas Riachuelo* ***comunica*** *à praça que...* *** *Casas da Banha* ***felicita*** *os campeões.* *** *Tintas Coral* ***muda*** *de endereço.*

## "um" mil

Uma das grandes tolices inventadas por alguém que não tinha o que fazer é essa de usar *um* antes de *mil.* Só uma cabeça muito pequena pode conceber um singular junto de um plural.

O Brasil foi descoberto em *mil e quinhentos,* e não em "um mil e quinhentos". Bombril nunca foi uma esponja de aço de "uma mil" e uma utilidades. E nenhum país, até hoje, produziu "uma mil" toneladas de aço.

Apesar da evidência, há ainda os que preenchem cheques desta forma: "um mil reais". Por receio de fraude, outros preenchem cheques assim: "hum mil reais".

Alguns até acham que é uma exigência bancária a inclusão desse malsinado "hum" antes de *mil.* Qual nada! Sempre preenchi os meus raros cheques dessa importância sem "um" nem muito menos "hum". E nunca tive os meus cheques recusados por bancos. Aliás, a Lei do Cheque (2.591, de 07/8/1972) não traz nem poderia trazer a esdrúxula e inaceitável exigência.

## um milhão

É preciso não fazer confusão: *milhão, bilhão, trilhão,* etc. são nomes coletivos e de número singular. Sendo assim, aceitam o *um,* que também é desse número.

Certa vez, ouvimos de uma repórter de televisão: *Eu e "todos os outros um milhão" e duzentos mil mutuários do Sistema Financeiro de Habitação pagaremos maior prestação da casa própria.*

Que pérola! Se *um* é singular, como aceitar "outros"?

## Um milhão de pessoas morreu nessa guerra

Frase corretíssima. *Milhão,* como vimos no caso anterior, não é palavra de plural; trata-se de nome coletivo, assim como *exército, turma, bando,* etc., palavras que exigem o verbo no singular, embora dêem idéia de vários ou de muitos seres. Note, ainda, que *milhão* se faz acompanhar de *um.* E *um,* neste mundo que Deus criou, é e sempre será de singular. A menos que os extraterrestres cheguem a qualquer momento e nos mostrem que não é bem assim...

Enquanto eles não chegam, sejamos ao menos razoáveis: *Um milhão de reais **foi gasto** à toa nessa obra.* *** *Um bilhão de pessoas **vive** na índia.* *** *Um trilhão de dólares é o* déficit *dos Estados Unidos.* *** *Um milhão de crianças **foi vacinado** ontem.* * * * ***Foi arrecadado** um milhão de reais em donativos.*

Na capa de uma revista: *Um milhão de brasileiros já "moram" em condomínios fechados.*

Noutra revista: *"Vivem" em todo o mundo um milhão de bebês de proveta.*

Num tradicional jornal paulistano: *Na praça São Pedro e arredores, além de governantes, reis, rainhas e personalidades importantes, cerca de um milhão de fiéis "acompanharam"a missa do funeral de João Paulo II.*

Nesse mesmo jornal: *A frota brasileira de veículos a gás é a segunda do mundo, com 660 mil veículos, e só perde para a da Argentina, onde "existem" 1 milhão de veículos desse tipo.*

Manchete de um diário de São Paulo: *Quase um milhão de aposentadas "sustentam"a família em São Paulo.*

Acho louvável toda atitude ou toda campanha antitabagista, porque o fumante é um ser que precisa de ajuda, que necessita de cuidados especiais, mas nunca de compreensão. Por quê? Porque fumar aumenta as rugas ao redor da boca e favorece o aparecimento do câncer bucal. Porque o cigarro potencializa os sintomas do envelhecimento. Porque onde há fumaça há fogo (câncer). Porque fumar está completamente fora de moda. Porque, enfim, todo fumante é um estúpido, não tem sequer bom-senso. Por tudo o que a medicina hoje conhece e procura prevenir as pessoas, fumar chega a ser não só sinônimo de alta estupidez, de pulmão e boca fétidos, como de intolerável breguice. O que antes era charmoso, hoje é a expressão inequívoca de grande breguice, da mais inequívoca deselegância, do mais insuportável mau-gosto!

Tudo isso para dizer que, recentemente, uma empresa antitabagista fez campanha pela imprensa, nestes termos: *Nos Estados Unidos, mais de*

*1 milhão de pessoas já "abandonaram"o cigarro sem usar nicotina. Este sucesso já está no Brasil.*

Escrevendo assim, eles ainda têm coragem de falar em sucesso!...

## namorar *com*

Construção própria do italiano. Nós, brasileiros, imitamos, até porque boa parte de brasileiros descende de italianos.

Trata-se de construção plenamente consagrada não só entre jovens, mas entre bons autores, assim como *jogar **de** goleiro* e *entrar **de** sócio.* Quem é que, na prática do futebol, diz que *joga **como** goleiro,* e não que *joga **de** goleiro?*

Quem é que, associando-se a um clube, diz que *entrou **como** sócio* do clube, e não que *entrou **de** sócio?* Que aluno que, ao não conseguir aprovação para o ano seguinte, diz que *repetiu **o** ano,* e não que *repetiu **de** ano?*

Que estudante, por mais dedicado e aplicado que seja, diz que *passou **o** ano,* e não que *passou **de** ano?*

Por tudo isso é que estamos livres para *namorar todo o mundo* ou ***com** todo o mundo.* O importante é ser honesto.

## "girabrequim"

Há muita gente por aí que, se pudesse, construiria motor com "girabrequim". Claro que fundiria na primeira movimentação. A peça boa, que qualquer motor saudável aceita, é o *virabrequim.*

O dicionário do entulho, todavia, registra "girabrequim". Faz parte...

## A viagem não foi "de toda" má

Não. Viagem assim é sempre *de todo* muito má.

Locução adverbial não varia: *A sentença não foi **de todo** injusta.* *** A *vida na ilha não é **de todo** monótona.* * * * *Disfarça-te e sai **de fininho!*** (E não: *"de fininha".)* *** *Vidas têm sido colocadas **em risco** nos estádios de futebol.* (E não: *"em riscas".)* *** *Muitas espécies animais estão **em extinção.*** (E não: *"em extinções".)* *** *Recebi mensagem **por escrito.*** (E não: *"por escrita".)* *** *A questão continua **em aberto.*** (E não: *"em aberta".)* *** *Os salários estão **em dia.*** (E não: *"em dias".)* *** A *equipe corintiana se abriu **por inteiro.*** (E não: *"por inteira".)* *** *Houve muitos votos **em branco** nestas eleições.* (E não: *"em brancos".)*

Certa feita, um repórter esportivo nos revelou que um jogador de futebol havia pisado com as duas pernas"em falsas", por isso sentia muitas dores. E o repórter? Não sentiu dor nenhuma?!

Noutra oportunidade, um repórter policial perguntou a uma delegada, depois da prisão de uns marginais: *E agora, doutora, o que vai ser feito desses ladrões?*

A resposta foi sensacional: *Eles serão autuados "emflagrantes"e encaminhados ao xadrez.*

Cadeia?!

Não faz muito tempo, um governador paulista ordenou a um repórter que o cobrava de algo ainda não atendido: *Faça uma carta "por escrita" me relatando tudo e me mande, que eu tomarei as providências cabíveis!* O governador deveria, certamente, estar um pouco nervoso ou muito desorientado; primeiro: se é *carta,* só pode ser *por escrito;* segundo, "por escrita" foi, naturalmente, brincadeira dele.

No Brasil costuma haver muitos políticos brincalhões. A começar de presidentes....

## "primeiro-damo"

Eis mais uma invenção de jornalista brasileiro. Quando Benedita da Silva assumiu o governo do Rio de Janeiro, em abril de 2002, os jornalistas logo acorreram a cuidar da sua vida pessoal. Como ela é casada com Antônio Pitanga, pai da belíssima Camila, trataram-no por "primeiro-damo", numa analogia com *primeira-dama.* Como pilhéria, troça ou gozação, até que serve.

Com a eleição de outra governadora, no Rio de Janeiro, ficou a pergunta: *Garotinho, agora, virou "primeiro-damo"?* Não, não virou não. Marido de governadora ou de presidenta não tem na língua, por enquanto, nome especial.

## ante "a" isso

*Ante* já é preposição; então, para que se lhe pospor outra preposição? Alguns advogados (naturalmente os pouco sérios) são mestres neste emprego abusivo.

Recentemente, um jogador ganhou uma ação trabalhista contra o Palmeiras. O ministro do Tribunal Superior do Trabalho, ao dar a sentença, escreveu assim: *Nego provimento ao agravo e, "ante a"seu caráter manifestamente protelário, condeno a agravante ao pagamento de multa de 10% sobre o valor corrigido da causa.*

Ante isso, o Palmeiras teve forçosamente de pagar. Mas quem mais pagou o pato foi a língua...

## Ficar "comovido" com um grande espetáculo

Fica *comovido* aquele que sente um choque, uma emoção negativa muito forte. Quando perdemos um ente querido, ficamos *comovidos.* Mas quando nos admiramos de um grande espetáculo, ficamos naturalmente *emocionados.* Ante um incêndio devastador, quem não fica *comovido?* Mas ante uma bela mulher, que homem de bem não ficará naturalmente *emocionado?*

## reboliço / rebuliço

Há quem confunda adjetivo *(reboliço,* que significa que rebola: *Can- I iiiJlas tinha um andar **reboliço)*** com substantivo *(rebuliço* = grande confusão). Deste, saiu a abreviação *rebu;* daí por que fica difícil aos que raciocinam trocar uma palavra pela outra.

Mas há. Há os que, ou não raciocinam, ou são dados mesmo a cometer rebus. No *site* de uma revista: *Das histórias envolvendo presidentes e mulheres bonitas, nenhuma se iguala "a" de Itamar Franco. No carnaval de 1994, o mineiro foi flagrado ao lado de Lilian Ramos. Até aí nada "demais". O que causou "reboliço"foi o que a moça mostrou para os fotógrafos debaixo do pequeno vestido...*

Se a modelo causou *rebuliço,* naquela ocasião única e ímpar, que se dirá de jornalista que causa *rebuliço* todos os dias em seu ofício?

Não perca a conta dos erros: "a", em vez de *à;* "demais" por *de mais;* **e** "reboliço"por *rebuliço.*

Cabe, então, a pergunta: quem mais está nu? A modelo?!

## penalizar / apenar

Há quem confunda o significado destes dois verbos. *Penalizar* é atormentar, afligir. Quem não sabe que uma goleada do Palmeiras *penaliza* qualquer corintiano ou que uma vitória maiúscula do Flamengo *penaliza* todo vascaíno?

Mas há quem use *penalizar* por *punir, castigar,* que são justamente os sinônimos de *apenar.* Todos sabemos que a inflação *apena* mais os pobres. Os guardinhas de trânsito estão aí em todas as ruas das grandes cidades, vestidos desta ou daquela cor (é marronzinho, é azulzinho, é roxinho, etc.), para *apenar* todos os motoristas, justa ou injustamente. Afinal, hoje se ganha por produtividade...

Sim, mas o assunto não é bem esse: o certo é que jornalistas que se prezem não têm o direito de confundir *penalizar* com *apenar.* Mas confundem. Repare nesta frase do *site* de uma revista: *Modelo de reajustes de tarifas de serviços públicos "penaliza" o consumidor e engessa ações do governo.*

Escreve um ex-secretário da Receita Federal: *A idéia de monitoramento, pela Receita, de gastos com cartões de crédito para combater a sonegação é uma mudança de comportamento: pretende-se aumentar a arrecadação em cima de quem não está pagando adequadamente em vez de "penalizar" quem já paga corretamente.*

Aqui, todavia, existe uma explicação até que meio convincente: o Leão *penaliza* sempre...

## governo Lula ou governo de Lula?

Tanto faz. Os jornalistas costumam não usar a preposição talvez por uma questão de economia de espaço.

### "duas" milhões de pessoas

Grande bobagem. Se a palavra *milhão* é masculina (o *milhão,* ***um*** *milhão),* não há como explicar esse feminino ("duas milhões"). Nunca vi ninguém usar "uma milhão". Então, por que "duas milhões"?

Enquanto a resposta não vem, convém acostumar os ouvidos: *Foram* ***vacinados dois*** *milhões de crianças ontem.* * * * *Serão* ***exportados duzentos*** *milhões de toneladas de soja.*

Eis o que nos informa, todavia, um de nossos jornais: *Depois de ultrapassar a marca "das"20 milhões de cópias vendidas, o romance* ***O Código Da Vinci,*** *de Dan Broivn, se vê envolvido numa polêmica com a Igreja Católica.*

### "*a*" milhar do primeiro prêmio da loteria

Só existe de verdade ***o*** *milhar* do primeiro prêmio. Assim como *milhão,* **milhar** é palavra masculina: ***o*** *milhar,* ***um*** *milhar.*

Veja estas frases: ***Dois*** *milhares de maçãs foram* ***perdidos*** *durante a viagem.* *** ***Os*** *milhares de mulheres que aqui estão têm filhos menores.* * * * ***Duzentos*** *milhares de crianças sul-vietnamitas foram* ***levados*** *para os Estados Unidos.* * * * ***Esses*** *milhares de crianças abandonadas do Brasil serão exatamente o quê, amanhã?*

No *site* de um jornal: *Confira "as"milhares de ofertas dos classificados.*

Convém?

No *site* do Terra: *Os acessos à conturbada Quito foram bloqueados hoje para impedir a entrada de simpatizantes do presidente do Equador, Lúcio Gutiérrez, a fim de evitar confrontos com "as" milhares de pessoas que exigem a renúncia do mandatário nas ruas do país.*

Repare, agora, nestas frases da Veja, todas perfeitas: *Cem pesquisadorres passaram os últimos três anos confinados em laboratórios e escritórios, analisando* ***os milhares*** *de informações coletados ate hoje sobre a biodiversidade mundial.* *** As *Farc são apenas terroristas. Não lutam para solucionar problemas sociais. Na verdade, com os atentados e os seqüestros, criam mais pobreza. É muita hipocrisia alguém no exterior defender a guerrilha e esquecer* ***os milhares*** *de vítimas dos guerrilheiros.*

Milagres um dia acontecem...

### mil

*Mil* é um caso diferente de *milhar,* porque se trata de numerai, e não de substantivo. Adquire, por isso, o gênero do substantivo que se lhe segue: *duas mil pessoas, duzentas mil laranjas, dois mil pedidos, duzentos mil pedaços,* etc.

Um apresentador de um famoso telejornal nacional disse não faz muito tempo: *Cerca de "dois mil"pessoas participaram das manifestações.*

Pouco tempo depois, no mesmo telejornal, do mesmo apresentador,

ouviu-se isto: *Mais de "dois mil" pessoas recebem seguro-desemprego com um salário de R$10.000,00.*

Isto é: o homem confundiu conhaque de alcatrão com catraca de canhão...

## "Benvindo" a São Paulo!

Boas-vindas se dão de modo diferente: ***Bem-vindo** a São Paulo!*

Frases de jornalistas: *O PMDB e o PDC goianos encaram como "benvindos" os votos dos fazendeiros. *** Fidel confirmou que o capital estrangeiro continua sendo "benvindo". *** "Benvindo" ao passado, Brasil...*

Há certos lojistas que ostentam logo à entrada de seu estabelecimento a sua própria identidade: "Benvindos".

Cuidado, ao entrar!

## malvindo

É assim que se grafa esta palavra, a nosso ver o verdadeiro antônimo de *bem-vindo* (um dicionário dá *bem-ido).* Ora, quem não é bem-vindo a algum lugar, é naturalmente malvindo (ou seria bem-ido?)

Há jornalista que escreve "mal vindo": *Já está ficando claro que a reforma tributária vai atender a todos os interesses menos os do contribuinte, portanto, ela é muito "mal vinda".*

## solidarizar-se

É simples: quem se solidariza, se solidariza *com* alguém. Há, porém, quem prefira inventar.

No *site* de um jornal: *Lula se solidariza "a" Genoino. Depois de levar uma torta na cara, no Fórum Social de Porto Alegre, o presidente do PT recebeu um telefonema do presidente, que está na Europa.*

Quem levou a torta foi o deputado; quem se lambuzou todinho foi o jornalista.

## comparecer a "féretro"

Trata-se de ato não só desagradável, mas impossível: *féretro é caixão.* Podemos dizer, sim, que o *féretro* saiu atrasado, que todo o mundo queria carregar *o féretro,* mas não que alguém compareceu ao "féretro".

Autoridade, civil ou militar, comparece a *funeral,* que é a cerimônia de sepultamento. Cuidado, portanto, com frases assim: *Estive no "féretro" de seu pai. * * * O "féretro " do prefeito tinha muita gente.*

Dizem que isso costuma dar até cemitério...

## prefiro "milhões de vezes do que"

O mundo está cheio de gente que prefere "mil vezes", que prefere "milhões de vezes", que prefere "antes", que prefere "muito mais", etc. É

desperdício: no prefixo *(pre-)* já existe a idéia de intensidade ou de anterioridade desejada.

Quem prefere de verdade, simplesmente prefere alguma coisa **a** outra, e não "do que" outra: *Prefiro chuchu **a** jiló.* *** *Elisabete prefere escrever **a** discursar.* *** As *crianças preferem praia **a** piscina, calor **a** frio.* *** *Eles preferem comer arroz **a** comer macarrão.*

Também não convém preferir uma coisa "em vez de" outra. Numa revista: *Pesquisas recentes revelaram que 41,8% dos consumidores preferem hambúrguer congelado "em vez de"bife.*

## atenuante / agravante

São palavras femininas: ***a*** *atenuante,* ***a*** *agravante.*

Numa de nossas revistas semanais de informação: *Paga-se aqui, em termos médios, mais imposto que nos países desenvolvidos, com "o agravante" de a carga de contribuição estar concentrada sobre os ombros de uma única classe - a classe média.*

## sendo "que"

Não existe esta combinação em nossa língua, mas ela aparece muito na mídia: *Apenas 2 dos 348 estudantes que responderam aos questionários disseram conhecer a tricuríase, "sendo que"ambos demonstraram ter conhecimentos incorretos.*

Nesta frase, "sendo que" poderia ser substituída por *mas, porém, todavia,* etc.

Recentemente, ouvimos um metalúrgico reclamando: *Recebi cinco mil reais,* "sendo que" *boa parte foi retida pelo imposto de renda.* Caberia nessa frase a mesma substituição da primeira.

Não faz muito tempo, lemos a orientação de um advogado: *Quando o casal já está separado de fato judicialmente, o divórcio pode ser requerido após um ano da decretação da separação. Não havendo ainda a separação judicial, apenas a separação física, o divórcio pode ser efetivado, "sendo que" há a necessidade do casal estar separado de fato há mais de dois anos, o que deverá ser provado por testemunhas.*

Também aqui cabe qualquer conjunção adversativa.

Num jornal: A *maioria ganha mais de dez salários mínimos mensalmente, "sendo que" 32% recebem entre dez e vinte salários.*

Basta usar *mas.*

Em outro jornal: *O saldo devedor financeiro das operações será transferido e cedido ao governo do Estado, "sendo que" incidirão juros de 3% ao ano.*

Custaria usar *masl*

Finalmente, dados do Sebrae: *A participação das "micro "e pequenas empresas no total das empresas em 1994 foi de 96,04%, "sendo que" no comércio foi de 96,76%, nos serviços 97,26% e na indústria 91,86%.*

'lYido, como se vê, pode ser perfeitamente substituído por um *mas,* um */iorem,* um *todavia,* palavras tão singelas!

Há casos em que a substituição se faz por palavra ainda menor: *e.* Veja: *Ele já escreveu muitos livros, "sendo que" muitos deles já foram t raduzidos para vários idiomas.*

Não querendo usar o *e: Ele já escreveu muitos livros, sendo muitos deles já traduzidos para vários idiomas.*

## caixa

Que é palavra feminina, todo o mundo sabe: ***a caixa*** *de sapatos,* ***a caixa*** *de papelão,* ***a caixa*** *registradora,* etc. O que poucos sabem é que esta palavra é masculina, quando usada na acepção de *féria* ou na de *pessoa que trabalha junto a uma caixa pagadora ou recebedora.* Portanto: *O comerciante fez* ***o caixa*** *e verificou que o movimento tinha sido muito bom naquele dia, mas de repente os assaltantes entraram e levaram tudo o que havia* ***na caixa.*** *** ***Os caixas*** *do banco ficaram apavorados no momento do assalto.* *** *Não há* ***um*** *só* ***caixa*** *livre no banco.*

Usa-se também no masculino esta palavra, na acepção de *dinheiro arrecadado: A grande diferença entre os dois candidatos está no tamanho do caixa de campanha.*

Muito bem. Não faz muito, houve uma greve de metroviários em São Paulo. A cidade virou um caos ao quadrado (porque caos é seu estado permanente). Um comerciante, abatido, declara, então: *As faxineiras chegaram duas horas atrasadas, e "uma caixa" não chegou até agora.*

É o caso de perguntar: Uma caixa de quê? De mangas? Ou de problemas?...

## Quantias exigem o verbo no singular?

Depende: se a quantia for de um real, um dólar, etc., use o singular. Mais que isso, use o plural: *Ele disse que R$500,00* ***bastavam,*** *mas não* ***bastaram.*** *** *Não* ***deram*** *os R$200.000,00 que eu levei.* *** *Na minha caixa,* ***hoje, SÓ entraramR$10,00!***

## Eu "deito" cedo

Não. Quem se põe na cama para descansar ou para pegar no sono, *deita-**se,*** assim como depois ***se*** *levanta.*

Por isso, eu ***me*** *deito* cedo e ***me*** *levanto* cedo; as crianças ***se*** *deitam* às 8h e ***se*** *levantam* às 7h; quando estamos em férias, ***nos*** *deitamos* tarde e ***nos*** *levantamos* tarde.

No final de dezembro de 2003, o presidente, pelo rádio, deixou toda a população brasileira profundamente esperançosa, ao dizer, profeticamente: *Que o povo vá "deitar" no dia 31 sabendo que, a partir do dia l.°o Brasil será melhor.*

Foi?

## "indiscreção"

Se você vir alguma *indiscrição* em algum comentário aqui, esteja certo de que não foi propositado. Afinal, quem prima pela *discrição* não pode cometer *indiscrições...*

Não querendo enveredar pela indiscrição, mas já enveredando, eis o que saiu num de nossos principais jornais: *Os funcionários do Caesar Park Hotel são de uma "discreção" padronizada, da roupa ao tom de voz.*

E onde é que ficou a *discrição?* Fugiu pela porta dos fundos do hotel?

## tchau / tcheco / Tchetchênia

Nenhuma dessas palavras é compatível com a índole da língua portuguesa, que não agasalha formas iniciadas por *t* não apoiado em consoante. Algumas destas formas, todavia, têm o amparo do Vocabulário Oficial.

O som [tS] = *tch* é um alofone de [t] antes de vogai. Não há, contudo, em nosso modo de ver nenhuma necessidade de representar tal som por *tch,* assim como não se grafa "tchê", mas sim *chê;* assim como não se escreve "Tchaco", mas *Chaco;* e ninguém grafa "tchiu", mas *tio,* exceto, naturalmente, quando se trate de gírias ou de modismos, como "tchurma","pitchula","mintchura","tchan", etc., em que se deseja, por alguma razão, dar ênfase ao alofone. Os chilenos pronunciam o nome do seu país desta forma: "tchile", mas nem por isso escrevem "Tchile". Note, ainda, que todos pronunciamos *djins (jeans),* mas não representamos esse som inicial na escrita.

Portanto, as grafias, a nosso ver, rigorosamente corretas são *chau, checo, Checoslováquia, Chechênia, chê* e *Chaco.*

## Que coisa, "heim"?

Nossa língua admite duas grafias para esta interjeição: *hem!* (preferida) e *hein!,* mas sempre há os que escolhem uma terceira, inexistente: *"heim!".*

Frase de um famoso jornalista paulistano: *Quem diria, "heim!" Enquanto o autoritarismo comunista vai caindo de podre no mundo...*

Quem diria, *hem!*

## campanhas antifumo

A vida sem cigarro é, de fato, não só mais saudável, como também muito mais inteligente e menos desagradável para quem está nas proximidades. Fumar é sempre um castigo.

Quando o prefixo *anti-* se junta a um substantivo, na função de adjetivo, fica invariável. Portanto: *campanhas antifumo, drogas anticâncer, pneus antiderrapagem, portas antifogo, manifestações antiguerra, medidas anticrime; xampus anticaspa; cremes dentais anticárie.* Tal combinação é própria da língua inglesa; nós apenas imitamos.

Aqueles que acharem isso um tanto antieufônico, optem, então, pela construção rigorosamente portuguesa: *campanhas contra o fumo, drogas contra o câncer, manifestações contra a guerra, xampus contra a caspa, cremes dentais contra a cárie,* etc.

E saúde para todos!

## Amuleto *"trás"* boa sorte?

Só *traz* para os espertos. A forma do verbo *trazer* é *traz,* e não *"trás",* que, no português contemporâneo, só se grafa posposta a preposição: *por trás* (ela veio por trás), *para trás* (deixar os amigos para trás).

Certa vez, em Fortaleza, a fantástica, formidável e toda esburacada capital do Ceará, uma cartomante mandou afixar cartazes aos postes de toda a cidade, convidando incautos para "consultas". Assim: *Sara "trás" seu amor de volta.*

Nessa, seu dinheiro já se foi, e seu amor... adeus!

No *site* do Estado do Espírito Santo, em destaques turísticos, viu-se: *Vitória - a ilha que "trás"no nome o motivo de sua existência.*

Vitória?

No *site* de O Estado de S. Paulo escreve um colunista (também autor de telenovelas): *Hoje o carteiro é um mala. Oitenta por cento do que ele "trás"são jogados imediatamente no lixo mais próximo.*

## cujo

É um pronome relativo que não admite artigo posposto. Portanto: O *homem, **cujo pai** morreu, está passando mal.* *** ***O*** *homem, **cuja mãe** morreu, está passando bem.* * * * ***O*** *homem, **cujos filhos** morreram, está passando bem.* *** *o homem, **cujas filhas** morreram, está passando bem.*

Há quem insista em usar"cujo o pai", "cuja a mãe", "cujos os filhos", "cujas as filhas". Atenção, advogados de todo o Brasil!

Não só os advogados. Escreve um jornalista: *Um dos engenheiros em cujo "o"velório o presidente chorou, pediu um adicional de periculosidade de 30%, ganhou na Justiça depois de 11 anos, há 5 tem direito a ele e morreu sem receber.*

Escreve outro jornalista: *Segundo reportagem da Fox News, o Banco da América vendeu a dívida que tinha com Michael Jackson, no valor de mais US$ 270 milhões, para o grupo Fortress Investments, cuja "a"sede fica em Manhattan.*

Quando *cujo* (ou uma de suas variações) se refere a dois ou mais substantivos, não varia no plural, concordando sempre com o elemento mais próximo. Atenção, advogados de todo o Brasil!

Numa peça advocatícia, leu-se, certa vez: *Reclamou ter sido lesado pela autora em "cujas"seriedade e probidade confiou.*

No lugar do *"cujas",* os bons advogados usam *cuja.*

## "os" chitas

Eis aí um bicho que não existe. Ao menos na Terra. *Chita* é palavra feminina em qualquer sentido.

Num documentário sobre animais selvagens, porém, o narrador televisivo conseguiu "criar" uma espécie animal estranha, desconhecida dos biólogos: *"os chitas"*.

A apresentadora de um dos mais importantes telej ornais nacionais anunciou certa feita: *Como vivem "os chitas"na África - este será o assunto do Globo Repórter de hoje.*

*A* televisão brasileira tem gente extremamente criativa...

## Também não "existe" lobisomens?

Não. Não *existem* lobisomens, assim como não *existem* "os chitas". Pessoas que cometem asneiras, contudo, *existem* a mancheias. Cuidado com elas, porque costumam atacar antes e depois da meia-noite! E não só às sextas-feiras...

Certa vez, ouvimos isto de um ex-governador paulista: *Acho normal que "exista" reclamações do presidente, pois isso faz parte da democracia.*

Certíssimo: asnices também fazem parte da democracia...

## gêmeas "xipófagas"

É outra coisa que não existe. Crianças que nascem unidas desde o apêndice até o umbigo dizem-se *xifópagas,* e não "xipófagas", como quis certa feita um apresentador de telejornal, que anunciou: *As gêmeas "xipófagas" que nasceram em Porto Alegre foram operadas e passam bem.*

E houve quem começasse a passar mal...

## "blasfemo"

Não. *Blasfemo* (ê) é que é sinônimo de *blasfemador.*

Numa produção televisiva, exibida recentemente, uma personagem disse, referindo-se a Jesus: *Prendam esse "blasfemo"!*

Há dois pecados evidentes aí.

## invasão "ao" Iraque

Não. *Invasão* se usa com *de: invasão* ***de*** *domicílio, invasão* ***de*** *privacidade, invasão* ***de*** *fazendas, invasão* ***de*** *propriedade,* etc.

Frase de jornalista: A *invasão "ao"Iraque é iminente e vai empobrecer o mundo.*

*A* invasão do Iraque, como se viu, não empobreceu o mundo; por aqui, porém, empobreceu um pouco a língua.

## ambos

Kste numerai dual exige o artigo. Portanto, usaremos sempre: *ambos **os** carros, ambas **as** mulheres,* etc., e não "ambos carros", "ambas mulheres".

No *site* de um jornal: *O motivo da briga entre "ambas equipes"foi a invasão de campo da torcida catarinense.*

## "Fazem" muitos anos que saí da escola

Quem diz uma frase assim deveria voltar imediatamente. À escola, naturalmente. Aí, então, vai aprender que o verbo *fazer,* em orações que dão a idéia de tempo, não varia: ***Faz** muitos anos que saí da escola.* *** ***Faz** dois anos que enviuvei.*

Aparecendo verbo auxiliar, este fica também invariável: ***Vai fazer** catorze anos que casei.* *** ***Está fazendo** cem anos que ela nasceu.* *** ***Ia fazer** três meses que estávamos juntos.* *** ***Costuma fazer** noites frias no Sul do Brasil.*

Aprecio muito as composições do mineiro Ari Barroso. Mas não posso desculpá-lo por enodoar a letra de uma de suas músicas *(Já era tempo),* ao fazer esta concordância: *Já "fazem" meses que você, meu bem, disse adeus e partiu.*

Falando assim, qualquer amor tem mesmo de dizer adeus e partir...

## em mão

É esta a expressão que temos. Quando entregamos alguma coisa pessoalmente, entregamo-la *em **mão.***

Assim como ninguém lava roupa *"a mãos",* assim como ninguém faz sapatos *"a mãos",* uma carta ou um volume qualquer só pode ser entregue *em **mão.***

Nunca ouvi dizer que alguém fosse a algum lugar *"a pés "* nem que pianista tocasse *"de ouvidos",* ainda que tenhamos todos - graças a Deus - dois pés e dois ouvidos (que hoje se dizem, mais propriamente, *orelhas).*

Prefiro, por isso, levar qualquer documento importante *em **mão*** (cuja abreviatura é **E.M.)** a confiar em qualquer outro portador.

Há um dicionário (aquele) que registra "em mãos" a par de *em mão.* Normal.

## embora + gerúndio

Conjunção *(embora)* não combina com gerúndio. Por isso, usa-se o verbo no subjuntivo: *Embora **vivesse** no Brasil, ela não era brasileira.*

(E não: *Embora "vivendo"no* Brasil, ela não era brasileira.) *** *Embora* ***coma*** *bastante, não engorda.* (E não: *Embora "comendo"* bastante, não engorda.) *** *Embora estivesse cansado, fui acompanhá-la.* (E não: *Embora "estando"* cansado, fui acompanhá-la.) *** *Embora* ***seja*** *pobre, não rouba.* (E não: *Embora "sendo"* pobre, não rouba.)

O gerúndio se usa com *mesmo,* palavra denotativa: ***Mesmo vivendo*** *no Brasil, ela não era brasileira.* * * * ***Mesmo comendo*** *bastante, não engorda.* *** ***Mesmo estando*** *cansado, fui acompanhá-la.* * * * ***Mesmo sendo*** *pobre, não rouba.*

## Por falar em *roubar...*

Por falar em *roubar,* convém saber que este verbo não tem nenhuma forma com **o** aberto. Durante a conjugação, o ditongo **ou** soa fechado: roubo, roubas, rouba, roubam; roube, roubes, roube, roubem.

O diabo é que todo dia há neste país gente que "róba", que é uma barbaridade! Por exemplo, o ex-ministro José Dirceu, assim que deixou a Casa Civil e já deputado, ao discursar na câmara, avisa: *"Este goverrrno não róba e não deixa roubarrr".* Rouba, deputado, rouba...

## em detrimento "*a*" alguém

Esta expressão, em que *detrimento* é sinônimo de *prejuízo,* exige a preposição *de,* e não a prep. "a". Portanto: *em detrimento* ***de*** *alguém.* O governo não pode adotar uma política em detrimento do povo. É uma verdade.

Eis, agora, a mentira (de uma revista de automóveis, ed. 232, p. 104): *O único senão do Alfa Romeo 147 é o tempo da troca de marcha que poderia ser menor, mesmo em detrimento "ao"conforto.*

## em nível de

É esta a locução que temos: *Reunião* ***em*** *nível de diretoria.* Ou seja: só participarão da referida reunião diretores do mesmo nível.

Há, contudo, uma verdadeira febre de *"a nível* de"por aí. De gente sem nível, evidentemente. Iriam, esses, para uma reunião "a" todos os níveis?

O mais interessante é que certas pessoas usam a expressão "a nível de"em qualquer caso: *"A nível de" casamento, eu diria que estou fora.* *** *"A nível de"besteiras, eu digo que sempre estou dentro...*

Mesmo em referência ao nível do mar, preferimos o uso da preposição *em: Fortaleza está situada no nível do mar.*

Usa-se muito a preposição *a* neste caso, em razão de, na pergunta, iparecer essa preposição. Por exemplo: *São Paulo está situada* ***a*** *quantos metros acima do nível do mar?* A resposta a uma pergunta dessas, evidenI emente, será: *São Paulo está situada* ***a*** *800m acima do nível do mar.*

Essa preposição, contudo, só tem cabimento nos casos de cidades que não estão *no nível* do mar, naturalmente. Sim, porque se perguntarem: *Fortaleza está a quantos metros acima do nível do mar?,* a resposta deverá ser dada desta forma: *Fortaleza está* ***no*** *nível do mar.*

É o mesmo que perguntarmos a um corredor de fórmula 1: - ***A*** *quantos quilômetros estás indo agora?* E ele responder, simplesmente: - *Estou em casa, agora, não estou correndo ou viajando.*

Fiz-me entender?

## descobrir "primeiro"

Caro leitor, existe alguma dúvida? Quem descobre já não encontra ou acha primeiro que outros? Pois é. Desde o meu tempo de menino é assim. E, com certeza, bem antes disso...

Há, por aí, no entanto, alguns artistas da publicidade que, talvez por não terem tido infância, querem mudar. Na propaganda de um modelo de *minivan,* saiu o tal *descobri "primeiro".* Será que em alguma agência de propaganda existem mesmo os que descobrem"depois"?...

## novidade "inédita"

Toda novidade não tem de ser necessariamente inédita? Pois bem, não para todos. Recentemente, pela televisão, anunciaram o lançamento de um filme. O locutor, então, soltou, a pérola, com aquele vozeirão: *Cenas inéditas, "nunca vistas" no cinema!* O caro leitor já viu alguma cena *inédita já vista* no cinema?

## voar "pelos ares"

Redundância sensível, já que ninguém ainda conseguiu voar pelas águas... Nossos jornalistas, contudo, em vez de irem aos ares, continuam voando "pelos ares": *Um carro-bomba com várias toneladas de explosivos fez voar "pelos ares " a sede da ONU em Bagdá.* * * * *No sábado de aleluia, em dez minutos, bonecos da malhação voam "pelos ares".* *** *A vida de José Carlos Pace, pontuada de algumas alegrias e obstáculos constantes, voou "pelos ares" a bordo de um avião monomotor que se espatifou em 1977, quando ele ainda não havia completado 33 anos.* *** *Acionou um dispositivo, uma bomba fortíssima abriu o asfalto e o carro do ex-primeiro-ministro de Franco, Carrero Blanco, voou "pelos ares", subiu a mais de 30 metros, ultrapassou o muro alto de um colégio de freiras e se espatifou lá dentro.*

Agora, numa pergunta-enigma: *O sujeito tinha um vizinho apaixo-*

*nado por galinhas. Mas, como faziam muito barulho, um dia resolveu acabar com elas. Pegou um punhado de grãos de milho, adaptou uma bomba em cada um deles e atirou-os sob o muro. Olga e Célia, as duas filhas do vizinho, viram isso e correram para apanhar o milho. Só que, assim que cada uma delas se abaixou para pegar o milho, tudo voou "pelos ares". Qual o nome do filme?*

**Porcaria!**

## direito individual "de cada um"

Redundância visível. Na ânsia de apresentar emendas à reforma da previdência, declara um parlamentar: *A apresentação de emendas é um direito individual "de cada um"dos parlamentares.*

Bastaria retirar "de cada um" para que tudo ficasse perfeito. Todos temos direitos, mas não podemos nos esquecer das nossas obrigações...

## minha opinião "pessoal"

Visível redundância. Ora, se a opinião é *minha,* só pode ser *pessoal.* Ou haverá uma opinião que seja *minha,* mas não seja *pessoal?*

Recentemente, um megaempresário (que até virou dramaturgo) declarou: *Na minha opinião "pessoal", ele não tem condições de ser presidente da República.*

Teve...

## criar "novos"

Nova redundância. Os jornalistas vivem pedindo a criação de"novos" empregos. E o governo não se cansa de criar "novos" impostos... Quem paga a redundância? O povo. Sempre!

Eis o que escreveu um jornalista, logo após a posse de Lula: *Lula poderia anunciar, em seu primeiro discurso como presidente que, enquanto não se criam empregos "novos ", deveria ficar proibido demitir.*

E se fosse proibido cometer redundância? Não seria bom também?

Certa vez, o locutor de uma rede de televisão nos convidou a *criar "novos" caminhos.* Seria o caso de perguntar se ele próprio já havia encontrado o **seu** caminho.

## elo "de ligação"

No mundo dos terráqueos, todo *elo* é obrigatoriamente *de ligação,* assim como toda surpresa é inesperada, todo lançamento é novo, toda criança é pequena, etc. Não obstante a evidência, há sempre os que têm "surpresas inesperadas", os que são loucos por um "novo lançamento", e os que preferem não sair de casa à noite, porque têm "criança pequena". Veja: O *presidente da Abeiva disse que o crescimento do setor de veículos importados pode ser explicado pelo lançamento de "novos"produtos.*

Dá muita vontade de ter um ataque. Eis, agora, a frase de um repórter esportivo que mais me forçou a essa vontade: *O treinador precisa de um jogador para ser um elo "de ligação"rápida entre a defesa e o ataque.*

Ataque? Houve quem quase teve um...

Por falar em ataque, eis o que lemos no *site* de O Estado, num dos momentos difíceis da humanidade: *Os planos de guerra do presidente George W. Bush contavam com o apoio dos iraquianos contrários a Saddam Ilussein, principalmente os xiitas do sul do Iraque. Porém, a resistência de milícias e do exército nas cidades de Umm Qasr, Basra e Nassíria, principais elos "de ligação" com Bagdá, levaram as tropas de coalizão a reveses militares que repercutiram na cotação internacional do petróleo e nos índices das bolsas mundiais.*

Veja, agora, que interessante, interessante mesmo, esta notícia de uma folha paulistana: *Os elefantes parecem ter a habilidade de imitar os sons do ambiente em sua volta, a exemplo do que fazem os papagaios, de acordo com os cientistas. Em um estudo publicado na revista científica "Nature", pesquisadores relatam como um dos animais estudados chegou a imitar o barulho feito por caminhões. Os pesquisadores acreditam que a capacidade de reproduzir sons pode ter sido desenvolvida devido ã necessidade de manter a coesão social das manadas. Os sons ajudariam a manter um elo "de ligação " entre os vários indivíduos da manada, já que eles se separam e voltam a se reunir.*

E então, caro leitor, tudo isso não é digno de um ataque?

## ocasião "favorável"

Outra tolice. Na palavra *ocasião* já está implícita a idéia de *favorável.* Toda ocasião é algo favorável. Tanto é assim, que diz o aforismo popular: *A ocasião faz o ladrão.* Ou seja: A circunstância favorável propicia o surgimento do ladrão.

Certa feita, uma empresa fez anúncio em que mostrava um certo cidadão, com ares professorais, definindo a palavra *oportunidade.* A definição era capenga: *oportunidade* é ocasião "favorável". Ah, se não fosse!

Agora, só por mera curiosidade: recentemente, folheando um dicionário, à pág. 2.159, encontrei a redundância. O mundo, realmente, está ficando muito moderno. (Mas nada favorável...)

## importar "ao Brasil"

Se isto não for redundância, o que será?

**Alfa Romeo 147** - o compacto da mítica marca italiana, que recebeu um *facelift* recentemente, começará a ser importado "ao Brasil" a partir do começo do ano.

**Ferrari F430** - o superesportivo italiano começará a ser importado "ao

Brasil" somente no último mês desse ano. O modelo substituirá a Ferrari 360 Modena, que já mostra sinais de cansaço. Àqueles mais abastados, comecem a preparar o bolso.

## pico "culminante"

Visível redundância, mas nem por isso fora das nossas salas de aula de Geografia nem dos livros da mesma matéria. O que é, afinal, um pico? Nada mais que um topo agudo ou ponto mais elevado de uma montanha ou cordilheira.

## palma "das mãos" / planta "dos pés"

Visíveis redundâncias, mas muito empregadas. Ora, a palma só pode ser das mãos; a planta só pode ser dos pés. Não existe palma "dos pés" nem muito menos planta "das mãos".

## outras redundâncias

Redundância nada mais é que a capacidade que as pessoas têm, ao falarem ou ao escreverem, de chover no molhado. As redundâncias são conhecidas também como *pleonasmos viciosos.*

Eis mais algumas delas: subir para cima, descer para baixo, mulher de cocô na cabeça, mulher de coque na cabeça, acabamento final, metades iguais, quantia de dinheiro, recuar para trás, avançar para a frente, programar primeiro, seus respectivos lugares, safra agrícola, entrar para dentro, sair para fora, se caso eu for, sorriso nos lábios, afastar para trás, almirante da Marinha, general do Exército, brigadeiro da Aeronáutica, breve menção, amanhecer o dia, anexar junto, árvore oca por dentro, aumentar mais ou aumentar ainda mais, melhorar mais ou melhorar ainda mais, piorar mais ou piorar ainda mais, emulsão de óleo, cair um tombo, canja de galinha, coletivo para todos, individual para cada um, consenso geral, conviver juntos, criança pequena, criar novos, destaque excepcional, sintomas indicativos, detalhes minuciosos, livre escolha, *superávit* positivo, *déficit* negativo, crise caótica, dar de graça, decapitar a cabeça ou decapitação da cabeça, degenerar para pior, fato real, freqüentar constantemente, empréstimo temporário, demente mental, desejar votos de felicidades, desembolsar muito dinheiro do bolso, receber mensalmente R$300,00 por mês, dois gêmeos, surpresa inesperada, completamente vazio, engolir pela boca, defecar pelo ânus, erário público, planejar antecipadamente, gritar bem alto, comparecer em pessoa, exportar para fora, importar para dentro, expulsar para fora, exultar de alegria, filhote novo, filhote pequeno, felicidade geral de todos, hemorragia de sangue, hepatite do fígado, pancreatite do pâncreas, introduzir dentro, labaredas de fogo, lugar incerto e não sabido, milênios de anos, na minha opinião pessoal, mínimos detalhes, monopólio exclusivo, novo lançamento ou lançamento novo, fazer planos para o futuro, projeto para o futuro, plebiscito popular, pomar de frutas, abusar demais e preconceito intolerante.

**NÀ**

O presidente Lula foi, então, ao Vaticano, para participar das últimas homenagens ao falecido Papa João Paulo II. Na sua comitiva levou os ex-presidentes, que lá em Roma se encontraram com outro, então embaixador na Itália, Itamar Franco. Depois do evento, declarou, num misto de encanto e tristeza pela morte do Santo Padre: *Em que momento da história o Brasil conseguiu juntar quatro presidentes "juntos"?*

Em nenhum, presidente, em nenhum **mesmo.** Parabéns!...

## Quer dizer que o mundo está cheio de redundâncias?

O mundo de quem?

Há pessoas que ainda gostam muito de uma *decapitação "da cabeça",* de uma *hemorragia "de sangue",* de uma *hepatite "do fígado",* de *desembolsar "do bolso",* de *anexar "junto"* e tantas outras chuvas no molhado.

Não faz muito, ouvimos esta: *Ele "autosuicidou-se".*

Obra, naturalmente, de *demente "mental"...*

Certa feita, um jornalista saiu-se com esta: *Você poupa mensalmente R$500,00 "por mês"durante cinco anos.*

Duro mesmo seria poupar mensalmente por ano...

Esta é de outro jornalista: *Quércia estaria convencido de que, mais do que nunca, cautela e canja "de galinha" não fazem mal a ninguém.*

Quem encontrar, em algum restaurante, canja que não seja de galinha, saia correndo: é veneno!

Houve outro que escreveu, ainda: *Pomares "de fruta", terras cultiváveis, uma casa e dez tapetes iranianos estão sendo oferecidos ao candidato a assassino do escritor iraniano Salman Rushdie.*

Eu ofereceria ao jornalista apenas um *pomar "de legumes"...*

Para encerrar, só mais esta, claro, de outro jornalista: *Uma companhia californiana anunciou que vai dar "de graça" 10 mil computadores.*

No duro?!

## Há redundância na sigla BICBANCO?

Enorme! Ora, se BIC significa Banco Industrial e Comercial, como aceitar outra vez BANCO após a sigla?

Se a moda pegar, qualquer dia destes estaremos fazendo depósitos no BCNBANCO, no BBBANCO e no UNIBANCOBANCO.

Outra redundância moderna é usar *"sistema ABS".* Ora, ABS é sigla alemã de *antiblockiersystem.* Note: já há a palavra *sistema.*

## A *mim me* parece

Trata-se, agora, de pleonasmo literário. A repetição do pronome oblíquo configura um pleonasmo de grande efeito comunicativo. Repare nestes exemplos, todos perfeitos: ***A mim me parece*** *que o governo está querendo mais impostos.* *** ***A nós*** *não* ***nos*** *parece justo esse imposto.* * * * ***A vocês lhes*** *parece bom esse tipo de imposto?* *** ***A mim*** *vocês não* ***me*** *enganam não!*

O pleonasmo que se deve evitar é o vicioso, que não acrescenta coisa nenhuma à comunicação.

## sexy

Esta palavra inglesa não varia, quando usada no português. Portanto: *garotas sexy, poses sexy.* Mas **pornô,** redução de *pornográfico,* assim como **retrô,** equivalente de *novo, inspirado em algo antigo,* varia normalmente: *filmes pornôs, modelos retrós de automóvel.*

Manchete de uma folha paulistana: *Britânicos são punidos por acessar* sites *"pornô"no trabalho.*

## É preciso deixar "claro" uma coisa: está difícil

Erro comum de concordância, próprio de gente que saiu da escola sem ter noção de análise sintática. Se *claro* está em **clara** referência a um nome feminino (coisa), como pode ficar no masculino?

Apesar de a coisa ser **clara** demais, eis como escrevem os jornalistas: *O PT mudou ao chegar ao poder, mas uma coisa precisamos deixar "claro": ninguém apaga o passado.*

Na verdade, estamos nos empenhando em apagar é o presente...

No *site* de A Gazeta Esportiva, todavia, uma bomba: A *vitória de 6 a 0 sobre o São Raimundo deixou* ***"claro" a*** *superioridade técnica são-paulina.*

## *a* expensas de

Esta locução sempre traz o a no singular, a exemplo da equivalente *à custa de: Mulher que vive* ***a expensas*** *do marido. *** Viajar* ***a expensas*** *da firma. *** Formar-se* ***a expensas*** *da namorada. *** Concluí o curso* ***a*** *minhas* ***expensas.*** **** Vives* ***a*** *tuas* ***expensas*** *ou* ***a expensas*** *da mamãe?*

Num edital do Tribunal de Justiça do Paraná: *Os exames de saúde que não forem passíveis de ser realizados no Tribunal de Justiça ficarão "às" expensas do candidato.* No mesmo edital: *O candidato considerado inabilitado terá acesso ao laudo médico, podendo requerer, "às" suas expensas, outros exames.*

Numa resolução do Tribunal de Justiça da Paraíba, porém, a surpresa foi ainda maior: A *celebração do Convênio, para que produza seus efeitos legais, será objeto de publicação no Diário da Justiça, "sob às" expensas do Poder Judiciário.*

No projeto de lei de um deputado: *Parágrafo único.* As *despesas decorrentes da aquisição e da instalação do equipamento correrão "as " expensas do consumidor.*

Convém deixar claro: quem faz questão de usar *"às" expensas de,* preferindo seguir registros de certos dicionários, inçados de erros e equívocos, não pode deixar de usar, por coerência,"às custas de".

## tomos em cinco

Trata-se de um italianismo, como estes: *Estávamos "em"seis no automóvel.* (Em português: *Estávamos seis no automóvel.)* *** *íamos "em" <!<••: pela estrada, conversando.* (Em português: *íamos dez pela estrada, conversando.)* *** *Vínhamos "em" quinze na caminhonete.* (Em português: *Vínhamos quinze na caminhonete.)* *** *Éramos "em"quatro no carro.* (Em português: *Éramos quatro no carro.)*

A exemplo de *namorar com* e dejogar *de goleiro,* é uma construção própria do italiano, mas devidamente consagrada na nossa língua cotidiana.

## continuação / continuidade

*Continuação* é prosseguimento; *continuidade* é sucessão ininterrupta. Um árbitro pode dar *continuação* a um jogo até os 50m, se achar conveniente; o novelista que não souber dar *continuidade* à trama, estará irremediavelmente fora do ibope, porque não despertará interesse.

Na mídia: *Docentes da Unicamp, da USP, da Unesp e da Unifesp decidiram pela "continuidade" da greve contra a reforma da Previdência.*

Na verdade, os professores decidiram pela *continuação* da greve.

Numa revista: *O ministro da Defesa defende a "continuidade" do programa espacial brasileiro.*

Estou certo de que o ministro está a defender a *continuação* do programa espacial brasileiro.

Eis, agora, o emprego correto da palavra *continuidade,* num artigo publicado no Jornal da Tarde: *O que mais se temia, em matéria de educação, acabou acontecendo. Em vez de dar* ***continuidade*** *à política de avaliação implementada pelo governo anterior, e cujo estrondoso sucesso foi registrado pelo Censo Escolar de 2003, o governo do PT optou por desmontá-la progressivamente.*

V. maiores explicações no **Dicionário de dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa.**

## "cataclisma" / "aforismo"

Trata-se de cacografias que muito se vêem em todos os tipos de publicações. Nove, entre dez brasileiros, escrevem errado estas duas palavras, ou seja, "cataclisma", "aforisma", em vez de *cataclismo, aforismo.* Tudo por influência de palavras mais conhecidas, como *cinema, dilema, problema, programa, telefonema, teorema,* etc.

Numa folha paulistana: *Cientistas russos relançaram o debate sobre o misterioso "cataclisma" da Tunguska, na Sibéria, em 1908, afirmando ter encontrado nos locais da catástrofe pedras suspeitas e fragmentos do que teria sido uma nave "extra-terrestre", que teria se chocado com um cometa.*

Note: o **cataclismo** foi tão grande aí, que o jornalista não soube nem mesmo escrever corretamente *extraterrestre!*

No editorial de tradicional jornal paulistano: *Um conhecido "aforismo, " diz que aqueles que esquecem a História estão condenados a revivê-la.*

E aqueles que desconhecem a própria ortografia estão condenados a quê?

## Pio X / século I / ano II / capítulo DI

Na sucessão de papas, séculos, anos, capítulos, etc., de I a X lemos em ordinal; de XI em diante, em cardinal. Portanto: século I (= século **primeiro),** ano **II** (= ano segundo); capítulo **III** (= capítulo **terceiro);** Pio **X** (= Pio **décimo);** século **XI** (= século **onze),** ano **XII** (= ano doze).

Não existe século "um", século "dois", século "três", século "quatro", século "cinco", século "seis", século "sete", século "oito", século "nove" nem século "dez". Mas é justamente desse modo que dizem todos os repórteres e jornalistas. Alguns até fazem pior. Escrevem: *Papa elogia combate de Pio "10" ao modernismo. Dois barcos que datam do século "1" foram descobertos...*

Numa revista: *Cientistas israelenses anunciaram a descoberta de uma pedra com inscrições do século "9" a.C. que pode ter sido parte do lendário Templo de Salomão, citado no Antigo Testamento.* Ora, escrevendo em cardinais, obrigam o leitor a ler erradamente.

Num grande telejornal se ouviu certa vez: *Arquimedes viveu no século "três"antes de Cristo.*

Tudo mentira.

## "um xerox"

Quem quiser uma cópia boa, sem rasuras, borrões e distorções, que peça sempre *uma xéroxl*

Em português, todas as palavras dissílabas terminadas em *-x* são paroxítonas: *bórax, cóccix, dúplex, tríplex, Félix, fenix, gúmex, Index, ônix,* enfim, todas. Constituem exceções, evidentemente, as que se criam com fins eminentemente comerciais, quase sempre ao sabor do arbítrio, com o suposto sufixo *ex,* indicador do produto: *Durex, Duratex, Mentex, Pirex,* etc. Nenhuma dessas formações pertence ao léxico português; nenhuma possui história: nasceram ontem, aqui mesmo, talvez numa acanhada sala de agência de propaganda.

*Xérox* nos vem do grego *xéros, e, on,* que significa *seco, secura.* Tal radical está presente em *xeroftalmia, xerografia, filoxera,* em que a vogai da sílaba *xe* possui timbre aberto (*xeroftalmia, xerografia, filoxéra),* constituindo-se em mais um fato comprobatório da prosódia legítima *xérox.*

Em inglês, a palavra já é paroxítona. Só mesmo os "artistas "preferem pronunciá-la como oxítona. E de "artistas" o Brasil está cheio! As vezes até trabalham em empresas multinacionais...

Veja esta frase de um jornalista, aliás,"artista": *"Os xerox"estão*

*pnrtl os livros como as fitas "piratas" estão para a indústria de cine-niii O discos.*

Tivs erros numa pequena frase. E então? Não é um "artista"?

## I o caso de te/ex?

*Telex* é abreviamento da expressão inglesa *teleprinter exchange* = inlrivomunicaçâo impressora a distância. Foge, portanto, à norma des-i i ila no caso anterior.

## Qual é o plural de fax?

E *os **fax.*** Palavras terminadas em *-x* com som de *ks,* mormente as formadas recentemente, ou que entraram há pouco na língua, não variam no plural. Estão no mesmo caso *de fax: xerox, telex, dúplex* e *tórax,* entre muitas outras.

Aquelas que possuem variantes em *-ce* (caso de *cálix, índex,* etc.) fazem o plural tendo por base a variante: *cálices, índices,* etc.

## Mooca

*Mooca,* sempre *Mooca,* sem acento. *Mooca* é um antigo e simpático bairro paulistano. Muita gente, no entanto, pensa que mora na "Moóca", jura que mora na"Moóca". Nunca morou!

## banana

Não é obrigatório, mas a melhor pronúncia desta palavra é *bãnâna,* e não"bánâna".

Sempre que houver uma consoante nasal após uma vogai, esta é fechada. Note que estamos falando em **preferência** de pronúncia, e não em erro. A ressalva é necessária, porque sempre há uns e outros que, ansiosos pela crítica, desejosos do nosso sangue, querem logo ir à veia, à jugula.

Recentemente, uma mulher foi a um programa de televisão de entrevistas e cantou uma música da bossa nova, em cuja letra aparece várias vezes a palavra *banana.* Foi "bánâna"para cá,"bánâna"pra lá, pra dar e vender. Afeou a música.

## "falámos" / "tratámos" / "conversámos"

Há quem queira diferençar o presente do pretérito, abrindo a vogai **a** das formas pretéritas. Essa prática, no português do Brasil, é tolice. Tanto a forma do presente quanto a do pretérito possuem uma única pronúncia correta (ao menos por aqui, no Brasil): *falámos, tratámos, conversámos.*

## "mâs"

Houve um presidente brasileiro (folclórico, de todos os pontos de vista) que se notabilizou não só por dizer "senhora", mas também por pronunciar a conjunção *mas* desta forma: "mâs", como, aliás, ainda dizem

alguns gaúchos. Ora, o que ocorre aqui é uma grande confusão: a vogai **a** só se fecha quando **antecede** consoante nasal, nunca quando se pospõe a ela. Não fosse assim, também teríamos de dizer "nâda","mâla", etc.

## serpente "não venenosa"

Eis aí algo que é difícil de aceitar. Por quê? Porque há uma diferença entre *cobra* (qualquer ofídio, venenoso ou não) e *serpente* (cobra venenosa, peçonhenta). Quando deparamos uma coral, dizemos que se trata de uma *cobra,* porque ela pode ser peçonhenta ou não (existem as falsas). Mas quando nos referimos à passagem bíblica, somos obrigados a dizer que foi uma *serpente* que tentou Eva no Paraíso, e não uma *cobra.* Tinha, naturalmente, de ser uma serpente... Cleópatra também morreu em conseqüência da picada de uma *serpente.* Tinha de ser...

Eis que, todavia, ao ler uma de nossas principais revistas semanais de informação, encontro as trevas: *Um veterinário australiano, especialista em cobras, foi chamado às pressas para retirar do telhado de uma casa uma serpente de 7kg e 3m de comprimento. Missão cumprida, o vaidoso veterinário posou para fotógrafos e cinegrafistas. Foi quando a cobra se vingou e o atacou no rosto. Ele teve sorte: a serpente não era venenosa.*

Tinha de ser uma serpente...

## argüir "da" constitucionalidade de uma medida

É tolice: o verbo *argüir* não é transitivo indireto. Quem questiona, discute, apresentando razões a favor ou contra, argúi alguma coisa, e não *"de"* alguma coisa. Podemos, agora, *argüir* uma questão controversa: o voto dos analfabetos.

Quando um ministro dos Esportes apresentou sua proposta de mudanças na lei do passe, em 1996, um jornalista esportivo insistiu em afirmar na televisão: *Os cartolas estão querendo argüir "da"constitucionalidade da proposta.*

O homem comete tanto furo, que já o chamam de Zezinho Kfuro!

## "duzentos" gramas de queijo "prata"

Eis aqui uma porção suficiente para causar aquela indigestão. Ao menos aos seres humanos. Sim, porque ***duzentas*** *gramas* só os burros é que costumam comer, já que *grama* (feminino) é *capim.*

E o queijo que costumamos comer em lanches é o *prato.* Até o momento nenhum laticínio se empenhou em fazer o queijo "prata", naturalmente porque o custo não devesse ser vantajoso...

Houve época em que os jornalistas da revista Veja defenderam com unhas e dentes a expressão"uma grama de ouro". Que bom que os tempos mudam!

**NÀ**

## uma *blitz,* duas ...

*blitze,* já que em alemão, o plural de *blitz é blitze.* Os nossos jornalistas, que até pouco tempo atrás usavam *duas "blitz",* já passam a usar a forma certa. Repare nestes exemplos, para firmar conhecimento: *Em razão da onda de seqüestras, a polícia tem feito muitas* ***blitze*** *pela cidade* ***de*** *São Paulo. *** Passei por várias* ***blitze*** *sem me pararem.*

Mas sempre há exceções. No *site* de um provedor: *Garotinhofaz ronda para avaliar as 81 "blitzes".*

Quem sabe sabe; quem não sabe, que se limite a bater palmas!

## Repare *"as"* pernas dela!

Quem repara *"as"*pernas é mecânico, já que *reparar* (sem a preposição *em),* na linguagem culta formal, significa *consertar, reparar* relógios, *reparar* fechaduras e até *reparar* pernas, quando mecânicas.

Pessoas mais elegantes, de espírito mais sutil, *reparam nas* pernas de uma garota, mas antes reparam *nos* seus bonitos olhos, *nos* seus lábios, *no* seu jeito de andar e de falar, *no* seu olhar, *na* sua boca, *na* textura dos seus lábios, enfim, reparam *em* tudo o que ela tenha de reparável e, sobretudo, de irreparável.

## Pode tratar-se de bandidos

Frase perfeita. O verbo *poder,* neste caso, é auxiliar de um verbo transitivo indireto acompanhado do pronome *se,* que indetermina o sujeito. Por isso, pode abrir a porta: *pode* tratar-se de amigos!

Antes de abrir a porta, porém, repare nestoutra frase: *Pode verificarem-se protestos, se a polícia usar de violência.*

Reparou? O verbo *poder,* em suma, em frases desse tipo, eqüivale a *é possível.*

## aprendendo o *bê-a-bá*

Apesar de ser assim, veja como escreveu um jornalista: *Tanto discutimos a inflação e suas causas, durante estes anos todos, que acabamos esquecendo o "beabá", o básico, o elementar.*

Há pessoas que querem ser formadoras de opinião sem sequer terem aprendido o *bê-á-bá.*

Mas há esperanças, há esperanças. Eis como escreveu outro jornalista, talvez mais letrado (ou mais bem-alfabetizado): *Ao criticar e desafiar uma MP que está vigendo, o governo Lula está mostrando ser analfabeto num ponto fundamental que é o* ***bê-a-bá*** *do Estado democrático de Direito.*

Digno de encômios...

## remontar "há"

O verbo *remontar* (ter sua origem ou princípio) é transitivo indireto e se usa com a preposição *a: A invenção da imprensa remonta **a** séculos.* * * * *A informática remonta **a** poucos anos.*

Num jornal: *O Afeganistão é um mosaico étnico de antigas culturas, cuja origem remonta "há"séculos de ocupação das estepes e montanhas da Asia central.*

O uso da preposição *a* e de *há,* do verbo *haver,* tem confundido muita gente, mas já não deveria estar confundindo jornalistas.

## por si só

A expressão *por si só* (= por si sozinho) varia normalmente: As *declarações do réu, por si **sós,** já bastam para condená-lo.* *** *Há publicações que, por si **sós,** já nos causam arrepios.*

Certa feita, uma fábrica de inseticida fez propaganda pela televisão, na qual o apresentador, logo de início, saiu-se com esta: *Existem coisas que fazem mal por si "só".*

De fato.

## Peixe tem "espinho"?

Pelo menos nas águas do planeta Terra, não. O que peixe tem é *espinha* dorsal. Mas uma repórter da Rede Globo não vacilou em afirmar, certa feita, que os habitantes de Londrina preferem consumir peixe sem *"espinho".*

Nós todos também, não é mesmo?...

## a pé

Sempre sem acento no **a:** *andar **a** pé.*

Não se usa, ainda, "de a pé" por *a pé:* vou *a pé,* vim *a pé* (e não: vou *"de " a pé,* vim *"de" a pé).*

Em algumas regiões do Nordeste se usa *"de"pé* por *a pé.* Ali, as pessoas costumam ir "de"pé e vir "de"pé. Assim, quando um motorista paquerador oferece uma carona a qualquer garota que vai passando pela rua, esta reage quase sempre brava e desta forma: - *Não, não preciso de carona: eu vou "de"pé mesmo.*

Ao chegar a casa, ela dá a notícia à mãe:

- *Mããããe, mãinha! Um cara queria me dar carona, mas eu não aceitei: vim "de pé"mesmo.*

O mais interessante é que ela chegou...

## de pé / a pé

Já que estamos com a mão na massa, não costuma estabelecer algumas diferenças de significado existentes entre estas duas expressões:

1) ir **a pé** = ir usando os pés, por oposição a *ir a cavalo, ir de carro,* etc.: *Quando lhe ofereceram carona, ela recusou, dizendo que preferia ir a pé.*

1) **ir de pé** ou **ir em pé** = ir com o corpo todo ereto, com apoio apenas nos **I** por oposição a *ir sentado, ir deitado,* etc.: *Nos ônibus urbanos, muita ftente vai de pé. Nos ônibus interurbanos, é proibido ir em pé.*
**it) estar a pé** = estar já desperto e fora da cama, ter já se levantado: *Na ona rural, às 5h o pessoal já está a pé.* (O povo usa, neste caso, "de" pé ou "em"pé.)

## serviço de "metereologia"

Não existe isto. O que temos é o Serviço de *Meteorologia,* palavra que vem de *meteoro.* No entanto, o erro é comum. O adjetivo correspondente *é meteorológico.*

No *site* do Terra: *Saiba a melhor maneira de dirigir em situações "metereológicas"adversas como: neblina, chuva, vento, lama e até gelo.*

No *site* de um jornal: *Um terremoto medindo 7,2 graus na escala Ri-icher atingiu a região do Pacífico perto das ilhas Salomão e de Papua Nova (luiné hoje, segundo um instituto "metereológico" dos Estados Unidos.*

## "sob" o ponto de visto

É um galicismo dispensável, já que temos *do ponto de vista,* aliás, expressão muito mais elegante. **De** todos os pontos de vista...

Numa revista: *O movimento de José Rainha é um anacronismo "sob " qualquer ponto de vista pelo qual seja observado.*

Repare não só no uso do galicismo, mas também na redundância, que seria evitada, se a frase terminasse em *ponto de vista.*

## "sob" esse aspecto

Esta preposição, em português elegante, deve ser substituída por em: *Nesse aspecto, posso dizer que a amo; mas noutro aspecto, não.*

Numa revista: *Deputados e senadores que elegemos nunca nos con-sultam sobre coisa alguma. Eles nem sabem a quem representam, nem ao menos têm os nossos e-mails. "Sob" esse aspecto, nem uma República de fato somos.*

## o dois-pontos

O nome do sinal de pontuação tem hífen: *dois-pontos* (:), assim como *ponto-e-vírgula (;).*

Poucos sabem usar o dois-pontos. Certa feita, a Toyota do Brasil fez publicidade capenga. Acima da foto do Corolla se lia: *Ótimo desempenho c muita segurança. O que toda mulher procura num homem e todo ho-mem procura num carro.*

A mensagem publicitária perfeita, no entanto, é esta: *Ótimo desem-penho e muita segurança: o que toda mulher procura num homem, e todo homem procura num carro.*

Repare neste trecho de jornalista: *No Palmeiras, "todo mundo" reconhece. Quando Marcinho não joga, a defesa fica muito mais exposta.* Note, agora, como ficaria em português: *No Palmeiras, todo o mundo reconhece: quando Marcinho não joga, a defesa fica muito mais exposta.*
EM TEMPO - 1) Há quem use *os dois pontos* (os portugueses o fazem), sem hífen e sempre no plural. Para bom entendedor, *dois pontos (os)* são isto: .., ou seja, um ponto atrás do outro; *dois-pontos (o)* é isto: :, ou seja, sinal de pontuação.

2) Não se usa dois-pontos depois da abreviatura de *telefone* nem depois da abreviatura de *ramal.*

## zero "pontos"

Se 1 não exige nomes e verbos no plural, que se dirá de zero! Há, todavia, quem consiga enxergar plural em zero. Repare nesta notícia de A Gazeta Esportiva: O *Oeste de Itápolis foi julgado nesta segunda-feira pelo Tribunal de Justiça Desportiva da Federação Paulista de Futebol, por atuar com três jogadores que estavam com suas documentações irregulares e acabou punido com a perda de 12 pontos. A Federação não divulgou se, após essa decisão, o Oeste, que possuía dois pontos em quatro jogos e era o penúltimo no Grupo 2, passará a figurar com menos dez ou com zero "pontos".*

Não sabemos dizer se estamos mais com pena do Oeste do que do Leste...

## representação das horas e dos minutos

As horas e os minutos se representam assim, e só assim: *20h, 20hl5min, 15h02min, 18h, 12h38min.*

Há os que usam o dois-pontos: *"20:15".* Há os que usam, além do dois-pontos: *"20:15hs.".* Há de tudo, menos o correto.

Certa vez, fixaram um grande aviso à entrada do elevado Costa e Silva, em São Paulo, conhecido popularmente por Minhocão: O *elevado estará interditado "das 0 HS às 5 HS".*

Note que, além da representação gráfica errada das horas, o zero foi considerado como nome do plural! Não seria mais econômico, mais sensato, mais educativo elaborar um aviso assim: O *elevado estará interditado* ***da Oh às 5h?***

Recentemente, uma emissora de televisão, depois de encerrar suas atividades, deixou esta mensagem na teia: *Fim de transmissão. Horário de programação: "de 08:00hs às 00:00hs.".* Aqui, uma série de absurdos ocorreu, como facilmente se nota. E saber que é tão fácil (e muito mais econômico) escrever corretamente: *das 8h à Oh!*

## abreviaturas de *quilo* e de *quilômetro*

As abreviaturas de *quilo* e de *quilômetro,* junto de números, se usam assim, e só assim: *2kg, 50kg, lkm, 80km* (note: não há s nem ponto, e a

abreviatura segue imediatamente o algarismo, não havendo nenhum espaço entre eles).

Portanto, o limite de velocidade nas principais rodovias brasileiras é de 80km/h, e não de"80 KM/H", como se vê comumente. Está aí a razão por que os motoristas costumam exceder a velocidade máxima permitida: falta de respeito...

## abreviaturas de *litro* e de *mililitro*

Hoje devemos usar assim: L para *litro* e mL para *mililitro.* A mudança de 1 para L e de ml para mL se deveu para evitar confusão com o algarismo 1. É a nova orientação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Podemos, ainda, usar o €, minúsculo, como o escrevemos manualmente, em vez da maiúscula: 1€.

## sêde

O bom-senso manda acentuar esta palavra, mas oVocabulário Oficial não vê assim. Convém acentuar, para diferençar de *sede* (é), outro substantivo. O acento serve para evitar ambigüidade, que pode ocorrer em frases como esta: *O candidato ainda não revelou se tem sede.*

Outros casos de acentuação obrigatória, em nosso ver, são das homógrafas fechadas *fôrma* (substantivo) e *vede* (forma imperativa do verbo *ver).* Sem o competente sinal, estas frases ficam prejudicadas: *Não encontrei a forma da forma que tanto procuro.* * * * *O calçado tem forma que não é da forma que eu escolhi.* *** *Vede tudo: está frio!*

O caso do verbo ainda é passável, porque o contexto se encarrega de nos informar se se trata do verbo *ver* ou do verbo *vedar.* Mas nos outros casos, a exigência do acento é absoluta. Em nome do bom-senso.

Imaginemos um escritor que queira dar este título à sua obra: *A forma da forma.* E agora?

Repare nesta frase: *trata-se de um tipo de impressão que deixa na superfície impressa apenas a marca da* ***forma*** *usada.* (Fôrma ou forma?)

Repare também nestoutra frase: *trata-se de um tipo de impressão que utiliza* ***forma*** *moldada.* (Fôrma ou forma?)

E mais nesta: *trata-se de um sistema de impressão que utiliza* ***formas*** *em relevo.* (Fôrma ou forma?)

Bom-senso, assim como beleza, é fundamental: *fôrma, fôrmas.* Mas o Vocabulário Oficial não vê assim. Paciência!

## *Vimos* aqui todos os dias para rezar

Frase perfeita: o presente do indicativo do verbo *vir,* na primeira pessoa do plural, é *vimos.* Portanto, em cartas: ***Vimos*** *informar a Vossas Senhorias que ...* *** ***Vimos*** *notando ultimamente uma queda nas vendas dos nossos produtos.*

ATENÇÃO - A frase ***Viemos*** *aqui para beber ou para conversar?* é defensável, desde que não se perca de vista o aspecto verbal. A idéia de cons-

tância, de freqüência, traduz-se pelo presente: ***Vimos** aqui para beber ou para conversar?* (Ou seja: *Vimos aqui **todos os dias** para beber ou para conversar?).* Se o fato se dá apenas vez ou outra, cabe o emprego do pretérito: *Afinal, **viemos** aqui para beber ou para conversar?*

Quando um fabricante de cerveja fez anúncio usando a frase, estava clara a intenção de freqüência, de constância naquele hábito. Daí por que censuramos a frase numa das edições anteriores.

### "sentar na" mesa

É coisa de gente pouco civilizada. Gente educada, elegante, civilizada, *senta-**se à** mesa,* quer para comer, quer para dialogar, discutir, debater, assinar acordos. É melhor usar como pronominal, mas há dicionários que já trazem este verbo como intransitivo. A última prefeita de São Paulo queria sentar"na"mesa com os empresários de ônibus urbanos e"ter com eles uma parceria". Será que os empresários aceitaram?!

### "as" 5.° e 6.ª séries

É tolice. Antes de palavras no singular (5.ª), não se usa o artigo no plural, ainda que haja uma seqüência delas: *Dou aulas **na** 7.ªe 8.ª séries.* *** *Transcrevi **o** 2°, 3.°e 4.°parágrafos.* *** *Angulo formado **pela** 2.ªe 3.ª porções do duodeno.* *** *Eram pessoas indicadas para **o** 2.°e 3.°escalões do governo.* *** ***A** 1." e 2." varas cíveis.* *** *Não concordo com **o** 4.° e 5." itens desse documento.*

A maioria dos jornalistas desconhece completamente o assunto. Repare na frase de um deles: *Após três meses de governo, continua a corrida pelas vagas "nos"segundo e terceiro escalões.*

Esta é de outro jornalista, cujo nome lembra um famoso presidente norte-americano: *Em viagem ao Senegal, Lula visitou a Casa dos Escravos, na ilha de Goree, um dos pontos de partida dos negros que cruzavam o oceano Atlântico rumo às Américas. Emocionado, pediu perdão aos africanos pela escravidão que durou "dos séculos" 16 ao final do 19.*

### dizer "para" que

Quem diz, diz alguma coisa a alguém: O *presidente disse aos ministros que não renunciará, apesar dos sucessivos escândalos à volta do seu governo.*

Escreve o mesmo jornalista: *A crise se agravando semanalmente e Lula dizendo a jornalistas "para"que olhem para a sua cara e vejam seu ar despreocupado.*

Pra que o *para?*

### eu quero me divertir

Há professores que condenam o uso de pronome oblíquo isolado entre dois verbos, amparando-se na sintaxe do português lusitano. Convém parar.

Aliás, ainda há provas de exames vestibulares que exigem conhecimentos da sintaxe de colocação usada meramente em Portugal, o que é um acinte para qualquer brasileiro. Universidade ou faculdade que ainda exige isso deveria ser cassada, a bem do serviço público...

No português do Brasil, o pronome oblíquo pode perfeitamente vir isolado entre dois verbos. Não há nenhuma necessidade de usar o hífen *(Eu quero-me divertir).* Deixemos os portugueses com seus empregos; fiquemos com os nossos! Ou temos de falar português como eles "tambáim"?

## proceder "um" sorteio

Não. *Proceder* ***a*** *um sorteio,* ***a*** *um exame,* ***a*** *uma vistoria,* ***a*** *uma cobrança,* ***a*** *investigações,* ***a*** *pesquisas,* ***a*** *diligências.*

Num formulário de depósito bancário, leu-se, certa vez, esta advertência: A *disponibilidade do depósito em cheque ocorrerá após a respectiva cobrança "que procederemos"por sua conta e risco.*

Pois a cobrança ***a*** *que procederemos* é para sempre. E será maligna!...

## olhar

Na acepção de *levar em conta ou em consideração* é transitivo indireto: *Quando ele vai a restaurantes, não olha* ***a*** *preços.* *** *Gosto de Beatriz, porque ela não olha* ***a*** *meus defeitos.*

Um jornal reproduz a entrevista com um ministro: *Essa greve do judiciário vai se voltar contra as instituições e será uma greve antipática.* * * * *Uma greve por melhores condições da sua própria carreira, que não olha "a"situação da totalidade do povo brasileiro.*

Há quem olhe à situação do povo brasileiro?

## Ela "mesmo" diz que merece a punição.

*Mesmo* e *próprio* variam em gênero e número, quando funcionam como demonstrativos de caráter reforçativo: *Ela* ***mesma*** *diz que merece a punição.* * * * *Ela* ***própria*** *diz que deve ser punida.* * * * *Elas* ***mesmas*** *lavam suas roupas.* * * * *Luísa, seja honesta consigo* ***mesma!***

*Mesmo* não varia somente quando eqüivale a *de fato, realmente: Ela veio* ***mesmo*** *aqui hoje?* *** *Suas filhas sabem* ***mesmo*** *cozinhar?*

Num de nossos jornais apareceu certa vez esta frase: As *montadoras estão virando "no" avesso uma máxima que elas "mesmo" criaram: vender barato para vender mais.*

## Viridiana é uma "soprana"? ,

Não. *Soprano* é termo que se aplica tanto ao cantor quanto à cantora. A distinção de sexo se faz trocando o gênero do artigo ou de qualquer outro determinante: o *soprano, a soprano; aquele soprano, aquela soprano,*

etc.Trata-se, portanto, de um nome comum-de-dois, assim como *dentista, jovem, selvagem, motorista.*

Certa feita, uma apresentadora de telejornal informou que a *"soprana* "Aprile Millo chegaria ao Brasil.

E nem sequer ficou vermelha!

## Alguém pode ter olhos "castanhos-escuros"?

Não. Num adjetivo composto, só o último elemento varia. Portanto, só podemos ter *olhos **castanho**-escuros, cabelos **castanho**-escuros, olhos **verde**-claros, olhos **azul**-claros, equipamentos **médico**-hospitalares, política **econômico**-financeira, tonalidades **claro**-azuladas, pessoas **maníaco**-depressivas,* etc.

Num jornal: *Os animais, como as pessoas e principalmente como as crianças, merecem uma série de cuidados "higiênicos-dietéticos ", que abrangem, além de limpeza e alimentação, os serviços "médicos-veterinários ".*

Certas pessoas, assim como certos animais, merecem - de fato - uma série de pequeninos cuidados...

## "após ter"

Não é bom português o uso de *após* antes de formas nominais. Prefere-se *depois de:* ***Depois de** se levantar da cama, tome banho!* *** ***Depois de** ocorrido o acidente, começou a chover.* * * * ***Depois de** ter marcado o gol, o jogador foi até a galera.*

Se o uso de formas nominais com a preposição *após* já é de todo condenável, que se dirá, então, do seu emprego não só assim, mas junto de preposição? Foi o que encontramos no rótulo de um molho de tomate. A patada veio em forma de conselho: *"Após de abrir" conservar em geladeira.*

Não é uma fria? Quanto à falta da competente vírgula depois de *abrir,* então, nem vamos comentar: é café-pequeno.

## Após "ao" almoço, escove os dentes!

*Após* já é uma preposição; não tem sentido usar preposição com outra preposição, como vimos no caso anterior. Assim, usaremos: *após o jantar, após as refeições, após as 18h, após o jogo, após o programa, após o almoço,* sempre sem a combinação *ao* ou sem a crase *à.*

De notar, ainda, que esse não é um caso rigorosamente correto do emprego dessa preposição. Consulte o **Dicionário de dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa.**

De vez em quando, no entanto, aparece um aviso correndo na parte inferior da tela do nosso televisor: *Após "ao" futebol, assista a um filme inédito.*

De quem é a culpa? Claro: do futebol!...

No *site* da Jovem Pan se leu: *Romeiros: movimento na Dutra será mais intenso após "às"16h do domingo.*

De quem é a culpa? Sem dúvida: dos romeiros.

## bife a cavalo

Quem conhece este delicioso alimento sabe que aqui existe um paradoxo: por que bife *a cavalo,* se é o ovo que vem por cima? Explica-se: esta expressão é uma redução infeliz de outra, bem mais lógica, porém, pouco usada: bife com ovo a cavalo.

Se, porém, algum de nós chegar a um restaurante e pedir um bife com ovo a cavalo, o garçom talvez traga outra coisa...

## arrepender-se

E verbo essencialmente pronominal. Certa feita, um apresentador de programa esportivo pela televisão perguntou a um ex-treinador da seleção brasileira de futebol: Você *"arrependeu"de não ter convocado Romário para as Olimpíadas?*

A resposta veio tão capenga quanto a pergunta: *Não, não "arrependi".*

Pois então, *arrependa**-sel***

## Inicia-se período com algarismo?

Não convém. Já encontramos, todavia, períodos iniciados assim: *"1194"foi o ano de implantação do real.* *** *"5.°"Encontro de Secretários da Saúde.* Convém preferir: *O ano de 1994 foi o da implantação do real.* * * * *Quinto Encontro de Secretários da Saúde.*

## O número *sete* deve ter corte?

De preferência, não. Verifique em qualquer teclado: o 7 tem corte?

O corte nesse algarismo começou a aparecer para espantar a confusão com o 1, ou mesmo com o 2. Convém saber, todavia: o corte é apenas ratifieativo, e não absolutamente necessário.

Há uma explicação galhofeira para o corte no 7. Diz-se que, quando Moisés desceu do monte Sinai com a Tábua dos Dez Mandamentos, passou a ler as leis de Deus para o povo. Chegando ao mandamento de número 7, ergueu um pouco mais a voz: **Não cobiçar a mulher do próximo!** Ao que o povo protestou prontamente, gritando: **Corta, corta!**

## "uma somatória"

E bobagem. A língua só tem *um somatório: O país vivia **um somatório** de crises.* * * * *Houve **um somatório** de equívocos nessa investigação.* * ** *Ocorre **um somatório** de asnices nos exames vestibulares.*

Sentença de um juiz: *O réu foi imprudente, concorrendo com a imprudência da vítima, "numa somatória" de culpas que deram causa à morte do ciclista. A condenação do réu, pois, é de rigor.*

Só do réu?

Numa folha paulistana: *O lucro de R$7,807 bilhões da Petrobras no primeiro semestre deste ano supera "a somatória" do resultado dos sete maiores bancos do Brasil.* Na mesma folha: O *movimento de reação contra o imposto de renda resulta de "uma lamentável somatória" de má fé, demagogia e oportunismo.*

O que é mais lamentável?

## pagamento em médio e longo "prazo"

Não. Quando o substantivo se refere a dois ou mais adjetivos, deve estar no plural. Portanto: ***as administrações*** *direta e indireta,* ***as imprensas*** *falada, escrita e televisionada,* ***as polícias*** *civil e militar,* ***os setores*** *público e privado.*

Portanto, faça qualquer pagamento em *médio e longo* ***prazos.*** O importante é fazê-lo.

## minguar

Este verbo, assim como *aguar, desaguar* e *enxaguar,* nas formas rizotônicas, tem tonicidade na primeira sílaba: *mínguo, minguas, míngua, minguam; míngüe, míngües, míngüe, míngüem; águo, águas, água, águam; ágüe, ágües, ágüe, ágüem,* etc.

Num jornal: *Crédito "mingua"neste governo.*

Conhecimentos de português, então, *minguam* diariamente...

## "meu" óculos!

*Óculos* é palavra só usada no plural: *os óculos.* Quando precisar de *bons óculos,* procure uma óptica! Antes, porém, não se esqueça de consultar um bom oftalmologista, que lhe indicará *os melhores óculos* para o seu caso.

Certa feita, noticiou um jornal, para grande surpresa nossa: A *polícia francesa anunciou ontem o roubo* ***dos óculos*** *usados por Napoleão Bonaparte na histórica batalha de Austerlitz, de 1805, em que venceu os exércitos austríaco e russo.*

A hora é de festa, de alegria: exultemos!

Já durante a cerimônia de transferência de faixa presidencial, Fernando Henrique Cardoso, ao retirar a faixa, deixou cair *os óculos.* A apresentadora de uma emissora de televisão, todavia, que sabe falar fluentemente o francês e o inglês, não conseguiu dizer ***os*** *óculos.* Ficou mesmo com *"o " óculos.* É a miopia sempre presente.

## Deixe "eu" dormir sossegado!

Frase típica da língua falada. Preste atenção a estes seis verbos, nunca mais os esqueça: *deixar, mandar, fazer, ver, ouvir* e *sentir.* Todos seis exigem pronome reto antes de infinitivo, e não pronome oblíquo. Repa-

re nestas frases: *Deixe-**me** dormir sossegado!* *** *Mandaram-**me** ficar aqui.* *** *Fizeram-**me** beber todo o purgativo.* *** *Vi-**o** entrar.* *** *Ouvi-**as** chorar.* * * * *Senti-**a** mexer-se.*

Mas na língua falada, a do dia-a-dia, entre amigos, é comum encontrarmos o pronome reto: *Mandaram "eu"ficar aqui.* *** *Fizeram "eu"beber todo o purgativo.* *** *Vi "ele"entrar.* *** *Ouvi "elas"chorar.* *** *Senti "ela" mexer-se.*

Qual das duas formas de construção é compatível com você? Escolha a sua!

## Faça *entrar* as visitas!

Frase corretíssima. Lembra-se dos seis verbos do caso anterior? Eles estão presentes, novamente. Todos seis, quando usados com infinitivo imediatamente posposto, dispensam a flexão do infinitivo, independentemente do número em que se encontra o sujeito. Ex.: *Mande **sair** as crianças.* (O sujeito de *sair* é *as crianças.)* *** *"Deixai **vir** a mim as criancinhas!".* (Sujeito de *vir: as criancinhas.)* *** *Vi **morrer** os soldados.* *** *Ouvi **bater** portas e janelas.* *** *Senti **cairos** meus óculos.*

Se aparece um pronome oblíquo como sujeito, o infinitivo continua invariável. Ex.: *Faça-as entrar!* (O sujeito de *entrar* é *as.)* *** *Mande-as sair!* *** *Deixa-as vir a mim!* *** *Vi-os morrer.* *** *Ouvi-as bater.* *** *Senti-os cair.*

Se, no lugar do pronome oblíquo, aparece um substantivo ou um pronome substantivo, a flexão é facultativa ou opinativa. Ex.: *Faça as visitas entrar* (ou *entrarem)!* *** *Mande todos sair* (ou *saírem)!*

A Goodyear lançou recentemente um pneu à prova d'água. Sua propaganda começava com esta frase: *Quando as águas chegarem, deixe as águas **rolarem.*** Perfeito. Mas se estivesse **rolar,** em vez de **rolarem,** a frase não só estaria perfeita, como castiça.

Os jornalistas, por sua vez, desconhecem por completo o assunto. Eis um exemplo, dos milhares que já encontramos em publicações de todos os tipos: O *ano de 1985 "viu passarem"pela área econômica três administrações distintas.*

A Veja, ed. 1.621, apresentou interessante reportagem sobre os mamutes. E uma frase assim: *Corpo bem conservado de mamute morto há 23.000 anos **faz** cientistas **sonharem** recriar a espécie.*

Extraordinariamente correto! Houve até quem ficasse extremamente emocionado...

## risco de *vida* / risco de *morte*

A expressão rigorosamente lógica, racional, é *risco de morte* (o elemento final deve denotar sempre algo ruim), assim como se corre *risco de infecção* num ambiente infecto; assim como se corre *risco de contágio,* se se tem contato com alguém que sofre de mal contagioso, etc.

Nem sempre, porém, o que é racional, lógico, acaba a braços com a

língua, que também agasalha *risco de vida.* Aliás, consta dos mais antigos (e bons) dicionários.

## perigo de *vida* / perigo de *morte?*

Eis aqui outro caso interessante, semelhante ao anterior. A língua só possui *perigo de vida.* E note que a palavra *perigo,* logicamente, não poderia nunca pedir outra de significado meliorativo, mas sim de significado ruim, desagradável, funesto. As pessoas que ganham a vida remexendo lixões, correm perigo de *doença;* uma equipe não corre perigo de "vitória", mas perigo de *derrota,* numa partida difícil. Então, por que apenas perigo de *vida?* Não tenho, infelizmente, a resposta.

## vitrô

Sempre condenei esta excrescência, preferindo *vitral,* mas estou sendo obrigado a sucumbir a ela. Sim, porque *vitrô,* positivamente, não é o mesmo que *vitral.* Daí por que não há outra saída, a não ser sair pelo *vitrô* mesmo...

## tigresa

Não convém usar *tigresa* como feminino de *tigre,* mas apenas como sinônimo de *mulher excepcionalmente linda, sedutora, atraente,* assim como Carolina Ferraz, por exemplo.

Quanto à fêmea do tigre, continuemos a tratá-la como bem merece: o *tigre fêmea.* É mais ecológico.

## quer...quer

As conjunções correlativas alternativas não podem ter elementos diferentes. Portanto, usamos sempre: *quer...quer, ou...ou, seja...seja,* etc.Volta e meia, no entanto, encontramos frases mais ou menos assim: *Estamos cansados de radicalismos,* ***quer*** *de esquerda* ***"ou"*** *de direita.* *** *Mulheres e até homens se preocupam com a própria pele,* ***seja*** *no verão* ***"ou"*** *no inverno.*

*Seja* no verão, *seja* no inverno, a realidade é essa...

De boas intenções, o mundo realmente está cheio. Recentemente, um abnegado se dispôs a comentar os erros encontrados nos livros didáticos do ensino fundamental. Sua primeira frase, para iniciar o comentário dos erros, foi esta: *Uma rápida folheada num livro, pretensamente didático, destinado ao Ensino Fundamental, seja de Geografia "ou seja" de Ciências demonstra, geralmente, um grande número de erros, de imperfeições, de omissões e/ou de desatualizações na parte referente à Astronomia.*

Ele continua: *O mais grave dessa situação é que os livros são usados tanto pelos alunos como pelos professores, sendo, muitas vezes, o único livro de referência disponível. Assim, o professor aprende erra-*

*do, ensina errado, o aluno se torna professor e o ciclo da ignorância se fecha e perpetua.*

Não é que o autor tem razão!...

Esta saiu num jornal: *Não se pode confiar nos homens públicos,* ***seja*** *na Nova República* ***"ou"*** *na Velha.*

Por falar em Nova República e em Velha República, eis a declaração de um famoso (e poderoso) senador baiano: *Na Bahia, eu sou como o Senhor do Bonfim: responsável por tudo o que acontece, seja de bom "ou"de ruim.*

Pois é...

Sobre o poder desse político baiano, ouvi certa vez uma anedota digna de ser reproduzida aqui. Uma vez no inferno, ele perturbava tanto o diabo, que este um dia resolveu telefonar a São Pedro, para oferecer-lhe aquela alma perturbadora. Depois de muita insistência do capeta, o guardião do Céu resolveu aceitar a oferta. Passados três meses, o diabo telefona ao Céu. Atende São Pedro. Pede o diabo: - Por favor, quero falar com Deus. Ao que São Pedro pergunta: - Qual deles?

## Preciso de ajudantes, *sejam* mulheres, *sejam* homens.

Frase perfeita: *sejam* aí é verbo. Mas essa mesma frase poderia estar assim, com conjunção alternativa: *Preciso de ajudantes,* ***seja*** *mulheres,* ***seja*** *homens.* = *Preciso de ajudantes,* ***ou*** *mulheres,* ***ou*** *homens.*

Outro exemplo: *Estamos cansados de radicalismos,* ***sejam*** (ou ***seja)*** *de esquerda,* ***sejam*** (ou ***seja)*** *de direita.*

Portanto, perfeita esta frase da revista Veja, ed. 1.815, p. 57, sobre cuja correção nos enviaram consulta: *Na hora do voto, o eleitorado americano costuma rejeitar os candidatos extremistas -* ***sejam*** *de direita,* ***sejam*** *de esquerda.*

Poderia estar aí também, portanto, *seja...seja.*

## "muito" embora

Combinação esdrúxula. Use-se apenas *embora,* já que esta palavra, no português contemporâneo, só pode ser conjunção ou palavra denota-t.iva, mas nunca advérbio, como já o fora antanho.

Numa revista: *Os gastos dos técnicos com viagens, por exemplo, subiram 40% em três anos, "muito" embora as crises financeiras tenham sido raras no período.*

Pergunta de uma repórter a um galã do cinema: *Há muitos anos que é considerado um dos símbolos sexuais masculinos de Hollywood. "Muito" embora esteja agora noivo de Jennifer Lopez, foi assediado por muitas mulheres quando era solteiro?*

Apesar de ser uma praga na mídia brasileira tal combinação, é no |urnalismo esportivo que ela se fortalece. Veja trecho de um jornalista «•nportivo: *Scolari será o primeiro a desejar saber das respostas a estas*

*dúvidas, "muito"embora, cá para mim, experiente e seguro como é, Scolari já deva ter, lá no íntimo, algumas convicções fortes que tanto poderá querer provar abertamente, logo de início, como poderá testar, mais diplomaticamente, ao longo do jogo.*

## suor

Pronuncia-se *suor.* O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, no entanto, certa vez num discurso quis parodiar Churchill. Mas fê-lo tão mal, que seria melhor que se calasse. Numa daquelas crises por que passou o seu governo, ele disse que só tinha a oferecer ao povo brasileiro *"suôr" e lágrimas.* E voltou a usar a famigerada expressão "brasileiras e brasileiros", que, aliás, já houvera empregado dias atrás, noutro de seus discursos.

Não sei quem foi que me disse certa vez que sociologia fazia mal às pessoas, que mexia muito com a cabeça. Estou já quase me convencendo...

## os "pataxó"

É outra asneira, difundida por um grande jornal paulista, que já se tornando famoso por suas invencionices na língua, para depois colocá-las todas em seu manual de redação. As vítimas, naturalmente, são os compradores do manual que buscam, ansiosos **conhecimentos** de português.

A invenção acima, no entanto, quase ia pegando, não fosse o bombardeio cerrado que se realizou contra ela. Estavam querendo que todos os nomes de nações indígenas não variassem e tivessem (ainda) iniciais maiúsculas! Aí, então, teríamos "os Guarani", "os Tupi", a Rua "dos Tamoio", a Ladeira "dos Tabajara" e o poema de Gonçalves Dias, naturalmente, iria virar "Os Timbira".

Ou seja, falaríamos língua de índio. Felizmente, percebeu-se a tempo a asnice que alguns beócios estavam querendo consolidar.

## Entro no trabalho *às* 8h ou "de 8h"?

Quem é consciente, responsável, entra no trabalho ***às*** *8h.* Sempre às 8h.

No Ceará, todavia, as pessoas não entram no trabalho *às 8h* nem saem *às 18h.* Elas entram"de 8"e saem"de 18". Certa vez, encontrando uma conhecida funcionária de uma farmácia, em Fortaleza, perguntei-lhe: *Já está indo para o trabalho?* A resposta veio assim: *Não, hoje só entro "de 4".*

E ela ainda ficou sem entender por que ri tanto...

## "inhoque" com frango

É um prato indigesto. Há restaurantes que oferecem isso; convém comer só o frango, deixando a massa...

Prato saudável, que deve constar em cardápio de restaurantes confiáveis (e limpos) é só o **nhoque** com frango.

*Nhoque* é um aportuguesamento do italiano *gnocchi.* Note: nem na língua de origem existe o"i"inicial, que muitos donos de restaurante fazem a gente engolir, quer queira, quer não.

## Foi "criado" uma CPI

Alguns jornalistas não conseguem distinguir tempo composto de voz passiva e, assim, acabam colocando os pés pelas mãos.

No tempo composto, o particípio não varia: *tenho* ***visto,*** *temos* ***visto,*** *havemos* ***encontrado,*** *havíamos* ***jogado.***

Na voz passiva, ao contrário, o particípio varia normalmente: *ela foi* ***vista,*** *elas estavam* ***eleitas,*** *elas foram* ***encontradas,*** *estávamos* ***jogados.***

Com os verbos *ter* e *haver* se formam os tempos compostos; com *ser* e *estar,* principalmente, forma-se a voz passiva.

Veja mais exemplos em que há voz passiva: ***É vedada*** *a publicação de revistas pornográficas.* *** ***Será adotada*** *uma atitude cautelosa.* *** ***Foi adotada*** *uma fórmula para solucionar o impasse.* *** ***Foi feita*** *uma avaliação do estado do jogador.*

Todas essas frases foram ouvidas de repórteres, porém, com o particípio absolutamente invariável, numa demonstração inequívoca de desconhecimento do assunto. Aliás, até aqui, nenhuma novidade.

Se os sujeitos vierem no plural, a voz passiva os acompanhará: ***São vetadas*** *as publicações de revistas pornográficas.* *** ***Serão adotadas*** *atitudes cautelosas.* *** ***Foram encontradas*** *fórmulas para solucionar o impasse.* * * * ***Foramfeitas*** *avaliações do estado do jogador.*

Vejamos, agora, frases de repórteres ou de jornalistas, assim como elas vieram ao mundo, tanto de penas quanto de bocas: *Foram "atingidas" pelo decreto um total de 11 áreas nos municípios catarinenses.* *** *As entregas são feitas a domicílio, ou é "cobrado" R$10,00 pelo serviço.* *** *Nesse caso, é "cobrado" uma mensalidade de R$20,00.* *** *Só é "permitido" a retirada de três livros de cada vez.* *** *Brevemente será "incluído"na biblioteca circulante da loja coleções de Machado de Assis, Humberto de Campos, Aloísio de Azevedo, Guilherme de Almeida, etc.*

## antílope

É nome masculino e epiceno: ***o*** *antílope macho,* ***o*** *antílope fêmea.*

Certa feita, um repórter de televisão nos informou que o zoológico da cidade havia ganho "uma antílope" (em referência ao antílope fêmea). Disse mais: que "a antílope" parecia um bode.

E o cheiro ficou até hoje...

## pagar "a" longo prazo

Não convém. Prefira pagar ***em*** *longo prazo.* É a preposição *em* que se ii:..i neste caso: ***em*** *longo prazo,* ***em*** *curto prazo,* ***em*** *médio prazo.*

Para ter certeza disso, repare neste sugestivo diálogo entre um encanador e um cliente necessitado: - ***Em*** *que prazo você me faz o serviço?* - *Faço o serviço* ***em*** *três dias.*

Observe qual foi a preposição usada. Esse mesmo diálogo seria impraticável (ou não é praticado) com a preposição "a". O encanador poderia dizer que faria o serviço *em* tempo mais longo *(em* vinte dias, por exemplo; seria, então, um serviço ***em*** *médio prazo);* poderia pedir ainda muito mais tempo para executar o trabalho *(em* seis meses, por exemplo; seria, então, um trabalho ***em*** *longo prazo).*

As expressões "a longo prazo","a médio prazo" e "a curto prazo" receberam clara influência da locução adverbial de modo o *prazo;* no entanto, quando se faz um serviço "a longo prazo" não se tem idéia de circunstância de modo, mas sim de *tempo.*

Há jornalistas que acertam, ao usarem a expressão: *Governar e fazer política assim é absolutamente inviável pelo menos no médio e longo "prazo".* Acertou no emprego da preposição, mas deslizou na concordância, já que o substantivo deveria estar no plural: *prazos.*

Ou seja: de vez em quando eles acertam, mas dão sempre uma no cravo e a outra bem na ferradura...

## cor-de-rosa

Não varia: *camisas cor-de-rosa, meias cor-de-rosa,* etc. Se se usar apenas *rosa,* também não haverá variação: *lenços rosa, camisas rosa, meias rosa,* etc.

A excelente cantora Rosa Passos, na bonita *Dunas,* fala em orquídeas "cor-de-rosas", o que empanou um pouco o brilho da sua excelente interpretação.

## ao encontro de = de encontro a?

Não. São exatamente locuções antônimas. Ao *encontro de* indica situação favorável, conformidade; *de encontro a* indica contrariedade, oposição, choque. Assim, uma filha que aguarda a chegada da mãe de uma longa viagem, num aeroporto, está com saudade e, logo que a vê, vai *ao encontro* dela; um aumento de salários vem sempre *ao encontro do* desejo dos trabalhadores. Já uma carreta que colide com um muro vai *de encontro a* ele; uma redução de salários vem sempre *de encontro ao* desejo dos trabalhadores.

O Acre teve uma governadora que declarou: O *congresso constituinte deve ir "de encontro aos " anseios por mudanças da população do país.*

Disse o que não queria, o que não devia, o que não podia.

## "industrializar" testemunhas

É algo um tanto ou quanto difícil. O que se costuma fazer - e não se trata de prática muito aconselhável - é *industriar* testemunhas, ou seja,

instruí-las ou orientá-las para não entrarem em contradição no momento do depoimento.

*É crime* ***industriar*** *testemunhas.* Os bons advogados usam sempre assim. Já os outros preferem "industrializar" as testemunhas.

## *mesada semanal* = incoerência?

Não. A noção de mês na palavra *mesada* se perdeu completamente. I lá uma figura de linguagem que justifica todos esses empregos, considerados, à primeira vista, como de incoerência: é a *catacrese* (v. **Gramática contemporânea Sacconi).**

## tsunâmi

Esta palavra, de origem asiática, é masculina: ***o*** *tsunâmi,* ***um*** *tsunâmi.* Os apresentadores de telejornais brasileiros, tão afeitos a provocar muitos tsunâmis na língua, usaram-na como feminina. Parece haver um certo gostinho de prestar desserviço à língua por parte desses profissionais.

Quanto ao acento, deve-se ao aportuguesamento, que fizemos por nossa própria conta. A Academia Brasileira de Letras ainda não se dignou fazê-lo; daí por que certos dicionários ainda trazem *tsunâmi.*

## festejar

Todo verbo terminado em *-ejar* (exceto *invejar)* mantém fechada a vogai tônica, durante a conjugação: *festejo, festeja; festeje, festejem,* etc. K assim também com *bocejar, calejar, despejar, farejar, gaguejar, gotejar, latejar, pelejar, pestanejar, planejar, praguejar, rastejar, relampejar, velejar,* etc.

Um jornalista esportivo, certa vez, preocupado com a não-convocação de Romário para a seleção brasileira de futebol de 2002, disse pela televisão: *Romário é um jogador que "faréja"o gol.*

De outra feita, um jornalista da TV Cultura (atente bem: TV **Cultura)** disse, num programa noturno de entrevista, na ânsia de justificar a apresentação de certos programas do mundo cão, que a televisão "despéja" o programa que a população quer.

Há, no entanto, quem sempre acaba vendo e ouvindo o que não <|uer.

## idoneidade / espontaneidade

Apesar de serem estas as palavras corretas, o povo gosta muito de i don iedade" e " espontaniedade".

Repare ainda nestas palavras, com terminação semelhante: *contemporuneidade, homogeneidade, heterogeneidade, instantane idade, simulluneidade.*

## E se '"houverem" muitas dúvidas?

Se **houver** muitas dúvidas, vamos dirimi-las todas. Causa-me algum mal-estar saber que no século XXI ainda haja pessoas que não aprenderam a usar corretamente o verbo *haver.* Na televisão, a cada passo, aparecem pessoas que exercem cargos e funções importantes, que soltam o malsinado "haviam" e o malcheiroso "houveram". Não impõem respeito.

Assim como o verbo *fazer,* o verbo *haver* não se usa no plural, quando sinônimo de *existir, acontecer, realizar-se* e *fazer* (tempo): *Havia animais na pista.* (Jamais: "Haviam", porque *haver,* aí, eqüivale a *existir.)* *** *Já **houve** duas guerras mundiais. **Haverá** outras?* (Jamais: "Houveram", porque *haver,* aí, eqüivale a *acontecer.)* *** *Quantas reuniões **haverá** hoje aqui?* (Jamais: "haverão", porque *haver,* aí, eqüivale a *realizar-se.)* *** *Não a vejo **há** séculos!* (Jamais "hão", naturalmente, porque, aí, *haver* eqüivale *afazer.)* *** *Espero que **haja** ingressos à venda. (=* existam) *** *Ninguém queria que **houvesse** greves. (=* acontecessem) * * * ***Pode haver*** *mais guerras mundiais.* *** ***Costuma haver*** *reuniões todas as sextas-feiras.* *** ***Está havendo*** *progressos nas negociações.* *** ***Vai haver*** *greves.*

Note que o verbo auxiliar também não varia. Eis, porém, como diz a reitora de uma importante universidade brasileira: *As propostas são boas, são proposições abertas para a discussão e "estão"havendo debates. Mas, às vezes, a gente toma sustos, como os dois projetos que foram enviados ao Congresso [de reservar 50% das vagas nas universidades federais a alunos da rede pública e ocupar vagas no ensino superior privado em troca de isenção fiscal]. A gente não participou da elaboração disso. Já sobre a reforma universitária, o MEC nos ouviu em alguns pontos, mas em nenhum momento sentamos "em"uma mesa para discutir as idéias* - o *que deve acontecer em breve.*

Repare que além do malsinado "estão", por *está,* a respeitável senhora tem o mau hábito de sentar "em" mesa. O mais preocupante é saber que foram justamente os professores da sua universidade que no MEC avaliam as obras de língua portuguesa e os minidicionários, para adoção nas nossas escolas públicas!

Permita-me, caro leitor, fazer aqui um comentário pertinente: há certos educadores hoje que se consideram tão abalizados, tão conhecedores dos problemas da Educação brasileira, que as crianças que seguem seus métodos pedagógicos "ultramodernos"saem das nossas escolas sem ao menos saberem ler com desenvoltura ou interpretarem um texto, fato ignominioso, que certos organismos internacionais já detectaram e difundiram ao mundo. Essa gente implantou uma linha filosófico-pedagógica que nos levou a um ensino caótico, que aborta educandos incapazes sequer de ler e escrever razoavelmente, mesmo depois de quatro anos de freqüência escolar. Na 5.ª ou na 6.ª série, os alunos ainda lêem como crianças da 1.ª série. O nível de analfabetismo diminui nas estatísticas do governo, mas a escola brasileira, acatando as diretrizes desse tipo de gente, está formando na verdade analfabetos funcionais. E os professo-

ivs, que pouca ou nenhuma responsabilidade têm nesse resultado, continuam ganhando miséria. O sistema educacional brasileiro, ao menos c'ité agora, não percebeu que a virada começa justamente pelo professor, promovendo reciclagens freqüentes, reconhecendo o seu trabalho, fazendo-o viver condignamente. Nunca o ensino brasileiro esteve tão pobre, tão miserável, tão assustador! A Academia Brasileira de Letras entregou recentemente um documento ao ministro da Educação manifestando sua insatisfação com o ensino de português nos níveis fundamental e médio. Segundo seu presidente, é preciso voltar a ensinar nas escolas a norma culta, relegada a segundo plano no MEC, para cujos educadores a norma culta é algo desprezível, algo de "somenas" importância. No seu entender, o que vale mesmo é a fala popular, a verdadeira língua. Ninguém põe em dúvida sua importância. Mas a norma culta é a única que nos une como nação, é a única que une os diversos registros de fala, é a única que nos garante atuar como bloco monolítico em defesa da nossa cultura, da nossa soberania e de outros interesses maiores do país. Em uma geração de educadores que faz a apologia do "menas", da "mortandela", do "mendingo", da "questã", do "um pastéis" e do "um chopes", no entanto, é difícil crer em responsabilidade.

## "a" mapa

Qualquer aluno da primeira série sabe que *mapa* é substantivo masculino, pois nenhum deles diz "a" mapa. Mas um minidicionário, distribuído oficialmente nas escolas, aprovado pelo MEC, dá a palavra como substantivo feminino: "a"mapa.

E não fica só por aí. Segundo esse mesmo dicionário, distribuído oficialmente às nossas crianças, com aprovação do MEC, são palavras femininas: *brioche, rolimã, sistema, capacete, planeta, carma, ídolo, rocambole, miasma, deságio, biriba, diapasão, sifão, guache, sorvedouro, clã* e *ribamar.*

Segundo o mesmo dicionário, são palavras masculinas: *soja, manobra, mecha, bólide, tribo, abusão* e *piracema.*

Quem são as vítimas? Nossas crianças.

## ignomínia

É esta a palavra que existe. Significa: 1. Estado de quem perdeu toda a honra, por ter cometido uma ação infamante; grande desonra ou humilhação pessoal: *passar pela ignomínia de ter de renunciar por peculato.* '•'. Qualquer ação, palavra, dito, conduta ou papel vergonhoso, infame, desonroso: *não é ignomínia renunciar a um cargo; ignomínia é, sim, não honrá-lo; cometer ou dizer ignomínias.*

Quem usaria "ignomia" por *ignomínia?* Talvez uma criança. Talvez um mau estudante. Talvez um iletrado. Talvez. Mas um dicionário regis-11.11' "ignomia"por *ignomínia,* é sem dúvida a mais forte das ignomínias. I'uis um dicionário, aprovado com louvor pelo MEC, cometeu esse dislate. i l'ol distribuído às nossas crianças.

Esse mesmo dicionário, aprovado com louvor pelo MEC, traz os verbetes *abade* e *abadia* antes de *abacate,* como se num dicionário a ordem alfabética não tivesse a mínima importância.

Esse mesmo dicionário, aprovado com louvor pelo MEC, define assim *clamar:* gritar em voz alta. Como se se pudesse gritar em voz baixa...

E o que poderíamos dizer de um professor que ensinasse a seus alunos que *sultão* não tem plural? Certamente, perderíamos a confiança em seus ensinamentos. E o que poderíamos dizer de um dicionário que ensina isso?

Quem são as vítimas? Sempre: nossas crianças.

Além desses absurdos, o dicionário traz tantos outros, que se fôssemos tratar deles todos, iríamos aqui às mil páginas. Mas o MEC aprovar obras desse tipo já não surpreende: afinal, os que cometem erros primários e gritantes de português na elaboração de simples provas do Enem não podem querer arvorar-se em autoridades, em juizes, embora posem como tais.

## "Falta" dois minutos para as seis

O verbo *faltar* sempre tem sujeito (no caso, *dois minutos).* Se o sujeito estiver no plural, o verbo não poderá estar no singular. Portanto: ***Faltam*** *dois minutos para as seis.* * * * ***Faltavam*** *quatro segundos para o término do jogo.* *** *Quantos minutos* ***faltam*** *para as dez horas?* *** *Quando* ***faltarem*** *cinco minutos para a uma, avise-me!* * * * ***Faltam*** *remédios para o povo,* ***faltam*** *hospitais,* ***falta*** *tudo!* * * * *Não* ***deviam faltar*** *nem dois segundos para as 18h, quando chegamos.* *** ***Estão faltando*** *poucos minutos para a meia-noite.* *** *Não* ***podiam faltar*** *frutas na casa dele, por causa das crianças.*

Note que, mesmo com verbo auxiliar, a regra não se altera.

O povo, contudo, diz: *"Fazem" dois minutos que ela saiu,* a par de: *"Houveram" muitas reclamações.* Por outro lado, usa também: *"Falta" dois minutos para as seis.*

Dá para entender?

## "mordida" de mosquito

Não. Só *morde* o que tem dentes; como inseto nenhum ainda teve esse privilégio, eles continuam *picando.*

Os que têm ferrão *ferroam,* *dão ferroadas.* Dolorosas à beça, mas sem -ainda - "morderem".

Por falar em mosquito, cuidado com as *picadas* da dengue!

Certa vez, numa propaganda de repelente de insetos, lia-se bem em cima do bumbum de uma linda e formosa garota: *Em todo acampamento sempre aparecem alguns sujeitinhos que vão lá só para "morder" os outros. São os mosquitos, os borrachudos, os pernilongos e demais insetos voadores. Essas criaturas escolhem as partes mais gordinhas e delicadas das pessoas para se divertirem.*

O visual e a situação exigiam *picar* no texto: muito mais pertinente...

## Apresento "*à*" *Vossa* Excelência

Antes de pronomes de tratamento não se usa o acento da crase: *Apresento **a** Vossa Excelência meus cumprimentos.*

Atenção: a abreviatura de *Vossa Excelência* é **V. Ex.ª,** e não"V. Excia.".

## A cultura caminha passo "à" passo com o progresso?

Não: caminha passo **a** passo. Se outro for o passo, é torção na certa.

Locuções adverbiais com palavras repetidas dispensam o acento, mesmo que tais palavras sejam femininas: *passo **a** passo, minuto **a** minuto>, segundo **a** segundo, ombro **a** ombro; cara **a** cara, frente **a** frente, face **a** face, gota **a** gota, uma **a** uma,* etc.

## Refiro-me "à" exportações.

Também não. Não se usa o *a* com acento grave antes de palavras no plural, porque nesse caso não ocorre crase, basta usar a preposição *a: Rejiro-me **a** exportações. *** Existem animais que são imunes **a** picadas de cobra.*

O acento só terá sentido se no lugar do *a* aparecer *as* (neste caso, o substantivo está determinado): *Refiro-me às exportações. *** Existem animais que são imunes às picadas de cobra.*

## Devo usar artigo antes de pronome possessivo?

Não, necessariamente. É facultativo o emprego do artigo antes de pronomes possessivos. Por isso, usamos, indiferentemente: *meu carro* ou **o** *meu carro, minha cidade* ou **a** *minha cidade, seu nome* ou **o** *seu nome, nosso quarto* ou **o** *nosso quarto.*

Sendo assim, também facultativo é o uso do acento grave da crase antes de pronomes possessivos femininos: *estou* **a** (ou **à)** *sua disposição-, ela ficou* **a** (ou **à)** *nossa espera por duas horas.*

## "à" respeito de

Está claro que antes de palavra masculina não se usa *a* com acento grave, indicando a existência de crase. Porque é impossível haver crase com palavra masculina.

Nos jornais, porém, se vê isto: *É cedo para qualquer apreciação "à" respeito do ministério de Luiz Inácio Lula da Silva.*

Nunca é tarde, porém, para aprender...

## *Enquanto* católico, não aceito o | aborto

Frase corretíssima, tanto na estrutura quanto no teor. *Enquanto* i'(|iiivale, nesse caso, a *no papel de, na qualidade de, como.*

Kis outros exemplos: ***Enquanto*** *brasileiro, sinto vergonha de viver num país onde campeia a violência, onde campeia a impunidade, onde*

*campeia a corrupção.* * * * ***Enquanto*** *rubro-negro, ele quer que os vascaínos desapareçam da face da Terra, e estes desejam o mesmo aos rubro-negros.* *** *O presidente prestará depoimento tão-somente* ***enquanto*** *testemunha.* * * * *Como agir* ***enquanto*** *professor, quando descubro que um adolescente é usuário de maconha?*

Eis, agora, um exemplo excelente, muito bom mesmo, retirado de um editorial de jornal: *A teoria na prática costuma ser outra, especialmente na política.* ***Enquanto*** *oposição, o PT deitava falação contra as prorrogações da CPMF. Agora que assumiu o poder, o Partido dos Trabalhadores mudou de opinião: quer transformar em definitiva a contribuição provisória que em nada melhorou a saúde pública no país.*

Na prática, a teoria é quase igual...

Convém não confundir esse uso correto de *enquanto,* com este, incorreto, que se substitui por *quanto: "Enquanto"a mim, estou tranqüilo.*

## 0 dinheiro sumiu

É assim que o povo diz. É assim que está ficando. No português castiço, todavia, tudo o que desaparece, *some**-se.*** O pronome do verbo *sumir-se* está sumindo na língua cotidiana, a exemplo do que já ocorre com *secar-**se*** *e vencer**-se.*** Por isso, há muita gente por aí que já canta: *A fonte secou, quero dizer que entre nós tudo acabou!*

E a duplicata que *vence* amanhã? Bem... isso é só amanhã.

## um dos que

Esta expressão leva o verbo obrigatoriamente ao plural, no português contemporâneo: *Sou um dos que mais* ***trabalham*** *aqui.* *** *Você é um dos que mais* ***reclamam,*** *porém, um dos que menos* ***ajudam.*** * * * *Manuel foi um dos que mais me* ***incentivaram.***

A mídia brasileira ainda não tomou conhecimento do assunto. Tanto é que só usa o singular com tal expressão. No *site* do Terra: *Depois de 1994, o Brasil viu-se invadido por montadoras do mundo inteiro. A francesa Renault foi uma das que "chegou" e "conseguiu" se firmar.*

Todo o mundo consegue se firmar no Brasil. Menos a imprensa brasileira. É impressionante!

Veja, agora, esta pérola, em manchete: *Cardeal brasileiro é um dos mais "cotado"para suceder João Paulo II.* Só mesmo dizendo: **Meu Deus!!!**

## "guspir"

Não é coisa que se fale nem se escreva. Se *cuspir* já não é um gesto recomendável, que se dirá, então, de alguém que"gospe"!

Em português existe apenas *cuspir, cuspo, cuspida,* admitindo-se ainda a variante *cuspe* Fora daí, tudo é muita falta de educação.

Há dentistas que pedem a seus clientes, na cadeira de "tortura": *Pode "guspir"!* Há quem resista...

## a partir "da" meio-dia

É inacreditável, mas há profissional de televisão, tanto no esporte i|uanto fora dele, que diz isso. Um famoso político declarou, recentemente, logo após ser eleito: *Amanhã, a partir "da" meio-dia eu darei uma entrevista coletiva.*

Pois é...

## chuva de "granito"

A chuva ou a queda de *granizo* é menos devastadora.

Quando da posse do novo presidente, em 2003, havia previsão de chuva justamente para o momento do evento. Aguardando por aquele instante há mais de uma década, o presidente eleito declarou, então, às vésperas do acontecimento: *Amanhã eu subo a rampa, mesmo que seja sob tempestade de granizo.*

É assim que se diz...

## "vez que"

Não existe esta locução em nossa língua, que se substitui por*já que, porque, uma vez que: Ele é o assassino, uma vez que confessou o crime.*

Frase de um juiz da Justiça Federal de Brasília, colhida num *site* de um grande jornal baiano: *Os dois denunciados encontravam-se momentaneamente sem foro especial por prerrogativa de função, "vez que" renunciaram aos seus mandatos eletivos.*

É assim que não se escreve...

## "um" de fevereiro / "um" de março

Não existe nada disso. O primeiro dia do mês é sempre *primeiro.* Quem é que viu alguém pregar "um" de abril em alguém? Quem já comemorou o "um" de Maio? Qual foi o ano que teve início em "um" de janeiro? No meu mundo, nenhum.

## Não *tem* ninguém em casa

Há quem condene esta frase, em que o verbo *ter* está usado impesso-n!mente, por *haver.* Na fala descontraída, do dia-a-dia, admite-se o seu emprego. Por exemplo: à porta do banheiro, só se pergunta mesmo: *Tem yciite ai?* (Repare: à porta do banheiro.)

Na linguagem formal, contudo, convém observar o rigor gramatical, iiltida que tenha havido famoso poeta que usou *ter* por *haver,* por licença **poética.**

Um jornalista, por exemplo, deve usar sempre a norma culta, em sinal de respeito não só ao leitor, mas à própria língua, seu instrumento de trabalho. Ocorre que nem sempre eles conhecem a norma culta. Então, escrevem: *"Tem" carioca achando que mora em Jerusalém ou Bagdá, tamanha a onda de violência no Rio de Janeiro.*

É do mesmo jornalista: *Vai sair faísca quando a direção nacional do PT reunir a bancada do partido na Câmara dos Deputados. Já "tem" gente avisando que não poderá comparecer.*

É do mesmo jornalista: *Nem bem Lula começou e já "tem" gente falando em reeleição.*

Ainda do mesmo jornalista: *Como "tem" gente que finge não ver a realidade!*

No outro dia, é o mesmo jornalista quem nos faz uma revelação fantástica, inédita, em absoluta primeira mão: *"Tem" cada coisa tão engraçada na política!!!*

**Há** cada coisa tão engraçada no jornalismo brasileiro!!!

Um presidente da República (é outro exemplo) deve também sempre fazer uso da norma culta, a não ser em casos especialíssimos. Em seus discursos, a norma culta é de rigor tanto quanto nos periódicos. Em sinal de respeito não só aos valores nacionais, como também aos cidadãos e ao cargo.

Recentemente, o presidente Lula declarou: *"Tem" jogador que pega a bola, não olha pro lado, dá uma bicuda e não marca o gol. "Tem" outro que olha pro lado, vê um companheiro livre, passa a bola e marca o gol. Nós não temos tempo para dar bicuda.*

E já não deu?!

É também do mesmo presidente: *Não "tem" chuva, não "tem" geada, não "tem" terremoto, não "tem" cara feia, não "tem" congresso nem poder judiciário. Só Deus será capaz de impedir que a gente faça este país ocupar seu lugar de destaque.*

É também do mesmo presidente (em visita a Portugal): *Se "tem" uma coisa que admiro nos Estados Unidos é que primeiro eles pensam neles, em segundo neles e em terceiro neles também. Se sobrar tempo, pensam um pouco neles outra vez.*

A ver-se como fala, o lugar de destaque reservado ao Brasil é ótimo!...

Recentemente ainda, o governo federal fez propaganda para nos informar isto: *No Brasil não "tem" maremotos, vulcões, terremotos, furacões.*

Certo. E precisa?

## pirâmide de Quéops

Perfeito. Este nome é paroxítono, assim como são paroxítonos todos os nomes terminados em *ps: bíceps, fórceps,* etc.

*Quéops* (2590-2567 a.C.) foi um dos mais notáveis faraós. Repare: muitos anos antes de Cristo. Construiu a maior de todas as pirâmides, em (Jizé, encontrada em 1954. Note mais uma vez: o rei egípcio viveu há mais de 4.500 anos.

Pois uma famosa emissora de televisão, certa vez, apresentou um programa sobre o referido faraó, e o apresentador só dizia "Queóps". Era "Queóps"pra cá, "Queóps" pra lá. O programa todo. Uma tortura! Principalmente para os estudantes da quinta série do ensino médio. Que já ouviram falar em *Quéops* várias vezes.

## recorde

Pronuncia-se exatamente como se escreve: *recorde.* Muita gente, no entanto, tem batido o "récorde" por aí, imitando a prosódia inglesa. Mas (piem é que diz Rede"Récord"? E veja que, neste caso, o vocábulo é rigorosamente inglês: *Record.* Nem por isso existe a Rede"Récord".

Há uma famosa rede de televisão que só bate o "récorde". Bem, quem já divulgou a pronúncia"Queóps"e quem insiste em divulgar a pronúncia de índio "Roráima" merece toda a nossa compreensão.

Nada contra os índios...

## os *requebros* de uma garota

Como se pronuncia corretamente a palavra *requebro?* Com **e** tônico fechado: *requebro.* Também assim no plural: *requêbros.*

Certa vez um repórter de uma famosa rede de televisão saiu-se com esta: *Os "requêbros" de Michael Jackson chamam a atenção de todo o inundo.*

Para quem, também, só diz "Roráima" (pronúncia de índio) e um dia j.í disse "Queóps", a frase está perfeita!

## "nenhuma" cócegas

*Nenhum* varia normalmente. Não há *nenhuns* motivos para que não varie: *Não sinto nenhumas cócegas.* *** *Vocês não são* ***nenhuns*** *coitadinhos,* ***nenhuns*** *joões-ninguém.* *** *Não se perceberam nela* ***nenhuns*** *sinais de remorso.*

*Nenhuns e nenhumas,* contudo, só se usam antes do substantivo, nuni a depois dele. As formas do singular é que se empregam em qualquer l M isiçao. Exemplos: *Estou sem* ***nenhuns*** *trocados. (E não: Estou sem tro-* • *mios nenhuns".)* *** *Ninguém toma* ***nenhumas*** *providências. (E não: Ninguém toma providências "nenhumas".)* *** *Não vi* ***nenhuns*** *óculos mi mesa. (E não: Não vi óculos "nenhum"na mesa.)*

i Vi l,a vez declarou com certo ar de autoridade um empresário na-

cional: *O país está sem condições "nenhuma" de congelar novamente os preços.*

Uma grande e tradicional loja de departamentos anunciou certa vez pela televisão a venda de todo o seu estoque, em três vezes, *sem juros "nenhum".*

Quem acreditou?

## pedir *vista* de um processo

Frase perfeita. *Vista,* aqui, significa *ato pelo qual o interessado num processo recebe os autos para tomar conhecimento de tudo o que nele contém e se pronunciar como lhe aprouver.* Não há nenhuma necessidade do uso de "vistas" neste caso.

## cair "de" sábado

Nada cai "de" algum dia da semana, mas **em** um dia da semana. Portanto: *Neste ano, meu aniversário vai cair num sábado.* *** O *Natal, este ano, vai cair num domingo.*

## apêndice supurado

É este o apêndice que causa sérios problemas de saúde e exige cirurgia imediata. Já o popular *apêndice "estuporado "* que muito se ouve, principalmente no interior do país, causa problemas na língua...

Certa vez nos perguntaram: *O senhor já foi operado da "pênis" ou da "prosta"?*

Que resposta poderíamos ter dado?

## Lula vai dar um jeito "nesse" país

O pronome demonstrativo correto para indicar tudo aquilo que nos abrange fisicamente é *este,* e não "esse". Repare nestes exemplos: ***Este** país passa pelo momento mais crítico de toda a sua história.* *** *Lula vai dar um jeito **neste** país.* * * * ***Este** planeta é azul.*

Fala o presidente Lula: *O Brasil estava quebrado, e alguém vai ter de salvar "esse"país. Nossa responsabilidade é infinitamente maior que a de qualquer outro presidente na história "desse"país.*

A responsabilidade é mesmo enorme!...

## passar *de* ano

Em português legítimo não se usa a preposição *de* nesta expressão, nem em *repetir de ano.* Esse "de" é italiano. Mas que estudante brasileiro não passa *de* ano ou não repete *de* ano?

Não temos nada contra os estrangeirismos. Quem tiver que, então, nunca mais use *bar* (use botequim); que nunca mais use *bidê* (use semicúpio); que nunca mais use *detalhe* (use pormenor, minúcia, ou, então, minudência); que nunca mais use *vitrina* (use escaparate); que nunca mais

•TI *rocha* (que é galicismo); que nunca mais use *soldado* (que é italianis-1110), que nunca mais tenha *saldo* bancário (porque *saldo é* um italianis-ino), etc. Não resta dúvida de que, assim, a vida ficará bem mais difícil...

## Jogos "Panamericanos"

Não existem estes jogos. O prefixo*pan-* exige hífen antes de palavras iniciadas por *h* e *vogai.* Assim, devemos grafar: *pan-americano, pan-africanismo, pan-arabismo, pan-helênico,* etc.

Antigamente, havia uma rádio em São Paulo chamada " Panamericanu". Como a audiência andava baixa, talvez por causa da gafe, mudaram 0 nome da emissora para Jovem Pan.

Recentemente, no *site* de um jornal se leu: *O pacto de defesa "panárabe"obriga todos os estados árabes a ajudar qualquer outro membro do grupo que seja vítima de uma agressão.*

## cheque pré-datado e cheque pós-datado

Há grande diferença entre um e outro. O cheque *pré-datado* é aquele <|ue se preenche antes do dia em que se quer vê-lo descontado; o cheque *pós-datado* é o que se preenche depois do dia em que deveria ter sido descontado.

## preenchimento de formulário pessoal

Quando se preenche formulário de dados pessoais, no item *nacionalidade,* use (se for homem) *brasileiro,* ou *brasileira* (se for mulher).

Muitos homens preenchem com "brasileira", atendo-se ao gênero da palavra *nacionalidade.* Não. Se assim fosse, no item *estado civil,* as mulheres teriam, então, de escrever "casado".

Se no formulário, porém, além da nacionalidade e do estado civil, exigissem que se indicasse o *estado de saúde* ou o *estado mental,* o homem deveria preencher com *bom* (ou com *precário);* se fosse mulher, a mesma coisa. Nesse caso, a concordância tem de ser feita com a palavra constante do item, porque, ao perguntarmos a qualquer pessoa (homem, mulher, velho ou criança) *Como vai o seu estado de saúde?,* a resposta será sempre: *Bom* (ou *Precário).*

Por outro lado, quando perguntamos a uma senhorita: *Qual é o seu estado civil?,* ouvimos a resposta sempre desta forma: *solteira.*

Se a resposta vier "solteiro", olhe bem fixo para ela!...

## país não *comunista*

Perfeito. Não há hífen entre as duas últimas palavras, como usam muitos. Por quê? Porque se trata de um adjetivo. Só os substantivos é que 1 ra/.em o hífen. Repare na diferença: *produto* ***não perecível*** (adjetivo), ***o não-pagamento*** *da dívida* (substantivo); *amor* ***não correspondido*** (adjetivo), ***a não-variação*** *de uma palavra* (substantivo).

## Há gigantes que adormecem e "que" não acordam.

Este *que* (pronome relativo) é maroto. Por que maroto? Porque não exerce nenhuma função na frase. Se o retirarmos, a frase ficará perfeita.

O *que* coordenado só é correto quando exerce a função de conjunção integrante. Assim, por exemplo: *Eu disse que ela era francesa **e que** gostava de namorar.* * * * *Ela afirmou que não gosta do rapaz **e que** não quer mais vê-lo.* *** *Você acha que é esperto **e que** sempre vai levar vantagem em tudo?*

Mas não assim: *Há coisas que a gente vê e "que" já não aceita.* *** *Existem rios que são poluídos e "que" por isso não têm peixes.*

Retirado o "que" maroto e intruso, faz-se a luz.

## ídolo

É sempre nome masculino, ainda que se refira a mulher: *Meu ídolo é Carolina Ferraz.* * * * *Paula era o ídolo de boa parte dos aficionados ao basquete.*

Há quem, por mera brincadeira, usa "ídola". Mas é só por brincadeira.

## gênio

É outro nome sempre masculino: *Onde está **aquele gênio** de sua irmã, que deixou a televisão ligada a noite inteira?* * * * *Essa cientista, **um gênio,** recebeu o Prêmio Nobel de Física.* *** *Susana era **o gênio** da classe.*

Muito bem. Está claro que não existe "gênia", forma que só se admite mesmo em programas humorísticos de mau-gosto da televisão e em brincadeirinhas do recesso do lar. Fora daí, jamais.

Eis, porém, que surge uma apresentadora de televisão que, do alto do seu 1,85m, declara, até que meio aborrecida: *Estão dizendo que faço dos meus erros de português um* marketing. *Que tipo de "gênia" sou eu, para falar errado e achar que é* marketing?

De fato, de nenhum tipo...

## indivíduo

É, igualmente, outro nome sempre masculino: *Camila, **esse indivíduo maravilhoso,** fará parte do elenco da novela das 7h.* *** *Carolina é o tipo de **indivíduo** que costuma aparecer na Terra só de cem em cem anos.*

Há quem, por brincadeira, também use "indivídua". É preciso, no entanto, nunca esquecer que brincadeira (de qualquer tipo) sempre tem hora.

## traste

É também sempre nome masculino: *Viridiana é **um traste.*** * * * *Essa menina virou **um traste.***

## Minha vizinha é mesmo "uma sujeitinha" à-toa.

*Sujeitinho* à-toa realmente existe, em todos os lugares; já"sujeitinha" não existe em lugar nenhum. Mulher, homem, criança, é sempre *sujeito* (nome sobrecomum), a exemplo de *ídolo, gênio, indivíduo, traste,* etc.

Por isso é que suas amigas são - todas elas - *uns sujeitinhos falsos.*

## mais pequeno

É expressão corretíssima. Pode usar sem receio. O que não se deve é empregar "mais grande" (legítima no espanhol).

É expressão legítima também no português, mas somente quando comparamos qualidades de um mesmo ser. Assim, por exemplo: *Sua filha é **mais grande** que pequena.* *** *Esse rapaz é **mais grande** que inteligente.*

## 14 de julho

É uma data histórica, não só para a França, mas para o mundo. E, ngora, também para determinada rede de televisão.

Pois bem. O numerai 14, que se escreve por extenso *quatorze* ou *ca-lorze,* lê-se, todavia, de uma só forma: *catorze.* Nunca: "kuatorze".

A apresentadora de esportes dessa rede de televisão nos comunica, fodavia, entre sorridente e eufórica: *No dia "kuatorze" de julho, o Globo Ksporte faz 25 anos.*

A ocasião não *seria* de parabéns?

## Clandestinos são *pegos* nos Estados Unidos

O verbo *pegar* não é abundante, mas já se está tornando abundante, com o uso tanto de *pegado* (com *ter* e *haver)* quanto de *pego* (com *ser* e *estar).* Assim, podemos usar, sem problemas: ***Tenho pegado** muito resfria-ilo ultimamente.* *** *O ladrão **foi pego** em flagrante.*

Daí a concluir, no entanto, que também é correto usar "chego", "tra-go" e "falo" vai boa distância. Por enquanto, só use: *chegado, trazido* e *falado.*

## bóia-fria

Todo o mundo sabe o que é *bóia-fria:* pessoa que trabalha no meio rural, sem vínculo empregatício, geralmente no corte de cana-de-açúcar.

Pouca gente sabe que o plural é *bóias-frias* (ambos os elementos va-rium, porque se trata de um substantivo e de um adjetivo).

Notícia num *site:* ***Acidente com ônibus de "bóia-frias": 12 feridos.*** *Ihn acidente envolvendo um ônibus de "bóia-frias" e um Corsa no final da tarde, "deste sábado" deixou 12 pessoas feridas.*

O jornalista errou duas vezes no plural e ainda usou"deste sábado", • **mi *mvt.*** de *ontem* (a notícia foi divulgada no domingo). Ou seja: saiu ferido 'in estar no ônibus...

## a norte / a sul / a íeste / a oeste

Todo o mundo usa ***ao*** *norte* e ao sul, mas com os outros dois pontos cardeais ninguém vacila em grafar apenas: ***a*** *leste,* ***a*** *oeste.* Como coerência é importante, sugiro que se use apenas ***a*** *norte,* ***a*** *sul,* ***a*** *leste e* ***a*** *oeste.* Ou apenas: ***ao*** *norte,* ***ao*** *sul,* ***ao*** *leste e* ***ao*** *oeste.*

O mal está na mistura das coisas. Mas o que se vê, justamente, é isto: *A Venezuela fica* ***ao*** *norte do Brasil; o Uruguai,* ***ao*** *sul; o Peru* ***a*** *oeste; o oceano Atlântico* ***a*** *leste.*

Observe como a revista Veja é perfeita, neste seu texto: *Uma imagem captada em agosto do ano passado pelo telescópio espacial Hubble deixou os cientistas intrigados. Prometeu, uma das cerca de vinte luas de Saturno, estava fora do lugar. Alguma força descomunal havia empurrado o satélite, de 140km de diâmetro, para uma posição 20 graus além de onde deveria estar. E como se, vista da Terra, a Lua num determinado dia começasse a nascer um pouco mais* ***ao norte*** *e não* ***ao leste,*** *como tem feito há bilhões de anos.*

Milagres, volta e meia, acontecem...

## o *Sul* do Brasil

Os nomes dos pontos cardeais e colaterais, quando designam regiões, grafam-se com inicial maiúscula. Portanto: *Há previsão de geada para o* ***Sul*** *do Brasil. * * * Conheci todo o* ***Sudeste*** *da Itália. * * * O narrador esportivo disse que conhecia o* ***Norte*** *do Brasil, mas só até o Maranhão...*

Há certa tendência de as pessoas confundirem a Região Norte com a Região Nordeste. Dizem, então, que os brasileiros precisam conhecer o Norte do Brasil e citam Natal, Fortaleza e São Luís, capitais de Estados do Nordeste.

Recentemente, um narrador de esportes, notório por suas asneiras (embora os colegas o consideram o melhor do Brasil, o que não é nenhuma vantagem), afirmou: *Vocês precisam conhecer o "Norte"do Brasil: Natal e Fortaleza são uma maravilha!*

E ele mora em Porto de Galinhas, em Pernambuco, Nordeste do Brasil!

## aleitamento materno

É bobagem. *Aleitamento* é ato ou efeito de aleitar, ou seja, de dar de mamar a, usando a mamadeira; *amamentação* é que é ato ou efeito de dar de mamar a, usando as mamas. Assim, uma veterinária pode *aleitar* um filhote de golfinho, de chimpanzé, etc., mas não será imprudente a ponto de *amamentá*-los, com certeza.

Os médicos deveriam sempre aconselhar a *amamentação,* e não "o aleitamento materno".

Recentemente, uma de nossas revistas semanais de informação deu esta notícia: *Recentes pesquisas comprovam que, quanto maior o tempo de "aleitamento materno", maior a inteligência do indivíduo na vida*

*adulta. A composição do leite materno é vital para o desenvolvimento neurológico da criança.*

Teria o jornalista sido *amamentado?...*

## dar de mamar à filhinha "*nas*" mamas

É algo que se pode evitar. A relação de proximidade é representada, em português castiço, pela preposição *a,* e não pela preposição "em". Note que falamos ao *telefone* (bem mais confortável que falar *"no" telefone),* que vivemos ao volante (bem melhor que viver "no" volante).

Convém ressaltar, todavia, que o brasileiro gosta muito da preposição *em.* Adora! O português nem tanto.

## crianças de "0" a dois anos de idade

É uma das grandes tolices dos adultos. Existirá a criança de 0 ano? Está claro que não. Como, então, podem ser vacinadas crianças de"0"a 6 anos, conforme dizem todos os dias os repórteres de televisão? Não seria mais coerente, mais conseqüente, mais aceitável dizer que todas as crianças de *até dois anos* foram vacinadas?

Mais cruel ainda é aquele que vê no *zero* uma palavra indicativa de plural. Escreveu um jornalista: *São histórias sem nexo. Para crianças e adultos "dos 0" aos 80 anos.*

No *site* da Abrelivros, entidade dos principais editores do Brasil: *Existem 22 milhões crianças de "0"a 6 anos no Brasil. Se a questão fosse quantitativa, a educação infantil deveria ser uma das prioridades das políticas públicas para o setor. Mas não é isso que acontece desde a criação do Fundef em 1996, quando os recursos públicos da área foram concentrados no ensino fundamental, relegando ao segundo plano a educação das crianças. Segundo dados do IBGE, na faixa etária de "0" a 3 anos, a taxa de freqüência à escola ou à creche é de apenas 10,6%.*

Criança de 0 ano já nasceu?!

## vir "còm" o avião

Quem vem"com"o avião, normalmente, é o Super-Homem...

Só homens voadores podem vir *com* um avião, isto é, na companhia dele. Seres humanos menos pretensiosos preferem ir, vir, chegar, voltar *no* avião, *pelo* avião. Ou ir, vir, chegar, voltar *no* (ou *pelo)* trem das onze.

Certa época ficou marcada por uma propaganda assim: *Voe "com " a TAP* Os portugueses voavam mesmo é *pela* TAP, empresa que até mudou de nome, mas não se sabe dizer se foi pelo fracasso do convite...

## "mulher bispo" / "a soldado"

Qualquer aluno da quinta série sabe que o feminino de *bispo* é *episcopisa.*

Num importante jornal paulista: *Bárbara, a primeira "mulher bispo".*

Ora,"mulher bispo"!... Resta saber, agora, quando é que o jornal vai nos apresentar a "mulher frade" e a "mulher padre", como, aliás, já deu em manchete certo telejornal. Esse mesmo telejornal, em vez de referir-se à militar como *a soldada,* saiu-se com mais uma pérola recentemente, falando em "mulher soldado" e em "a soldado".

Repare, agora, nesta notícia de jornal: *A pretensão do novo governo de consolidar a liderança do Brasil na América do Sul não causou estranheza em Washington. Ao contrário, foi bem recebida. Mas levou a atual "embaixador" americana em Brasília, Donna Hrinak, a advertir, em junho passado, que liderar significa também tornar-se alvo de críticas dentro e fora do País.*

"A embaixador" é mesmo coisa que só se tem na cabeça de jornalista.

## "inobstante"

É tolice. Alguns advogados criaram a maravilha. Para esses, certas "criações" lhes conferem autoridade, sapiência, excentricidade. Repare em frases comumente vistas em suas peças: O *locatário foi insultado, "inobstante"haver pago pontualmente seu aluguer. *** O réu tinha bons antecedentes, "inobstante"o crime que cometera.*

Advogados sérios, competentes, dignos de confiança, usam o que a língua lhes oferece: *não obstante.* Os juizes também agradecem.

## notícia "vinculada" pela imprensa

Nova tolice. Notícia só pode ser *veiculada* pela imprensa.

Um famoso treinador de futebol, porém, disse certa vez que os repórteres não podiam *"vincular"*tantas mentiras.

Soou-nos como autêntica novidade: quer dizer, então, que além de escreverem errado, eles também "vinculam" mentiras?!

Será que em Luxemburgo também é assim?...

## "Que" horas começa o jogo?

Quem sabe das coisas pergunta diferente: *A **que** horas começa o jogo? O jogo começa **às** 21h. *** A **que** horas chegaremos a Salvador? Chegaremos a Salvador **à** meia-noite. * * * A **que** horas você costuma se levantar? Costumo me levantar **às** 6h.*

## responder "o " questionário

Não. Responde-se *a* questionário, *a* perguntas, *a* processo, *a* inquérito, *a* cartas, *a* tudo o que merece resposta.

No sentido de *retrucar malcriadamente é* que se usa apenas *responder: responder os pais, os professores, os mais velhos,* etc.

Manchete de jornal: *Israel vai responder ataques de palestinos.*

A Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (observe bem: da **Kducação)** promoveu, certa feita, um concurso público para provimento de cargo de escriturário. Na primeira folha da prova (de *Português,* atente bem!), no item Instruções, lia-se: *Você deve procurar, na folha de respostas, o número da questão "que"você está respondendo.* Logo a seguir, vinha: *Responda "todas "as questões.*

Alguém que fosse realmente competente - e responsável - de um governo também competente e responsável, escreveria: *Você deve procurar, na folha de respostas, o número da questão **a que** está respondendo.* (Repetir o "você"pra quê?) *Responda **a todas** as questões!*

A última advertência repetia o erro grotesco: *Você terá 3 horas para responder "todas"as questões.*

Se nem mesmo eles sabem coisa nenhuma, com que autoridade exigem alguma coisa de outrem? Que educação é essa?

## lá de cima

Muitos usam indevidamente a preposição "de" antes das expressões *lá de cima, lá de baixo, lá do alto, lá de casa, lá de dentro, lá de fora; aqui de cima, aqui de baixo, aqui do alto, aqui de casa, aqui de dentro, aqui de fora,* etc.

Repare nestes exemplos: *A cusparada veio lá do alto.* (E não: *"de" lá do alto.)* *** *Os papéis picados vinham lá de cima.* (E não: *"de" lá de cima.)* *** As *crianças já vieram lá de baixo?* (E não: *"de"lá de baixo.)*

Antes do trágico acidente com a nave espacial Colúmbia, em fevereiro de 2003, uma astronauta enviou aos amigos do planeta um *e-mail,* que os jornalistas da Folha de S. Paulo traduziram assim: *Olá, "daqui"de cima do nosso magnífico planeta Terra, a perspectiva é verdadeiramente inspiradora.*

Lá de cima, de fato, a perspectiva podia ser de fato inspiradora, mas... e aqui de baixo?

Certa feita, uma grande editora de revistas afixou cartazes às bancas de jornal, com estes dizeres, ao lado da foto de uma linda garota: *Beleza vem "daqui"de dentro.*

Sim, e *"de" lá de fora* vem o quê?

## Você é "daqui" de São Paulo?

Não, não se pergunta assim. A preposição "de" combinada com *aqui* ou com *aí,* em frases como esta, também é dispensável: *Você é **aqui** de São Paulo? Sim, sou **aqui** de São Paulo.* *** *Vocês gostaram **aqui** de casa? Sim, todos gostamos **aí** de sua casa.* * * * A *que horas as crianças saíram **aí** da sua casa?* As *crianças saíram **aqui** de casa às 8h.*

## Uma caneta como "esta daqui" custa caro

Também não existe "esta daqui "nem "essa daí"e suas variações, embora sejam expressões comuns na boca do povo. Também aqui a preposi-

ção *de* está de mais. Portanto: *Uma caneta como* ***esta aqui*** *custa caro.* *** *Um país como* ***este aqui*** *não pode passar por tantas crises.* * * * *Garotas tão lindas e ousadas quanto* ***essas aí*** *do Rio de Janeiro não há.*

## em via de

É esta a locução prepositiva correta, equivalente de na iminência de, prestes a: *Ela está* ***em via de*** *casar.* *** *O bicho-preguiça está* ***em via de*** *extinção.* *** *Nossas minas estão exauridas ou* ***em via de*** *esgotamento.* *** *Países* ***em via de*** *desenvolvimento.*

Nossos jornais só usam, no entanto, "em vias de", talvez calcados num dicionário (aquele) que abona a locução aqui impugnada.

Título de um deles: *A Internet está "em vias de"se tornar adulta.*

## Possuo poucos bens, "qual seja" um carro e um terreno.

*Qual* deve concordar com o antecedente (no caso, *bens),* e o verbo deve concordar normalmente com o seu sujeito *(um carro e um terreno).*

Eis outros exemplos: *Possuo uma propriedade,* ***qual seja*** *um apartamento.* * * * *Ela possui dois carros,* ***quais sejam*** *um importado e uma carroça.* * * * *Nós temos alguns bens,* ***quais sejam*** *dois apartamentos e uma moto.*

No lugar de *qual seja* podemos usar também *como seja.*

## Quando "munto" a cavalo, eu "sôo" feito uma bica!

Frase dolorosa! Primeiro, porque o verbo *montar* tem a forma *monto* no presente do indicativo (eu); segundo, o verbo *suar* tem a forma *suo* no mesmo tempo, modo, número e pessoa.

Já ouvi muita gente dizer, ainda: *Ela "soa" como uma bica!*

É **sua** vez, caro leitor, de comentar...

## neologismos

Nossa língua está, nos tempos atuais, sujeita a neologismos de todos os tipos e matizes, assim como a Terra anda sujeita a todos os tipos de asteróides. É um bombardeio incessante. Alguns, temos de assimilar; outros explodem na língua e causam crateras imensas!

Eis alguns dentre os que já se vão firmando: *acessar, acidentalizar, aidético* (mas o melhor é *sidético), alavancar, biodiversidade, biônico, celetista, clonagem, dedetizar, deletar, desassonalizar, disponibilizar, ecologia, elencar, estiletar, fax, flexibilização, formatar, futessal, futevôlei, ideologizar, impactar, importantizar, informatizar, insumo, megassena, narcotráfico, oportunizar, parametrizar, pedagiar, performar, pivete, precificar, priorizar, relativizar, resetar, roteirizar, tablitar, tematizar, unitar, urgenciar* e *xérox.*

*Aniversariar, dedetizar* e *parabenizar* também são neologismos, antes muito criticados pelos puristas; hoje quem não *aniversaria!* Quem não *dedetiza* a casa, para afugentar a dengue e os pernilongos? Quem não *pa-*

*rabeniza* o governo pelo excelente trabalho que vem fazendo na Educação, na Saúde, na Segurança Pública e sobretudo na Receita Federal?...

## Erros se *fazem* ou se *cometem?*

Erros mais se *cometem.* Os jornalistas, por exemplo, da melhor revista do Brasil, a Veja, estão corrigindo-se a cada edição e já não cometem tantos erros primários quanto antigamente. Já não se vê na revista *"duas"milhões de pessoas* nem *"os"um milhão de adeptos*; já não se lê na revista *"a diabete";* já não se encontra na revista *"uma"grama de cocaína* nem *dar "a" luz "a" bebê,* nem mesmo *"no"Marrocos,* entre outros de seus antigos tradicionais deslizes.

Não obstante, a revista continua trazendo "dona-de-casa", "todo mundo", os "sem-terra"e insiste em não pluralizar os nomes próprios (os "Bórgia", p. ex.).

Um dia ela chegará lá...

## vencer "em" primeiro turno / votação "em" primeiro turno

Não. Os numerais ordinais só não vêm antecedidos de artigo nas locuções adverbiais e nas definições. Daí por que todos já passamos pela **primeira** série escolar, todos moramos **no primeiro** andar, sempre fomos **o primeiro** país do mundo (princ. na quantidade de impostos), etc. Portanto, qualquer candidato pode vencer ***no** primeiro turno,* desde que seja razoável.

No *site* de um jornal: O *líder do governo na Câmara, deputado Aldo Rebelo, afirmou hoje que a base governista tentará concluir a votação "em"primeiro turno da reforma da Previdência.*

Numa revista: *Álvaro Uribe foi eleito presidente da Colômbia "em" primeiro turno.*

No editorial da mesma edição, logo na primeira linha: *"Veja" é a maior e a mais influente revista do Brasil.*

AVeja é. Ninguém duvida disso. Mas podia ser melhor.

## tampouco / tão pouco

Convém não confundir. **Tampouco** eqüivale a também não, nem sequer: *Elisa não me cumprimentou nem eu **tampouco** a ela.* * * * O *pessoal não veio **tampouco** avisou que não vinha.*

**Tão pouco** eqüivale a muito pouco, de tal forma pouco: *Dormi **tão pouco** hoje, que nem tive tempo de sonhar.* *** *Ganho **tão pouco,** que mal consigo sobreviver.*

Usa-se também *tão pouco* por tão pouca gente e, se no plural, por tão poucas pessoas: *Nunca tantos enganaram **tão pouco.*** *** *Nunca tantos enganaram **tão poucos.***

No *site* do provedor Terra: O *presidente da Claro afirmou à Reuters*

*"nesta sexta-feira" que a participação acionária da Telemar seria minoritária na BCP, mas evitou dizer qual seria o percentual. "Tão pouco" confirmou se a Telemar deicidiu exercer a opção.*

Não escreveu *tampouco* no lugar de "tão pouco" nem tampouco usou *hoje* no lugar de "nesta sexta-feira". Aliás, tampouco correto está o uso do ponto, que deveria ser substituído pela vírgula. (A cacofonia em destaque é propositada...)

## extorquir

É verbo defectivo. Conjuga-se por *abolir*; portanto, não possui a primeira pessoa do presente do indicativo e, conseqüentemente, todo o presente do subjuntivo, além de formas do imperativo.

Está correta, pois, a frase lida na Veja, mas questionada por alguns leitores: *Os membros das Farc **extorquem** desde os camponeses até os empresários.*

## Marinho, Exército e Aeronáutica

Segundo a hierarquia das Forças Armadas, é esta a seqüência correta, quando nos referimos às três armas. A Marinha tem precedência sobre o Exército, e o Exército sobre a Aeronáutica, pois esta foi criada somente na década de 1940, é a última das três. É por isso que nos desfiles militares a Marinha sempre se posiciona à frente das demais armas. Portanto: chefes do Estado-Maior da *Marinha, Exército e Aeronáutica.*

Escreve, porém, um jornalista: *É inconcebível imaginar "Exército, Marinha e Aeronáutica"combatendo o narcotráfico no Rio de Janeiro.*

Há muito mais coisas inconcebíveis entre o céu e a terra do que supõe a vossa vã filosofia...

## "lembro de" tudo

Mas se esquece de que o verbo *lembrar* só aceita a preposição *de* quando é pronominal, ou quando antecede infinitivo: ***Lembro-me** de tudo.* *** *Não (me) **lembro** de ter feito isso.*

Os jornalistas estão longe de se lembrar disso. E escrevem: *Seria bom que os poderes no Brasil lembrassem de um velho ditado: Cada macaco no seu galho.*

Certinho...

## "implantar" uma grande reforma no judiciário

É tolice. *Implementar* é que significa *executar* (plano, projeto, medida, reforma, programa, etc.); *implantar* é introduzir. Por isso, podemos *implementar* uma nova política, para *implantarmos* um novo regime no país.

Há gente, todavia, que gosta de "implantar" não só projetos, mas medidas, reformas, etc. Como há de tudo por aí, a gente entende. Mas não perdoa.

## parecer

Este verbo pode ser auxiliar *(as crianças **parecem** estar com sono)* e intransitivo *(as crianças **parece** estarem com sono* ou *as crianças **parece** que estão com sono).*

À primeira vista, pode parecer que haja erro de concordância nos exemplos do verbo intransitivo. Ocorre que as frases não têm aí seus termos na ordem normal. Repare agora como fica tudo mais claro: ***parece** estarem com sono as crianças; **parece** que as crianças estão com sono.*

Observe ainda estas frases, perfeitamente corretas, pela mesma razão (inversão dos termos): *Quando eu estava com ela, as horas **parecia** que voavam! *** Os meninos **parecia** que brincavam, mas na verdade brigavam. * * * Nós **parecia** que estávamos tranqüilos, mas não estávamos.*

Um jornalista esportivo ignorou tudo isso e escreveu: *Nos últimos 25 minutos, os dois times "pareciam"que não estavam tão preocupados com goleada, tanto que se abriram e buscaram o gol.*

E ainda há por aí gente que sustenta ser supérfluo conhecer análise sintática! Ah, escola antiga, que saudade!

## "um delicioso" musse de chocolate

Pode causar indigestão este doce de chocolate.

É indiscutível que todas as coisas verdadeiramente deliciosas são, geralmente, femininas: *a musse* é uma delas. Eis outras: *a alface, a libido, a micareta, a poncã, a própolis, a puxa-puxa e* tantas mais, que não vem ao caso citar aqui.

Certa vez, uma jornalista especializada em economia aconselhava pela televisão: *Se "o"alface está caro, vamos substituir "o"alface por outra verdura mais barata!*

Vamos substituir, sim: pela **alface,** por exemplo, que é bem mais barata e não causa tanta azia nem tamanha dor de cabeça.

## Conversas que não *vem* (ou "vêm") ao caso citar aqui?

Conversas que não ***vem*** ao caso citar aqui. O sujeito do verbo *citar é* uma oração: *que não vem ao caso;* daí não ter cabimento o uso do plural.

O uso do plural, neste caso, é um erro comum, principalmente na boca ou na pena de quem nunca aprendeu a fazer análise sintática.

Na frase *Essas coisas nem vale a pena lembrar,* corretíssima, o sujeito do verbo *valer* não é "essas coisas",:como parece à primeira vista ou aos olhos dos que não têm noção da estrutura da nossa língua. O sujeito do verbo *valer* é o infLnitivo *lembrar.* Afinal, o que nem vale a pena? *Lembrar* (eis o sujeito). Sendo assim, a frase eqüivale a esta: *Lembrar essas coisas nem vale a pena.*

Eis outros exemplos, em que a concordância está correta: *São casos que se **torna necessário** elucidar.* *** */Is crianças só **faltou comer** terra.* (E não: As *crianças só "faltaram" comer terra.)* *** *Estas são providências que nos **compete tomar.*** *** ***As crianças parece** que estão chorando.* (E não: *As crianças "parecem"que estão chorando.)*

Em *Macbeth,* de Shakespeare, lê-se: Às *coisas sem nenhum remédio não adianta olhar. O que está feito, está feito.*

O verbo *faltar* é a maior "vítima" dos que não têm idéia da asneira que cometem. Num jornal: *Na Colômbia, um país onde os traficantes de drogas só "faltam"assumir a presidência...* Grave.

Noutro jornal: *O ministro escolhe seus assessores. Mas "faltam" definir muitos nomes.* Noutra página, mais amena, de esportes: *O jogador botafóguense disse que a sua negociação está quase definida. "Faltam" apenas definir alguns detalhes sobre a duração do contrato.*

Uma de nossas revistas semanais de informação publicou, na ed. 1.569, na pág. 89, uma matéria sobre os eletrodomésticos futuristas. Encimou-a um título pouco futurista: *Só "faltam"falar.*

E pensarmos que ainda existem educadores e pedagogos visceralmente contrários ao aprendizado de análise sintática em nossas escolas! Talvez porque eles próprios nunca tivessem conseguido aprendê-la.

A competência da atual pedagogia ou filosofia da educação adotada em nosso país pode ser medida todos os anos, nos exames vestibulares, entre os que fazem as provas de redação. Segundo a Unesco, estamos entre os piores países do mundo em relação ao aprendizado. Nossas crianças não conseguem entender o que lêem. Segundo declaração do próprio presidente da República, por ocasião da abertura da XVIII Bienal do Livro, 52% dos alunos das escolas públicas não conseguem interpretar um texto lido. Culpa de quem? Das nossas crianças? Não, absolutamente. Culpa da nossa pedagogia incompetente, falida (embora haja pedagogos que a considerem uma maravilha). Veja, agora, caro leitor, o que escreve um articulista da Folha de S. Paulo, em 24/5/2005: *Está crescendo o número de queixas contra médicos nos Conselhos Regionais de Medicina. Há unanimidade na explicação de pelo menos uma das causas desse crescimento: a formação ruim dos estudantes. Ou seja, gente despreparada está sendo liberada, sem maiores critérios, para cuidar da saúde das pessoas.* Ou seja: a sociedade está experimentando só agora os profissionais que se formaram fazendo cruzinhas nas provas, critério esse criado pelos nossos maravilhosos pedagogos modernos. Por que os alunos, principalmente das nossas escolas públicas, depois de onze anos assistindo a aulas de Português, saem de nossas escolas sem saber português? A maioria sai sem saber distinguir sujeito de objeto direto, daí por que dizem e escrevem: *"Acabou"as aulas, "começou"as férias.*

A escola antiga não abortava analfabetos funcionais. A escola antiga não produzia "gênios" com suas monumentais patadas nos exames vestibulares. A escola antiga ensinava a escrever, ensinava a pensar, ensinava a entender melhor os textos lidos, ensinava a ter mais respeito pela língua e também pelo professor. A escola antiga tinha professores que recebiam um salário digno e eram respeitados pelos alunos. Aqui, *antiga* bem po-

deria ser substituída por *eficiente.* E a escola de hoje? A escola de hoje é um verdadeiro desastre pedagógico e disciplinar. Mas tem defensores intransigentes. É natural: foram abortados por ela! A gente entende. Aliás, a gente sempre entende. Mas não perdoa.

O Brasil possui cerca de 79 milhões de pessoas, entre 16 e 64 anos, que são analfabetos numéricos, ou seja, sabem o que é um número, mas não conseguem desenvolver operações simples de soma ou subtração. Além disso, 42 milhões nessa mesma faixa etária estão em estado crítico de leitura, ou seja, conseguem ler uma palavra ou outra, mas não entendem o conteúdo do texto. De maneira geral, 86 milhões de brasileiros são analfabetos funcionais, pois não dominam habilidades nem de português nem de matemática. Os dados foram apresentados por Suely Druck, presidente da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), durante a conferência Produção de Analfabetos no Brasil, em julho de 2005, na 57.- Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Fortaleza. Certos professores se empenham em ensinar teorias de Barthes, Lacan e Chomsky, e nossos alunos não conseguem distinguir uma preposição de uma conjunção nem muito menos um sujeito de um predicado. Alguns deles têm o desplante de afirmar aos quatro cantos do mundo que falar e escrever de acordo com a gramática normativa é uma aspiração reacionária, própria de gente conservadora, o que, já de per si, define-os como enganadores, pseudoprofessores. Daí por que a carência educacional no Brasil é tão avassaladora! Tão avassaladora, que boa parte dos brasileiros não consegue nem mesmo traduzir uma realidade: como pode alguém ser ainda tão popular, em meio a tantos escândalos de corrupção? Se não reagirmos urgentemente, não há como fugirmos à justa pecha das gerações futuras de que somos todos irresponsáveis, incompetentes e enganadores. A educação é fundamental para qualquer país. Mas com educadores e pedagogos realmente preparados. A realidade brasileira mostra que estamos longe disso.

Como se tudo isso não bastasse, aparece-nos um presidente da República que parece gabar-se de ter chegado aonde chegou sem estudar, passando a impressão de que o segredo do sucesso é não ir à escola, é não estudar. Se esse não é o fim do poço, qual será?

## "por conta de"

Há muita gente por aí usando a língua **por conta** própria; acham-se no direito de criar. E esta é mais uma das criações modernas: Os *hortifrutigranjeiros sofreram majoração de preço "por conta da" inundação na Ceagesp.* A língua possui inúmeras locuções que a substituem com vantagem: *por causa de, graças a, devido a, à mercê de, em razão de,* etc. Mas vem o criador e rejeita-as todas. Quando, todavia, há idéia de *responsabilidade* ou *encargo,* a expressão é correta: *Os preços são baixos, mas o transporte das mercadorias fica por conta do cliente.*

Eis, no entanto, declaração de alguém muito preocupado com a educação moderna: *Há uma grande ansiedade "por conta do "futuro da Educação neste país.*

*A* ansiedade é enorme!...

## informamos-lhes

Correto. O pronome *lhe(s)* não suprime o *s* de nenhuma forma verbal. Portanto, usamos corretamente: *Informamos-lhes que não há vaga.* (E não: *"Informamo-lhes"* que...) *** *Comunicamos-lhes a data do exame.* (E não: *"Comunicamo-lhes"* a data...) *** *Enviamos-lhes toda a documentação pedida.* (E não: *"Enviamo-lhes"toda* a...) *** *Demos-lhes total apoio.* (E não: *"Demo-lhes"*total...) *** *Solicitamos-lhes pronta resposta a nossa reivindicação.* (E não: *"Solicitamo-lhes* "pronta...)

O s final só deixa de aparecer nas formas da primeira pessoa do plural, nos verbos pronominais essenciais. Assim, por exemplo: ***Queixamo-nos*** *de tudo, menos disso.* *** ***Arrependamo-nos*** *dos nossos pecados enquanto é tempo!* *** ***Informamo-nos*** *do preço da passagem.*

Se o pronome átono exerce função objetiva, a forma verbal só perde o s final quando o pronome o (e variações) se transforma em *lo* (e variações). Ex.: ***Informamo-lo*** *de que...* *** ***Certificamo-los*** *de que...* *** ***Comunicamo-las*** *de que...*

## retado / arretado

São formas variantes, a primeira usada na Bahia; a segunda, em Pernambuco. Pode exprimir inúmeras idéias meliorativas, de acordo com o contexto, ou seja, pode significar *bonito, formoso, legal, excelente, vistoso,* etc.: *carro retado, garota arretada, penteado retado, dia arretado, bom para praia; camisa retada.*

Os dois Estados, a Bahia e Pernambuco, são rivais, principalmente em futebol e na música.

Os baianos dizem que música é com eles mesmos: começam citando João Gilberto, o pai da bossa nova, e vão até Cláudia Leite, a nova musa da a*xé-music*.

Os pernambucanos enumeram de Luís Gonzaga a Alceu Valença.

No futebol, os baianos botam as manguinhas de fora: vão logo citando o primeiro campeonato brasileiro de futebol conquistado pelo Bahia (1959) e as derrotas que sua equipe infligiu ao poderoso Santos de Pele, nessa mesma época. Os pernambucanos não deixam por menos: vão logo falando no íbis, time conhecido no mundo inteiro como o pior de toda a história do futebol mundial. Falam também no Sport Club Recife, legítimo campeão brasileiro de 1987.

Mas não há coisa que deixe o baiano mais *retado* que alguém dizer que ele ficou"arretado", porque isto é coisa de pernambucano.

A ed. 1.817, da Veja, conseguiu a proeza, ao trazer, na pág. 95, a foto de uma bela baiana, encimada por um título que, certamente, deixou os baianos profundamente retados: *Uma baianinha "arretada".*

## pedir *"se"*

Não se usa a conjunção "se" com o verbo *pedir,* mas sim com *perguntar.* Portanto: ***Pergunte*** *a sua mãe* ***se*** *ela deixa você ir comigo.* (E não:

*"Peça" a sua mãe...)* *** ***Perguntei*** *ao pai dela* ***se*** *permitia o casamento.* (E não: *"Pedi"ao pai dela...)*

## pedir para

Só se admite esta combinação, quando a palavra *licença* ou *permissão* estiver clara ou subentendida: *O aluno* ***pediu para*** *ir ao banheiro.* (Isto é: *O aluno pediu* ***licença*** *para ir ao banheiro.)*

Se não for possível tal subentendimento, usa-se apenas *que,* e nunca "para que": *Pedi* ***que*** *me trouxessem um copo dágua.* *** *O último presidente militar, ao deixar o cargo, pediu* ***que*** *o esquecessem.*

Os jornalistas da revista Veja evoluem dia a dia. Repare como eles já estão escrevendo: *Jejferson pede que o PTB entregue cargos.* Afinal, a vida existe para que os seres humanos evoluam, não é mesmo?

Por outro lado, no *site* de um jornal: *Ceará e Vesgo pediram "para" Silvio Santos assinar um documento autorizando o* Pânico *a continuar imitando o apresentador.*

Se pedissem que ele assinasse, seria bem melhor.

No *site* do mesmo jornal: O *presidente Luiz Inácio Lula da Silva pediu hoje aos seus ministros "para" que apressem a liberação de recursos para programas que já foram anunciados, mas que sofreram atrasos por causa da burocracia.*

No *site* do mesmo jornal: O *presidente venezuelano, Hugo Chávez, pediu "para" que seus opositores respeitem os resultados do referendo que ratificou sua permanência no poder do país.* (Aqui foi usada a preposição para quê?)

No *site* do Terra: O *presidente Lula falou sobre a pobreza mundial na abertura da Conferência de Xangai, na China, e foi muito aplaudido. Ele pediu "para " que se preste mais atenção aos povos desfavorecidos.*

Manchete de jornal: *Cúpula islâmica pede aos EUA "para" sair do Iraque.*

Convenhamos: este não seria bem o caso de pedir *licença...*

## posto que

Esta locução só existe em português como equivalente de *embora,* e não como sinônima de "porque". Eis frases com seu uso correto: *Viajou,* ***posto que*** *não estivesse disposto.* *** *Comeu,* ***posto que*** *não estivesse com fome.*

Certos advogados, no entanto, preferem usá-la desta forma, erroneamente: O *réu foi absolvido, "posto que" não havia provas contra ele.*

Na mídia: *O preço da gasolina subiu, "posto que" o preço do barril de petróleo aumentou.* *** *"Posto que"o pensamento se situa numa zona invisível para os olhos humanos, muitos supõem que podem pensar o que*

*quiserem sem que tenham que arcar com as conseqüências. *** A vida moderna tem arrastado as mulheres para um comportamento equiparado ao homem, isto é, a luta pela vida tem levado as mulheres a buscarem uma equiparação aos homens, "posto que"no passado foram discriminadas e marginalizadas.*

A bem da verdade, o último texto tem outros inconvenientes e deveria estar assim: *A vida moderna tem arrastado as mulheres para um comportamento equiparado ao **do** homem, isto é, a luta pela vida tem levado as mulheres a **buscar** uma equiparação aos homens, **porque** no passado foram discriminadas e marginalizadas.*

## um "chopes" / um "pastéis"

Se um dia alguém convidá-lo para tomar "um chopes" e comer "um pastéis", caro leitor, desconfie! Ou o **chope** está choco, ou o **pastel** está vazio...

## um "parênteses"

É outra tolice. São dois os parênteses, um que abre, e o outro que fecha: (). Cada um desses sinais é *um parêntese.* Sendo assim, como alguém pode querer abrir ou fechar "um parênteses"? É coisa própria de quem gosta de tomar "um chopes" e de comer "um pastéis".

Na mídia: *A França, considerada terra de asilo e capital mundial dos Direitos do Homem, está abrindo "um parênteses" em tudo isso.* *** *"Um parênteses": é uma vergonha para a sociedade brasileira que as creches públicas existentes no país sejam os programas infantis das redes de televisão.*

Há coisas bem mais vergonhosas...

## um "dropes"

Outra tolice. E ainda há os que escrevem "drop","drops", copiando o inglês.

No tubinho vêm geralmente dez balinhas, ou seja, dez *dropes.* Cada uma delas, portanto, é *um **drope.***

Quem não se lembra dos dropes Dulcora?

Num jornal: *"O dropes "Dulcora foi lançado no final dos anos 50. Foi "o primeiro dropes"quadradinho e embrulhado um a um.*

Para o referido jornalista, naturalmente, *o drope* descia quadrado...

## "um" picles

Aqui o caso se inverte. *Picles* é palavra só usada no plural. Sendo assim, todos os determinantes devem estar também nesse número. Ex.:

*Gosto **desses picles.*** *** *Recebi **uns picles importados.***

Mas sempre aparece aquele que usa "o" picles, "um" picles, etc. Veja como um jornal forneceu uma receita às donas de casa de todo o Brasil: *"O"picles de cebola "caseiro"vai bem com qualquer prato.*

## um "frios"

*Frios* (produtos de carne de porco, como mortadela, salame, presunto, etc.) também é palavra só usada no plural: *os frios, uns frios.*

Um consulente me escreve, afirmando: *Há pouco vi no cardápio de um restaurante: escolha "um frios " e monte o seu sanduíche.*

Ele próprio finaliza, perguntando: *O senhor aceitaria o meu convite para comer "um pastéis"e "um frios"?*

Minha resposta foi singela.

## "o" brócolis

*Brócolis* é palavra só usada no plural: *os brócolis.* Portanto, construímos: *Os brócolis fazem muito bem à saúde.* *** *Não gosto de brócolis.* *** *O preço dos brócolis não anda convidativo.*

Os portugueses preferem a forma *brócolos,* que não corre entre nós.

Recentemente, uma repórter de televisão anunciou que, em razão das fortes chuvas em Teresópolis, o mercado de legumes e hortaliças do Rio de Janeiro tinha sido afetado. E completou: *"O" brócolis e a alface foram os itens que mais tiveram seus preços elevados.*

## sentir "muito ciúmes" de alguém

É perigoso. Quem sente "muito ciúmes" está pronto para comer "um pastéis"...

Podemos usar *ciúme* (no singular) ou *ciúmes* (no plural), mas não devemos misturar singular *(muito)* com plural *(ciúmes).* Repare: *Você sente muitos ciúmes do seu namorado?* (Ou: *muito ciúme.)* *** *Ela tem uns ciúmes do marido!* (Ou: *um ciúme.)* *** *Os ciúmes de minha namorada são exagerados.* (Ou: *O ciúme de minha namorada é exagerado.)*

Na revista Veja, ed. 1.791, pág. 84, aparece publicidade de uma revistinha da própria Editora Abril. Nestes termos: A *sua TV vai chiar de "tanto ciúmes".*

De um locutor de televisão: *Saiba como lidar com "o ciúmes" das crianças!*

De um ex-prefeito e ex-governador paulista: *Ciúmes de homem "é pior" que ciúmes de mulher.*

Sem dúvida.

## um "patins"

Nas lojas se vende *par de patins,* assim como *par de chinelos, par de sapatos, par de meias,* etc. Não me consta que, por isso, alguém tenha usado, até hoje,"um chinelos","um sapatos","uma meias".

Comprar "um patins", mesmo em promoção, é coisa de gente que não sabe ainda nem andar. Que se dirá, então, de patinar!

Certa vez uma repórter perguntou a uma entrevistada: *E hoje? Você ainda usa "o patins"?*

O mundo tem gente assim...

## ver tudo "sob" outro prisma

É ver torto ou embaçado. A luz se decompõe passando *pelo* prisma ou *através do* prisma, mas nunca *"sob"o* prisma. Sendo assim, vê-se tudo *por* um prisma ou *através de* outro prisma.

Mário Gonçalves escreveu: *Cada homem vê a existência através de um prisma especial. Assim também acontece às sociedades, tanto no espaço como no tempo.*

Um jornalista escreveu: *Na Bahia todos os santos, os jornais e emissoras de TV às vezes operam milagres com a notícia. Vinculados a grupos políticos rivais, os principais veículos de comunicação do Estado chegam a oferecer ao público versões conflitantes para o mesmo acontecimento, "sob"o prisma que interessa ao grupo.*

E ainda há os que querem que vejamos os nossos nobres jornalistas **por** outro prisma, **através de** um prisma agradável.

## "tim-tim por tim-tim"

Já houve um grande jornal de São Paulo que estampou esta maravilha na primeira página! Coisa de cinema! E saber que é tão fácil: *tintim por tintim.*

## foi um deus-nos-acuda

Ou seja, foi uma confusão, uma balbúrdia: *Quando as misses chegaram, foi um deus-nos-acuda.*

Na mídia: *Perdendo El Alamein, os aliados certamente perderiam o controle do Canal de Suez, e aí seria um "Deus nos acuda", pois os alemães teriam acesso direto ao petróleo do Oriente Médio. *** Mais uma vez os bispos da CNBB se reúnem em Itaici. Agora de olho nas eleições, os bispos abandonam os fiéis. É um "Deus nos acuda"...*

Que Deus nos acuda!...

## oficiala

Feminino de *oficial.* Anote mais estes femininos: *adida, alfaiata, bacharela, bugra, comandanta, comedianta, coronela, fariséia, filhota, generala, marechala, mecânica, música, oficiala-generala, paraninfa, perita, pilota, política, primeira-ministra, primeira-sargenta, sargenta, soldada, suboficiala,* e *tribuna.*

Use-os sem receio! Se der cadeia, procure-me!...

A força feminina é grande, mas alguns de nossos jornalistas parecem desconhecê-la. Veja como eles tratam as mulheres: *Sete mulheres, membros da Força Aérea dos EUA - inclusive "uma piloto"e "quatro co-pilotos"-serviram a bordo de aviões de abastecimento aéreo que deram apoio ao ataque contra a Líbia. *** Débora Rodrigues: "piloto"dejamantas. *** ..."a primeiro-tenente" da PM mineira, Fabiana Norovele.*

Será que a *primeira-tenente* gostou?

A fórmula 1 está prestes a ter uma mulher entre os pilotos. Eles já a estão tratando de "homem": é a"piloto"pra cá, essa "piloto" pra lá.

Numa revista, um milagre: *Pela primeira vez na história, a Academia da Força Aérea Brasileira abriu uma turma feminina para formar* ***pilotas.***

Devagarzinho, devagarzinho, eles acabam chegando lá...

Quando surgiu a palavra *primeiro-ministro,* era um deus-nos-acuda para a formação do seu feminino. Alguns jornalistas usavam "a primeiro-ministra", outros "a primeiro-ministro" e os mais corajosos optavam por "a primeira-ministro". Nenhum enxergava o óbvio: *a primeira-ministra.* Até que, num passe de mágica, fez-se a luz, e eles passaram, todos, a empregar o feminino correto.

Há certas coisas incompreensíveis na mídia brasileira. Que os extra-terrestres, naturalmente, haverão de explicar tintim por tintim, quando aqui aportarem...

## corre um "buxixo" por aí

Andam correndo mal muitos *bochichos* por aí. A forma rigorosamente correta é *bochinche* (pouco usada entre nós), cujas variantes são três: *bochicho, bochincho* e até *bachinche.*

## dizer "de" que

Só os que não têm nenhuma noção da língua costumam usar "de que" a torto e a direito. E como os há, caro leitor, como os há! É um tal de comentei "de" que, disse "de" que, queremos "de" que, creio "de" que, pensei "de" que, etc.

O raciocínio é simples demais: quem diz, diz alguma coisa; quem comenta, comenta alguma coisa; quem crê, crê em alguma coisa; quem pensa, pensa em alguma coisa.

Onde apareceu o de? Em lugar nenhum! Então, por que usar uma preposição que o verbo não pede?

Usemos *de que* quando o verbo ou o nome pedem tais palavras. Assim, por exemplo: *Lembre-se* ***de que*** *amanhã é dia útil!* (Quem se lembra, se lembra **de** alguma coisa.) *** *Tenho a impressão* ***de que*** *vai chover.* (Quem tem a impressão, tem a impressão **de** alguma coisa.) *** *Estou certo* ***de que*** *ela me telefonará.* (Quem está certo, está certo **de** alguma coisa.)

Fora daí,"de que" pra quê?

## dar uma pensada / dar uma verificada

Só porque podemos dar uma *olhada,* dar uma *chamada* e também dar uma *passada,* muitos acham que também podem dar uma "pensada" ou dar uma "verificada". Na fala diária, podemos até usar quase sem muito problema *Vou dar uma pensada no assunto* ou *Vou dar uma verificada no documento.* Convém evitar esse emprego, contudo, na escrita ou em momentos em que os registros da língua popular não são muito acon-

selháveis (como num julgamento ou até mesmo numa entrevista). Prefira usar *Vou pensar, Vou verificar.* Não é mais simples?

### "uma" matiz diferente

*Matiz* é palavra masculina: o *matiz, um matiz.* Há quem confunda *matiz* com *matriz.* Daí vermos frases assim, nos jornais: *Isso trouxe ao debate público, com "todas as" matizes indispensáveis a uma campanha eleitoral, o nome de alguém que é considerado apto ao exercício da função presidencial. * * * Os arquivos do SNI contêm as fichas de milhares de brasileiros, catalogados em função de "sua matiz ideológica" e ligações atuais ou pregressas.*

Esta última frase foi retirada do editorial de um importante jornal de São Paulo, considerado o maior do Brasil.

Um ex-governador de São Paulo saiu-se com esta frase, certa feita, estampada num jornal: *É preciso que, acima de divergências partidárias e de matizes "ideológicas", os povos da América Latina e suas lideranças se unam na luta comum pela democracia.*

*Matiz* tem como sinônimo *nuance* (de var. *nuança),* que é, esta sim, palavra feminina.

### obrigar as crianças a "comerem"

O infinitivo fica invariável quando não há nenhuma dúvida acerca do seu sujeito. Na frase em epígrafe, não há nenhuma dúvida de que o sujeito de *comer é as crianças;* portanto, desnecessária é sua flexão.

Outros exemplos: *O tiroteio obrigou os motoristas a **retornar.*** *** *Convidei os turistas a **ir** à praia.* * * * *Os policiais forçaram os manifestantes a **recuar.*** *** *Os jogadores foram acusados de **boicotar** o treinador.* *** As *pessoas eram obrigadas a **aguardar** em fila.* *** *Vocês têm razão de **falar** duro com seus filhos.* * * * *Nada nos permite **chegar** a essa conclusão.* * * * *Era impossível aos passageiros **sair** do avião.*

### fora-da-lei

Não varia no plural: *o fora-da-lei, os fora-da-lei.*

Num editorial de jornal: *Para evitar complicações, Requião preferiu recuar da intervenção, assim que conseguiu da Assembléia, na qual dispõe de maioria, autorização para encampar os pedágios, um evidente instrumento de pressão para forçar os concessionários a baixarem as tarifas, repetimos, na marra. Fica de qualquer forma no ar o risco representado pelo fato de uma autoridade, encarregada de fazer valer a ordem jurídica, manobrar com "foras-da-lei" assumidos para impor sua vontade.*

E não havia nenhuma necessidade de flexionar o infinitivo *baixar.*

## salário de mil "e" duzentos e cinqüenta reais

Não se usa "e" depois de *mil* seguido de centena. Nem muito menos vírgula, como faz muita gente, no preenchimento de cheques. Esquecendo o intruso (e desnecessário) "e"e a indevida vírgula, temos: *Salário de **mil duzentos** e cinqüenta reais.* *** *Gastei **mil quinhentos** e quinze reais.* *** *Estávamos em **mil novecentos** e noventa e oito.* *** *A despesa foi de **mil oitocentos** e um reais.*

## O Brasil foi descoberto em "mil quinhentos"

Não é verdade. Quando a centena termina por dois zeros (1500, por exemplo) ou começa por zero (1015, p. ex.), o uso do *e* é de rigor. Veja: *Gastei **mil e** quinze reais, mas só ganho **mil e** dez.*

As centenas devem sempre ser unidas às dezenas e unidades por e: *Gastei mil quinhentos **e** quinze reais.* *** *A despesa foi de mil oitocentos **e** um reais.* Note: em nenhum caso se usa a vírgula.

Com *milhão, bilhão, trilhão,* etc., o uso do e também é obrigatório. Ex.: *Um milhão **e** duzentos mil reais.* *** *Dois trilhões **e** quatrocentos e cinqüenta bilhões **e** setecentos e trinta milhões de reais.*

## ter *que* / ter *de*

É indiferente, no português contemporâneo, o uso de *ter **que*** e de *ter **de.*** *Tenho **que*** (ou ***de)*** *ir amanhã a Salvador.* *** *Vocês têm **de*** (ou ***que)*** *sair já daí!*

Aos que não aceitam o emprego de *ter **que,*** tenho uma sugestão: leiam Fernando Pessoa!

## prazeroso / prazerosamente

É assim que se escrevem tais palavras. Mas sempre há os que acham "prazeiroso"escrever"prazeirosamente". Eis como se leu no *site* do Terra, recentemente: *Para conhecer bem o BMW 745IA, serão necessárias algumas "prazeirosas"semanas de uso. E nós só tivemos uma...*

É prazeroso ler assim?

## entre...e / de...a / desde...até

Assim como a vida nos faculta escolher as companhias que melhor nos aprazem, na língua também certas preposições escolhem seus parceiros. Não pode, aqui, haver troca de parceiros, sob pena da deselegância. Portanto, construímos: A *idade das crianças variava **entre** 5 **e** 8 anos.* ** * A *idade das crianças variava **de** 5 **a** 8 anos.* *** A *idade das crianças variava **desde** 5 **até** 8 anos.* *** *Aguardei-a **entre** o meio-dia **e** a uma hora.* *** *Aguardei-a **do** meio-dia **à** uma hora.* * * * *Aguardei-a **desde** o meio dia **até** a uma hora.*

Foi com enorme satisfação que lemos, certa vez, num jornal: *O ganso sinaleiro chinês tem plumagem farta, costuma pesar **entre** 2,5kg **e** 4,5kg e medir **de** 75cm **a** 89cm.* Extraordinariamente perfeito!

Foi com enorme desgosto que lemos, certa vez, noutro jornal: *Os ladrões roubam os veículos em São Paulo e vendem no Paraguai. A maioria dos carros é vendida por preços que variam* ***entre*** *dez "a" quinze mil reais.*

O desgosto foi ainda maior, ao lermos esta notícia, também num jornal: *Das festas, às segundas-feiras, participariam pelo menos quatro adolescentes, com idades entre 12 "a" 15 anos, que teriam recebido drogas e bebidas alcoólicas para manter relações sexuais com os suspeitos.*

Foi num misto de insatisfação e desgosto que lemos certa feita isto, escrito por um ex-ministro da Justiça do Sr. Fernando Henrique Cardoso: *Promete-se dar tudo às crianças,* ***desde*** *a instrução "à"alimentação e "à" saúde.*

Existem gramáticos, no entanto, que estão com o ex-ministro. Suponhamos esta frase: *Dormi* ***desde*** *o ponto inicial do ônibus* ***até*** *chegar ao trabalho.* Ou esta: *Ela chorou* ***desde*** *lá* ***até*** *aqui.* Como usar a preposição "a"no lugar de *até?*

Um dicionário recém-publicado traz este exemplo no verbete **desde:** ***A*** *multidão se estendia* ***desde*** *o centro* ***à*** *periferia da cidade.*

Nele, porém, tudo é normal! Absolutamente normal!

## "acabou" as férias / "começou" as aulas

Só fala ou escreve assim o que não tem a mínima noção de análise sintática. Ou seja: aquele que confunde sujeito com objeto direto. Se *férias* e *aulas* exercem a função de sujeito, não há como deixar de levar o verbo ao plural. Pronto: ***acabaram*** *as férias,* ***começaram*** *as aulas.* Já era tempo...

## subir no ônibus errado

No Brasil, todo o mundo costuma subir no ônibus, mas em Portugal, todos sobem não só **para** o ônibus, mas também **para** o trem, **para** o avião, **para** o automóvel, etc.

Aliás, no Brasil também costumamos subir no telhado e nas árvores. Em Portugal, porém, sobe-se ao telhado e às árvores.

Os brasileiros trepamos nas árvores, nos muros; os portugueses preferem trepar às árvores, aos muros.

Tanto nós quanto eles conseguimos chegar lá, sem problema nenhum...

## as "micro", pequenas e médias empresas

Toda e qualquer palavra substantivada varia normalmente: o *pró, os prós; o contra, os contras; um não, dois nãos; uma mini, duas mínis; um híper, dois híperes; a micro, as micros; a macro, as macros,* etc.

A regra, todavia, não foi suficiente para evitar a realização em Brasí-

lia, certa vez, de um Congresso Brasileiro das "Micro" e Pequenas Empresas. Ou seja: foram *micros* até na comunicação.

Os jornalistas também costumam escrever: As *"micro", pequenas e médias empresas que operam no Brasil não passariam num teste elementar de modernidade industrial.*

O jornalista passaria num teste de português?

Esta foi de um repórter de televisão: *"As"mais de 4 milhões de "micro"e médias empresas pedem socorro.* (Repare: para o repórter, *milhão* é palavra feminina!)

A Serasa fez festa, ao comemorar 35 anos de fundação. No anúncio da festa, a frase: *Boa parte do nosso crescimento deve-se à estratégia de apoio às "micro", pequenas e médias empresas, as maiores empregadoras do país.*

Será que, por serem tão pequenas, tão humildes, as *micros* não merecem nem mesmo o s do plural?...

## relê

É esta a palavra que define o aparelho usado para abrir ou fechar um circuito elétrico. Há os que dizem e escrevem "relê", como foi o caso de um jornalista, certa feita: *Foram aperfeiçoados todos os circuitos, "relês" e conectores dos automóveis Ford.*

## ser atingido por um "relâmpago"

É um pouco difícil: *relâmpago* é o clarão instantâneo produzido por descarga elétrica entre duas nuvens ou entre uma nuvem e o solo, é a luz rápida e intensa que precede ou acompanha um trovão.

*Raio é* a descarga elétrica entre uma nuvem e o solo, acompanhada de relâmpago e trovão. Daí por que existem os pára-raios, e não os "pára--relâmpagos".

Não obstante a evidência, a apresentadora de um telejornal nos informou certa vez que um atleta havia sido atingido por um "relâmpago", num campo de futebol. Só ela mesma é que morreu...

## adrede

*Adrede* é um advérbio que significa *de propósito, de caso pensado, intencionalmente.* Pronuncia-se *adrede,* embora só se ouça "adréde".

Eis exemplos em que entra essa palavra: *Foi um crime **adrede** preparado.* *** *Um colegiado **adrede** escolhido pelo presidente irá estudar o caso e propor soluções.*

Há os que, não conhecendo a função adverbial desta palavra, usam "adredemente". E ainda pronunciam "adrédemente"! Lembram quem? A famosa personagem Odorico Paraguaçu, que usava sem pejo"apenasmente","somentemente","de repentemente","conformemente", etc.

Tudo isso, naturalmente, é brincadeira. Quando se trata de um dicionário, contudo, qualquer tipo de brincadeira fica afastada, porque di-

cionário é coisa séria. Pois não é que agora também um dicionário traz "adredemente"! Nele, porém, tudo é absolutamente normal.

## "deverasmente"

É incrível, mas aconteceu. O advérbio *deveras* recebeu o prefixo *-mente,* assim como Odorico Paraguaçu fazia com tantos outros advérbios. Foi um delegado da Polícia Federal. Encarregado de verificar as contas clandestinas de brasileiros nos Estados Unidos (caso Banestado), ele declarou ao repórter: *Fiquei "deverasmente" atordoado, quando vi o nome de tanta gente poderosa!*

Quem não ficará deveras embasbacado?

## Quem nasce em Bagdá é...

*...bagdali* (a palavra é oxítona). Eis, porém, como se leu no *site* da Folha de S. Paulo, recentemente: Os *EUA anunciam ter isolado Bagdá e controlado as principais vias de acesso à capital. A cidade segue sob intenso bombardeio. Intensas explosões são ouvidas nesta segunda. Os invasores não têm apoio da população "bagdali" e vêm sofrendo forte oposição: iraquianos abriram fogo de praticamente todas as direções contra soldados dos EUA.*

Mas nenhum deles matou a língua...

## acenar

Quem acena, acena *com* alguma coisa *a* (ou *para)* alguém: *Acenei* ***com*** *a mão* ***a*** (ou***para)*** *todos os que ficavam.* *** ***O*** *motorista acenou* ***com*** *o braço às* (ou ***para*** *as) crianças.* * * * O *rapaz acenou-nos* ***com*** *a cabeça.* * * * ***Os*** *que ficavam acenavam* ***com*** *ambas as mãos* ***aos*** (ou ***para*** *os) que partiam.* *** *Duas garotas acenaram-****me com*** *o braço, pedindo carona.* Há, contudo, quem acene "a mão", quem acene "o braço", quem acene "a cabeça", etc., coisa não recomendável.

Em sentido figurado, só admite *a...com* ou apenas *com: O presidente acenava ao congresso* ***com*** *a possibilidade de novas cassações.* ***O*** *presidente acena* ***com*** *a possibilidade de novas emissões de medidas provisórias.*

Na mídia: *Os magistrados seguem reunidos em Brasília e ainda não se pronunciaram oficialmente sobre a greve. Pela manhã, acenaram "para " a possibilidade de fixar prazo de até o dia 4 de agosto para iniciarem paralisação.*

## "primeiroanista" de Medicina

Os que freqüentam o curso de Medicina em seu primeiro ano é *primeiranista* de Medicina; os que freqüentam o segundo ano é *segundanista;* o terceiro ano, *terceiranista* o quarto ano, *quartanista;* o quinto ano,

*quintanista-,* o sexto ano, *sextanista-,* o sétimo ano, *setimanista* e o último ano, *ultimanista.*

## ao invés de = em vez de?

Não. *Ao invés de* indica oposição, situação antônima, contrária: *O dólar,* ***ao invés de*** *baixar, sobe.* * * * *Teresinha chora,* ***ao invés de*** *sorrir.* * * * *O custo de vida sobe,* ***ao invés de*** *baixar.* * * * *O mundo,* ***ao invés de*** *melhorar, piora!*

Há quem use "ao envez de", o que piora o quadro.

*Em vez de* indica mera substituição, simples troca: ***Em vez de*** *ir ao cinema, fui ao teatro. (- No lugar de ir ao cinema, fui ao teatro.)* *** *Teresinha,* ***em vez de*** *ir ao quarto, foi à cozinha.* * * * ***Em vez de*** *almoçar, ele come sanduíche.*

Uma construtora paulista lançou certa vez promoção de vendas de um edifício. O anúncio começava assim: *"Ao invés de"um grande passo na via, dê logo um salto.*

Para onde? Para o abismo?!

Um de nossos jornais fez certa vez propaganda assim: *"Ao invés de" falar de renovação de assinatura, que tal falarmos sobre esportes, economia, lazer ou cultura?*

**Em vez** disso, que tal aquilo?

## dois "CD's" / dois "DVD's"

O plural das siglas se faz mediante o simples acréscimo de um s imediatamente após a última maiuscula: CDs, DVDs, FMs, PMs, IOFs, IPTUs, IPVAs, HPs, ETs, etc.

Recentemente, num informe publicitário da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), viu-se duas vezes "CPI's", em vez de CPIs; usou-se "MP's" (medidas provisórias), em vez de *MPs e* também "ao invés de"por *em vez de.*

## o moral

*Moral,* palavra masculina, entre outras coisas, significa estado de espírito ou espírito de luta de pessoa ou grupo, movido por confiança, entusiasmo, etc.; ânimo. Por isso, usamos: *o moral, moral alto, moral baixo, muito moral,* etc.

*Moral,* palava feminina (a *moral),* significa, entre outras coisas, conjunto de valores éticos que norteiam as relações sociais e o comportamento humano; é, enfim, ética.

Eis algumas frases em que se usa corretamente a palavra masculina: *Naquela época os palmeirenses estavam com* ***o*** *moral baixo. E hoje?* *** *E preciso reerguer* ***o*** *moral dessa gente.* *** *O ânimo excita* ***o*** *moral das pessoas.*

Um médico, certa vez, após uma fracassada tentativa de salvar seu paciente, declarou: *Quando o médico perde a sua esperança, ele perde realmente "toda a moral"para tratar de seu enfermo.*

Médico nenhum no mundo perde ***a** moral,* a não ser que seja um libertino, um devasso, um pedófilo - e não era o caso.

Recentemente, escreveu um jornalista, de Nova Iorque: *Os nova-iorquinos reproduziram em luz as torres do World Trade Center, que foram postas abaixo. É um projeto de um grupo de artistas e arquitetos para levantar "a moral"da cidade.*

Ou seja, é o tipo de jornalista que não consegue levantar ***o** moral* de ninguém.

No *site* de um jornal de esportes: *Robinho, com moral "alta", promete pedalar na frente de Narciso.* *** *O Botafogo quer levantar "a moral" da torcida no campeonato carioca, para reconquistar o apoio dos alvinegros.*

Frases como essas não conquistam o apoio de ninguém.

## "Aluga-se" apartamentos

Trata-se de uma concordância gramaticalmente correta, mas bastante discutível. Por enquanto, convém considerar, nesse caso, *apartamentos* como sujeito, que é a orientação gramatical tradicional. Assim, temos: *Alugam-se* apartamentos. *** *Vendem-se* casas.

Eis outros exemplos similares: *Não se **apresentaram** todas as provas necessárias.* * * * ***O** povo espera que se **consolidem** as instituições democráticas no país.* * * * ***Podem**-se levar em consideração duas sugestões apenas.* *** ***Devem**-se considerar todas as hipóteses.* *** ***Dão**-se aulas particulares de português.* *** ***Exigem**-se referências.* *** ***Cobrem**-se botões.* *** *Já não se **fazem** máquinas tão boas quanto antigamente.* *** *Queremos que se **considerem** todas as hipóteses possíveis.*

Para que ocorra essa concordância, é fundamental que o verbo seja transitivo direto e que o elemento que seria objeto direto esteja no plural, representando coisa. Quando representa pessoa, ou mesmo ser animado ou considerado como animado, para evitar ambigüidade, convém apelar para o objeto direto preposicionado. Por exemplo: *Puniu-se aos infratores.* (A frase *Puniram-se os infratores* dá a entender que eles se puniram a si próprios.) *** *Ama-se aos irmãos.* (A frase *Amam-se os irmãos* pode dar idéia de reciprocidade.) *** *Encontrou-se aos desaparecidos.* (A frase *Encontraram-se os desaparecidos* dá duplo sentido.) *** *Feriu-se aos cães.* (A frase *Feriram-se os cães é* ambígua.) *** *Movimenta-se aos galhos da árvore para a queda dos frutos.* (A frase *Movimentam-se os galhos da árvore* é ambígua.)

Este é, todavia, um caso controvertido da nossa gramática. Há uma forte corrente (à qual somos simpático) que prefere considerar o pronome *se,* nesses exemplos todos, um mero índice de indeterminação do sujeito. Visto assim, o verbo ficaria sempre no singular. Mas, por enquanto, a gramática tradicional é que deve prevalecer.

N

## "Precisam-se" de empregados

Aqui, já é caso bem diferente. Trata-se de um verbo transitivo indireto. Neste caso, o singular sempre foi de rigor. Outros exemplos: ***Gosta**-se de doces.* *** ***Acredita**-se em milagres.* *** ***Assiste**-se a filmes nesse canal.* * * * *Chegaram os turistas.* ***Trata**-se de ingleses.* * * * *É preciso paciência com as crianças, porque se **trata** de seres incapazes de compreender muita coisa.*

Não são poucos os que usam o plural, neste caso, mormente quando o verbo é *tratar.*

## A criança ora gritava, "e" ora chorava

Não. A conjunção alternativa *ora* não admite, na correlação, a inclusão de um *e* anteposto. Empregamos sempre *ora...ora, quer...quer, ou...ou,* etc.

Do artigo de um ex-militar, aliás muito culto, publicado no Correio Braziliense, colhemos isto: *Freqüente é julgar-se o militar, entre nós, ora como casta "e"ora como desfrutador de privilégios.*

## de "uma" maneira geral

Não há nenhuma necessidade do emprego do artigo nesta expressão, assim como nestas: de forma geral, de modo geral. Portanto: ***De maneira geral,** as mulheres têm verdadeiro horror a baratas.*

Certa feita, num de nossos jornais, encontramos uma pérola puríssima: *"de um modo em geral".*

## ir "em" estádio

No registro da norma culta, usa-se **a** com verbos de movimento. Claro está que no registro coloquial, podemos usar a preposição *em,* preferida dos brasileiros.

Há certas construções, contudo, nas quais não parece caber essa preposição. Repare nestas frases: *Os dias de progresso chegaram "no" fim.* *,** ***o** boxeador foi "na" lona.* *** *Devagar se vai "no"longe.* *** *Não vá com muita sede "no"pote!* *** *O rei foi "na" caça.* *** *O programa vai "no"ar todos os domingos.*

Quem usa ou já usou assim? Poucos, muito poucos: a deselegância é notória.

E quem poderia imaginar uma fábrica de cigarros que pedisse a seus consumidores que fossem "no" sucesso?

## cambiar

É um verbo que se conjuga normalmente: *cambio, cambias, cambia,* etc. Estão no mesmo caso: *cadenciar, comerciar, diligenciar, distanciar, evidenciar, influenciar, negociar, obsequiar, penitenciar, premiar, presenciar, providenciar, reverenciar, sentenciar, silenciar* e *variar.* Portanto, não existem formas como "cambeio", "vareia", "negoceia", etc. Em Portugal, contudo, se conjuga *premeio, premeias, premeia,* etc.

Só cinco verbos terminados em *-iar* se conjugam com um -e- antes do -/-, nas formas rizotônicas: *mediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar.*

Apesar de tudo, escreveu um jornalista de uma importante folha de São Paulo: *Chile quer que o papa "medie" litígio na Bolívia.*

## intermediar

Trata-se de um verbo derivado de *mediar,* sendo assim, por este se conjuga: *intermedeio, intermedeias, intermedeiam, intermedeiam,* etc.

Os jornalistas ignoram totalmente a conjugação correta deste verbo, a ver-se como escrevem: *Com as proximidades das férias escolares, aumenta a procura pelas agências que "intermediam" viagens turísticas.* *** *Essa é uma empresa que "intermedia"a liberação de verbas do governo para as prefeituras.*

Certa vez, uma famosa rede de televisão tratou da prostituição infanto-juvenil. O repórter nos informou, então, que certos motoristas de táxi "intermediam" os encontros entre menores e turistas estrangeiros.

A verdade é outra.

## eu "se" enganei

E como! *Eu* não combina com se, são de pessoas diferentes (1.- e 3.-, respectivamente). Mas volta e meia estamos ouvindo frases assim: *Confesso que eu "se" perdi inteiramente.* *** *Eu "se" esforcei demais nesse jogo, mas não adiantou.* *** *Pode deixar, que eu "se"viro!* *** *Nós "se" poupamos no segundo tempo.* *** *Deixe, que eu "se"entendo com ojogador!* *** *Nós "se"preocupamos muito com o futuro do Brasil.*

Mesmo?

Em São Paulo já houve um saudoso presidente de clube que declarou, sem pejo nem complexo de culpa: *Eu "se"fiz por "si"mesmo.*

Há quem ria. Mas muitos choram...

Na atualidade, existe um apresentador de televisão que vive dizendo: *Você, que está chegando do trabalho! Você, que está chegando do colégio. Vamos rir! Vamos "se"divertir! Pegadinha inédita!* A vítima somos nós todos...

## fiquei fora de "si"

E caso semelhante ao anterior. *Si* é da 3.- pessoa; *fiquei,* da 1.-, daí por que não há como conciliarmos uma e outra.

Repare nestas frases, todas corretas: *Ela ficoufora de si. (Ela e si* = 3.- pessoa.) *** *Ficamos fora de nós por alguns minutos. (Ficamos* e *nós* = 1.- pessoa.) *** *Aquilo me deixou fora de mim. (Me* e *mim* = 1.- pessoa.)

Certa vez, pela televisão, porém, veio esta declaração: *Quando eu me "di"por "si", já tinha sido roubada.*

*"Di"*por *dei* e "w"por *mim* Ou seja, não restou absolutamente mais nada: roubaram-lhe tudo...

Agora, para encerrar, eis a declaração de um jogador de futebol que

no Velho Mundo ganha cerca de quinhentos mil dólares por mês: *Amanhã nós vamos dar tudo de "si "para conquistar mais uma vitória.*

Seus pés valem ouro. E a língua?

## "imparciabil idade"

Esta palavra já seria reprovável na boca ou na pena do comum dos mortais. Que se dirá, então, se figurasse num dicionário? Pois é: no dicionário do entulho aparece a pérola no verbete **equidade.**

## "calcóreo"

Esta palavra também já seria reprovável na boca ou na pena do comum dos mortais. Que se dirá, então, se figurasse num dicionário? Pois é: no dicionário do entulho ela figura, soberana, no verbete **bezoar.**

## "rabujento"

Esta palavra também já seria reprovável na pena do comum dos mortais. Que se dirá, então, se figurasse num dicionário? Pois é: no dicionário do entulho ela aparece no verbete **coroca.**

## "aterrizar"

A maioria das pessoas sabe que um avião, quando pousa, *aterra* ou *aterrissa.* Seus substantivos correspondentes são, respectivamente, *aterragem* e *aterrissagem.*

*Aterrar* e *aterragem* são formas legitimamente portuguesas; *aterrissar* e *aterrissagem* são formas copiadas ao francês, portanto, trata-se de galicismos.

Muito bem. O povo, no entanto, ignora muitas vezes ambas essas formas e usa quase sempre "aterrizar" e "aterrizagem", que em verdade são meros brasileirismos.

O dicionário do entulho registra "aterrizar", mas não "aterrizagem". Qual seria a razão?

## "antisséptico" ou anti-séptico?

A forma coerente é *anti-séptico.* Há dicionários, porém, que registram ambas as formas, o que só vem confundir. Faz lembrar um velho apresentador de programa de auditório da televisão. Dicionários, ao contrário, não se publicam para confundir, mas para explicar, elucidar, esclarecer. Se a regra diz que o prefixo *anti-* exige hífen antes de palavras iniciadas por *h, r* ou s, por que criar uma exceção desnecessária?

"Fenômeno"semelhante ocorre com a palavra *arqui-seguro.* Segundo a regra dos prefixos, *arqui-* exige hífen antes de *h, r* ou *s.* Se assim é, por que dicionários trazem "arquisseguro"? E um mistério.

Outro caso interessante é o da palavra *planocilíndrico:* certos dicionários trazem o verbete corretamente, ou seja, sem hífen. Mas quando a

palavra aparece no miolo do dicionário, eis novamente a confusão: usa-se a palavra justamente com o hífen: "plano-cilíndrico".

O dicionário do entulho estabelece a confusão justamente no verbete **mesa,** subverbete **mesa de tintagem.** O dicionário secular também gosta da confusão e a abona à pág. 1.322.

Se isso tudo não é seguir rigorosamente a filosofia do Velho Guerreiro, que será, então?

## coma alcoólico

Correto. Como a palavra *coma* é masculina, só pode haver *coma alcoólico,* e não "coma alcoólica", como se ouve em nossas telenovelas.

Os jornais também não ficam atrás. Veja o que trouxe um deles: *A meningite caracteriza-se pelo início súbito, com febre alta, náuseas, vômitos e rigidez na nuca. O delírio e "a coma"são freqüentes.*

Um dicionário traz a palavra *coma* como palavra masculina ou feminina, indiferentemente. Em edições anteriores, porém, registrava a mesma palavra tão-somente como feminina, em todas as acepções.

## "elegantérrimo"

Evite usar formas superlativas criadas pelo vulgo, como esta ou"elegantésimo", "finérrimo", "finésimo", "chiquérrimo", "chiquésimo". Só pessoas pedantes, normalmente de baixa escolaridade, usam adjetivos assim.

## "magérrimo"

A forma superlativa sintética da norma culta de *magro* é *macérrimo* (do latim *macer* + sufixo *-rimo),* e não "magérrimo", cujo *g* tem origem em *magro.* Trata-se de um registro da língua coloquial.

Xavier Fernandes, em suas *Questões de língua pátria,* considera "magérrimo" um despautério que não se justifica. É assim pouco mais ou menos como "advogacia","gabina","degote","guspir".

AVeja, revista que deveria só levar em conta o registro culto, trouxe (ed. 978, pág. 67): *Neste momento de crise e de vacas "magérrimas" nos cofres estaduais, não se pode a rigor...*

Seus jornalistas parece não abrirem mão de "magérrimo", forma que aparece constantemente em suas páginas.

Podem contrapor alguns: *Ah, mas consta em dicionário.*

Isso é tudo? Há dicionários por aí que só lhes falta mesmo trazer "menas "," mendingo "," mortandela " e "questã ".

## e nem

Só se usa *e nem* quando pudermos pospor *sequer: Eles chegaram e nem me telefonaram.* = *Eles chegaram e nem sequer me telefonaram.* *** A *criança se divertia e nem percebia a presença do tio.* = *A criança se divertia e nem sequer percebia a presença do tio.*

N

Não havendo essa possibilidade, basta retirar o "e", para que tudo fique perfeito: *Ela não come nem bebe.* (E não: *Ela não come "e"nem bebe.)* *** *As crianças não almoçaram nem jantaram.* (E não: As *crianças não almoçaram "e" nem jantaram.)*

No *site* de um jornal: *No lançamento do Fome Zero, o presidente disse que a fome não será vencida da noite para o dia, "e" nem apenas com algumas medidas isoladas do governo.*

No *site* de outro jornal, a declaração de uma senadora alagoana: *Pela minha origem, eu não posso votar em alguém (Sarney) que represente uma oligarquia nordestina "e"nem em quem prestou serviços "à" ela.*

*A* senadora escorregou, mas quem caiu no abismo foi o jornalista que reproduziu a declaração: usar à antes de pronome pessoal é de lascar!

Por fim, repare nesta declaração triste de um ex-presidente do PT, ao renunciar a seu cargo: *Nós do PT não praticamos irregularidades. O PT não compra "e" nem paga deputados.*

Pois é...

## "impassividade"

Isto não existe, mas muitos querem que exista. Não faz muito um famoso jornalista esportivo escreveu: *Todos notaram a fúria do jogador e a "impassividade"do árbitro.*

É própria dos jornalistas esportivos a invenção, a criação. Eles são realmente admiráveis. Muito mais admiráveis que a *impassibilidade* do povo inglês.

Tão admiráveis eles são, que um deles escreveu em sua coluna, no *site* de A Gazeta Esportiva: As *jogadas de Robinho estão manjadas demais. "Fácil"de serem neutralizadas, não é mesmo?*

Fácil é saber quem é o autor da pérola, não é mesmo?

Tão admiráveis eles são, que um ex-repórter da TV Bandeirantes chegou a declarar recentemente: *Eu gostaria muito de trabalhar como* manager *no Palmeiras. Seria bom até para provar que jornalista esportivo não é imbecil.*

Pois é...

## O dono desse carro "é" eu

Não se diz nem se escreve assim. O verbo *ser* concorda sempre com o pronome reto: *O culpado **és tu,** o responsável **somos nós.*** *** *Quem fez isso **fui eu** ou **fomos nós?***

Redobrada atenção devemos ter com as locuções verbais: *Não vou ser*

*eu o escolhido, tenho certeza.* (E não: *Não "vai"ser eu...)* *** *Devo ser eu o responsável por isso?* (E não: *"Deve"ser eu...)*

### Antioquia

Cidade histórica da Turquia. Pronuncia-se *antiokia,* e não "anti-ókia".

Eis, porém, como um jornal paulistano nos conta sobre o primeiro papa da história: *São Pedro: pontificou 34 ou 37 anos. Considerado o primeiro papa, de acordo com os historiadores, o período de início e de fim de seu papado é desconhecido. Segundo a tradição, seus últimos 25 anos como papa foram passados em Roma. Os outros ele teria vivido "na Antióquia".*

Note que o jornalista ainda usou artigo antes do nome da cidade, ou seja, cometeu dois erros em duas palavras. índice respeitável...

### conseguimos nos "mantermos" em pé

Nas locuções verbais, só varia o primeiro verbo, ou seja, o auxiliar, ficando invariável o verbo principal. Portanto: *Não podes entrar sem seres anunciado.* (E não: *Não "podes entrares"...)* *** Vocês *querem tomar um copo de leite?* (E não: *Vocês "querem tomarem" um copo de leite?)*

Repare que o sujeito de ambos os verbos é rigorosamente o mesmo, daí a não-ílexão: *nós* (de *conseguimos* e de *manter)-, tu* (de *podes* e de *entrar); vocês* (de *querem* e de *tomar).*

Numa revista: *Militares liderados pelos Estados Unidos no Iraque afirmaram "terem" matado seis pessoas e prendido outras 54 "neste domingo", durante uma incursão à procura de insurgentes na cidade de al Oaim, próxima da fronteira com a Síria.*

Repare que além de mostrar que não sabe usar o infinitivo, o jornalista ainda usou "neste domingo", vício exaustivamente comentado aqui.

As vezes, o verbo auxiliar vem separado do verbo principal: *Podem as autoridades estaduais resolver esse problema.* *** *Devem os estrangeiros comparecer à delegacia da Polícia Federal, para fazerem o recadastramento.*

### em que pese "o"

E asneira. Em português toda locução prepositiva termina por preposição: *apesar de, diante de, em frente a, em frente de* e, naturalmente, *em que pese a.* Portanto: *Em que pese ao mau tempo, chegamos bem.* *** *O Palmeiras venceu, em que pese ao árbitro.* *** *Em que pese ao presidente ter feito essa declaração, poucos acreditaram.* *** *Em que pese à tempestade, chegamos bem.*

Nossos jornalistas conseguem usar uma locução prepositiva sem preposição. Veja: *"Em que pesem as" críticas atuais, a dívida externa contribui para o progresso do país.*

Não só eles. Um presidente da OAB-SP certa vez escreveu isto: *"Em*

*que pesem os"defeitos e pecados remanescentes, a imprensa brasileira já atingiu sua maioridade.*

Doutor, só os "adevogados" escrevem assim.

EM TEMPO - Num desses manuais de redação de jornal, comete-se no mínimo grande equívoco, quando se trata da expressão *em que pese* a. O autor afirma que devemos usá-la quando a referência for a pessoa e apenas "em que pese" quando a referência for a coisa. Ao ler isso, houve quem ficasse mortalmente impressionado...

## na medida em que

Trata-se de um modismo dispensável, mas acabou vingando no português do Brasil. Emprega-se como equivalente de se ou de *caso.* Ex.: Só *é possível usar-se a inteligência na medida em que ela exista.* *** *Aprender línguas estrangeiras é útil na medida em que possamos praticá-las constantemente.*

Muitos a empregam por *à medida que: "Na"exata "medida em que" empobrece, a classe média perde noção de deveres e direitos.*

Num editorial de importante jornal paulista se leu certa vez a locução *na medida em que* usada com valor causai, o que a língua desconhece inteiramente: *No Brasil, de tempos em tempos, aparece um guru aceito por muitos. Em plantão permanente, esse guru oferece soluções geniais para alguns dos graves problemas nacionais. "Na medida em que" há muito tempo que a questão Educação não é levada a sério neste país, a lista de gurus eleitos para o setor cresceu muito.*

De fato, há muito tempo a questão *Educação* não é levada a sério neste país.

## ficar de olho *em* alguém

E assim que todos usamos. Desde o tempo de César. De repente, aparece um ex-árbitro de futebol, pela televisão, fazendo comentários de arbitragem. E ele quem comenta, num lance do jogo: *Esse jogador é malandro: o "juiz"precisa ficar de olho "com ele".*

Não é brincadeira?

## veredicto

Apesar de ser esta a forma correta, com **ct,** há os que insistem em dizer e escrever "veredito". Até uma editora chegou a publicar uma obra com este nome: O *"veredito",* de Franz Kafka. Não é grave?Veja, ainda, o que apareceu no *site* de um grande jornal: *Sorvete sem gordura e lactose. Nós testamos. Repórteres do Globo Online experimentam os novos sorvetes* light e diet *do mercado e dão o "veredito".* Os sorvetes até podem ser muito bons e saudáveis. Mas... e o jornalista? Manchete de uma folha de São Paulo: *"Veredito"que suspende processo contra Pinochet é impugnado.* Na mesma folha: *Omar e seus três cúmplices não demonstraram ne-*

*nhuma emoção ao conhecer o "veredito".* Na mesma folha: O Wall Street Journal *emitiu uma breve nota em que diz que os colegas dele continuam velando por sua memória e que o "veredito" é um passo na direção da punição aos culpados.* Que mal lhe pergunte, caro leitor: e os manuais de redação, hem?

## "metades iguais" / "duas metades"

Redundâncias. Certa vez, a apresentadora de um programa de televisão saiu-se com esta: *A linha do equador divide a Terra em "duas metades".*

Bastaria dizer *metades.*

## Ganhar e perder *são* do esporte

Correto: infinitivos antônimos exigem o verbo no plural. Eis outros exemplos: *Amar e odiar **são** próprios do ser humano.* *** *Nascer e em seguida morrer **são** apanágio de crianças de alguns países subdesenvolvidos.*

Não sendo antônimos os infinitivos, o verbo ficará no singular: *Beber e comer não **é** apanágio do ser humano.* *** *Fumar e beber cachaça **faz** mal à saúde.* *** *Passear em parques e tomar banhos de sol em piscinas ou praias **é indicado** para a saúde da criança.*

Certa feita, um jornalista esportivo, tido pelos colegas injustificadamente por profundo conhecedor da língua portuguesa, escreveu: *Ganhar e perder "é" do esporte.* O fato de colegas lhe devotarem respeito por um conhecimento que absolutamente ele não tem não significa absolutamente coisa nenhuma: em terra de cego, quem tem meio olho é Deus.

## Desde "de" manhã está chovendo

É tolice. A preposição *desde* rejeita "de": *Desde manhã está chovendo.* *** *Desde 1960 não ocorrem terremotos por aqui.* *** *Trabalhamos desde manhã até altas horas da noite.*

Na mídia: *Desde "de" 1945, a Corrida Internacional de São Silvestre vem atraindo a atenção dos meios de comunicação de todo o mundo.* *** *O deputado disse que desde "de" menino tem fascínio pela Academia Brasileira de Letras.* *** *Desde "de" 1985, o São Paulo não chegava àfase final do campeonato paulista.* *** *Desde "de"janeiro de 1994, criança nascida na França não é automaticamente francesa.* * * * *A equipe do São Paulo não consegue uma vaga na Libertadores desde "de" 1994.* *** *Dados da Unicamp indicam que o índice de chuvas só nesta segunda-feira, de 113,2mm, é o maior registrado no mês de fevereiro desde "de" 1926.* *** *Desde "de" quinta-feira dez ônibus foram incendiados por homens encapuzados na região de Vitória.*

Certa feita, ouvimos de um garoto sem escola: *Estou aqui desde "das" seis horas da manhã.*

Alguns jornalistas estão na mesma trilha...

N

## "todos" foram "unânimes"

A combinação "todos unânimes" constitui redundância, pois *unânime,* por si só, já significa *relativo a todos.* Portanto: *Todos foram concordes com essa opinião.* Ou, então: *Houve unanimidade nessa opinião.*

Num jornal: *"Todos"são "unânimes"em afirmar que a reforma tributária aumentará a carga de impostos.*

Eis aí uma verdade. Vestida de mentira...

## para "chegar" aqui, gastamos duas horas

A regra é clara: no início da frase, o infinitivo antecedido de preposição ou de locução prepositiva varia obrigatoriamente. Portanto: *Para* ***chegarmos*** *aqui, gastamos duas horas.* * * * *Por* ***terem*** *chegado tarde, ficarão de castigo.* *** *Em vez de* ***irem*** *ao cinema, eles foram ao teatro.* *** *Apesar de* ***ficares*** *calado, conhecemos tua opinião.*

Num jornal: *Apesar de "possuir" hábitos diferentes, os pirilampos e vaga-lumes têm características diferentes.*

Noutro jornal: *Para "evitar" as invasões, os fazendeiros começam a se armar.*

*A* revista Veja trouxe na ed. 1.808 uma matéria sobre casamento homossexual. Abriu-a assim: *Até algum tempo atrás, para "encontrar"amigos e "namorar"sem ser molestados, os* gays *se isolavam em guetos.*

No meio da matéria ainda se leu: *Em vez de "manter" o confinamento como técnica de defesa, os* gays *começam a se expor, a se exibir, a emergir.*

Na edição 1.818 da mesma revista, escreve um de seus colaboradores: *Antes de "chegar"ao poder, os parlamentares lulistas criticavam a participação brasileira na Estação Espacial Internacional. Agora mudaram de idéia.*

Todos nós, um dia mudamos...

Noutra de suas edições, trouxe: *Antes de "condenar" os brasileiros que tentam realizar seu sonho de obter um curso superior fora do país, precisamos entender o porquê dessa escolha.*

O infinitivo só não varia, quando aparece depois do verbo principal. Por exemplo: *Gastamos duas horas para* ***chegar*** (ou ***chegarmos)*** *aqui.* *** *Eles ficarão de castigo, por* ***ter*** (ou ***terem)*** *chegado tarde.* * * * *Eles foram ao teatro, em vez de* ***ir*** (ou ***irem)*** *ao cinema.* * * * *Conhecemos tua opinião, apesar de* ***ficar*** (ou ***ficares)*** *calado.*

Mesmo em tal situação, o infinitivo varia obrigatoriamente, se for pronominal ou se exprimir reciprocidade ou reflexibilidade de ação: *Gastamos duas horas para* ***nos dirigirmos*** *até lá.* * * * *Eles relutaram muito para* ***se cumprimentarem.*** *** *Foram até um canto da sala, a fim de* ***se pentearem.***

Eis, porém, como escreveu um jornalista: *Daqui a pouco vão demonizar o direito de as pessoas "se apaixonar".*

Tenho especial admiração por Diogo Mainardi. Sobretudo porque ele não tem papas na pena. Nem na língua (para quem assiste a *Manhattan*

*Connection).* Mas há um senãozinho neste seu texto, que não posso deixar de registrar: *Houellebecq definiu o Brasil como uma porcaria de país. Foi antes das comemorações do Ano do Brasil na França. Imagino que agora, depois de nos "conhecer" melhor, todos os franceses compartilhem essa opinião.*

Depois de nos **conhecerem** melhor, Diogo, todos os povos vão aprender com quantos *paus* se faz uma corrupção.

## células-tronco

Os substantivos compostos formados por dois substantivos, quaisquer que sejam eles, fazem o plural, no português contemporâneo, **de preferência,** com variação dos dois elementos. Portanto: *bananas-maçãs, pombos-correios, decretos-leis, cafés-concertos, amigos-ursos, canetas--tinteiros, horas-aulas, papéis-moedas, salários-famílias, vales-transportes* e, naturalmente, *células-troncos.* Mas absolutamente não há erro nos plurais com variação apenas do primeiro elemento. Em relação a *célula--tronco,* parece que o plural preferido entre nós é o que varia apenas o primeiro elemento.

EM TEMPO - Quando se trata de um determinado decreto-lei, de um decreto-lei específico, usa-se com iniciais maiúsculas: Decreto-Lei n.° 3961.

## Dó gosto de ver esse time jogar!

Frase de cunho eminentemente popular, a exemplo de *Agora ela inventou de ser tribalista!* A norma culta prefere frases assim: *Dá gosto ver esse time jogar!* *** *Deu gosto assistir àquele jogo!* *** *Dá gosto viver num país como aquele!*

*A* inclusão da preposição *de* nesses casos, sem dúvida, realça a comunicação.

## A cena se *passa* em 1964

Para nós, brasileiros, sempre será preferível a próclise, ou seja, a colocação antes do verbo. Nós temos especial predileção por tal colocação. Por isso, *se passa* prevalece sobre *passa-se,* que é a colocação preferida dos portugueses.

Eis outros exemplos: *As crianças* ***se*** *acostumaram aqui.* (Português do Brasil.) *** *As crianças acostumaram-**se** aqui.* (Português luso.) *** O *rapaz* ***se*** *perdeu.* (Português brasileiro.) *** O *rapaz perdeu-**se**.* (Português de Portugal.) *** O *carro* ***se*** *atolou.* (Português do Brasil.) *** O *carro atolou-**se**.* (Português de Portugal.)

Qualquer das colocações é absolutamente correta, o problema aí é só de conforto. Ou de hábito, preferência.

## mulher que "apaixonou-se" por mim

No caso anterior dissemos que o brasileiro prefere a próclise. É de todos sabido, ademais, que a palavra *que* - em qualquer função - atrai o

pronome oblíquo, ou seja, exige a próclise. O assunto se aprende lá pela sétima série do ensino fundamental. Mas ainda há os que não aprenderam. Ou não conseguiram passar para a oitava. Numa publicação distribuída por uma folha de São Paulo, leu-se no verbete *resina: polímero natural ou sintético que "torna-se"viscoso ao ser submetido ao calor.*

## "pixote"

Foi uma grande *pexotada* de um cineasta argentino quando rodou um filme com este nome. Sim, porque em português, a grafia é *pexote* (da locução chinesa *pe xot* = não sei). Certos dicionários registram "pixote", mas isso não faz nenhuma diferença: uma *pexotada* a mais, uma *pexotada* a menos, não vai alterar muita coisa. O cineasta deve ter consultado esses dicionários antes de colocar nome no seu filme. A *pexotada* começou justamente aí.

EM TEMPO - Convém ressaltar que, embora devamos escrever *pexote,* a pronúncia pode ser *pixote,* da mesma forma que estamos autorizados a dizer também *minínu, mixirica, marcineiro,* etc.: a vogai *e* pretônica ou postônica normalmente se reduz, ou seja, soa *i.*

## encarar "de frente" os problemas

Seria interessante se encarasse os problemas "por trás" ou "de lado"...

A cara de pessoas e animais fica - por enquanto - na frente. Ou não? E há, ainda, os que usam enfrentar "de frente"!

Os jornalistas que já estão no futuro escrevem: *Metido numa crise econômica sem precedentes, o país não conseguirá adiar indefinidamente a hora de encarar "de frente" os problemas que hoje estão postos "à" mesa.*

Vamos encarar a frase do jornalista com bastante isenção de ânimo: quando as autoridades se reúnem, elas põem os problemas **na** mesa, e não "à"mesa. As pessoas, sim, é que ficam à mesa, isto é, próximos dela.

## pretérito imperfeito pelo futuro do pretérito

Esse é um uso comum, na língua falada despretensiosa (registro coloquial).

Não se usa, todavia, o futuro do pretérito pelo pretérito imperfeito do subjuntivo, como se viu no editorial de importante revista semanal de informação, ed. 1.626: A *confusão em torno da reforma tributária trouxe uma revelação assombrosa. Em nenhum momento o governo empenhou-se genuinamente na produção de um texto de reforma eficaz, que "permitiria" desonerar a produção industrial e modernizar o atual sistema de tributos.*

Se o redator usasse dois-pontos no lugar do primeiro ponto; se o redator empregasse *permitisse,* em vez de "permitiria"; se o redator usasse, de preferência, a próclise, como é do feitio do português do Brasil (se *em-*

*penhou),* talvez o editorial fosse mais palatável.

Sobre o emprego dos tempos, modos e formas nominais, consulte **Nossa gramática contemporânea,** da Escala Educacional.

## *a* estas horas

A expressão é ***a*** *estas horas,* e não "as estas horas", como quis certa feita um jornalista esportivo, que escreveu: *Os dirigentes corintianos devem estar dando sonoras gargalhadas "as "estas horas.*

Há quem costuma dar sonoras gargalhadas justamente quando lê jornais...

## "Bixiga"

Cacografia. Em São Paulo existe um bairro cujo nome é *Bexiga* (que os jornalistas chamam "Bixiga"). Além desta cacografia, os jornalistas cometem outras. Por exemplo: "Wenceslau Braz","Braz Cubas", "Casemiro de Abreu","Campos Elíseos"e outros milhares delas, em vez de *Venceslau Brás, Brás Cubas, Casimiro de Abreu, Campos Elísios.*

## Um terço / dois terços

Os números fracionários exigem concordância normal, ou seja: ***Um terço*** *dos nossos bens* ***ficou*** *com o advogado.* * * * ***Dois terços*** *dessas propriedades* ***serão leiloados.*** *** *Somente* ***um quarto*** *das nossas terras* ***éfértil.*** *** ***Dois quartos*** *da lavoura* ***foram dizimados*** *pela nuvem de gafanhotos.*

Na mídia: *Dois terços da população brasileira "passa"fome.* *** *São Paulo está tomada por vendedores ambulantes: só no centro "estão" um quarto deles.* *** *Somente um quarto dos votantes "compareceram"às urnas.* *** *Menos de um quarto dos interrogados (24%) "disseram"que confiam mais em Bush, enquanto 63% afirmaram sua preferência por Powell.*

Eis, agora, como escreve um economista, ao concluir uma pesquisa sobre a economia do livro no Brasil, encomendada pelo BNDES: *Pelo menos um terço das compras de livros de qualquer biblioteca deveria ser "feitas " em livrarias regionais, do próprio estado, para fortalecer o varejo local.* Ou seja: acertou no cravo, mas se afundou na ferradura...

Por fim, no editorial de um jornal: *Cerca de um quarto dos brasileiros "são analfabetos".*

Vê-se...

## "elefoa"

Há muita criança que na escola aprende que o feminino de *elefante é* "elefoa". O feminino de *elefante* é um só: *elefanta.* E mais nenhum outro. Quem usa *aliá* também se equivoca.

Não obstante, continuam existindo professores por este Brasil afora que ensinam a seus alunos que o feminino de *elefante é elefoa* ou *aliá.* Também já ouvi professor ensinar que o feminino de *sapo* é"rã". Deixe a sapa saber disso...

## sentinela

*Sentinela* é nome sobrecomum, a exemplo de *pessoa, criança,* etc., ou seja, usa-se *a sentinela* sempre, tanto para o homem quanto para a mulher: *A sentinela se chamava Ivã. *** Hersílio era a sentinela mais atenta de todas.*

Num jornal: *Era noite. Na entrada, só "um"sentinela. Manuel Fernandes reduziu a marcha, se aproximou devagar e gritou: - Viva a Fidel Castro! Entediado, "o"sentinela respondeu, em voz baixa: - Viva!*

Ainda chegará o dia em que leremos nos jornais: "um pessoa", "um criança". É só uma questão de tempo.

EM TEMPO - Até a saudação estava errada. Em vez de *Viva "a" Fidel Castro!* deveria estar: *Viva Fidel Castro!*

## Dois "Corso" e três "Fiesto"

É assim que sai nos jornais. Alguns jornalistas acham que nomes de automóvel não se pluralizam. Achar não ofende (mas o que incomoda não é brincadeira)...

Só os nomes de fábrica é que não sofrem variação no plural. Ex.: *veículos* ***Ford,*** *automóveis* ***Toyota,*** *carros* ***Fiat,*** *dropes* ***Dulcora,*** *tintas* ***Coral,*** *tintas* ***Suvinil.***

Substantivados, os nomes de veículo sofrem flexão normalmente: *os Corsas, os Fiestas, os Gols, os Astras, os Golfs, os Clios, os Pólos,* etc. Mas não sofrem variação quando aparecem assim: *os automóveis Corsa, os veículos Fiesta, os carros Gol, os aviões Brasília.* Por quê? Porque a flexão numérica já foi satisfeita no substantivo anterior.

Recentemente foi exibido um filme com este nome: *Os irmãos Cara-de-Pau.* Se fosse omitida a palavra *irmãos,* esse mesmo filme teria este nome: *Os caras-de-pau.* O princípio é o mesmo, quando se trata de nomes de veículo. Só resta nortearem-se por ele. Creio que não é tão difícil.

Uma revista especializada em automóveis traz isto, ao analisar o novo modelo BMW, série 5: *Na Alemanha, nos trechos com velocidade liberada foi possível chegar aos 200km/h. Mas, assim como surgiam "Porsche" para nos empurrar, vez ou outra apareciam "Astra" nos forçando a desacelerações fortes, nas estradas.*

São jornalistas, naturalmente, que estão mais para *Astras* que para *Porsches...*

## mico

Esta palavra não varia, quando usada como adjetivo, por *desagradável* ou *que impressiona mal.* Quando vamos a uma concessionária de automóveis, vêem-se veículos de todas as cores, das discretas às mais ousadas. A verdade é que estas, anos mais tarde, acabam dando alguma dor de cabeça ao dono do carro, que sente dificuldade em revender seu veículo.

Um carro que tenha a cor de mostarda, por exemplo, quando novo, parece o céu! Na hora de vender, é o inferno!

Numa revista especializada em automóveis: *O Classe A vende bem em cores sóbrias, como prata, cinza e preto, mas encalha nas três cores "micos ": verde tropical, vermelho vulcânico e azul marítimo.*

Mas, afinal, quem é que está pagando o maior mico?

## Que "tal" meus filhos? Não são lindos?

Não. *Tal* varia nesse caso: *que **tais** meus filhos?, que **tais** meus planos?; que **tais** meus novos óculos, Esteia?*

Machado de Assis, o maior nome da literatura brasileira, fornece-nos um exemplo em *Quincas Borba: D. Tônica confessava-lhe que tinha muita vontade de ver Minas, principalmente Barbacena. Que **tais** eram os ares?*

Houve uma época em que uma escola de São Paulo anunciava assim: *Colegial tradicional? Colegial técnico? Que "tal"os 2 juntos?*

Que tais os dois, mas em outra escola?

Tempos depois, a escola faliu. Não foi sem justiça.

## os "Kennedy"

É o chamado plural à jornalista brasileiro, que, em vez de atentar para as regras da língua portuguesa, prefere copiar o que existe na língua francesa. Em francês é que os nomes próprios não vão ao plural; em português não. Mas os jornalistas brasileiros apreciam muito escrever justamente em outra língua.

Certa vez, uma famosa rede de televisão levou ao ar um programa a que deu este nome: *Os "Kennedy"não choram.* Os Kennedys podem não chorar, mas não faltou gente que chorasse durante o programa inteiro...

Uma revista semanal de informação, pertencente à mesma organização, trouxe na capa da sua ed. 58: Os *"Matarazzo"- ascensão e queda de um império.*

Toda revista tem também sua ascensão e queda.

Outra revista de informação, mais antiga, trouxe: *Uma tragédia atingiu o clã dos "Safra"na semana passada.*

Tragédia na língua, ali, é semanal.

Na mesma revista: A *saga dos "Matarazzo".*

No caderno especial de uma folha paulistana: *O Museu de Arte Moderna (MAM) foi criado pelos "Matarazzo", "arquirrivais" de Chateaubriand.*

E se fosse *arqui-rivais?* Não seria um pouquinho melhor?

Nomes e sobrenomes portugueses vão ao plural normalmente; os estrangeiros ganham apenas um s, mas jamais devem ficar absolutamente invariáveis (e gramático que advoga a não-variação, neste caso, se equivoca em grande estilo). Portanto: os *Josés, as Luísas, os Joões, as Raquéis, as Esteres, os Ademires, os Rauis, os Aníbais, os Machados, os Matarazzos, os Rangéis, os Amarais, os Vidais, os Kennedys, os Bushs, os Bopps, os Chopins, os Disneys,* etc.

N

Eça de Queirós (os jornalistas conhecem?) é autor de *Os Maias,* e não de "Os Maia"; em São Paulo existe a Rua dos Gusmões e a Rua dos Andradas. Ou os jornalistas passam pela Rua dos "Gusmão" e pela Rua dos "Andrada"? A verdade é que os jornalistas de hoje, além de absolutamente incoerentes, não têm capacidade de cotejar. Não espere deles o que se lhes afigura impossível de darem.

O mais curioso disso tudo é que esses mesmos jornalistas que estupidamente se recusam a flexionar nomes próprios e sobrenomes, escrevem: *Os* ***Simpsons*** *estão de volta.*

Se o nome ou o sobrenome já termina em *-s* ou em *-z,* fica invariável, com exceção de *Luís,* que faz no plural *Luíses: os Quadros, os Rodrigues, os Vaz, os Moniz.*

Nossos jornais trazem, todavia, diariamente: "os Sampaio","os Toledo","os Matarazzo","os Suplicy", etc. Certa vez, leu-se num deles: *Muitas "Maria" e muitos "João" vivem pelos cantos, pelas escadas ou corredores das repartições públicas lamentando-se dos baixos salários.*

Tudo isso é muito lamentável...

No *site* do Correio Braziliense: *"Os Silva" vêm aí. Tios e primos do presidente petista viajarão 36 horas, entre Caetés (PE) e Brasília, para assistir "o"parente ilustre receber a faixa presidencial.*

Dois erros primários em três linhas. Mas eles continuam publicando seus manuais de redação, arrogando-se o direito de legislar em língua portuguesa! E esse mesmo jornal ainda divulga, de tempos em tempos, pérolas de jornalistas pelo seu *site.* Que tais as suas próprias?

## Beijar recém-nascido provoca "sapinho"?

Não, provoca *sapinhos,* coisa bem diferente de *sapinho* (sapo pequeno).

*Sapinhos* são aftas que costumam aparecer na mucosa bucal dos bebês.

Certa feita, um de nossos jornais apresentou uma reportagem que recebeu o singelo título de *Magia do beijo.* Esta foi a afirmação da garota entrevistada: O *beijo é uma troca de amor, depende de onde, quem e como se está beijando. Tive beijos envolventes e revoltantes. O envolvente aconteceu aos onze anos. Estávamos lendo gibi no quarto. De repente nos olhamos e nos beijamos, foi muito para minha cabeça. Depois, beijei um garoto que eu não gostava, mas que beijava muito bem. E o revoltante aconteceu com o Filipe. Foi dramático, me deu até "sapinho".*

Dramático MESMO! Depois desse beijo, tudo deve ter ido pro brejo...

## Palácio "do" Alvorada

É incrível, mas ainda existe jornalista brasileiro que não sabe sequer o nome correto da residência oficial do presidente da República. Dia desses, um deles disse pela televisão *Palácio "do" Alvorada,* em vez de *Palácio* ***da*** *Alvorada.*

Está certo que com o novo governo, do PT, o Brasil acordou para *um novo amanhã.* Mas nem tanto, não é mesmo?...

## "A" Fonte Novo

O nome do estádio de futebol em Salvador, Bahia, chama-se *Fonte Nova.* Ora, *estádio* é nome masculino. Sendo assim, como entender que alguém jogue "na" Fonte Nova, fazendo a concordância com *fonte,* que nada tem que ver com *estádio?*

Note que todos usamos: O *jogo foi* ***no*** *estádio da Fonte Nova.* Se retirarmos a palavra *estádio,* essa frase fica assim: O *jogo foi* ***no*** *Fonte Nova.*

Se ainda tem dúvida, caro leitor, eis exemplos semelhantes, que confirmam essa nossa afirmação: *Moro* ***na*** *Avenida Vieira Souto.* = *Moro* ***na*** *Vieira Souto.* *** *Viajei* ***no*** *iate Marina.* = *Viajei* ***no*** *Marina.* (Você viajaria "na" Marina?) *** O *presidente despacha* ***no*** *Palácio da Alvorada.* = *O presidente despacha* ***no*** *Alvorada hoje.* (Ou despacharia "na "Alvorada?)

Como se vê, a coisa é simples. Mas sempre há os que complicam.

Em Goiânia (GO) há um grande estádio de nome *Serra Dourada.* Até hoje não apareceu nenhum jornalista esportivo dizendo ou escrevendo "a" Serra Dourada. Por quê? Porque, sem embargo de estarem próximos, ainda não chegaram ao estádio da loucura... Mas continuam insistindo "na" Fonte Nova. Existe gente assim.

Suponhamos que exista um estádio com o nome de *Princesa Isabel.* Chamá-lo-íamos, então de "a Princesa Isabel"? Os jogos seriam realizados "na Princesa Isabel"?

Senhores jornalistas esportivos, por favor, raciocínio não dói.

Agora, caro leitor, veja a que ponto chega a "verve" dos jornalistas brasileiros! Repare na manchete deste diário de São Paulo: ***Fogo no Buraco Quente.*** *Um incêndio ontem à tarde espalhou medo e destruição na Favela do Buraco Quente, na Avenida Washington Luís, próximo ao Aeroporto de Congonhas, na Zona Sul.*

Ora, se se tratava do nome de uma *favela,* o fogo só poderia ser **na** Buraco Quente.

## "reverter" o quadro

É a frase da moda. Estará correta?

Médicos, economistas e tecnocratas de todas as áreas estão a inventar uma língua própria: a asinina. Entre tantas asnices que se notam em seu linguajar, salienta-se o emprego do verbo *reverter* por *inverter. É preciso "reverter"o quadro da economia brasileira.* (Em vez de: *E preciso* ***inverter*** *o quadro da economia brasileira.)* *** *O governador não soube "reverter" o escândalo a seu favor.* (Em vez de: O *governador não soube* ***inverter*** o *escândalo a seu favor.)* *** A *"reversão" desse quadro é difícil. (Em vez de:* A **inversão** *desse quadro é difícil.)*

## "Independente" do salário, o Palmeiras descarta Edmundo

Esta foi a manchete de A Gazeta Esportiva recentemente.

O manchetista provou desconhecer que não se usa "independente" (adjetivo) por *independentemente* (advérbio).

Observe estas frases: *Somos um país* ***independente.*** (Frase correta, porque *independente* aqui é adjetivo.) *** ***Independentemente*** *da vontade dos pais, ela casou.* (Aqui temos um advérbio.) *** ***Independentemente*** *do salário, o Palmeiras descarta Edmundo.* (Eis a manchete que deveríamos ter lido.)

Leu-se noutro jornal: *Preservar o ambiente é dever do agricultor, "independente"da pregação de demagogos e da ação do Estado.*

E qual é o dever de todo aquele que escreve em jornais?

Numa de nossas revistas semanais, lemos esta declaração de um diretor de escola carioca: *Um bom professor é aquele que serve de exemplo, "independente" da matéria que leciona.*

Ele próprio seria, sim, um exemplo...

Um jornalista carioca sediado em Brasília escreve: *Governadores, "independente" de filiação partidária, vivem um drama: precisam apoiar o governo federal.*

Não são apenas os governadores que vivem lá seus dramas...

Um desses professores eletrônicos que pululam por aí, em resposta à dúvida de uma consulente sobre a acentuação nos nomes próprios, escreve: O *acento não é levado em conta na caracterização do nome do indivíduo; por isso, o melhor é sempre acentuar de acordo com a regra de acentuação que estiver vigorando, "independente" do registro civil.*

Em cada canto da rede se encontra um professor que "tira as suas dúvidas". E deixa quantas?

## "há" muito tempo "atrás"

Frase redundante. O uso da forma verbal *há* já indica fato passado. Usa-se, portanto, apenas o *há,* ou apenas o *atrás,* mas não ambos na mesma frase: ***Há*** *cinqüenta anos tudo era muito diferente.* *** *Cinqüenta anos* ***atrás*** *tudo era muito diferente.*

Anuncia um grande banco nacional: *Há 10 anos "atrás" todo "o"dinheiro era de papel.*

Além da redundância, usou-se "todo o" por *todo.* Dinheiro traz felicidade?

## "Chove" besteiras por aí

Seria uma verdade por inteiro, não fosse o erro de concordância. O verbo *chover,* usado em sentido figurado, varia normalmente: ***Chovem*** *bestei-*

*ras por aí.* *** ***Choveram*** *asneiras nas provas de Português.* *** ***Choverão*** *papeizinhos picados dos edifícios, na passagem do ano.* * * * ***Estão chovendo*** *cães e gatos!* *** ***Começam a chover*** *gatos e lagartos!* *** ***Vão chover*** *propostas para você.* *** *Daqui a pouco* ***choverão*** *telefonemas para cá.*

Alguém pela televisão anunciou certa vez: *"Está chovendo"bons goleiros no Parque Antártica.*

Numa revista: *"Chove"pedidos dos romeiros para a santa da janela, em Ferraz de Vasconcelos.*

Na letra de uma música, ouviu-se: *"Vai chover"pingos de amor.*

Qualquer dia destes *vão chover* pingos de raiva!

## A doença de Chagas é transmitida por um "mosquito"?

Não, por um *percevejo,* conhecido popularmente por *barbeiro.*

## correr atrás do "prejuízo"

É outra grande criação do jornalismo esportivo brasileiro.

Quando uma equipe está perdendo o jogo, diz-se que os jogadores têm de *correr atrás do "prejuízo ".*

Só derrotados podem correr atrás do "prejuízo"; vencedores preferem *correr atrás da* ***vantagem*** ou *do* ***lucro.*** Creio serem mais inteligentes.

Se se deseja usar a palavra *prejuízo,* sugiro *inverter o prejuízo: O time tomou três gols em dez minutos e agora terá de* ***inverter o prejuízo.***

## antes "de" que

Não existe em português "antes de que", mas sim *antes que,* da mesma forma que não existe "depois de que", mas apenas *depois que:* ***Antes que*** *me esqueça: venha visitar-me!* * * * ***Depois que*** *ele chegou, foi dormir.*

Num jornal: *Irritar-se é um direito dos militares como de qualquer outro cidadão. Mas, "antes de que"pensem na tal de última saída, convém uma ajuda-memória.*

Irritar-se é, de fato, um direito de qualquer cidadão.

## confessar-se perante "a" Deus

A preposição *perante* dispensa a companhia de outra preposição: *Confessar-se perante Deus.* *** *Perante o juiz, confessou tudo.* (E não: *Perante "ao" juiz...)* *** *Perante Deus, estou em paz.* (E não: *Perante "a" Deus... )*

No *site* do Jornal do Brasil se leu logo no primeiro dia do ano, que é para ir já se acostumando: *Lula tomou posse efez juramento perante "à" Constituição.*

## mediante "ao" documento apresentado

Caso idêntico ao anterior. O uso de *mediante* dispensa a presença de outra preposição: *Mediante o documento apresentado, pude entrar. Mediante a nota fiscal na mão, pude lacrar o veículo.*

Numa revista de automóveis, um leitor escreve aborrecido: *Não havia peças para solucionar o problema do meu carro. Imediatamente foi feito um pedido de urgência à fábrica. Mediante "a"isso, recorri à agência...*

*Mediante isso,* temos uma sugestão ao leitor: recorra a uma boa gramática!

## "uma" jacaré fêmea

É bicho que não existe. Ao menos na Terra.

*Jacaré* é nome epiceno, ou seja, não tem seu gênero alterado para indicar mudança de sexo; basta o acréscimo das palavras *macho* ou *fêmea.* Portanto: o *jacaré macho, o jacaré fêmea.*

Da mesma forma: o *leopardo macho, o leopardo fêmea; a pantera macho, a pantera fêmea; um crocodilo macho, um crocodilo fêmea; uma águia macho, uma águia fêmea.*

## "uma" gorila

É outro bicho que não temos. *Gorila* também é nome epiceno; sendo assim, usamos: o *gorila macho, o gorila fêmea; um gorila macho, um gorila fêmea.*

Certa feita, anunciou-se num telejornal: *Koko, "uma"gorila, aprendeu a linguagem dos surdos-mudos.*

Pois é. Até *um gorila fêmea* aprende...

## nenê / neném

As duas formas existem. Ambas são masculinas. Ou seja: mesmo que se trate de uma menina, é o *nenê* ou o *neném.*

É nome sobrecomum, a exemplo de *indivíduo* e *ídolo: Meu neném não é lindo? O nome dele é Isadora. *** Como se chama seu lindo nenê: Susana? *** Então, é menina o nenê que acaba de nascer?*

Se usarmos o diminutivo, teremos *nenezinho: Meu nenezinho não é lindo? O nome dele é Isadora. *** Como se chama seu lindo nenezinho: Susana? * * * Então, é menina o nenezinho que acaba de nascer?*

Certa feita, uma empresa multinacional lançou anúncio pela televisão no qual falava em *"a"nenê.*

Coincidência ou não, pouco tempo depois acabou falindo!

## bebê

Também é nome sobrecomum: usa-se o *bebê* tanto para o menino quanto para a menina: *Lurdes era um bebê bonito. * * * Como é o nome do seu bebê: Cassilda ou Jeni? *** Então, é menina esse seu lindo bebê?*

Se usarmos o diminutivo, teremos sempre *bebezinho* (e nunca "bebezinha").

Certa feita, uma grande fábrica de brinquedos nacional lançou uma boneca e lhe deu o nome de "Bebezinha".

Já nasceu com uma estrela ruim!...

## plural de *meia-noite*

É *meias-noites,* assim como o plural de *meio-fio é meios-fios.*

O apresentador de um famoso telejornal disse, certa vez: *Sexta-feira 13: um dia de vinte e cinco horas e duas "meia-noites" marca o fim do horário de verão.*

Quando se fala em sexta-feira, 13, e ainda em *meia-noite,* só pode mesmo haver turbulências.

## judaico = judeu?

**Não.** *Judaico* se aplica às **coisas** judias: *religião judaica, literatura judaica, história judaica, arte judaica.*

*Judeu,* de feminino *judia,* se aplica a **pessoas:** *governo judeu, cidadão judeu, estudante judeu, mulher judia.*

Recentemente, uma repórter de televisão falou em "tanque judeu". Ou seja, o que ela quer é guerra mesmo...

## lâmpada "florescente"

Não existe este tipo de lâmpada. O que temos à disposição é a lâmpada *fluorescente,* a que muitos também chamam "fosforescente", sem sê-lo.

## Petrobras

Sem acento gráfico, porque as siglas não necessitam dele: *Petrobras, Telebras, Radiobras, Eletrobras, Proalcool, Sesi,* etc. Algumas empresas contrariam essa norma e usam o acento. Desnecessariamente.

## como "sendo"

Não existe esta combinação em nossa língua, na qual "sendo" aparece sem nenhuma necessidade.

Frases de jornalistas: *Os invasores alemães derrotaram o glorioso exército francês, considerado "como sendo" o mais forte do mundo. *** Todas as pesquisas de opinião indicavam Ciro Gomes "como sendo" o adversário mais difícil na campanha. *** Eu vejo o fato "como sendo" importante para o país. *** Roberta foi criada "como sendo "uma das filhas de Vilma. *** A vítima foi identificada "como sendo" um mascate conhecido na região. *** A foto da cobra exibida "como senão" uma jibóia é, na verdade, uma salamanta-do-sudeste. *** Não são poucos aqueles que encaram a cegueira "como sendo" uma condição limitadora, ou mesmo incapacitadora.*

*Sendo* tão ruins assim, *como* lê-los?

## chamar-se

É pronominal (ter por nome): *Eu **me** chamo Luís, ela **se** chama Beatriz, nós **nos** chamamos Manuel.*

Há um famoso, antigo e já cansado animador de televisão que só pergunta: *Como você "chama"?*

### pé de "jabuticabeira"

Jabuticaba, mormente a cultivar *sabará,* é uma fruta muito gostosa, principalmente quando saboreada no pomar. Ao pé de jabuticaba. Ou, então, à jabuticabeira. Já ao pé da "jabuticabeira", a fruta me parece meio azeda...

Os quintais saudáveis costumam ter *pé de manga, pé de abacate, pé de laranja,* etc. Ou, então, *mangueira, abacateiro, laranjeira,* etc. Quem tem pé *de "mangueira", pé de "abacateiro"* ou *pé de "laranjeira",* que não dê mudas pra ninguém!...

### Esse menino é o pai, *cuspido e escarrado*[1].

Esta é a frase popular, mas a original é outra: *esculpido e encarnado.*

O povo, contudo, que nada ou pouco entende de escultura e encarnação, mudou a expressão a seu bel-prazer, para *cuspido e escarrado,* que até acabou vingando. Há os mais corajosos que dizem "guspido e escarrado". Os radicais, todavia, preferem "guspido e cagado", o que complica muito o quadro.

Não faz muito, ouvi uma maldade: *Quando criança, essa menina era a tia, "cuspida e escarrada"; agora é o tio "guspida e cagada".*

Percebeu a maldade, caro leitor?

Ao longo da vida, a par de "guspido e cagado" tenho ouvido muitas outras pérolas, entre as quais *atestado de "órbita"(em* vez de *atestado de* óbito); *poço "cartesiano"* (em vez de *poço* artesiano); *antena "paranóica"* (em lugar de *antena* parabólica); *"assustar" o cheque* (em vez de sustar o *cheque); aos "troncos" e "barroncos"* (em vez de *aos* trancos e barrancos); *bebê de "trombeta"* (em vez de *bebê de* proveta); *ficar em estado de "cômoda"* (em vez de *ficar em estado de* coma); *professor "jipe"* (em vez de professor *hippie); levar a filha ao "pediatra", para ver o que tem no pé* (em vez de *levar afilha ao* ortopedista); *estar com "a pênis estuporada"* (em vez de *estar com* o apêndice supurado); *a situação está "periquitante"* (em vez de *periclitante), dos males, o "melhor"* (em vez de *dos males, o* menor) e ainda há pouco, de um presidente da câmara: A esperança é a *única* que morre.

A última foi esta, dia desses: *Ela me ofendeu com palavras de baixo "escalão ".*

### *acne*

Ninguém duvida de que essa palavra é feminina: *a acne, as acnes, uma acne, umas acnes, duas acnes.* Todo adolescente sabe quanto incomodam, física e espiritualmente, *as acnes.*

Na Folha de S. Paulo, todavia, uma leitora quer saber o que é exatamente *acne.* Um professor da Faculdade de Medicina da USP responde: *"O"acne é uma enfermidade cutânea do folículo "pilo-sebáceo"freqüente na adolescência, podendo ocorrer também em outras faixas etárias. "O" acne vulgar tem um componente genético muito importante.*

É preocupante ver um catedrático da mais conceituada universidade do paísusar *"o"acne* e *"pilo-sebáceo",* quando o mundo só conhece *a acne* e *pilossebáceo.*

## Velocidade máxima: "80 KM"

É impressionante o número de equívocos encontrados nas placas de nossas rodovias, sinal de profundo desrespeito não só ao motorista, como também à língua. Com que autoridade um órgão pode exigir obediência, se não tem respeito a coisa nenhuma?

Os símbolos das unidades de medida nunca se escrevem com maiúsculas. E limites de velocidade se indicam assim: *km/h,* e não apenas"km". Portanto, velocidade máxima: *80km/h.* (Note: sem espaço.)

Encontram-se muitos avisos sem autoridade nas rodovias brasileiras. Mas pedágios há aos montões. E como sabem cobrar!

## que nem

Só se usa corretamente quando há indício de idéia consecutiva na segunda oração. Assim, por exemplo: *Fiquei vermelho **que nem** pimentão. = Fiquei vermelho que nem pimentão **é tão vermelho.*** *** *Vim rápido **que nem** um foguete. = Vim rápido que nem um foguete **viria tão rápido.*** * * * *0 ministro ria **que nem** hiena. = O ministro ria que nem hiena **ria tanto.***

Não havendo essa idéia na segunda oração (que geralmente é elíptica), usar-se-á *como,* ou, então, *igual a e* até *feito: Não seja **como*** (ou ***igual a** ou **feito)** seus amigos: preguiçoso.* * * * *Minha namorada é **como*** (ou ***igual a*** ou ***feito)** gasolina: cara, mas pega fogo por qualquer coisinha!*

Certa vez, fez-se um anúncio assim: *Oferta da Fotoptica é "que nem" missa. Todo domingo tem.*

A frase verdadeiramente cristã seria esta: *Oferta da Fotoptica é como missa: todo domingo tem.*

O uso do dois-pontos, no lugar do ponto, nessa frase, além de significativo, é obrigatório.

Anúncios há que são uma verdadeira contrapropaganda.

## férias

É palavra só usada no plural, que exige todos os determinantes e modificadores também nesse número: *férias escolares, boas férias, férias coletivas, férias anuais, férias remuneradas,* etc.

Recentemente, perguntaram a uma ex-governadora nordestina, que então postulava a sua candidatura à presidência da República, mas se encontrava em recesso com os jornalistas: *Como estão suas férias?* A resposta veio capenga: *"Tá boa minha férias".*

## O pessoal "gostam" da Playboy

Se o sujeito está no singular, como pode o verbo ir ao plural? Ah, o pessoal *gosta* da Playboy? E da língua? Da língua o pessoal não *gosta?*

## A turma "gostaram" do jogo

E da língua? Da língua, a turma não *gostai*

## O casal de médicos "abandonaram" o paciente em coma

E a língua? A língua, o casal de médicos também *abandonou* em coma?

Esta saiu num de nossos principais jornais: *O casal de escritores Jorge Amado e Zélia Gattai "são" também convidados especiais do presidente.*

O casal *"são"V.* A turma não *"gostaram"...*

## um "quebra-cabeças"

Em nossa língua existem inúmeros substantivos que terminam em -s e pertencem ao número singular. Ex.: *lápis, pires, tênis, conta-gotas, pára-raios, conta-giros,* etc. Por causa deles, muita gente confunde alhos com bugalhos e usa *"quebra-cabeças"no* singular. Gente assim, naturalmente, também gosta de *"um chopes"e* de *"um pasteizinho"...*

Numa folha paulistana: *Os novos dados são mais uma peça no "quebra-cabeças" do nosso entendimento dos processos celulares e moleculares associados ao envelhecimento.*

Um jornalista esportivo que, em certa época, enveredou por escrever páginas na Playboy, escreveu: *Andréa Guerra resume num corpo só as fantasias dos leitores que construíram o delicioso "quebra-cabeças "para formar a mulher ideal.*

A moça, de fato, era um exemplo de formosura, mas o tal redator cometeu um furo tão infantil, que passou então a ser conhecido por Zezinho Kfuro.

## um "guarda-roupas"

Isto não existe. O que temos em casa (e nos bons dicionários) é um guarda-rowpa.

O que não existe, porém, consta muitas vezes em dicionários, alguns até aprovados oficialmente e distribuídos às nossas crianças. Um deles define *gaveteiro* desta forma: parte do "guarda-roupas" onde se encaixam as gavetas.

Talvez estribado nessa definição, declarou recentemente um estilista sem freio na língua, num programa de televisão: *Dizem que Adriane Galisteu tem "um guarda-roupas" de 35 metros quadrados. Pra guardar aquela porcaria?*

O homem é corajoso!

## "repercutir" os vestiários dos dois times

Os jornalistas esportivos estão inventando mais uma das suas. Agora, deram de usar o verbo *repercutir* como transitivo direto. A invenção, como se vê, já está repercutindo.

Mas não são apenas os jornalistas esportivos os detentores de todas as maravilhas do mundo. Não. Veja esta notícia lida na Internet: *Os investidores passaram o dia "repercutindo" a pesquisa eleitoral do Ibope divulgada ontem.*

Escreve um jornalista carioca sediado em Brasília: *Congresso ainda "repercute" a nomeação de Garotinho para secretário de Segurança do Rio de Janeiro. A situação é delicada!*

Ora, se não é...

No *site* de um jornal: O *mercado "repercute"o discurso anual do presidente dos Estados Unidos: o dólar iniciou o dia cotado a R$3,678.*

Na Veja 1.907: *Os* linkers *usam seu* blog *para "repercutir" as informações que veiculam na imprensa.*

Jornalista de revista séria não pode usar esse verbo assim.

Uma das apresentadoras de um telejornal saiu-se com esta: *O mercado "repercute"hoje a alta da taxa Selic, decidida ontem pelo Copom.*

O mal se propaga mesmo com grande facilidade.

Nem mesmo o dicionário do entulho, que traz "tira-teima", "todo mundo" e até o verbo *sobressair* como pronominal, registra *repercutir* nesse sentido.

Como se vê, o caso é grave mesmo...

## carros "cinzas"

*Cinza* é uma daquelas palavras que, ao serem usadas como adjetivo, na indicação da cor, não variam. Portanto: *carros cinza, ternos cinza, camisas cinza.*

Num jornal: *As revelações de que o general Geisel defendeu a morte dos militantes de esquerda na guerra suja, não deslustra sua biografia, mas servem para atenuar com tons "cinzas", uma reputação de herói da democracia.*

Como também se notou, os conhecimentos do jornalista sobre o emprego da vírgula são *cinza...*

## comemorativo "a"

*Comemorativo* se usa com *de,* sempre com *de: Foi inaugurado na praça um monumento comemorativo do I de Maio.* * * * *Foi feita uma placa comemorativa do centenário de fundação da empresa.*

Pois bem, um narrador de esportes da Rede Record de Televisão, durante a transmissão de um jogo no Maracanã, convidava-nos a todo instante para o *show comemorativo "aos"50 anos da Record.*

Essa gente do esporte é incrível! Emociona. Mas também comove...

### pigarro

Quem fuma, geralmente, tem isso: *pigarro,* que, aliás, rima com *cigarro.* Algumas pessoas usam "pigarra", coisa que só afeta galináceos. Há, ainda, os mais corajosos que dizem: *Estou com "pigarra na garganta".* Primeiro, o correto é *pigarro;* segundo, *pigarro* só dá mesmo na garganta. Ou já se viu alguém com *pigarro* no nariz? A frase foi ouvida de uma personagem de telenovela, o que talvez não admire a ninguém.

### atuação de "raros" brilho e vigor

Um adjetivo ou um pronome adjetivo anteposto, quando modifica dois ou mais substantivos, concorda sempre com o elemento mais próximo. Portanto: *atuação de **raro** brilho e vigor; o **eficiente** assessor e secretárias; a **eficiente** assessora e secretários; **seu** marido e filhos; **sua** mulher e filhos; **qualquer** dia e mês; **quaisquer** dias e mês; **distinta** senhora e marido; **distinto** marido e senhora.*

Num jornal: *O mercado imobiliário tem "menores" liquidez e rentabilidade do que muitas outras aplicações.*

Num editorial de jornal: *O empresário fechou o ano com um protesto de "raras "felicidade e oportunidade.*

Noutro editorial, do mesmo jornal: *O governador do Paraná, Roberto Requião, parece estar fazendo o que está a seu alcance para repetir no governo Lula o papel desempenhado na gestão Fernando Henrique pelo ex-governador de Minas Itamar Franco. A bem da verdade, ele se tem empenhado nisso com "tais" talento e devoção que pode criar mais problemas ao presidente aliado do que seu modelo criou para o principal alvo de sua ira cega e devastadora.*

No dicionário do entulho, no verbete **moralismo** se vê na definição de **falso moralismo:** *comportamento, atitude que denota "falsas"adesão e defesa de um valor moral qualquer.* Nele, todavia, tudo é perfeitamente normal...

### hoje é dois de maio

Do ponto de vista gramatical, a frase merece reparos quanto à concordância verbal, já que o verbo *ser* deve concordar com o numerai. A língua cotidiana, no entanto, vê *hoje* como sujeito da oração, ou - mais provável - vê oculta a idéia de *dia* e, assim, não leva o verbo ao plural.

Numa linguagem formal, use o plural; no dia-a-dia, opte pelo que o povo usa.

Já na interrogação, melhor será usar o plural: *Quantos **são** hoje?, Quantos **foram** ontem?, Quantos **serão** amanhã?,* assim como fazemos

quando desejamos saber as horas: *Que horas são?* (Embora possa ser *uma hora.)* Nunca ouvi ninguém perguntar *"Que hora é?",* mesmo porque, se ouvir, não vou dar resposta...

### Que horas "tem aí"?

Não. Não vá pelas invenções. Continue perguntando como se fez em todos os tempos: *Que horas são?*

### ele é tal "qual" os irmãos

*Tal* e *qual* são palavras que concordam com o nome a que se referem. Se *tal,* nessa frase, se refere a *rapaz,* naturalmente não varia; mas *qual* está diretamente ligado a *irmãos;* daí a necessidade do emprego do plural: *Ele é **tal quais** os irmãos.*

Repare em mais estes exemplos: *Esses rapazes são **tais qual** seu irmão.* *** *Esses rapazes são **tais quais** seus irmãos.* *** *Sou **tal quais** essas crianças.* * * * *Essas crianças são **tais qual** eu.*

Daí ser realmente uma pena termos de cantar assim, naquela canção que os brasileiros todos conhecemos: *Teus olhos são duas gotas pequeninas, "qual" duas pedras preciosas, que brilham mais que o luar.*

Ficaria bem melhor, sem nenhum prejuízo da beleza da canção, que estivesse *quais* no lugar de "qual". E, assim, com certeza, os nossos olhos iriam brilhar muito mais que o luar...

Eis como escrevem nossos jornalistas: *Muita gente tem saudade dos tempos em que o leite vinha em litros em vez de saquinhos. Agora o leite tipo A recuperou as garrafinhas, em embalagens plásticas descartáveis, "tal"como as utilizadas nos EUA e na Europa.* *** *Os travestis, com os corpos tratados "tal qual"as mulheres, tomaram de assalto a grande cidade.*

Alguns escritores modernos não variam os pronomes, considerando *tal qual = como. Achar* não ofende... O que mais intriga é que os grandes escritores, tanto brasileiros quanto portugueses, nunca *acharam...*

### problema difícil de "se" resolver

Não há nenhuma necessidade de usar esse "se": depois de *difícil de, fácil de, duro de, gostoso de, bom de, ruim de, agradável de,* etc., a presença desse pronome é dispensável. Portanto, use sempre assim: *problema **difícil de** resolver, questão **fácil de** contornar, osso **duro de** roer, automóvel **gostoso de** dirigir, água **boa de** beber, remédio **ruim de** tomar, trabalho **agradável de** fazer.*

Escreve um leitor da revista ISTOÉ, misturando erro e ironia: *Algumas pessoas questionam se Portugal e o Brasil são países amigos ou países irmãos. Particularmente, acredito que somos nações irmãs. E o motivo é fácil de "se"perceber: amigos, a gente escolhe...*

Certa vez, a Eletropaulo, empresa energética de São Paulo, fez publicidade assim: A *energia que você usa é muito difícil de "se" obter.*

Puro desperdício.

Desperdício, porém, é coisa pouca, quando se apanha um dicionarista em flagrante usando a impropriedade. Está lá, no verbete **latim** (que ironia!): *difícil de "se"entender.* Difícil mesmo...

## problemas fáceis de "resolverem"

Neste caso (adjetivo no plural + a preposição *de),* além de prescindir do pronome *se,* a construção exige infinitivo invariável. Portanto: *problemas fáceis de* ***resolver,*** *mudanças difíceis de* ***fazer;*** *frutos fáceis de* ***madurar;*** *plantas duras de* ***desenvolver;*** *pessoas fáceis de* ***convencer,*** etc.

Um famoso político baiano declarou certa feita: *Quando os princípios são os mesmos, as coisas são mais fáceis de "acontecerem".*

No Brasil, coisas assim e até muito mais cabeludas são muito fáceis de *acontecer.*

## gravidez

Usa-se no plural, normalmente: *Minha mulher teve duas* ***gravidezes*** *muito difíceis.* *** *O tratamento que minha mulher fez a tornou sujeita a* ***gravidezes*** *múltiplas.* * * * *Depois de passar por quatro* ***gravidezes*** *problemáticas, ela resolveu fazer laqueação.*

Certa vez, em visita a uma escola do Recife, uma professora de Português disse, na sala dos professores, deixando seus colegas de olhos arregalados (mas sem motivo): *Nas minhas duas* ***gravidezes,*** *sofri como condenada!*

Aliás, professor está acostumado a sofrer como condenado, sem necessariamente passar por *gravidezes...*

## alarde

Faz-se alarde sempre *de* alguma coisa. No editorial de uma revista, porém, leu-se: *Muito alarde se fez "com" o fato de o presidente ter sido recebido com vaias no congresso da CUT.*

Vaias? Que boa idéia!...

## obedeça à sinalização!

Era assim que deveria estar nas as placas das nossas rodovias. No entanto, o que vemos é o *a* sem o acento em todas as placas.

Quem obedece, obedece **a** alguém ou **a** alguma coisa. O verbo é rigorosamente transitivo indireto, assim como o antônimo *desobedecer. Veja* exemplos em que ambos os verbos estão empregados corretamente: *Obedeça aos mais velhos!* *** *Obedeçamos ao regulamento!* *** As *leis estão assim, mas poucos* ***lhes*** *obedecem.* *** *Desobedeceu ao professor e foi castigado.* *** *Quem desobedece às regras de trânsito é multado.*

Os clássicos usaram este verbo como transitivo direto, e alguns de nossos escritores contemporâneos os imitaram, talvez na ânsia de a eles

se parecerem. A verdade é que na norma culta, que deve ser seguida pelos meios de comunicação de massa (e também pelos escritores de respeito), o verbo é transitivo indireto.

Para alguns jornalistas, a regência do verbo, porém, ainda é aquela do tempo do Onça. Num jornal: *Bagdá começou a destruição de seus mísseis, "obedecendo um"prazo estipulado pela ONU.*

Numa revista: *Quem pensa que malhar é vestir bermuda, top e camiseta, ouvir as instruções do treinador e esfalfar-se para "obedecê-las"está enganado.*

Enganado está mesmo quem?!...

Certa feita, uma fábrica de refrigerantes lançou propaganda nacional, usando esta frase imperativa: *Obedeça sua sede.*

Pessoas de bom-senso, naturalmente, não obedeceram à sugestão.

### "ha!, ha!, ha!"

Gargalhada se representa graficamente de outra forma: *ah!, ah!, ah!,* e não "ha!, ha!, ha!", como fazem certos jornalistas. Podemos empregar, ainda, *quá-quá-quá!,* que é justamente o que muitos deles nos provocam diariamente.

### "*à*" esta altura dos acontecimentos...

**A** esta altura dos acontecimentos, podemos dizer que nada vai bem no quartel de Abrantes...

Antes do pronome demonstrativo *esta* não se usa o acento grave, porque não pode haver crase. Mas os jornalistas do quartel de Abrantes continuam usando-o.

### o valor dos aluguéis "caíram" em São Paulo

Frase ouvida num famoso telejornal nacional. Trata-se de um erro de concordância muito comum, principalmente entre os que não têm noção de análise sintática, que não têm noção da estrutura da própria língua que falam.

Se o núcleo do sujeito *{valor)* está no singular, o verbo tem de estar no singular; não importa que o adjunto (dos *aluguéis)* esteja no plural, porque os adjuntos não interferem na concordância verbal.

Por isso, o que todos deveríamos ter ouvido (até por sinal de respeito) seria esta frase: O *valor dos aluguéis caiu em São Paulo.*

Eis outra demonstração de desrespeito de outro telejornal: A *organização dos Jogos Olímpicos "foram"um desastre!*

Falar em *desastre* a esta altura **não** é mera coincidência.

## Roraima fica "ao" norte do Brasil?

Não. *Roraima* fica *no* Norte do Brasil. Da mesma forma: A *colônia alemã está concentrada* ***no*** *Sul do Brasil.* * * * A *menor incidência de chuvas ocorre* ***no*** *Nordeste brasileiro.*

Agora, repare nestoutros exemplos: *O Uruguai é um país que fica a* (ou *ao) sul do Brasil.* * * * A *Venezuela é um país localizado a* (ou *ao) norte do Brasil.*

Ninguém mais duvida que o Uruguai fica *ao* sul do Brasil: afinal, a Província Cisplatina já não nos pertence faz algum tempo. É certo, da mesma forma, que a Venezuela é um país localizado *ao* norte do Brasil: se estivesse situada *no* Norte do Brasil, teríamos petróleo em abundância, e não pagaríamos tão caro por uma gasolina ordinária como a nossa.

Numa enciclopédia distribuída pela Folha de S. Paulo, no verbete **Ribeirão Preto** se lê: *Cidade localizada "ao"norte do Estado de São Paulo.* Ora, *ao* norte do Estado de São Paulo fica Minas Gerais!

## emprestar

Quem cede empresta: *Emprestei um livro a ela.* *** *Ela emprestou a caneta a uma colega.*

Quem se beneficia do empréstimo *pede* ou *toma emprestado: Tomei emprestado o carro dele.* *** *Pedi emprestada a tesoura.* *** *Tomei mil reais emprestados a Sigismundo.*

Numa revista: O *horizonte "a" longo prazo é turbulento para as empresas que "emprestaram" dinheiro para voar.* Quer dizer, então, que as quase falidas companhias de aviação nacionais estão *emprestando* dinheiro?

Note, ainda, que se usou *"a"longo prazo.*

## bater "palma"

*Bater* ***palmas*** é mais gratificante. Há apresentadores de televisão que pedem *uma salva de* "palma"para seus convidados. Por que não pedem também uma *rajada de "tiro"?* Não há diferença nenhuma...

## "Possa" ser que amanhã eu viaje

*"Possa"ser* é uma expressão corrente em certas regiões nordestinas, principalmente da Bahia, onde é comum ouvirmos: *"Possa"ser que amanhã faça sol.* *** *"Possa"ser que eu vote nesse candidato.*

Na deliciosa e simpática Salvador ***pode*** ser que haja muitos brincalhões. **Pode** *ser...*

## Bem ou "má", a legislação existe

Não. O antônimo de *bom* é *mau* o de *bem* é *mal.* Assim, não se leva em conta o gênero de *legislação,* porque não se tem aí um adjetivo, mas um advérbio *(bom* é adjetivo; *bem* é advérbio). Bem ou mal, a explicação está dada.

A frase acima foi ouvida na televisão, num desses inúmeros programas de entrevista, em que saem mais "largatos" que *lagartos...*

Há pessoas que sentem enorme dificuldade no uso de *mau* ou *má* e *mal.* Um ex-jogador de futebol, tricampeão do mundo, comenta agora pela televisão: *A defesa do Palmeiras está "má"posicionada. *** Eu já falei sobre o "má"posicionamento dessa defesa.* De vez em quando, solta lá seu "dibrar" e seus "dibres".

Bola e língua são, positivamente, coisas incompatíveis.

## "mais diferente do que"

Isto é brincadeira, mas já aconteceu! Um grande zagueiro do nosso futebol, titular da seleção brasileira em 1978 e 1982, declarou: *Jogo decisivo é "mais diferente do que" os outros.*

Ora, o que é diferente, é diferente. Basta. Pra que "mais"? E "diferente do que"é linguagem de criancinha.

Bola e língua nunca se deram bem, já é tradição.

## "os" 0,5% de juros da caderneta de poupança

Se nem mesmo 1 é plural, que se dirá, então, de *meio?*

Para alguns jornalistas, no entanto, 1 é plural (e muito plural!). Repare nas suas frases: *O ganho real do aplicador em caderneta de poupança está restrito apenas "aos"0,5%. *** Só 1,5% "tinham"algum nome de candidato na cabeça. *** Analisou "os seus "um por cento de intenções de voto. Ainda bem que "existem estes" um por cento de teimosos. *** Saiu da eleição com "escassos" 1% dos votos. *** O Brasil é um dos países onde menos se toma sorvete: 1,5 "litros"por habitante ao ano. *** Em Brasília falta tudo: moradia, emprego, transporte, assistência médica, segurança pública e até água para abastecer regularmente "seus" 1,7 milhão de habitantes.*

Não é só em Brasília que falta tudo; em certas redações anda faltando também muita coisa.

EM TEMPO - Podemos ler **0,5** de duas formas, indiferentemente: *meio* ou *cinco décimos:* ***O meio por cento*** (ou ***Os cinco décimos)*** *de juros da caderneta de poupança.*

## ela não quis "vim"

Na verdade, *vim* é forma do passado ***(vim** ontem aqui);* fora daí, não tem cabimento seu emprego. Parece-me, todavia, que essa forma corrupta só é usada mesmo na fala, em conversa informal. Mas, mesmo na fala, não se admite o seu emprego nos meios de comunicação de massa. Há um comentarista de futebol, ex-jogador, que jogou em Roma e lá foi considerado rei, que usa muito "vim" após outro verbo ou depois de preposição. Nesse caso, é imperdoável.

Veja exemplos em que só cabe o infinitivo *vir: Você não deve **vir** com essa roupa tão decotada. *** Ontem eu não pude **vir.** *** Para **vir** aqui,*

N

*não foi fácil.* * * * *Antes de **vir** a Bajé, estive em Lajes.* *** *Em vez de **vir** com Jeni, vim com Juçara.* * * * *Depois de **vir** falar comigo, ela foi falar com Lurdes.*

Repare que, se trocarmos o verbo *vir* por *ir,* teremos sempre: *Por que ela não quis **ir?*** *** *Ontem eu não pude **ir.*** *** *Para **ir** até lá não foi fácil.*

Alguém usaria *"im"no* lugar de *ir?*

## super-interessante

Não: *superinteressante.* É assim que se escreve. O prefixo *super-* só exige hífen antes de *h (super-homem)* e r *(super-rápido).*

Há uma ótima revista nacional com este nome. Repare, porém, como está na capa. Não é superinteressante? Mas não é **superinteressante.**

## hiper- = super-?

Sim, são prefixos que exigem hífen antes das mesmas letras (h *e r: hiper-humano, hiper-rancoroso)* e têm o mesmo significado: *hiper-* vem do grego; *super-,* do latim.

Há, no entanto, uma tendência moderna de conferir a *hiper-* uma noção de superioridade, em relação a *super-.* Assim, um *hipermercado* seria um supermercado gigante, com muito mais ofertas de mercadorias que o supermercado.

Apesar de não ter nenhum fundamento lingüístico, tal diferenciação está se consolidando.

## "Daqui um" pouquinho estaremos de volta

Frase típica de apresentador de programa de televisão, antes de um intervalo comercial.

Ora, não se usa *daqui* sem o apoio da preposição *a: daqui **a** um pouquinho estaremos de volta, daqui **a** um pouco eu vou, daqui **a** três minutos começa a aula, daqui **a** um minuto estaremos de retorno.*

Frase de um jornalista: *Cientistas fazem simulação de como seria o mundo "daqui milhões"de anos sem a existência dos seres humanos.*

Pior foi o que disse um apresentador de esportes de famosa rede de televisão: O *jogo "terminou daqui um pouquinho".*

## Daqui "em" Criciúma é longe!

Quando se usa a preposição *de* (presente em *daqui),* usa-se automaticamente a preposição correspondente, que é *a,* e não *"em": Daqui **à** praia são duas quadras.* *** *Você sabe qual é a distância exata daqui **à** Lua?*

Mais triste do que usar *daqui "em"é* empregar *daqui "há",* como se viu no *site* do Terra: *O carro da Volkswagen deve parar de ser produzido no país daqui "há"alguns anos.*

Daqui **a** alguns anos, essa gente ainda vai acabar escrever *xalxixa...*

## ovos "estalados"

Mais saborosos são os ovos *estrelados,* isto é, ovos fritos sem serem mexidos. Não faltam boas cozinheiras que nos *estrelem* ovos. Então, por que engolir os outros?

O povo usa "estalado", neste caso, por ouvir estalos, assim que os ovos caem no óleo quente da frigideira.

Certa vez se leu num grande jornal paulistano: *Esperando ovos "estalados", os jogadores do São Paulo eram a imagem do desânimo.*

Também, pudera!

## "blá-blá-bló"

Há muita gente que gosta disso (até dicionarista). Há quem prefira *blablablás:* é menos aborrecido.

Somos obrigado, aqui, a voltar aos dois dicionários mais conhecidos do público brasileiro: um deles registra *blablablá* corretamente, e o outro (aquele) já vem com registro duplo: *blablablá* e"blá-blá-blá".

Repare, agora, caro leitor, que grande curiosidade: o primeiro dicionário registra, no verbete anterior, *blá-blá* (prato da culinária de São Tomé e Príncipe), e o segundo, *blablá.* Afinal, qual é o verdadeiro blá?...

Talvez por causa dessa balbúrdia é que os jornalistas se confundem e escrevem: *Para o ex-ministro da Justiça, o encontro de presidenciáveis não passou de um "blá-blá-blá "de comadres.*

A imprensa brasileira e certos dicionários estão na verdade mais para *quá-quá-quá* que para *blablablás.*

## aborígine

Muitos usam "aborígene", por influência da palavra *origem.* Existem até dicionários que registram "aborígene"!

Numa revista: *No final do século XVIII, quando o explorador inglês James Cook (1728-79) ancorou o navio Endeavour na quase desconhecida Austrália, avistou animais que chamaram a sua atenção. Quando perguntou aos "aborígenes" que animal era aquele, um deles respondeu:* ***canguru,*** *que em uma das línguas australianas significa* ***não sei.***

Há jornalistas brasileiros que vivem dizendo *canguru, canguru...*

## ficar "no" aguardo de notícias

Será sempre mais esperançoso ficar *ao aguardo de notícias,* assim como todos ficamos *à espera.* Nunca ouvi ninguém ficar *"na" espera de* dias melhores.

Um homem verdadeiramente apaixonado, por exemplo, fica sempre *ao aguardo* dela, ou seja, *à espera do* ser amado.

Num jornal: *O país está parando "no"aguardo de definições no campo econômico e político.*

Aliás, todos estamos também ***ao*** *aguardo de* concordâncias mais razoáveis. Por exemplo: ***campos*** *econômico e político.*

## rir "*à* medida em que" lê

Não existe a suposta locução conjuntiva *"à medida em que",* tão a gosto de alguns jornalistas. O que temos é *à medida que.*

Frases da mídia: *Forma e fundo; conjuntura e estrutura; imaginário e real. Uma nítida diferenciação entre esses planos começa a evidenciar-se "à medida em que"evolui o plano do governo.* *** *Os dentes contribuem com a digestão "à medida em que" vão quebrando os alimentos em partes cada vez menores.* *** *"A medida em que"vai aumentando os cargos para o pessoal de São Paulo, maior será a responsabilidade de todos eles na administração da CBF.*

Nesta última, há também um elementar erro de concordância verbal: "vai" por *vão.* Há jornalistas que escrevem assim. E querem ser formadores de opinião!

Por falar em concordância verbal, eis uma notícia de jornal: *Ronaldo e a modelo se falaram por telefone e as chances de uma possível reconciliação não "estaria" totalmente descartada.* Ainda sobre concordância verbal, eis o que trouxe um jornal especializado em esportes: *Os jogadores do Palmeiras não "terá" o convívio de suas famílias a partir "desta segunda-feira". Afinal, o técnico Paulo Bonamigo antecipou em um dia a concentração para o clássico.* Ainda sobre concordância verbal, na melhor revista do Brasil: *Na semana passada, as exportações de petróleo venezuelanas estavam paradas nos portos e "começava"a faltar produtos básicos nos supermercados.*

Em certos jornais, até que já se compreende a ignorância dos jornalistas sobre os assuntos mais comezinhos da nossa gramática, mas na pena de um jornalista de respeito e numa revista séria, trata-se de um erro inadmissível.

Certa vez perguntaram a um astrônomo e geofísico da USP por que os planetas eram redondos. A resposta: *Os planetas são redondos devido ao fato de esta ser a forma mais estável. "A medida em que" crescem, a partir de uma nuvem, adquirem essa forma, capaz de distribuir a matéria em todas as direções.*

Agora todos entendemos melhor por que é que certos astrônomos preferem viver na Lua...

## "octagésimo" lugar

Poucos jornalistas conhecem os numerais ordinais, depois de *trigésimo.* Até aí eles até que vão bem. Chegando a *quarenta,* já começam a titubear. Que se dirá, então de *cinqüenta, sessenta, setenta, oitenta e noventa?* Não sai nada mesmo. Aliás, sai: asneira.

Vamos aprender juntos: o numerai ordinal correspondente a *quarenta* é *quadragésimo;* a *cinqüenta* é *qüinguagésimo* (note: o *u* soa); a sessenta é *sexagésimo* a *setenta é setuagésimo* (note: sem o *p,* apesar de certos dicionários); a *oitenta* é *octogésimo;* e a *noventa, nonagésimo.*

Repórteres policiais, ao se referirem ao 72.° distrito, preferem dizer "setenta e dois distrito" a dizer *setuagésimo segundo distrito.*

## zero-quilômetro

Variam ambos os elementos de um substantivo composto formado por dois substantivos. Esta é a regra mais simples da formação do plural dos nomes compostos. Ora, se zero e quilômetro são substantivos, o plural de *zero-quilômetro* não pode deixar de ser *zeros-quilômetros.* Portanto: *um zero-quilômetro, dois zeros-quilômetros.*

Se fizermos desse composto um adjetivo, equivalente de *novo, saído de fábrica,* ele variará normalmente: *um carro zero-quilômetro, dois carros zeros-quilômetros.*

Há os que se espantam. Esquecem-se de que lógica e língua são coisas que não se misturam. Se se misturassem, jamais teríamos esta concordância: *Mais de um passageiro* ***morreu.*** Ou esta: *Menos de dois passageiros* ***morreram.***

A língua não se guia pela lógica; a língua se norteia por normas sintáticas. Como poucos têm consciência disso, espantam-se com o plural de *zero-quilômetro.* Compreende-se.

Os jornalistas escrevem "os zero-quilômetro", "carros zero-quilômetro". Normal. Veja: *"Os zero-quilômetro "pagam 35% de imposto de importação, fora outros tributos, como o IPI. *** "Mosca branca" entre os "zero-quilômetro",* o *carro a álcool também sumiu das lojas de usados.*

Como se vê, encontrar jornalista que escreva corretamente é mesmo uma **mosca-branca...**

## A maioria dos homens ficou nervosa

Nesta frase, correta, mais uma prova de que lógica e língua não se misturam.

Numa frase em que entra *a maioria de* + complemento no plural, o verbo concorda com o núcleo do sujeito *(maioria)* ou, excepcionalmente, com esse complemento. Portanto, temos duas concordâncias corretas: a que vimos acima, gramatical, e a lógica, que é *A maioria dos homens ficaram nervosos.*

O mesmo se dá com *grande parte de, boa parte de, bom número de, metade de,* etc., chamados *coletivos partitivos.*

## meio-dia e "meio"

Aliás, meio-dia e **meia** (hora). Ora, se todos dizemos *uma e* ***meia,*** *duas e* ***meia,*** *três e* ***meia,*** etc., porque, então, *meio-dia e "meio"?* Como se viu, há subentendimento da palavra *hora,* neste caso: *uma e meia (hora), duas e meia (hora), meio-dia e meia (hora).*

## Nossa, já "são" meia-noite?!

Para evitar o sobrenatural, convém ter mais cuidado: o verbo não tem por que, aqui, ir ao plural, já que *meia-noite* não pertence a esse número.

**N**

Existem pessoas, no entanto, que dizem: *Já "são"meio-dia: preciso ir.* É bom que vá mesmo...

Um candidato a presidência da República, em 2002, derrotado no segundo turno, declarou horas antes da eleição: *"São"meio-dia. Daqui a vinte horas começa a virada.* Virada para quê? Para o sobrenatural?

A antiga e excelente Rádio Jornal do Brasil certa vez teve um locutor - talvez acossado pelo sobrenatural - que soltou isto: *"São " meia-noite e quarenta e cinco minutos no Rio de Janeiro.*

O sobrenatural, assim como o povo, é muito poderoso!

## "São" Salvador

O nome da capital baiana é *Salvador.* Só. Os baianos a chamam também, carinhosamente, *Cidade do Salvador.*

Quem nasce em *Salvador é salvadorense* ou *soteropolitano* (adjetivo preferido na Boa Terra). Quem nunca esteve em *Salvador,* precisa arrumar um tempo para conhecê-la. Quem nunca esteve na *Cidade do Salvador,* não pode dizer que conhece o Brasil. A capacidade comunicativa do soteropolitano contagia.

EM TEMPO - *Soteropolitano* vem de *Soterópolis,* nome erudito de Salvador; forma-se do grego *Soter* = Salvador + *polis* = cidade. Assim, *Soterópolis* = cidade do Salvador. Pronuncia-se *sotéro-politano.*

## todas as vezes "em" que

Expressão equivocada; trata-se de mais uma invenção dos jornalistas, a exemplo de "à medida em que". Veja como eles a usam, sem pejo nenhum: *Todas as vezes "em"que a televisão mostrou homens e mulheres nus...*

*Todas as vezes que* leio jornal...

## caudal

É palavra masculina: o *caudal,* ***um*** *caudal.* Portanto: *Era extraordinário* ***o caudal*** *do rio.* *** *Surgiu* ***um caudal*** *de boatos.*

Jornalistas há que imaginam haver algo em comum entre *caudal* e *cauda.* Naturalmente que não há. Mas eles insistem. E escrevem: *O PT é apenas um tributário "da"grande caudal da crise brasileira.*

## É preciso. É necessário. É bom.

Trata-se de expressões invariáveis. Repare nestas frases: ***É preciso*** *muita paciência para lidar com crianças.* * * * ***É necessário*** *atenção redobrada, ao dirigir veículos à noite.* * * * ***É bom*** *toda a cautela neste caso.*

Por que podemos construir assim? Porque, geralmente, há um verbo subentendido depois do adjetivo. Exemplos: *É preciso* ***ter*** *muita paciência para...* *** *E necessário* ***manter*** *atenção redobrada...* *** *E bom* ***usar*** *toda a cautela...*

Repare ainda nestas frases, em que também o adjetivo não varia, por

haver um verbo subentendido: *É **lindo** uma mulher que chora.* = *É lindo **ver...*** *** *Maçã é **ótimo** para os dentes.* = ***Comer** maçã é...* *** *Cerveja é **bom** para engordar.* = ***Beber** cerveja é...*

Veja, agora, outros exemplos, para firmar conhecimento: ***Énecessário** muitos exercícios para aprender isso.* = *E necessário **fazer...*** *** ***É preciso** muitas sessões de psicanálise para ficares bom.* = *E preciso **freqüentares...*** *** ***É bom** apenas frutas e legumes no verão.* = *É bom **comer** apenas...* *** ***Era preciso** informações exatas.* = *Era preciso **obter...*** *** ***Será bom** prudência nesse caso.* = *Será bom **ter...*** *** *Calma, para a saúde, **é ótimo!*** = ***Manter** a calma, para a...*

O egrégio Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo, ao confirmar uma sentença, redigiu: *Acertada foi a condenação, pois, como é sabido e reconhecido pela jurisprudência, castigo corporal através de tapas no rosto de alunos configura o delito de maus tratos, pois **é inadmissível** tais corretivos como atos de disciplina escolar.*

Perfeito: é inadmissível *adotar* tais corretivos...

Repare, agora, nesta frase de jornalista, que acabou confundindo alhos com bugalhos: *Segundo o presidente da UIA (União da Indústria Argentina), Héctor Mendez, Furlan é o ministro brasileiro que mais preocupa os empresários argentinos. Para ele, "é necessário"a adoção de uma política empresarial entre Brasil e Argentina que seja capaz de corrigir as assimetrias do Mercosul.*

Ou seja: o jornalista aprendeu que não se varia a expressão *é necessário* em algumas circunstâncias. O problema é que não soube aplicar o que aprendeu. Repare, ainda, na falta do necessário artigo antes dos nomes *Brasil e Argentina.* Neste assunto, é caso perdido: eles não vão se emendar mesmo.

## maus tratos

É assim que se escreve, ou seja, sem hífen, quando significa *tormentos, torturas.* Por exemplo: *Homem que maltrata os animais, que inflige **maus tratos** a esses seres indefesos, não pode ser com justiça de ser humano.*

Só o termo jurídico é que leva hífen, formando um nome composto: *maus-tratos.* Neste caso significa *crime cometido por aquele que põe em risco a vida ou a saúde de pessoa que está sob sua autoridade, guarda ou vigilância.*

Os jornalistas desconhecem por completo a diferença.

Título em uma revista: *Manual dos "maus-tratos".*

Conforme sobejamente visto aqui, são constantes os *maus tratos* que eles infligem à língua.

## exceder

Este verbo pode ser transitivo direto e também transitivo indireto, mas neste caso só aceita a preposição *a: Beba, mas não exceda os* (ou *aos) limites!*

N

Um antigo dicionário fornece exemplo com a preposição "de". Daí por que em alguns elevadores se lê (equivocadamente): *Capacidade licenciada: 8 pessoas ou 576kg. É proibido exceder "destes" limites, sob pena de multa imposta pela prefeitura.*

Maus exemplos correm muito mais depressa que os bons.

## Quantos são duas vezes dois?

É assim que se pergunta. Sendo *vezes* palavra feminina, não tem cabimento perguntar *Quanto é **dois vezes** dois?,* como se ouve comumente - e com o verbo e pronome interrogativo no singular!

Eis outros exemplos: *Aprendi ontem **quantos são duzentas vezes** um.* *** ***Quantos são** três mais um?* *** *Nunca soube **quantos são trezentas vezes** três.*

O número que aparece depois de *vezes* não varia, porque se toma como substantivo: *duzentas vezes* ***um.*** O pronome interrogativo *quantos,* neste caso, não varia em gênero.

## com nós

O uso de *com nós* é possível, mas somente quando aparecem palavras reforçativas ou apostos. Assim, por exemplo: *As crianças vieram **com nós dois.*** * * * *Entramos em conflito **com nós mesmos.*** * * * *Queremos estar em paz **com nós mesmos.*** * * * *Quem irá **com nós, professores?***

Caso contrário, usa-se *conosco.* Inadmissível é o uso desta forma com palavras reforçativas, como se viu, certa feita, numa revista: *Férias - tempo de abertura de nossos campos de encontro "conosco mesmos", com os familiares, com os outros, com a natureza, com sua imensa riqueza.*

## derreter

É verbo pronominal (*derreter-**se***), na acepção de *tornar-se líquido: **O** gelo **se derreteu** em poucos minutos.* * ** *Fora da geladeira, o sorvete logo **se derreteu.***

Um dicionário (aquele) registra-o também como intransitivo.

Certa vez, uma fábrica de fogões, no afã de promover seu novo produto, mandou afixar painéis em toda a cidade com um texto assim, ao lado do fogão que estava lançando: *Uma promessa que não "derrete"com o tempo.*

Mais abaixo se podia ler: *Esta marca ninguém apaga.*

Será?

## plural de *júnior* e de *sênior*

De júnior, *juniores* (ô); de sênior, *seniores* (ô). Hoje a maioria dos jornalistas esportivos aprendeu: eles já dizem direitinho: *juniôres, seniores,* mas no início só se ouvia"júniors","sêniors".

Uma emissora de televisão de São Paulo resolveu promover, certa vez, um campeonato mundial de futebol, do qual participariam veteranos de todo o mundo. Ao darem nome à competição, lambuzaram-se: *campeonato mundial de "sêniors".*

## déficit / superávit

Trata-se de duas formas oficiais. A nosso ver, equivocadas. Latinismos não devem ser acentuados. Os portugueses usam *défice* e *superávite,* formas muito mais "inteligentes".

Não se confunda este caso com o de *álibi* (com acento). *Déficit* e *superávit* têm terminação incompatível com a índole da língua portuguesa. Não há palavra em português que termine em *-t.*

O Vocabulário Oficial, todavia, houve por bem abalizar acentos tanto em *déficit* e *superávit* quanto em *hábitat,* imitando o espanhol. Como consideramos que coerência ainda é virtude, preferimos usar, então, em vez de imitações, as palavras latinas puras: *déficit, superávit, habitat.* Nossa preferência, contudo - é preciso deixar bem claro - é pelas formas *défice, superávite* e *habita,* que um dia, sem dúvida, haverão de ser oficiais.

## telentrega

É assim que se escreve esta palavra, dè uso recente. Há os que escrevem "tele-entrega". Convém dizer que *tele-* é um elemento prefixo-radical e, como tal, não pode ligar-se a outra palavra mediante hífen. Confira: *telecomando, telecomunicação, teleobjetiva, telerrecado, telerresposta, telerromance, telessena,* etc. Todas essas palavras são pronunciadas com o primeiro e aberto: *té.*

Não faz muito tempo, a TV Cultura anunciou um *"tele-romance".*

Como é mesmo o nome da emissora?...

## por cada

Não é importante, mas convém fazer uma ressalva. Às vezes não há como fugir a esta cacofonia, mas há outras em que ela é perfeitamente evitável, com a simples omissão da palavra *cada.* Como nestas frases colhidas em jornal: *Convênio prevê que Prefeitura de SP pagará ao Estado R$38,14 "por cada"multa aplicada.* *** *Segundo norma da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), ao fim do prazo as operadoras terão de depositar R$ 50,00 " por cada" cliente que não tenha feito o cadastro.*

No site da Abrelivros, entidade que congrega a maioria dos editores brasileiros: *O governo brasileiro paga menos do que uma revista Caras "por cada"livro adquirido para distribuição nas escolas.*

Não é importante, mas para que usar *por cada,* quando não há nenhuma necessidade de usar *por cada?*

## Cinco reais "são" muito por um jornal.

Sujeito que dá idéia de preço, quantidade, peso, medida, etc. exige o singular: *Onze meses* ***será*** *muito: não vou agüentar de saudades, meu*

*amor! *** Um é pouco, dois é bom, três é demais. *** Quinze metros* ***era*** *pouco para fazer o vestido daquela mulherona.*

Num jornal: *Dois dias "foram" muito pouco para que o PT pudesse definir todos os detalhes para a campanha das eleições.*

## dar murro em faca de ponta

Frase tão correta quanto a outra, mais conhecida: *dar murro em ponta de faca.*

O brasileiro está cansado de *dar murro em faca de ponta:* pede mais segurança e ganha mais imposto; pede mais saúde e ganha mais imposto; pede mais educação e ganha mais imposto; pede mais saneamento básico e ganha mais dengue.

Em qualquer circunstância, *dando murro em faca de ponta* ou *dando murro em ponta de faca,* a verdade é que o povo está sempre se machucando...

## por "isto"

Não existe esta locução em nossa língua, mas apenas *por isso.*

## "Antártida"

O verdadeiro nome do continente situado dentro do círculo antártico e assimetricamente centrado no pólo Sul é *Antártica.* Tudo o mais é conversa para pingüim dormir...

E os pingüins andam dormindo demais, a ver-se como escrevem nossos jornalistas. Veja o que nos diz um deles: *O mapa da "Antártida" está ligeiramente mudado. A pequena península conhecida como Língua de Gelo Drygalski teve praticamente arrancada sua ponta, numa porção de 5km quadrados aproximadamente, depois que o maior* iceberg do *mundo resvalou nela.*

## árbitro / juiz

*Arbitro* é mediador de jogos esportivos. *Juiz* é magistrado que julga nos fóruns ou tribunais. O *árbitro* nem precisa ter curso superior; basta ter diploma de curso médio (que alguns ainda falsificam, para conseguir apitar jogos). O *árbitro* nunca julga nada, seu papel é seguir as 17 regras do futebol e decidir instantaneamente no campo de jogo (o que não é tarefa fácil), ao contrário do *juiz,* que estuda, reflete e decide nos autos.

Portanto, nos campos de futebol existem *árbitros,* e não "juízes", apesar de os torcedores só chamarem "juiz ladrão".

No *site* de um jornal: *O São Paulo venceu. Mas quem brilhou foram as "juízas". Apesar dos protestos do Guarani, que teve dois gols anulados, as meninas acertaram em todas as jogadas polêmicas.*

Sim, as meninas acertaram em tudo. Mas... e os jornalistas?

## comunicar "sobre"

Não existe esta regência na norma culta. Quem comunica, comunica alguma coisa a alguém: *Ninguém comunicou o roubo à polícia.* *** *Ela não quis comunicar o fato ao marido.* *** *Comuniquei meus planos a todos.*

Na mídia: *Os Estados Unidos estão investigando se os dois filhos de Saddam Hussein etão entre os quatro mortos no tiroteio ocorrido hoje em Mosul, ao norte do Iraque. Segundo autoridades norte-americanas, o secretário de Defesa, Donald H. Rumsfeld, comunicou pessoalmente "o presidente George W. Bush sobre a operação".*

De um ex-árbitro, durante a transmissão de um jogo de futebol pela televisão: *O bandeirinha comunicou o "juiz" "sobre" a agressão do zagueiro ao atacante.* A regra é clara...

## comentar "sobre"

Também não existe esta regência na norma culta. Quem comenta, comenta alguma coisa. E só.

No *site* da Jovem Pan: *Marta não comenta "sobre"saída de secretário.*

Bastaria retirar a preposição para que tudo fosse muito mais elegante. Um dicionário (aquele) fornece, no verbete **comentar,** exemplo errôneo do emprego deste verbo. Mais um, menos um, não vai fazer nenhuma diferença.

## atrasar

Este verbo é intransitivo (coisa que chega atrasada) e pronominal (pessoa que chega tarde ou atrasada): *O ônibus **atrasou,** e ele chegou mais tarde ao trabalho.* *** *Se o trem **atrasar,** não chegaremos a tempo.* *** *O chefe **se atrasou,** chegando mais tarde ao trabalho.* * * * *Quem **se atrasar** não fará a prova.*

Há, no entanto, certos dicionários que registram o verbo pronominal como intransitivo. Em dicionários de hoje, ao que tudo indica, isso e mais aquilo são coisas muito normais.

No *site* de um jornal: *Chávez "atrasou" outra vez: ouviu um não de Lula.*

É isso mesmo: **NÃO!**

## "Há" muito tempo que não viajávamos

Não, há um erro de uniformidade temporal nesta frase: mistura-se presente (há) com pretérito imperfeito (íamos). A frase irrepreensível é: ***Havia** muito tempo que não íamos a Salvador.*

Outros exemplos: ***Havia** muito tempo não comíamos tão bem.* *** *Não víamos terra **havia** meses.*

Se o verbo da oração subordinada estiver no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, ainda assim, *haver* ficará no pretérito imperfeito: ***Havia*** *mais de cinco anos que não estudáramos* (ou *tínhamos estudado) tanto!* *** ***Havia*** *pouco tempo que ele fora estudar em Paris.*

Eis, todavia, como se leu num de nossos principais jornais: *Uma turista japonesa que chegara "há"poucas horas na cidade do Rio de Janeiro, na noite de sexta (12), deixou suas malas no hotel e saiu com o marido pelas ruas de Copacabana, em busca de sossego, de paz e da brisa do mar, o que, afinal, todos os turistas buscam ao chegar em uma cidade balneário. Mas o que Yoshiko Magoshi, de 61 anos, não sabia, ou ignorou, é que algumas cidades brasileiras oferecem muito mais que fresquidão ou belas paisagens. Magoshi foi vítima de mais uma tentativa de assalto ontem à noite, em Copacabana.*

No editorial de um grande jornal paulistano: *Um traficante carioca arrependido, disposto a contar o que sabia à Justiça, mudou de idéia quando soube que o Programa de Proteção à Testemunha fora desativado "há"cinco meses.*

No mesmo jornal, em outra edição: *Em ímola, um duelo como "há" muito não se via.*

Numa revista: *Até "há"pouco tempo era simples: bolo com decoração elaborada era privilégio de casamento e o encarregado de confeccioná-lo chamava-se boleiro. Hoje, os bolos modernos viraram inacreditáveis esculturas de açúcar e quem os prepara não se intitula mais boleiro, mas* cake designer.

Na mesma revista: *Famílias inteiras assistem à* Grande Família, *da Rede Globo. "Há" tempo não se via nada assim.*

Incrível mesmo apareceu no *site* da Abrelivros (associação de editores de livros, principalmente didáticos), no dia 14 de julho de 2003: *Mesmo com todos os problemas de distribuição, cerca de dez novas editoras surgem por mês no país, para editar os livros dos sonhos de seus donos. A cena tornou-se rotineira - freqüentadores de livrarias com um acervo mais versátil, ou seja, que não se preocupam em oferecer apenas best-sellers, vêm notando o crescente surgimento de novas editoras que não existiam "há "algum tempo.*

Fantástico! Reparou também, caro leitor, na incrível redundância com que o trecho termina? "Surgimento de novas editoras que não existiam há algum tempo"é pra lá de Marrakech...

Na quarta da capa de uma gramática: *Com a evolução dos estudos lingüísticos e das pesquisas em língua portuguesa, "há" muito não saía uma gramática completa que pudesse dar conta deste progresso.*

Assim tinha início um editorial de um grande e tradicional jornal

paulistano: *"Há" muito o Brasil não passava por uma fase tão ostensiva e sistemática de demonstrações de desprezo pelas regras civilizadas de conduta na vida pública.*

**O** editorial trazia um título interessante: **Às favas os escrúpulos.**

## Enéias, estou aborrecido "consigo"

No português do Brasil, não convém usar *consigo* em referência à primeira pessoa, fato comum em Portugal. Entre nós, *consigo* só se usa em referência à terceira pessoa: ***Ela** fala **consigo** mesma.* *** ***Eles** trouxeram **consigo** os documentos.*

Do contrário, use sempre *com você(s), contigo* ou *com o senhor, com a senhora: Isabel, estou aborrecido **com você** {ou **contigo).*** *** *Enéias, há uma pessoa aí fora querendo falar **com o senhor.***

## Estados Unidos

Este nome exige o verbo e determinantes sempre no plural: ***Os** Estados Unidos **são** hoje a única superpotência mundial.* *** ***Os** Estados Unidos **conseguiram** o acordo que desejavam.* * * * ***Os** Estados Unidos **estão atentos** aos acontecimentos na América Latina.* * * * ***Todos os** Estados Unidos **foram assolados** pelo cataclismo.* *** ***Os** Estados Unidos **inteiros estão preocupados** com os atos terroristas.* *** ***Os próprios** Estados Unidos **reconheceram** a falha.*

Não se usa apenas "Estados Unidos" sem o artigo, a não ser em circunstâncias especialíssimas, como em mapas, onde só aparecem mesmo os nomes dos países: *Estados Unidos, Brasil, Alemanha,* etc.

Repare nestes exemplos, todos semelhantes: As *Filipinas **sofrem** de tempos em tempos a ação devastadora de tufões e terremotos.* * * * Os *Países Baixos não **possuem** petróleo.* *** *Os Alpes **ficam** na Europa; os Andes **se localizam** na América do Sul.* * * * *Os Bálcãs **voltaram** novamente à tranqüilidade.* * * * *Você sabe onde **ficam** os Pireneus?*

Repare, agora, nesta notícia de tradicional jornal paulistano: *Bush vota e se diz confiante na vitória. Afirmando ter esperança que o resultado das eleições seja conhecido ainda hoje, o presidente promete liderar o país, unir o povo e garantir "um"Estados Unidos mais "seguro".*

## pernoite

É palavra masculina: ***o** pernoite, **um** pernoite, **bom** pernoite, **mau** pernoite.*

Recentemente, porém, um repórter de televisão nos deu má notícia: *"A"pernoite custa baratinho no albergue do pico do Jaraguá.*

Quem pagaria um centavo por "ela"?

O verbo correspondente a este substantivo é *pernoitar,* que não tem nenhuma forma com "ói"; portanto, *pernoito, pernoitas, pernoita, per-*

*noitam; pernoite, pernoites, pernoite, pernoitem* (sempre com o ditongo fechado).

Um correspondente da TV Cultura nos Estados Unidos, todavia, saiu-se com esta, certa feita: *Os carros "pernoitam"nas ruas.*

Tenha sempre uma boa *"nóite",* meu caro jornalista!

## gastrointestinal / gastrintestinal

Existe uma regra geral: os elementos gregos ou latinos terminados em -o- *(gastro- e psico-,* por exemplo), quando acompanham outros iniciados por vogai *(intestinal* e *análise,* por exemplo), ou por *h* *(hepatite,* p. ex.), perdem esse -o-. Se não, vejamos: *gastro* + *enterite* = *gastrenterite\ psico* + *análise* = *psicanálise; nevro* + *algia* = *nevralgia; encéfalo* + *ite* = *encefalite; gastro* + *hepatite* = *gastrepatite,* etc.

Daí se conclui que, na verdade, só existem *gastrenterologistas,* especialistas em *gastrenterologia* e *gastrintestinal.* Não obstante, existe o Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas de"Gastroenterologia". Por que não existiria também, então, o Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas de "Psicoanálise"?

Bem, daí entra o argumento: É, mas está nos dicionários. Argumento fraco: alguns dicionários estão fazendo um triste papel: agasalham tudo. EM TEMPO - 1) Os antigos (e bons) dicionários registravam ou somente *gastrenterologia,* ou as duas formas (também "gastroenterologia"), porém, conferiam a *gastrenterologia* o verbete principal. No português contemporâneo, prevaleceu o critério de queda do **-o-,** fato que os que vivem no tempo do Onça desconhecem. Ou preferem ignorar.

2) Quando as palavras se formam dentro do próprio idioma, muitas vezes as duas vogais, a final e a inicial, permanecem. Ex.: aeroespacial, agroindústria, centroavante, eletroímã, microondas, microônibus, turbo-élice, etc.

## *Euler.* pronúncia correta

Quem quiser pronunciar corretamente este nome próprio, dirá *óiler.* Quem diz assim? Ninguém. Pois todo o mundo erra. Sim, caro leitor, todo o mundo erra.

A luz da lógica, não há como defender a pronúncia "êuler". Vou explicar por quê: o grupo *eu* alemão soa *ói. Euler* não é um nome português. Nem brasileiro. É um nome alemão. Ora, as palavras estrangeiras devem ser pronunciadas de acordo com a sua língua de origem. Daí por que pronunciamos *spráite* (Sprite), *náike* (Nike), *ráiluks* (Hilux), *uóchintan* (Washington), *maiâmi* (Miami), *renô* (Renault), *nókia* (Nokia), etc.

Voltemos, contudo, ao alemão. Como é que todo o mundo pronuncia este nome alemão: *Reuters?* Você sabe: *róiters.* (Alguém diz"rêuters"?)

Como é que todo o mundo pronuncia *Neubarth,* nome de uma repórter de televisão?Você também sabe: *nóibar.* (Alguém diz "nêubar"?)

Como é que todo o mundo pronunciou o nome da personagem Odete *Reutman,* de uma famosa telenovela? (Alguém falava em "rêutmã"?)

Quem seria levado a sério se dissesse que a psicanálise foi iniciada com "frêud"?

Ora, senhores, quem diz *fróid* (Sigmund *Freud),* não pode cair no ridículo (eu considero assim) de dizer "êuler". Ou a coerência não vale nada? E se a coerência não valer coisa nenhuma, desculpem-me todos, mas este não é um mundo razoável.

Pronunciar nome estrangeiro como se português fosse me soa no mínimo inaceitável. Não são poucos os que pronunciam "klassík" *(Classic)* nem "titaník" *(Titanic).*

O Botafogo do Rio de Janeiro tem um zagueiro chamado *Scheidt.* Por que ninguém pronunciava "chêit"? Nem mesmo os narradores e repórteres esportivos cometem essa estupidez. Todos dizem *cháit.* Por quê? Porque o grupo *ei* alemão soa *ai.*

O Brasil já teve um grande militar (foi até candidato a presidente da República) com o nome *Euler.* Tem um jogador de futebol também com este nome. Só se ouve "êuler". Só "frêud" explica?

## Nova Iorque

É assim que se escreve em português. Se quisermos escrever na forma inglesa, usaremos *New York. O* que não se recomenda é a grafia mista: *Nova "York".* Por quê? Porque *New York* é uma locução substantiva. E nenhuma locução se aportuguesa parcialmente. O aportuguesamento de qualquer locução deve ser completo, total.

Se temos a locução *New Wave* (nome que se deu a um movimento do cinema francês, na década de 1960), temos obrigatoriamente de aportuguesá-la por completo, ou seja: *Nova Onda,* e não *Nova "Wave".* Isto é ridículo? Pois o que certos jornalistas fazem é justamente a mesma coisa, quando escrevem *Nova "York".* Não importa que *York* seja um nome próprio (deriva de duque de *York).* A origem não é relevante.

Veja que interessante: quem nasce em *Nova Iorque* é *nova-iorquino.* Todos os jornalistas escrevem *nova-iorquino.* Ninguém, até agora, se atreveu a grafar "nova-yorkino". Ora, como pode alguém ser de *Nova "York"* e ser *nova-iorquino?* Será, sim, se coerência valer alguma coisa, "nova-yorkino". Ah, mas isso não existe!, poderão argumentar alguns. E *Nova "York"* existe?

A Academia das Ciências de Lisboa manda que se escreva *Nova Iorque* desde 1940. A notícia ainda não chegou por aqui. Apesar de todos os avanços da tecnologia...

## advertir

Quem adverte, adverte alguém de alguma coisa: *Os guardas rodoviários estão advertindo os motoristas da forte neblina na serra.* *** *Adverti-o de que não tinha razão.*

Note: em nenhum dos casos, se usa a preposição "para", nem a pre-

posição "contra", ambas tão a gosto dos jornalistas, que costumam escrever: *Os Estados Unidos advertiram a Rússia "para" que não se envolvesse no conflito do Oriente Médio. *** Governador do Amazonas adverte "para" uma ocupação internacional que já estaria ocorrendo, sem alarde, na Amazônia. *** China adverte EUA "contra" exercício militar em Taiwan.*

Ou seja: eles usam tudo! Menos a preposição correta.

## ter *bastantes* namorados

*Bastante,* nesta frase, é adjetivo, e todo adjetivo varia. Outros exemplos: *Comprei **bastantes** peras na feira. * * * Tenho **bastantes** amigos na cidade.*

Muita gente estranha, mas *bastante,* aí, eqüivale a *muito.* Faça a substituição. Como ficam as frases?

No meio jurídico, esse mesmo adjetivo ora aparece antes, ora aparece depois do substantivo e eqüivale a *competente* ou a *suficiente: Hersílio de Sousa vem, respeitosamente, por seus advogados e **bastantes** procuradores... *** Não há provas **bastantes** para a condenação do réu.*

*Bastante* só não varia quando é advérbio; nesse caso também eqüivale a *muito.* Faça aqui também a substituição e veja como ficam as frases: *Essas pessoas trabalham **bastante.*** * * * As *crianças estão **bastante** doentes. *** Os professores ganham **bastante** mal.*

Será que os jornalistas sabem distinguir uma classe de outra? Vejamos: A *proporção ideal de carne é de apenas 30% do total de alimentos de um prato - que deve conter "bastante" verduras e legumes.*

Sabem?

Um âncora de telejornal afirmou certa vez: *Nos países que conheço - e conheço "bastante"- os pobres moram no centro das cidades; os ricos, nas periferias. No Brasil é o contrário.*

No Brasil, tudo é ao contrário...

## bairro "das" Perdizes

A cidade de São Paulo conhece apenas um bairro, por sinal muito simpático (mas dos mais vitimados pela dengue): *Perdizes* (sem o artigo). Assim, ninguém mora "nas" Perdizes, mas *em* Perdizes. Nenhuma linha de ônibus passa "pelas" Perdizes, mas *por* Perdizes.

Nomes de bairro exigem normalmente o artigo (a Lapa, a Penha, o Leblon, a Tijuca, o Leme, as Laranjeiras, os Aflitos, a Pituba, etc.), mas este é uma das exceções, a par de *Ipanema, Pinheiros, Copacabana, Santana, Itapuã, Cascadura, Brotas, Cajazeiras, Tamarineiras,* etc.

As pessoas moram *na* Lapa, *no* Leme, *nas* Laranjeiras, *na* Pituba, mas também moram *em* Ipanema, *em* Cascadura, *em* Cajazeiras, etc. Quando se usa o nome de um bairro pelo de um estádio, se houver um adjetivo, omite-se o artigo. Assim, temos: O *Náutico perdeu o título **em plenos** Aflitos.*

Recentemente, uma apresentadora de um programa esportivo pela televisão, bem ao meio-dia, anunciou uma péssima notícia: *O Fluminense perdeu em "plena "Laranjeiras.*

A beleza da moça, de lindos olhos verdes, superava qualquer gafe. Pois não é que foram substituí-la tempos depois por um sujeito intolerável? A vida tem dessas coisas: os opostos estão sempre se encontrando.

## tirar "uma fina" de um carro

Não, ninguém tira "uma fina" de coisa nenhuma. Quem passa muito rente por alguém ou por alguma coisa, geralmente com um veículo, *tira **um fino.*** Mas há muita gente por aí que anda tirando "uma fina" dos outros. Há até gente mais corajosa, que quer passar ainda mais perto dos outros; então, tiram"uma fininha"...

## meses: algarismos indicativos

Só se usa o zero antes de 1 (janeiro) e de 2 (fevereiro), para se evitarem possíveis adulterações: 12/01/1987,15/02/2004. Se não procedermos assim, fica fácil, num escrito, mudar o mês de 1 para 11 e de 2 para 12, de acordo com a conveniência do falsificador.

Como não existem os meses 13,14,15, etc., não há nenhuma necessidade de usar um zero antes dos números 3 (março), 4 (abril), 5 (maio), 6 (junho), 7 (julho), 8 (agosto) e 9 (setembro). Portanto: 12/3/1949,18/4/1999, e assim por diante, ou seja, sem o 0 antes do algarismo indicativo do mês.

## O "mau" das pesquisas eleitorais

Quando um estudante confunde *mal* com *mau,* compreende-se, mas quando jornalistas de grandes e respeitados periódicos, que desejam ser formadores de opinião, fazem tal confusão, é imperdoável. Pior ainda quando, não aceitando o erro, querem justificá-lo, provocando uma emenda muito pior que o soneto.

Todo estudante que se preza sabe que *mal* pode ser substantivo (de pl. *males),* advérbio e conjunção: *O **mal** do brasileiro é sempre querer levar vantagem em tudo.* *** *Ela canta **mal.*** *** ***Mal** abriu a boca, começaram a rir.*

*Mau* é antônimo de *bom: homem **mau, mau** tempo, **mau**-humor, **mau**-caráter.*

Creia comigo, caro leitor, que isso é mais simples do que andar para a frente. Pois bem, mas aVeja publicou certa vez um artigo na seção *Ponto de Vista* com este singular título: *O "mau"das pesquisas.*

Ante a enorme grita de seus assinantes mais esclarecidos, a redação da revista não teve a humildade de reconhecer que errara, coisa a que todo ser humano, por mais perfeito que seja, está sujeito. Não. Resolveu consultar um professor de Língua Portuguesa. **E precisava?!** Mais uma vez, foi infeliz. Escolheu *mal:* o homem abalizou o emprego do "mau", mediante algumas laudas, pelas quais recebeu naturalmente polpudos

honorários. Bastaria escrever, no entanto, uma só linha: *Todo inconveniente ou toda desvantagem é um* ***mal.***

E, assim, todos estaríamos livres daquele "mau" maroto, safado, patife. O *mal* dessa revista está na caturrice crônica. (Errei?)

## mau-humor

É assim que se grafa, mas muitos substituem *mau* por "mal" nesta palavra.

Ora, se *humor* é substantivo, e *mal* é advérbio, um não pode combinar com o outro, porque a palavra que modifica o substantivo é o adjetivo *(mau);* portanto, com ou sem *mau-humor,* escreva sempre corretamente.

No *site* de um jornal de esportes, no entanto, se leu, recentemente: *No Parque Antártica, a chamada Turma do Amendoim é um grupo conhecido pelo latente "mal-humor".*

O time já causa mau-humor, a diretoria e os conselheiros do clube já causam mau-humor. E agora também o jornalista...

## mal súbito

É assim que se escreve, porque aqui *mal* aí é substantivo (o *mal,* os males), e não advérbio.

Num jornal: A *experiência universal indica que um grande número de pessoas que morrem em decorrência de traumatismo ou "mau"súbito poderiam ser salvas.*

Título de um jornal paulistano: *"Mau" súbito mata torcedor no Morumbi.*

## 220 pp. = duzentas e vinte páginas

Muitos usam "duzentos", não flexionando o numerai. Nenhum livro do mundo tem *"duzentos" e vinte páginas.*

Não obstante o óbvio, volta e meia se ouve alguém dizer, mormente pela televisão, que o acidente provocou *"quatrocentos"e quinze vítimas.* Aliás, a essa altura já serão *quatrocentas e dezesseis* as vítimas, porque uma sofreu mal súbito só de ouvir a tolice...

Certa vez, uma repórter de uma famosa rede de televisão noticiou a morte de *"duzentos"e noventa pessoas* que estavam a bordo de um avião iraniano, abatido pelos norte-americanos, no golfo Pérsico.

Os americanos abateram o avião; a repórter fulminou a língua.

## Mulheres bonitas é o que não "faltam" no Brasil

O sujeito de *faltar,* nessa frase, não é *mulheres,* mas o pronome relativo *que* (representante de um termo no singular, o pronome o). O verbo de ligação, em frases assim, concorda com o pronome neutro o, e não com o termo no plural. Sendo assim, temos: *Mulheres bonitas* ***é*** *o que não* ***falta*** *no Brasil.* *** *Candidatos* ***foi*** *o que não* ***faltou*** *ao emprego anunciado.* * * * *Vagas* ***é*** *o que não* ***falta*** *na indústria e no comércio.* *** *Fofocas* ***é*** *o que nunca* ***falta*** *por aqui.*

Como se vê, quem conhece análise sintática não comete erro em frases deste tipo. Mas há quem não queira o ensino de análise sintática nas escolas. De certa forma, é compreensível: quem concluiu todo o seu curso superior fazendo X nas questões das provas deve ter perdido o contato com o raciocínio; por isso, compreende-se a resistência a tal ensino.

## dar "de graça"

Trata-se de clara redundância. Quem dá, já entrega de graça. Dar "de graça" é chover no molhado.

Outra bobagem é *ganhar "de graça".* Ora, quem **ganha,** naturalmente não paga nada pelo objeto ganho.

Mas bobagens é o que mais se vê por aí. Um ex-prefeito de São Paulo, por exemplo, acusado de ter-se enriquecido no cargo, saiu-se com esta e com ênfase: *Eu dou "de graça" a fazenda para quem provar que tenho essa propriedade.*

Não é uma graça?

## aumentar "ainda mais"

*Aumentar* já traz a idéia de *mais.* Comete redundância, portanto, quem "aumenta mais", ou quem "aumenta muito mais", ou quem "aumenta ainda mais". É o mesmo que "diminuir menos", "reduzir menos", "subir pra cima"e"descer pra baixo".

Certa vez, uma famosa rede de televisão anunciou-se assim: *"Aumentou ainda mais "a audiência da Globo.*

*Aumentou muito* não serve?

No *site* de um jornal paulistano: *Propostas norte-americanas para o plano de livre comércio para as Américas causaram reação negativa do Itamaraty e deverão aumentar "ainda mais " as divergências entre "Brasil" e "EUA". (Brasil* e *EUA* estão entre aspas porque aparecem sem o competente artigo: o Brasil, os EUA.)

*Aumentar consideravelmente* não serve?

Num editorial de outro jornal paulistano: *Enquanto as autoridades discutem fórmulas para coibir a violência, o desprezo a medidas sensatas já adotadas para garantir a vida de testemunhas e juizes revela como a inépcia administrativa do poder público é um estimulo para que o crime organizado aumente "ainda mais "sua eficiência operacional.*

*Aumente muito* não serve?

Comentário de um megaempresário, agora também dramaturgo, no *site* da Jovem Pan: *Corre-se o risco de as reformas tributária e da Previdência, como estão sendo discutidas, aumentarem "ainda mais "o desemprego e a economia informal.*

O risco é geral...

## acrescentar "mais"

Se para alguns a redundância aqui é clara, mas outros nem tanto. Veja o que saiu num jornal paulistano, na primeira página: *A USP e a Escola Paulista de Medicina estão "acrescentando mais" aulas práticas aos seus currículos.*

É preciso, na verdade, *acrescentar* aulas, muitas aulas, a certos jornalistas. E os manuais de redação estão aí pelas livrarias, pretendendo "ensinar" normas da língua.

## acessório

É esta a palavra que significa complemento, detalhe. Eis, todavia, o que se leu no *site* de um jornal paulistano, alguns dias depois da queda de Saddam Hussein: *Adolescentes, adultos e velhos - homens de todas as idades - fazem fila nas barbearias de Bagdá para se livrar dos bigodes, "assessório " quase oficial nos tempos do ex-ditador.*

E os manuais de redação?

## É de "se" esperar que...

Não se usa o pronome *se* entre a preposição e o infinitivo quando este conjunto eqüivaler a um adjetivo *(de esperar = esperável* ou *esperado).*

Num dos editoriais de um grande jornal paulista: *Era de "se"esperar que o realismo administrativo produzisse choques frontais contra as utopias voluntaristas dos grupos radicais do PT e, mais ainda, que a imensa gama de problemas e a lentidão dos resultados das políticas adotadas para solucioná-los aprofundassem a crise de identidade pela qual passam o presidente e seus braços direitos, obrigados inúmeras vezes a negar suas arraigadas convicções pessoais.*

Escreve outro jornalista: *Como era de "se" esperar: o PT está aparelhando o Estado brasileiro e politizando a administração.*

Sempre é de esperar que os jornalistas, um dia, evoluam, aprendam a escrever. Afinal, é do homem evoluir...

## entre "eu" e ela há muito amor

Desconfie sempre de quem diz ou escreve "entre **eu".** Desconfie sempre!

*Eu* só se usa antes de verbo (claro ou subentendido); as preposições pedem *mim.* Portanto: *Entre **mim** e ela há muito amor.* *** *Nunca mais vai haver paz entre **mim** e essa gente.*

Numa coordenação deste tipo, a prioridade é sempre para a primei-

ra pessoa, principalmente quando um dos elementos coordenados possui certa extensão. Por exemplo: *Entre todos aqueles que me ajudaram a sair daquele inferno, que é o Vietnã, e "mim"sempre existiu mais do que solidariedade humana.*

Recentemente, um jornalista de uma famosa rede de televisão foi assaltado no Rio de Janeiro por quatro meliantes. Mesmo sem resistir, levou uma bala, que passou rente a sua orelha esquerda, sem atingi-lo. Considerando o fato um verdadeiro milagre, reagiu (mas só algumas horas depois): *Tenho certeza de que Deus estava entre a bala e "eu".*

Compreendeu-se a sua emoção, mas não se perdoou a sua imperícia...

## "pseuda penalidade"

*Pseudo-* é prefixo e, como tal, elemento invariável. Sendo assim, não pode haver *"pseuda", "pseudos", "pseudas".*

Esse prefixo só exige hífen antes de palavras iniciadas por *vogai (pseudo-amigo), h (pseudo-herói),* r *(pseudo-religião)* ou s *(pseudo-sábio).* Fora daí, não há hífen. Portanto, escreva: *pseudoliderança, pseudodirigente, pseudo ciência, pseudopoeta, pseudopenalidade, pseudopunição,* etc.

Os narradores esportivos é que apreciavam muito dizer *"pseuda penalidade", "pseudos árbitros", "pseuda liderança", "pseudos dirigentes", "pseuda infração".* Na ânsia de mostrarem erudição, acabavam enfiando os pés pelas mãos.

Se *pseudo-* é prefixo, e não adjetivo, jamais poderá haver a forma "pseudamente", já que o elemento *-mente* se pospõe a **adjetivos** no feminino. Eis, no entanto, o que se leu no editorial de um tradicional jornal paulistano: *Errar, todos os partidos erram. O problema do PT é ver virtudes onde existe erro, quando o erro é seu. Os outros estão sempre errados, jamais o PT. O secretário de Comunicação, Luiz Gushiken, não apenas considerou injustas as críticas que têm sido feitas ao governo, como tentou dar uma justificativa "pseudamente" científica para o aparelhamento do Estado.*

Errar, todo o mundo erra. (Era assim que deveria ter começado o editorial...)

## manter / deter / conter / entreter / obter / reter

Todos estes verbos são derivados de *ter* e por ele se conjugam: *Você é um desonesto: não **manteve** a palavra! *** Se ele **mantiver** a palavra, farei* o *negócio.* *** O *patrulheiro **deteve** o motorista bêbado.* * ** ***O** povo não **conteve** a insatisfação e vaiou o presidente.* * * * *Um dos ladrões **entretinha** o guarda, enquanto o outro roubava.* * * * *O ministro voltou dos EUA dizendo que não **obteve** novo empréstimo.* *** ***Retiveram** toda a arrecadação da partida.*

Há os que usam "manteu", "mantesse", "deteu", "conteu", "entre-

N

F tia", "obteu", "reteram", etc. Há também até certos autores e professores que defendem estas formas. O mundo anda perigoso, caro leitor, muito perigoso...

Num jornal paulistano: *O técnico e o vice-presidente do Corinthians "manteram" dois contatos sigilosos.*

No mesmo jornal: *Se o governo "manter"a correção da tabela, terá o aplauso do setor industrial.*

## "desmistificar" a matemática

Nem mesmo o mais sábio dos homens consegue tamanha proeza! Quem faz ver uma coisa como ela realmente é *desmitifica* a coisa, e não " desmistifica-a ".

*Desmistificar* é desmascarar. A gente precisa aprender a *desmistificar* todos esses charlatães esotéricos que pululam por aí, tungando os incautos. A política e a vida vivem *desmistificanâo* demagogos e corruptos. É preciso *desmistificar* o câncer de mama e incentivar o auto-exame. No jogo do amor, é preciso *desmistificar* a idéia de que os homens não gostam de se envolver e as mulheres estão sempre insatisfeitas.

Pouco antes das eleições de 2002, leu-se num jornal universitário: A *perspectiva de que um novo modelo poderia ter mais sucesso na condução da política econômica norteou também o apoio de empresários de vários setores ao candidato petista. Em uma economia globalizada, boa parte da sobrevivência econômica depende de criar competitividade. Neste cenário, muitos empresários notaram que o modelo neoliberal não era mais o adequado, apesar de o governo FHC contar com a credibilidade do mercado internacional. Parte destes empreendedores começou a ver o modelo de Lula como uma alternativa viável de crescimento econômico, ao privilegiar o mercado interno. Assim, passou-se a* ***desmistificar*** *a figura de Luiz Inácio, não mais visto como o líder de uma ruptura radical com o mercado internacional, como o patrocinador do caos.*

Perfeito.

Passemos, agora, aos imperfeitos. Recentemente, uma editora lançou uma obra sobre cálculos financeiros para todo o sistema bancário. A propaganda veio assim: *O obra procura "desmistificar" toda problemática do cálculo e torna possível aos menos versados na arte do cálculo, com a utilização da Calculadora HP12C a conclusões espetaculares.*

Num grande jornal paulista, se leu certa vez esta declaração de uma veterinária: *Temos de "desmistificar" o leite de cabra, que ainda é visto como remédio.*

Remédio é a palavra certa...

## "quadriplicar"

Não existe esta forma. A palavra correta é *quadruplicar* (= redobrar, reduplicar, tornar quatro vezes maior).

Frase de uma repórter de televisão: *O número de funcionários "fantasmas" na Assembléia Legislativa este ano "quadriplicou".*

Dois erros numa frase curta. A proporção é injusta.

Não faz muito, um repórter da TV Cultura usou "quatriplicar".

## "ultrassom"

O prefixo *ultra-* exige hífen antes de *vogai (ultra-azedo), h (ultra--higiênico), r (ultra-revolucionário)* ou s *(ultra-som).* Portanto, também: *ultra-sonografia.*

Repare nestas, que não se grafam com hífen: *ultracomunista, ultrabarato, ultracaro, ultraconservador, ultraleve, ultraliberal, ultramar, ultramicroscópio, ultravioleta.*

Alguns médicos acham que não têm nenhum compromisso com a língua. E fazem *"ultra-filtração" de sangue-,* e usam, à frente de seus consultórios: "ultrassom","ultrassonografia", etc., além de dizerem"pálato", "catéter", etc.

Tudo isso serve para quê? Para aumentar a confiança, naturalmente...

## raios "ultravioletas"

*Ultravioleta* não varia no plural: *raios ultravioleta, radiações ultravioleta, luzes ultravioleta, lâmpadas ultravioleta.*

Frase de um nobre jornalista: A *camada de ozônio que protege a Terra das radiações "ultravioletas"vai continuar nesta década.*

Coisas ruins nunca deveriam continuar. Mas continuam!

## "os meia dúzia"

*Meia-dúzia* (repare: com hífen) é palavra feminina, está bem claro, mas há os que não vêem assim. Veja como escreveu alguém, em importante jornal paulistano: *O PC do B está se esvaziando, ou seja, cresce no sentido contrário, e acabará restrito "aos meia dúzia " de dirigentes, tendo à frente o João Amazonas, que acabará falando sozinho.*

Há por aí uma meia-dúzia de jornalistas que arrepia!

## subsídio

Pronuncia-se *subcídio, e* não"subzídio". Também com valor de c tem o *s* de *subsistir* e de *subsistência.*

Quem diz "subzídio", "subzistir", "subzistência" está obrigado, por coerência, a dizer também "subzolo" e "subzecretaria". Sob pena de não subsistir por muito tempo...

O mais incrível é que há os que têm a coragem de escrever "subexis-

**N**

tir"! Veja o que nos informou um jornalista: *"Subexistem" algumas dúvidas a respeito do funcionamento da escala móvel, mais conhecida como gatilho salarial.*

O tal do gatilho veio mesmo para fazer estragos gerais...

## Dê "um chego" até aqui!

Frase própria de adolescente. Em todo o caso, é sempre melhor dar *uma chegada* e até *uma chegadinha* que dar "um chego".

## eis aqui

Há redundância nesta expressão? Absolutamente, não!

Segundo um manual de redação, porém, *eis* já significa *aqui está.* Teria cometido redundância Newton Mendonça, quando compôs, com Tom Jobim, o excelente *Samba de uma nota* só? ***Eis aqui** este sambinha, feito de uma nota só.* Há redundância aqui?

Redundância, redundância mesmo, de arrepiar pêlos e cabelos, é a que apareceu no jornal que publica esse mesmo manual: *Um diplomata africano contou que, ao chegar em Angola, em 1982, precisou comprar vara de pesca e anzol e "pescar peixe"para o seu jantar, tamanha a escassez de alimentos na capital angolana.*

Isso é que é re-dun-dân-cia.

## eis que

Não se usa com propriedade esta locução em substituição a *porque, pois* ou *porquanto.* Assim, por exemplo: *Deve chover logo, "eis que" nuvens plúmbeas se acumulam no horizonte.*

Existem certos advogados que apreciam escrever assim: *O réu foi condenado, "eis que"confessou o crime.*

Só se usa corretamente *eis que* para indicar situação de imprevisto, eqüivalendo a *de repente,* sem ser locução conjuntiva: *Quando os namoradinhos menos esperavam, **eis que** surge, então, o pai dela, furioso!* *** *Quando menos esperávamos, **eis que** desaba uma tempestade!*

## "expo"

Quando se reduzem palavras, e a redução termina em -e ou em -o, ela se torna, geralmente, uma oxítona. Assim é que temos *apê* (de *apartamento), metrô* (de *metropolitano), expô* (de *exposição),* etc.

Além do quê, diz-se *espô,* e não *"ékspo",* como muito se ouve: *Visite a "Expo" Center Norte esta semana!*

## "eme-ele"

A abreviatura do submúltiplo do litro, o *mililitro* (mL), tem sido lida desta forma: "eme-ele".

Você vai a uma farmácia, já com algum problema, aborrecido, chateado, às vezes até com dor, e o atendente então solta a pergunta: - *O senhor quer água oxigenada? De quantos "eme-eles"?*

Como você é elegante, caro leitor, naturalmente responde educadamente: - *De 50 mililitros.* Mas há pessoas neuróticas, estressadas, que respondem de forma bem diferente...

Qualquer dia destes ainda vai aparecer um "artista"por aí que vai ler *lOkm* desta forma: *dez "cá-emes".* Ou *5kg* desta: *cinco "cá-gês".*

## Cheguei, "me troquei" e saí

Não existe o verbo "trocar-se". Convém sempre *trocar de roupa.*

## Hoje, os jogadores "aquecem" no próprio gramado

Quando os atletas, antes de uma partida, preparam-se fisicamente para dela participar, eles *se* aquecem (o verbo é pronominal, rigorosamente). Hoje, muitas equipes *se* aquecem no próprio gramado; antigamente *se* aqueciam nos vestiários.

Declaração de um jogador: *Participei da preleção com os meus companheiros, até fiquei com o grupo no aquecimento. Só não "aqueci" junto com o pessoal, porque estava suspenso e não ia participar do jogo.*

Aquecer a língua é uma boa sugestão.

## em face de

É a locução que temos: ***Em face*** *das dificuldades surgidas, os ministros resolveram entregar o cargo.* *** ***Em face*** *do exposto, peço a condenação do réu.* * * * ***Em face*** *da crise energética, devemos economizar energia.* *** ***Em face*** *dos boatos de ontem, o treinador resolveu pedir rescisão do contrato com o clube.*

Na linguagem forense, sobretudo, usa-se muito a locução "face a", que não temos: *"Face ao"exposto, peço a condenação do réu.*

Os bons advogados, contudo, não a usam.

## repetir "outra vez"

Redundância visível, a exemplo de *repetir "duas vezes", repetir "de novo"e repetir "novamente".*

Não há redundância nenhuma, contudo, em *repetir três vezes* ou mais.

Alguns narradores de futebol pela televisão costumam dizer: *Vamos "rever outra vez"o lance!*

Há quem tape olhos e ouvidos...

Veja-se estoutra "maravilha" colhida num jornal: *Repetindo "a mesma coisa" que aconteceu nos EUA, o filme* Matrix *(2003) não conseguiu superar a bilheteria do* Homem-Aranha *(2002).*

### reincidir "de novo" no "mesmo" erro

Duas redundâncias em tão curta frase. *Reincidir* já significa, por si só, *tornar a praticar.* Quem *reincide,* só pode reincidir na *mesma* coisa, não há como fugir. Procure não *reincidir no erro,* caro leitor, é sempre salutar!

### lançamento novo / novo lançamento

Novas redundâncias. Nunca vi nenhuma empresa fazer lançamentos *velhos,* nem *velhos* lançamentos.

Recentemente, um conhecido professor de oratória de São Paulo, homem muito competente no seu ofício, lançou um novo livro, que teve este nome: *Um jeito bom de falar bem.* A editora que publicou a obra fez cartazes de propaganda nestes termos: *O mais "novo lançamento"do professor ...*

Não creio, porém, que o professor tenha lido o cartaz antes de o tornarem público.

### em hipótese nenhuma

É a única expressão que temos: *Não vou pedir perdão a ela* ***em hipótese nenhuma.*** * * * *Não VOU mais lá* ***em hipótese nenhuma.***

No Nordeste, no entanto, usa-se muito *"de"hipótese nenhuma: Não concordo com isso "de"hipótese nenhuma!*

Certa vez, em Recife, um irado pai vociferou a um pretenso genro: *Você, seu cabra-safado, não vai casar com minha filha "de" hipótese nenhuma!*

E o casamento, de fato, não saiu. Sorte ou azar do noivo?

### A família enlutada, os nossos "sentidos pêsames".

"Sentidos pêsames" é coisa de "demente mental": na palavra *pêsames* já existe a idéia de *sentidos, doloridos,* etc. Trata-se, portanto, de redundância clara. Há muita gente, no entanto, que, para mostrar muita sinceridade, exagera e acaba chovendo no molhado.

### milênios "de anos"

Mais redundância. Quem fala em *milênios,* já fala em *anos,* evidentemente, mas isso não bastou para que o presidente de uma central de

trabalhadores declarasse, emocionado: *Há milênios "de anos"que os trabalhadores estão sendo explorados pelos empresários.*

Emoções muito fortes são, de fato, perigosas.

## manter o "mesmo" time

Está claro no verbo *manter* a idéia de *mesmo, igual,* etc. Mas há muita gente que gosta de manter "a mesma" disposição da adolescência, que aprecia manter "o mesmo" dinamismo do ano passado, que deseja manter "o mesmo"entusiasmo dos colegas, etc. Trata-se de gente realmente vigorosa, que gosta de repetir tudo direitinho...

## substituir um dispositivo "por outro"

Ora, sim, senhor... Alguém consegue substituir um dispositivo pelo mesmo? Quem conseguir, esteja certo: é extraterrestre...

## batom "na boca"

Há certas redundâncias que arrepiam todos os pêlos e cabelos, de vivos e mortos. Certa feita uma senhora, entre admirada e crítica, disse a outra, ao nosso lado: *Veja, aquele rapaz está usando "batom na boca"!* Ora, alguém usaria batom noutro lugar?!

## planos "para o futuro" / sorriso "nos lábios" / estrelas "do céu"

Quem duvidará de que há novamente aqui mais três redundâncias? Fazer planos "para o futuro" dá a entender que alguém possa fazer planos "para o passado", o que seria, sem dúvida, uma grande inovação...

Quando ela, a um galanteio, responde com um sorriso "nos lábios", tome cuidado, porque ela também pode responder com um sorriso em outro lugar...

E os românticos que encontrarem estrelas luminosas noutro lugar, que não no céu, que me escrevam!

## não ver "qualquer" beleza em alguém

*Qualquer* se usa nas frases declarativas afirmativas; nas negativas se emprega o pronome existente especialmente para elas: *nenhum* (e variações). Portanto: *Não vejo **nenhuma** beleza nessa moça.*

Numa repartição pública se leu certa vez este aviso: *Não estão abertas "quaisquer"inscrições para o INAMPS.*

Coincidência ou não, tempos depois o INAMPS foi extinto.

## Não "grita" comigo!

Frase comum na língua falada, mas que contém erro no emprego do imperativo negativo, que vem todinho do presente do subjuntivo. Como *grita* não é forma verbal desse tempo e modo, fica fácil perceber o inconveniente, que na língua escrita é imperdoável. *Não **grite** comigo!:* essa é a ordem.

Na língua falada é comum encontrarmos frases assim: *Ela teve de casar? Não "brinca"! *** Não "cumprimenta"esse cara! Ele é indecente! *** Não "amola" o papai, filhinho! *** Por favor, não me "beija" na frente de todo o mundo! *** Não "conta"isso pro seu pai! *** Não "mexe"em vespeiro!*

Para acertar a forma, basta conjugar o presente do subjuntivo. E cada uma delas aparecerá. Pela ordem: *brinque, cumprimente, amole, beije* e *conte.*

Eis, agora, frase dita por um arcebispo brasileiro, em resposta a um jornalista que lhe perguntou se não estava na hora de o mundo ter um papa brasileiro, especialmente agora que o país tem um presidente operário: *Não, "não mistura" o Lula nessa história ainda não. Aí confunde tudo, porque ele com o Espírito Santo não se entende muito bem.*

Meu anjinho da guarda, acaba de me advertir: *Não **mexa** em vespeiro!...*

## tratar "à"

Às vezes, vemos anunciada frase assim: *Precisa-se de secretárias. Tratar "à"Rua da Paz, 100.* O verbo *tratar,* em frases deste tipo, usa-se com *em.* Por isso, quem quer tratar de um assunto, vai tratar *em* algum lugar: *Precisa-se de secretárias. Tratar na Rua da Paz, 285. *** Interessados no emprego devem tratar na Avenida do Trabalho, 153.*

## "formado-me"

Particípio não admite a posposição de pronome oblíquo: *Nasci em Bajé, tendo **me** formado em Majé.*

Não obstante isso, leu-se num jornal paulistano: As *vendas de caminhões leves da Ford têm sido fator importante na nova fase da montadora. A comercialização nesse segmento tem "ajudado-a"a contrabalançar a ausência de lucros significativos dos carros compactos. O repórter falou com o sobrinho do governador, que teria "aconselhado-o"a evitar...*

## "uns par de"

É comum, sobretudo no interior do país, ouvirmos a expressão inexistente "uns par de": *Meu time já ganhou "uns par de" títulos. Alguns, vários, diversos:* é só escolher qualquer destes pronomes, e tudo ficará em seu devido lugar.

## "Ave-maria", que mulher feia!

*Ave-maria* é nome de oração. Quando alguém se admira de algo, usa-se *ave, Maria: **Ave, Maria,** quanta corrupção! *** **Ave, Maria,** que bela classe política temos!*

Vale acrescentar que o plural de *ave-maria,* em que o elemento *ave* é interjeição latina e significa *salve,* é *ave-marias.*

Certa vez, um repórter perguntou a um de nossos ministros da área

econômica qual a saída para a crise. A resposta estava na ponta da língua: A *saída para crise é ajoelhar e rezar três "aves-marias ".*

**Ave, Maria:** ministro que não sabe ao menos rezar três *ave-marias,* tem, no mínimo, que rezar dez salve-rainhas e uns vinte pai-nossos, só para poder permanecer no cargo. Coincidência ou não, três meses depois foi exonerado.

## "normatização"

Convém usar *normalização* no lugar de "normatização", que é um neologismo dispensável. Observe que a sigla *Inmetro* assim se desenvolve: Instituto Nacional de Metrologia, *Normalização* e Qualidade Industrial.

## estar "ao" par de tudo

Quem diz *estou "ao"par* deve ficar ***a** par* disto: *ao par* é expressão de uso estritamente comercial; quando dois países negociam reciprocamente, e um compra do outro tanto quanto este lhe vende, o câmbio está *ao par,* também *ao par* estará a ação emitida por uma empresa quando seu valor atual é o mesmo do valor nominal, ou seja, aquele que se encontra declarado na referida ação.

No sentido de *estar ciente, inteirado; ter conhecimento,* usa-se *a par: estar **a** par de tudo, estar **a** par de toda a fofoca do bairro, estar **a** par da vida da vizinha, estar **a** par da cotação do dólar,*etc.

Os jornalistas parecem desconhecer a diferença.Veja como escrevem: *Jacqueline Kennedy não gostava, mas aceitava as aventuras "extra-conjugais" do marido. Estava também "ao par" dos esforços de membros do staff presidencial, afim de conseguir encontros amorosos para Kennedy.*

De quebra, o jornalista ainda escreveu"extra-conjugais".

## virar "às" esquerda, "às" direita

É perigoso à beça fazer qualquer desses tipos de conversão. Quem, um dia, precisou tomar alguma informação numa dessas pequenas cidades do interior, fatalmente já ouviu: *Vire "às" esquerda* ou *Vire "às" direita.* Nunca faça isso, caro leitor! Prefira *tomar **à** direita* ou *tomar **à** esquerda: o* perigo de ir dar a um beco sem saída é bem menor...

## levar as crianças à escola

Esta é a construção da norma culta. No português do Brasil, contudo, prefere-se o emprego da preposição "em": *Quem levou as crianças "na" escola?* No português elegante sempre se construirá: A *babá leva todos os dias as crianças ao parque.* * * * *O taxista levou o turista ao aeroporto.* *** *O namorado queria levá-la ao motel, mas ela não foi.*

## Hortênsia, estão chamando você "no" telefone

Esta é uma frase típica da língua cotidiana, sempre informal, despretensiosa. No português culto se prefere o emprego da preposição *a,*

porque *chamar,* aí, dá idéia de movimento, e em português todo verbo ou expressão que der idéia de movimento usa-se melhormente com a preposição *a.* Portanto, na norma culta: *Hortênsia, estão **chamando** você ao telefone.* *** *Virgílio, estão **chamando**-o **à** sala do diretor.* *** ***Chamei**-o ao escritório.* * * * *Ninguém me **chamou à** cozinha, para ajudar.* * * * *O professor sempre me **chama** ao quadro-negro.* *** ***Chamaram**-me **à** janela para ver o desfile.* *** *Quem é que está me **chamando** ao portão?*

São frases - convenha comigo, caro leitor - muito mais elegantes. O povo prefere chamar *"no" telefone, "na" janela, "no" portão.* Não, não está errado. É apenas uma questão de bom-gosto.

Nos jornais e revistas, essa regência popular deve ser evitada. Deve. Veja, porém, como se lê neles: *O ministro da Aeronáutica foi chamado "no" Rio para tentar explicar.*

E a elegância, o bicho comeu!

## descer ao andar térreo

Também aqui se trata de um verbo de movimento *(descer). A* preposição mais indicada para acompanhar este verbo, numa linguagem formal, mais elegante, é a preposição *a.* O povo, contudo, *desce "no" andar térreo, desce "no" porão, desce "no" ponto de ônibus.*

Não, não é errado. A questão é outra.

## "peãozada"

Não. Uma porção de peões forma uma *peonada,* e não uma "peãozada", muito comum na língua falada despretensiosa.

## Você transcreveu "certa" a frase?

*Certo* e *errado,* quando advérbios, não variam; eqüivalem, respectivamente, a *certamente* e *erradamente.* Veja exemplos: *Será que ela sabe somar **certo** a conta?* *** *Você transcreveu **certo** a frase?* *** *Enviei **certo** toda a documentação.* *** *Copiei **errado** a lição.* *** *Mandei **errado** a carta.*

Eis, agora, exemplos em que *certo* e *errado* são adjetivos, variam normalmente, portanto não eqüivalem a *certamente e erradamente: Ela transcreveu a frase **certa,** e não a frase **errada.*** *** *Ela me deu a conta **certa.*** * * * *Eles me entrearam a conta **errada.*** * * * *Está **certa** a sua frase.* * * * *O professor considerou **errada** a minha lição.*

## Antigo Testamento

Expressão preferível a "Velho Testamento", que passa a idéia de que o livro já está ultrapassado ou defasado. Os termos *velho e antigo* não são sinônimos perfeitos.

## compadecer

Este verbo, no português contemporâneo, usa-se mormente como pronominal, tanto na acepção de sentir compaixão (rege *de)* quanto na

de harmonizar-se, conciliar-se (rege *com): Cristo se compadeceu do sofrimento dos homens.* *** *Compadeci-me do seu precário estado físico.* *** *A generosidade se compadece* ***com*** *a humildade.* *** *Um juiz não pode compadecer-se* ***com*** *o crime organizado.*

De um desembargador do Distrito Federal, acusado de vender *habeas corpus* a narcotraficantes: *Não acredito que os bandidos que matam juizes pelo Brasil afora consigam aqui no Distrito Federal obter crédito em suas palavras para matar a carreira de um juiz que nunca "compadeceu" com o crime, muito menos com o tráfico de drogas.*

A língua condena...

## daqui ao estádio é uma boa "esticada"

Quem quer chegar tranqüilo a um estádio, ou a qualquer destino, sem nenhuma dor de consciência, dá uma boa *estirada* (= caminhada longa), e não "esticada". Também é *de uma estirada* que se emprega por *de uma vez, sem interrupção ou parada: Fui de São Paulo a Vitória* ***de uma estirada.*** *** *É cansativo ir* ***de uma estirada*** *até Manaus.*

## chamar

É verbo transitivo direto, na acepção de convocar: *Cristo chamou Pedro para ser seu vigário na terra. - Cristo chamou-**o** para ser seu vigário na terra.*

Numa aprazível capital nordestina, uma entidade religiosa mandou afixar *outdoors* pela cidade. Neles se lia: A *vocação é uma resposta ao compromisso bastismal.Você já descobriu para que Deus "lhe"chama?*

Eu, francamente, ainda não!...

## Cem vidas tivesse eu, "daria-as" por Carolina

Futuro nenhum aceita pronome átono posposto ao verbo. Quem deseja ser autenticamente romântico, que o seja por completo: *Cem vidas tivesse eu, dá-las-ia por Carolina.*

Os jornalistas não são o que podemos chamar o exemplo acabado de romantismo. Veja quanto prosaísmo: *Compras externas "limitariam-se"a US$600 milhões mensais. Não há dúvida de que o S40 traz algo de diferente. Por ser feito pela Volvo, "esperaria-se" uma carroçaria quadrada, formas sisudas e um feitio conservador. Que nada!*

Que nada **mesmo!**

## zircônio

Nome de um elemento químico metálico (símb.: Zr), muito leve e resistente à corrosão e ao calor, de largo emprego industrial. Muito bem, repare: o nome é *zircônio.*

Numa propaganda de um novo tipo de lentes para óculos: As *lentes*

*Crizal são tão invisíveis que você pode esquecer que está de óculos. Isso porque elas possuem a mais avançada tecnologia em anti-reflexo. Sua camada de "zircone"torna as lentes ultra-resistentes a arranhões e muito mais duráveis.*

Duráveis?!

## A mãe fez tudo para que o filho "sossegasse-se"

O modo subjuntivo geralmente exige uma conjunção *{que, se, quando,* etc.). Como as conjunções são fatores de próclise, isto é, exigem que o pronome oblíquo venha antes do verbo, não há como defender a colocação da frase acima, que se usa portuguesmente assim: *A mãe fez tudo para que o filho* ***se*** *sossegasse.*

Alguns jornalistas, contudo, nem mesmo consultam a orelha e escrevem: *Lula cometeu uma grosseria, ao temer que os interesses de Brizola "limitassem-se"apenas à sucessão presidencial.*

É incrível que jornalistas não saibam sequer colocar os pronomes nas frases. A própria orelha rejeita essa colocação.

## ele não "houve" nada, nada!

Parece incrível, mas ainda há gente que confunde *houve,* forma do verbo *haver,* com *ouve,* forma do verbo *ouvir.*

Num livro sobre aves, encontramos esta "pérola": *O papagaio é a única ave do mundo que imita a voz humana, repetindo tudo exatamente como "houve".*

Num jornal paulistano: *Nos últimos dias, o governo andou justificando o déficit comercial, que muitos atribuem ao câmbio, ao déficit público persistente. "Ouve" até comparações entre o caso brasileiro e os twins deficits (déficits gêmeos) dos Estados Unidos.*

Que mal lhe pergunte: e os manuais de redação?...

## Escrevo direito ou Direito, medicina ou Medicina?

Do jeito que achar melhor. Tais palavras, como outras que designam curso de estudo, não precisam necessariamente ser escritas com inicial maiúscula, a menos que a frase exija. Como nesta frase de pára-choque de caminhão, por exemplo, muito galhofeira: *Caso seu marido não faça Direito, eu faço.* O uso da inicial maiúscula afasta de pronto qualquer interpretação maldosa, que certamente o caminhoneiro não nos quer forçar a ter...

## adequar-se

Este verbo, assim como *precaver,* só se conjuga nas formas arrizotônicas (aquelas cujo acento prosódico recai fora do radical): *adequamos, adequais; adequemos, adequeis.* Sendo assim, a gramática tradicional não reconhece as formas *adequo, adequas, adequa, adequam* nem *adeque, adeques, adeque, adequem.* Não há, contudo, nenhum absurdo no

seu emprego: *O que mais **se adequa** às suas necessidades?* *** *Espero que meu perfil **se adeqüe** às exigências da empresa.*

A gramática estabelece sejam substituídas tais formas por outras, de verbos sinônimos, tais quais *acomodar, ajustar, amoldar,* etc. A verdade é que os verbos defectivos estão perdendo a condição de defeituosos ou incompletos para o cotidiano da língua contemporânea. Em todo o caso, convém respeitar a gramática tradicional, principalmente na língua escrita e até mesmo na língua falada, em momentos que exigem alguma formalidade, como num julgamento ou numa entrevista.

## panorama "parcial" / panorama "geral"

São impróprias as duas expressões. Se *panorama* traz os elementos gregos *pan-* (= tudo) e *-orama* (= visão, espetáculo), a palavra já significa *visão total, vista de tudo, vista geral.*

Sendo assim, nenhum *panorama* pode ser *"parcial"* nem *"geral",* conforme se leu no editorial de importante revista semanal de informação (ed. 1.597): *O Brasil passa por um momento delicado, um desses instantes de sobressalto em que os sinais se confundem no painel de instrumentos. O governo parece sem rumo, o congresso gasta o seu tempo em interrogatórios e o cidadão comum tornou-se mais descrente em decorrência da maré de escândalos. Contra esse pano de fundo, nada mais recomendável do que se distanciar um pouco do epicentro da crise para observar o "panorama geral".*

Como cidadão comum - confesso - também estou descrente. Mas não surpreso: o próprio ministro da Justiça foi a uma faculdade de Direito de São Paulo para proferir uma palestra. O tema: *Drogas nas escolas: um panorama "geral".* Pois é.

Certa vez, anotamos esta frase de um seqüestrado, logo após sua libertação: *Não fomos amarrados no cativeiro, fomos tratados como "gente humana " mesmo.*

Neste caso, é perfeitamente compreensível: a emoção superou a razão, e a síndrome de Estocolmo aflorou. Se, por acaso, você riu, não se esqueça de que "gente humana" nada fica a dever a "panorama parcial" ou a "panorama geral". Tudo é coisa de "demente mental".

## Se ela, que é mulher, não gosta de homem, "que dirá eu"!

"Que dirá eu" é expressão própria da língua falada. Na língua mais cuidada se usa *que se dirá de mim, que se dirá de nós,* etc.: *Se ela, que é mulher, não gosta de homem, **que se dirá de mim!*** *** *Se Calasãs, que é professor, escreve errado, **que se dirá de mim!*** * * * *Se ele, que é presidente, não resolve a situação, **que se dirá de nós!***

Podemos usar ainda *quanto mais eu!, quanto mais nós,* etc. e até *muito menos eu!, muito menos nós,* etc., evitando, assim, *"que dirá eu!", "que dirá nós!",* porque *eu* não "dirá"nada nunca!

## *uma* patinete / *a* matinê

É esse o gênero correto destes dois substantivos: feminino. *A patinete* ainda está na moda, mas *a matinê* parece que não tem mais vez entre os adolescentes de hoje. Ficou para trás o tempo em que os estudantes preferiam namorar na *matinê* do cinema, tempo em que pegar na mão da namoradinha era uma doce conquista! Ficou realmente no passado *a matinê.*

Já *patinete* voltou recentemente à moda. Numa revista, em manchete: *"Os velhos "patinetes viram mania.*

## gerúndio + infinitivo

Não se flexiona infinitivo que depende de gerúndio. Portanto, construiremos sempre assim: *Já foi marcada a época dos exames,* ***devendo*** *as provas* ***ser*** *realizadas no período de 5 a 20 de dezembro.* (E não: *"serem".)* *** *Alguns corpos das vítimas do acidente já foram retirados do local,* ***devendo*** *seus familiares* ***proceder*** *ao exame de reconhecimento no IML.* (E não: *"procederem".)* *** As *inscrições ao concurso estão abertas,* ***podendo*** *os candidatos* ***dirigir-se*** *à sede da empresa.* (E não: *"dirigirem-se".)* *** A *documentação está correta,* ***devendo expedir-se*** *os respectivos atestados de freqüência.* (E não: *"expedirem-se".)*

Na Folha de S. Paulo, ed. 21.130, escreveu um ex-governador paulista: *Não podem as forças democráticas "ficarem" divididas e subordinadas a interesses ou posições de intransigência.*

Começava justamente com ele a insegurança pública, vivida até hoje pelos paulistas.

## "corpo delito"

Quando alguém sofre uma agressão corporal, há repórteres que anunciam: *Foi ao Instituto Médico-Legal para fazer exame de "corpo delito".*

Isto é: falam na coisa, sem saber bem de que se trata. *Corpo* ***de*** *delito é* o conjunto dos elementos materiais que comprovam a ocorrência de um fato criminoso. Existe o *corpo* ***de*** *delito* direto, feito por meio de exame ou vistoria, e o *corpo* ***de*** *delito* indireto, que é efetivado por depoimento de testemunhas. Mas sempre corpo **de** delito.

## Ela disse que mora na Avenida Sul, número "tanto"

O pronome indefinido *tanto,* neste caso, deve figurar no plural: *Ela me disse que morava na Rua da Paz, número* ***tantos.*** * * * *Teresa me deu o telefone, número* ***tantos,*** *e partiu.*

## piscicultura

A *piscicultura* é a arte de criar e multiplicar peixes para consumo ou ornamentação. A palavra nos vem do latim *pise-* = peixe + *cultura.*

Não faz muito, porém, uma emissora de televisão apresentou uma reportagem sobre a criação de peixes em cativeiro. No vídeo apareceu (isto c incrível!): A *moderna "psicultura".*

De moderno, isso, de fato, tem tudo! As pessoas conseguem confundir o que é da alma *(psic-)* com o que é do peixe *(pise-).*

## cair na "gandalha"

Quem já não caiu, pelo menos uma vez na vida, na gandaia? Cremos que todos nós.

Uma atriz de telenovela, porém, resolveu cair de outro jeito, bem mais comprometedor: *O síndico aderiu à "gandalha ".*

Talvez tenha sido a ânsia de não parecer caipira (que diz "paia" por *palha,* "muié" por *mulher).* Preocupação, a nosso ver, descabida, já que houve até um presidente da República que declarou no exterior que os brasileiros, sem exceção, somos todos caipiras.

Mas se até o síndico aderiu à *gandaia,* a coisa devia mesmo estar muito boa!

## olhar de "esgueio"

Quem olha obliquamente, de soslaio, geralmente desconfiado, olha *de* ***esguelha.*** Mas muitos dizem "esgueio" ou "esgueia". A esses, devemos sempre olhar *de* ***esguelha.***

Escreveu incrivelmente correto uma jornalista, certa vez: *O namoro dos gansos começa com um olhar de* ***esguelha*** *da fêmea, "que" o macho corresponde sem inibição, mostrando sua excitação.*

Note: ela acertou no **esguelha,** mas se complicou na regência verbal e no uso do pronome relativo adequado. A frase que ela realmente quis usar, sem poder, foi esta: *O namoro dos gansos começa com um olhar de* ***esguelha*** *da fêmea, ao qual o macho corresponde sem inibição, mostrando sua excitação.*

É, portanto, mais um jornalista ao qual devemos olhar sempre de *esguelha...*

## ao lado de / do lado de

São ambas expressões corretas: *Você está* ***ao lado*** *dos bons ou* ***do lado*** *dos maus?* * * * *O partido expulsou os deputados e senadores que não estiveram* ***ao lado*** *do* (ou ***do lado*** *do) governo, nessa votação.* * * * *Afinal, voce está do meu lado ou ao lado deles?*

## caso "seríssimo"

Não: caso *seriíssimo.* Os adjetivos terminados em *-io* antecedido de consoante possuem o superlativo com dois *ii: friíssimo (ãefrio), maciíssimo* (de *macio), necessariíssimo* (de *necessário), precariíssimo* (de *precário), propriíssimo* (de *próprio), provisoriíssimo* (de *provisório), reacionariíssimo* (de *reacionário), revolucionariíssimo* (de *revolucionário), sumariíssimo* (de *sumário), vadiíssimo* (de *vadio),* etc.

Os adjetivos terminados em *-io* antecedido de vogai possuem, todavia, o superlativo com um *i* apenas: *feíssimo (defeio), cheíssimo* (de *cheio),* etc.

N

Os jornais, diariamente, trazem problemas *"seríssimos".* A revista Veja, por sua vez, resolveu "inovar". Na ed. 1.794, pág. 94, trouxe: *Sob a eosmecêutica, esse nome "feiíssimo", agrupam-se os cosméticos com propriedades terapêuticas e os remédios com o poder de embelezar.*

Cabe aqui aquele conhecido dito popular: *Ouviu o galo cantar, mas não sabe onde, nem como, nem por quê.*

Um dicionário (aquele) registra todos os superlativos, como *necessariíssimo, seriíssimo* e *precariíssimo,* mas (matreiramente) não registra *provisoriíssimo* nem *sumariíssimo.Vè-se:* estamos bem de dicionários...

## caixa de "Pândora"

Não, não existe esta caixa. Segundo a mitologia, *Pandora* (dó) foi a primeira mulher que surgiu no mundo. A expressão *caixa de Pandora* significa *fonte de todos os males.*

Assim, podemos afirmar que a inflação é a caixa de Pandora de toda a economia. Essa mesma frase foi ouvida de um jornalista especializado em economia. Mas com *caixa de "Pândora".*

## Você mora em Santa Bárbara "D'Oeste"?

No Estado de São Paulo, existe uma cidade muito simpática, de povo acolhedor, amigo, e mulheres lindas, sobretudo inteligentes, chamada *Santa Bárbara **d'**Oeste.*

No interior de qualquer locução substantiva própria, todas as palavras átonas se grafam com inicial minúscula. Portanto, também: *Afogados **da** Ingazeira, Santo Antônio **d'**Aldeia, Dias **d**Ávila, Estrela **d'**Oeste, conde **d'**Eu, Olho **d**Água das Flores, Rio **d'**Una, Rápido **d'**Oeste, Joana **d'**Are, Antônio **d'**Alembert,* etc.

## Você mora em "S." Paulo?

Não, moro em São Paulo. Atenção para isto: nomes geográficos não se abreviam. Portanto, escreva sempre por extenso: ***São** Paulo, **Coronel** Fabriciano, **Marechal** Cândido Rondon, **Dona** Inês, **Engenheiro** Passos, **Santa** Bárbara d'Oeste, **São** Manuel, **Dom** Pedrito, **General** Câmara, **Doutor** Severiano, **Padre** Cícero, **Frei** Inocêncio, **Tenente** Portela, **Major** Vieira, **Almirante** Tamandaré,* etc.

A norma foi fixada pela Conferência de Geografia, em 1926, com o apoio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não se estende aos nomes de logradouros públicos, que se abreviam: *Avenida **Mar.** Castelo Branco, Rua **Gen.** Carneiro,* etc.

Títulos de jornais se vêem com abreviaturas. Só se perdoa àqueles periódicos que foram fundados antes de 1926.

MM TEMPO - Em Mato Grosso existe uma cidade chamada Vila Bela da Santíssima Trindade, que, em razão de sua extensão, tem seu nome abreviado assim: *"V. Bela da SS Trindade".* Haverá perdão?

## "sagrar-se" campeão

Esta é mais uma do jornalismo esportivo brasileiro. Seus dignos representantes não se cansam de afirmar que o Corinthians "se sagrou" campeão paulista, que o Flamengo "se sagrará" campeão brasileiro. Em português, o verbo nunca admitiu tal emprego.

O mal, todavia, justamente porque é um mal, se propaga para outros setores do jornalismo. Os jornalistas da Veja também resolveram adotar o verbo inexistente: *Depois de fazer sucesso com a equipe feminina, o treinador Bernardinho "sagrou-se" campeão mundial de vôlei com a seleção masculina.* *** *Sob o comando de Luxemburgo, o time do Cruzeiro "sagrou-se" campeão brasileiro.* Aqui, dois erros, porque o Cruzeiro nem "se sagrou", nem foi campeão brasileiro, mas sim campeão da Copa do Brasil.

Nem mesmo o dicionário do "tira-teima" e do "sobressair-se" conseguiu abonar "sagrar-se" por *tornar-se.* Como se vê, o caso é grave...

## Dado "ao" interesse pelo carro, seu preço subiu

*Dado,* quando eqüivale a *por causa de,* não se usa com "a": ***Dado o*** *interesse pelo carro, seu preço subiu.* * * * ***Dada a*** *importância do jogo, foi escalado um árbitro experiente.* * * * ***Dados os*** *inconvenientes apontados, escolheu-se outra solução.* *** ***Dadas as*** *circunstâncias em que ocorreu o acidente, tudo indica que o chofer do ônibus dormiu ao volante.*

Quando *dado* eqüivale a *interessado, versado,* é que se usa *a: O rapaz não era muito* ***dado*** *ao estudo.* * * * *Edite era muito* ***dada à*** *leitura.*

Nos autos de um processo: A *vítima vem passando sérias dificuldades em residir no local, "dado às"constantes provocações proferidas pelas vizinhas.*

Não é provocação?

## tampar = tapar?

Não. *Tampar* é fechar usando tampa ou qualquer outra peça movediça própria. Assim, *tampamos panelas, garrafas, bueiros, vidros de remédio,* etc.

*Tapar* é fechar, encobrir, vedar, vendar, sem necessidade do uso d tampa. Desta forma, *tapamos* tudo o que tem tampa e o que não tem tampa: *tapamos a boca, o ouvido, os olhos, o nariz, um buraco qualquer,* etc

Numa propaganda de televisão, certa vez, recomendava-se um medicamento para desobstrução do nariz. Assim: *Dormir com o nariz "tampado"é o maior sufoco.*

Desse jeito, francamente, não dá nem para dormir...

## "emissão" de posse

Convém não confundir *emissão,* do verbo *emitir* (= pôr em circulação exprimir), com *imissão,* do verbo *imitir* (= fazer entrar, investir). Assim temos: ***emissão*** *de cheques,* ***emissão*** *de opinião,* mas: ***imissão*** *de posse*

Num jornal: *Para o juiz, o ministro está, no mínimo, mal informado, porque a justiça federal tem um andamento muito rápido no que se refere à "emissão" de posse.*

Quem mesmo é que está mal-informado?

## campeonato sul-americano "sub-20"

É o tipo de campeonato que já começa mal entre os brasileiros. Se *subvinte* se escreve sem hífen, nada muda quando se substitui a palavra por algarismos. Assim, o correto é grafar *sub20, subi5, sub23.* É até questão de economia de espaço. Mas quem é que consegue convencer certos jornalistas da vantagem de uma economia dessas?

## Qual das misses "são" as preferidas?

Erro de concordância. Qualquer pronome interrogativo no singular, antecedido da preposição *de,* exige o verbo no singular: ***Qual** das misses é a que tem mais chance de vencer o concurso?* *** ***Qual** das misses é a preferida?* *** ***Qual** de vocês **fez** isso?* *** ***Quem** de todos esses alunos **ganhará** O prêmio?*

Declara, então, a mulher de um dos candidatos derrotados ao governo de São Paulo: *As mulheres dos outros candidatos são simplesmente suas esposas. Eu não. Qual das outras mulheres dos candidatos "são conhecidas" nacionalmente, independentemente da profissão do seu marido?*

Todo pronome indefinido de singular também exige o verbo no singular, ainda que esteja seguido de nomes ou pronomes no plural. Ex.: ***Nenhum** dos três goleiros da seleção **era** bom.* * * * ***Nenhum** dos atacantes **chutava** a gol.* * * * ***Cada um** de nós **sabe** o que faz.* *** ***Cada um** dos ministros **tomava** uma decisão diferente.* *** ***Qualquer** das pessoas presentes **poderá** dar sua opinião.*

A tendência popular, neste caso, é esquecer o sujeito (o pronome indefinido) e dar toda a atenção ao nome pluralizado que se lhe segue. Daí 0 erro.

## assaltar "nos faróis"

*Farol* por *semáforo* ou *sinaleira?* Não. Todo *farol* pressupõe foco potente de luz. No sinal luminoso de trânsito não há esse requisito básico, 1 >or absoluta desnecessidade. Os portos têm *farol;* os veículos têm *farol,* mas nenhum sinal de trânsito tem "farol". Por isso, nunca pare ao "farol" vermelho: vá sempre em frente! Se encontrar, porém, um *sinal* vermelho ou um *semáforo* no vermelho, não avance!

## mau-caratismo / bom-caratismo |

São neologismos. Como ***mau-caráter*** e ***bom-caráter*** não têm um nhstantivo correspondente, oficial, cria-se. Repare neste texto de Roberlo Campos, ex-ministro do Planejamento, um dos homens mais cultos

que este país produziu: *O subdesenvolvimento não resulta de espoliação internacional ou de falta de recursos naturais. E sempre um fenômeno cultural: misto de idiotice e mau-caratismo. Infelizmente, ambas as coisas são abundantes neste subcontinente.*

Se os maus-caracteres estão em todos os cantos, enquanto os bons-caracteres minguam, tinha de existir um substantivo que representasse esse vício de personalidade tão asqueroso.

## colchão / coxão

São palavras que não devem ser empregadas uma pela outra, principalmente a primeira pela segunda, quando esta designa corte de carne: *coxão mole, coxão duro.*

Chegar a um açougue e pedir um *"colchão"duro* é confiar demais na dentadura...

## Será que o Corinthians "classifica"?

Não. Os verdadeiros times de futebol, aqueles que dão alguma alegria à sua torcida, *classificam-se* para as fases finais de seus campeonatos.

Note: o verbo é *classificar-se,* que significa *ser qualificado num torneio ou num campeonato para a fase seguinte,* e não simplesmente "classificar".

Os repórteres esportivos vivem dizendo: *Eu acho que o Corinthians não "classifica".*

E é a preposição *para* que se usa com esse verbo, e não "a".

Nos jornais se lê comumente: *O time se classificou "ã"próxima fase do torneio.* Resta saber quando é que certos jornalistas vão se classificar *para* a grande fase do jornalismo brasileiro...

## concentrar

\

Também é verbo pronominal, quando se usa, em futebol, por *ficar em concentração: Os jogadores já se concentraram para o jogo de domingo.* * * * *Há certos atletas que não gostam de concentrar-se.*

Recentemente, um jornal estampou em manchete, na página de esportes: *"Concentra"ou não "concentra"?*

O jornalista, autor disso aí, é que tinha de *se concentrar* bastante antes de ir à redação.

## sou "de" menor

Ninguém é *"de"menor* nem *"de"maior.* Na língua culta ou mais cuidada existe o *menor de idade* e o *maior de idade.* Portanto, diga sempre, como gente grande: *sou menor.* Ou, então, como gente que entende: *sou maior.*

No registro coloquial, todavia, só se encontra *"de" menor* e *"de' maior.* Um dicionário (aquele) abona as expressões impugnadas Compreende-se.

## "fundamento"

Para não continuar errando, convém que todo jogador de futebol, viciado em erros de passes, treine bastantes *fundamentos.*

Os primeiros rudimentos ou as primeiras noções básicas ou fundamentais de qualquer coisa são *fundamentos,* sempre no plural.

Agora, permita-me, caro leitor, uma opinião: jogador profissional que erra passe é algo imperdoável. Para quem só faz isso na vida, e ganha fortunas só para fazer isso na vida, é difícil aceitar. Jogador profissional que erra passes ou que erra um gol á frente da meta é comparável a professor que escreve "xarxixa". Dá pra aceitar?

## fim-de-semana = fim de semana?

Não. *Fim-de-semana* é lazer, descanso. Todo aquele que trabalha tem direito a seu *fim-de-semana* remunerado.

*Fim de semana é* final de semana. Todo *fim de semana* eu viajo.

*Fim de semana* todo o mundo tem: pobre, rico, ladrão, corrupto, bandido, político, vizinho, prostituta, etc. Todo mês tem no mínimo quatro *fins de semana.* Não há como fugir dele (a não ser morto).

*Fim-de-semana* é coisa de gente que pode usufruir as delícias da vida; é o *week-end* dos ingleses e norte-americanos.

Os parlamentares brasileiros invariavelmente "esticam" seus *fins-de-semana,* que começam na sexta-feira (de manhã) e se encerram na segunda-feira (à noite). Nem todos podemos tamanha proeza...

Apesar de ser clara a diferença (e muito simples de entender), há um grande jornal paulista que, vendo-se impossibilitado de percebê-la, adotou apenas a escrita *fim-de-semana* para ambos os sentidos. (E dá-lhe manual de redação!...)

## Reclamo não tanto por mim, "mas" pelas crianças

A palavra que corresponde a *não tanto é quanto,* e não "mas" ou "mas também", correlativos de *não só.* Portanto, reclame, mas reclame não tanto por si, *quanto* pelas crianças.

Repare ainda nestas frases: O *namorado a beijou não tanto por desejo quanto por hábito.* *** *O jogador se contundiu não tanto pelo choque com o adversário quanto pelo mau estado do gramado.* * * * *Juçara veio até aqui não tanto para buscar o livro quanto para me ver.*

Observe que tal correlação implica predomínio de um fato sobre o outro; a correlação *não só... mas também* enuncia adição de fatos, ambos importantes e significativos: *Não só eu, mas também o motorista pegamos no sono.* *** *Não só o garoto, mas também a mãe viram o disco-voador.*

## palavra de honra

Usa-se com *em: Dou minha palavra de honra em que isso é verdade.*

** * * **O** presidente deu sua **palavra de honra em** que erradicaria o analfabetismo em cinco anos . * * * Dê sua **palavra de honra em** que não vai cobrar isso dele! * * * Ela deu sua **palavra de honra em** que me procuraria.*

Na primeira página de um jornal: *O novo ministro da Fazenda deu a sua palavra de honra "de" que as taxas de juros começarão a cair a partir de hoje.*

A verdade é que as taxas de juros acabaram caindo mesmo. E o ministro também...

## As partes ou a parte contrária "entrarão" em acordo

Quando há mistura de números no sujeito composto, conforme se vê nesta frase, a concordância se faz sempre com o elemento mais próximo, e o fator determinante é a conjunção *ou,* de valor corretivo. Portanto: *As partes ou a parte contrária **entrará** em acordo. *** Os ladrões ou o ladrão **conseguiu** fugir pela chaminé. * * * O ladrão ou os ladrões **conseguiram** fugir pela chaminé. * * * Os assassinos ou o assassino **continua** solto. * * * O assassino ou os assassinos **continuam** soltos.*

Num jornal paulistano: *Existe uma síndrome do candidato. Na verdade, é o próprio candidato que fabrica sua síndrome, de modo que os sintomas ou a massa deles "variam" de acordo com a personalidade, o temperamento, o caráter (se existente) de cada caso examinado.*

Em outra edição, do mesmo jornal: *Desde 11 de setembro de 1973, "estão" em vigor no Chile um ou mais estados de exceção.*

## errata

Esta palavra é um plural latino, cujo singular correspondente é *erratum.* Assim, só tem cabimento o seu emprego quando se vai tratar de dois ou mais erros; quando se vai corrigir apenas um erro, usa-se, naturalmente, *erratum.*

Não faz muito, contudo, o Ponto Frio mandou publicar uma nota de esclarecimento na Folha de S. Paulo (ed. 25.204, pág. 5), para corrigir um único erro e encimou-a com a palavra *errata.* O Ponto Frio não teria, assim, entrado numa gelada?

Mas não é só o Ponto Frio que aprecia uma geladinha. Na pág. 10 da mesma edição da referida folha, há outra *errata.* Agora do Pão de Açúcar, que também quis consertar um erro surgido num de seus anúncios.

A vida está mesmo muito difícil. Principalmente nos supermercados...

## Isto são horas de chegar?

Esta é uma frase típica de pais preocupados, dita geralmente de madrugada... Muitos duvidam de sua correção, mas sem razão.

O verbo *ser,* quando aparece entre um pronome ou um nome no singular e uma palavra no plural, concorda com esta, a não ser em alguns casos especiais, como, por exemplo, quando o pronome ou o nome representa pessoa. Assim: *Você é grande, mas não **é** dois. *** O neto **é** as delícias dele.*

N

De outra forma, podemos construir sem receio: *Isso* ***são*** *ossos do ofício.* *** *Aquilo* ***são*** *estrelas ou são planetas?* *** *Meu lazer* ***eram*** *aqueles exercícios.* *** *Nossa diversão sempre* ***foram*** *esses brinquedinhos.* *** *Pesquisas* ***são*** *uma necessidade durante as eleições.*

Se, porém, o pronome demonstrativo **o** vem como predicativo, a concordância do verbo *ser* se faz geralmente com ele: *Problemas* ***é o*** *que não falta no Brasil.* *** *Risos* ***era o*** *que ninguém gostaria de ver naquele instante.*

Num jornal: *Mas o destaque do C3 "é"realmente as linhas modernas e bastante atraentes.*

Repare agora nestas frases, colhidas na etiqueta de uma loja: *Conforto, praticidade e beleza* ***é*** *o que procura o homem moderno. Pesquisa, tecnologia e bom gosto* ***é*** *o que oferecemos.*

## Esse livro é para "mim" ler?

"Mim" não ler coisa nenhuma. "Mim" não estudar português, "mim" só gostar de ganhar presentes. "Mim" também gostar de pipoca!

Quem é que fala assim? Só mesmo índio é que fala assim. Pois quem usa "mim" antes de verbo está falando quase igual. Sem saber.

Gente civilizada, educada, elegante, usa apenas *eu* onde o índio quer "mim": *Não deu para* ***eu*** *ir ao escritório hoje.* (E não: *Não deu para "mim" ir ao escritório hoje.)* *** *Deram um bom livro para* ***eu*** *ler.* (E não: *Deram um bom livro para "mim" ler.)* *** *Deixaram tudo para* ***eu*** *fazer.* (E não: *Deixaram tudo para "mim "fazer.)*

Não havendo verbo, aí, sim, empregaremos *mim: Deram um bom livro para* ***mim.*** * * * *Deixaram tudo para* ***mim.***

EM TEMPO - Note estas frases, todas absolutamente corretas: *É difícil para mim dirigir e prestar atenção à sua conversa.* * * * *Foi duro para mim vê-la sofrendo.*

À primeira vista, podem parecer frases de índio. Não são. Neste caso, na verdade, as frases se encontram em ordem inversa. Repare na ordem direta: *Dirigir e prestar atenção à sua conversa é difícil para mim. Vê-la sofrendo foi duro para mim.*

Reparou? O *mim* nada tem que ver com o verbo; não se trata de sujeito, mas de complemento nominal: *difícil para mim, duro para mim.*

## Não entendi "tamanhas" ignorância e falta de educação

Não. Um adjetivo ou um pronome adjetivo anteposto, quando modifica dois ou mais substantivos, concorda sempre com o elemento mais próximo: *Não entendi* ***tamanha*** *ignorância e falta de educação.* *** *Foi um caso de* ***raro*** *brilho e acontecimento.* *** *Onde estão* ***seu*** *marido e filhos?* * * * *Aonde foram* ***sua*** *mulher e filhos?* * * * *Visitarei vocês* ***qualquer*** *dia e mês destes.*

No editorial de um importante jornal de São Paulo: O *empresário fechou o ano com um protesto de "raras "felicidade e oportunidade.*

Rara infelicidade e ocasião.

Noutro jornal de São Paulo: *O mercado imobiliário tem "menores" liquidez e rentabilidade do que muitas outras aplicações.*

Enfim, o jornalismo brasileiro vai de vento em proa...

## Bom "Ano Novo" o todos!

Desejo malfeito: tanto *ano-novo* quanto *ano-bom* se escrevem com hífen e com iniciais minúsculas. Por isso, o desejo sincero só pode vir desta forma: *Bom* ***ano-novo*** *a todos!*

Numa revista: *Fumar menos está entre suas promessas para 2003? Bem, é melhor rever seus planos para o "ano novo".*

No *site* de um jornal: *Feriado do "Ano Novo" deixa 109 mortos em estradas federais.* Ué! e os manuais de redação?!

Num dicionário (aquele) se lê, na definição de *réveillon: ceia da noite de "Ano-Novo".* (Por que as iniciais maiúsculas, se assim nem o próprio dicionarista registra?)

## seja quem for

Esta é uma locução pronominal indefinida invariável, por conta do pronome *quem.* Assim, construímos: *O governo punirá todos os corruptos,* ***seja quem for.*** * * * A *morte leva todas as pessoas,* ***seja quem for,*** *pobre ou rico.*

Por ocasião do trágico acontecimento numa das faculdades cariocas, na qual foi vítima uma estudante, que ficou tetraplégica, a direção da escola emitiu uma nota em que afirma sua disposição de colaborar com a polícia e encontrar o autor ou os autores do crime, "sejam quem forem". O criminoso, até hoje, está à solta...

## instalações "hidro-sanitárias"

*Hidro-* é um elemento prefixo-radical, e nenhum elemento prefixo--radical exige hífen. Portanto: *hidrossanitário, hidroginástica, hidromassagem,* etc.

A maioria dos engenheiros e arquitetos, no entanto, continua insistindo em duas coisas: nas *instalações "hidro-sanitárias" e* no "ante-projeto". Ainda não tive o prazer de conhecer nenhum que escrevesse de outro modo, ou seja, corretamente. Ou teria sido apenas uma desagradável coincidência?

## No Sul "gia" demais no inverno

No Sul *geia* muito no inverno. O verbo é *gear,* e não "giar". Todo verbo terminado em *-ear* ganha um *i* nas formas rizotônicas. Confira: **passear** *(passeio, passeia),* **massagear** *(massageio, massageia),* **frear** *(freio, freia),* **recear** *(receio, receias),* **torpedear** (torpedeio, torpedeia), etc.

Veja, agora, como um comentarista esportivo do Rio de Janeiro, velho

botafoguense, tido até por poeta entre seus colegas, vacilou, ao escrever no Jornal do Brasil, recentemente: *Eles não fazem isto e ainda "torpediam" quem tenta defendê-los.*

Eu nunca faço isso e ainda *torpedeio* quem faz...

## "freiada"

O verbo *frear* tem como substantivo correspondente *freada,* e não "freiada". Nessa família de palavras, *só freio* tem *i;* as demais não: *freando, freava, freasse, freado,* etc.

Anote, ainda: *afear, enfear, estrear, recear, rechear, passear,* todas sem *i.* Mas todos os substantivos correspondentes com *i: feio, estréia, receio, recheio, passeio.*

Escrevem os jornalistas: *O teto solar surgiu logo depois da II Guerra Mundial, quando era preciso economizar aço ao máximo e os carros tinham parte da capota substituída por tecido. Como o tecido "enfeiava" o carro, surgiu a idéia de fazer o teto abrir.* * * * *A nova rede de televisão do Paraná deve "estreiar" dia 25 de fevereiro.*

E quando é que os jornalistas vão *estrear* um novo português, um português respeitoso?

## "no que pertine" à questão das multas

Advogados sérios, confiáveis, não usam "no que pertine" por *no pertinente,* ou *no concernente,* ou *no referente.* Além dessas expressões, esses mesmos advogados podem usar *no que concerne* e *no que se refere.* Eles jamais usam "no que pertine".

## falar "numa boa" com os adversários

Melhor será falar *às boas* com todo o mundo, e não só com os adversários. O povo gosta muito de falar "numa boa", de ficar "numa boa", mas é *às boas* que significa *amigavelmente, em clima amistoso, pacificamente.*

A expressão popular se usa com propriedade quando há um termo subentendido. Assim, por exemplo: *Passei vários dias doente, mas agora estou* ***numa boa.*** Isto é: *Passei vários dias doente, mas agora estou* ***numa boa condição, situação,*** etc.

## "louva-deus"

Nenhum bicho tem este nome. O inseto verde, predador, cuja postura, quando pousado, lembra alguém de joelhos, em oração, tem nome parecido: *louva-a-deus.* Alguns jornalistas, todavia, criaram outro bicho. Veja: *Pesquisadores norte-americanos descobriram que o "louva-deus", inseto que parece um ramo de árvore, possui um ouvido localizado no centro do corpo que tem por função, além da auditiva, iludir seus inimigos e atrair um companheiro para reprodução.*

Em que mata se encontra esse bichinho?

## do Oiapoque ao Xuí

Até bem recentemente se dizia que o Brasil ia do Oiapoque ao *Xuí.* Pois uma de nossas revistas semanais de informação informa que não é bem assim, fazendo matéria sobre o "Arroio *Chuí".* E repete várias vezes a cacografia.

A gafe é tão grave quanto a de certa emissora de televisão, quando falou num faraó inexistente, chamado "Queóps".

## "próximos 1 km"

Nas nossas rodovias, volta e meia se lêem placas assim, quando está havendo algum reparo: *Cuidado - entrada e saída de veículos - "próximos 1 km".*

Se 1 nunca foi plural (ao menos entre os terráqueos), como entender o uso de "próximos"? Ademais, os símbolos das unidades de medida se escrevem imediatamente após o algarismo, sem nenhum espaço. Além do quê, só se usa o algarismo de 2 em diante.

Portanto, a placa deveria trazer outro aviso, mais educativo, mais respeitoso: *Cuidado: entrada e saída de veículos* ***no próximo quilômetro*** (ou, por tolerância, ***no próximo km).*** Em rigor, também não se usa abreviatura sem o devido algarismo, mas por medida de economia ou de falta de espaço nas placas de sinalização, admite-se tal prática.

Quem passava pela Rodovia dos Imigrantes, em São Paulo, notava placas de aviso assim: *Fone de emergência - "cada 1 Km".* Ora...

Como se vê, o problema das nossas rodovias não está só nos buracos, nos enormes buracos, mas também nos furos, que talvez sejam até mais perigosos...

## asa-delta

Faz no plural *asas-deltas* sem nenhuma dificuldade: qualquer estudante do ensino médio sabe fazer o plural de compostos constituídos de dois substantivos, porque os dois elementos sempre variam.

Apesar de a pluralização ser corriqueira, um jornalista resolveu complicar, ao escrever: *Brasília passou a ter seus céus cortados por "asas--delta".*

Por que o erro? Imagino que seja porque não consta em nenhum dicionário, para a devida consulta. O mesmo "fenômeno" se dá com o plural de *sem-terra, sem-teto,* etc. Não há no dicionário. Sem bússola, o barco afunda mais rápido...

## ter dor "na costa"

É difícil! As pessoas não têm "costa", mas *costas.* Países é que têm *costa,* ou seja, *litoral, região à beira-mar.* Repare na imensa diferença por estes exemplos: *Minhas* ***costas*** *estão doendo: o que será?* *** *Eu estava de* ***costas;*** *fui atingido pelas* ***costas.*** * * * *Não sei por que Aguinaldo me*

*voltou as* ***costas.*** **** Qual e o único inseto que anda de* ***costas?*** **** Suas* ***costas*** *estão vermelhas: caiu ou apanhou? *** A* ***costa*** *brasileira é extensa. * * * Os navegantes alcançaram a nossa* ***costa*** *depois de mil dias. * * * A Bolívia e o Paraguai não têm* ***costa.***

De um ex-presidente: *O peso do combate à inflação não pode ser jogado somente "na costa"do povo pobre.*

Depois, um famoso humorista, no seu programa de entrevistas pela televisão, ao tentar desenhar o mapa do Brasil, fala em "costas do Brasil".

Como o pobre nunca teve "costa" nem o Brasil nunca teve "costas", como é que se dorme com um barulho desses?

## depor

Este verbo, na acepção jurídica, é transitivo direto ou intransitivo, mas nunca transitivo indireto. Portanto, construímos: *A família depôs que ele sempre foi um filho problemático. *** Todos os funcionários da firma foram obrigados a depor na polícia.*

No *site* da Jovem Pan, porém, aparece a novidade (desagradável), ou seja, o verbo usado como transitivo indireto: *Pai do médico esquartejador depõe "à"polícia.*

Ninguém depõe "a" coisa nenhuma.

## alterar

Este verbo é pronominal na acepção de *modificar-se, transformar-se, mudar,* e não é intransitivo em nenhum significado: *A cor do camaleão* ***se*** *altera de acordo com o meio. *** Seu humor* ***se*** *altera conforme as condições meteorológicas.*

No *site* de um jornal: *Desempenho do Astra bicombustível não "altera" quando se troca de combustível.*

Não há o que não se altere na pena de certos jornalistas...

## "manter a direita"

Quem viaja pelas nossas rodovias está fadado a ler placas com este aviso: "Mantenha a direita". Ou: "Conserve a direita". Mais seguro, porém, é *manter**-se*** ***à*** *direita, é conservar**-se*** ***à*** *direita.*

Outra bobagem que se lê à beira das nossas rodovias é esta: *"Mantenha a sua mão ".* É o caso de perguntar: *Com quê? Com um bom hidratante? De que marca?*

## tornar-se "em"

O verbo *tornar-se* rejeita a preposição "em". Portanto, devemos construir: *O Brasil se tornou pentacampeão mundial de futebol. *** Muitos se tornaram reféns do bandido. *** Um cão da raça pastor islandês tornou-se principal personagem das manchetes dos jornais dinamarqueses, recentemente, depois que conseguiu sobreviver por 68 dias preso em um poço, perdendo a metade de seus 22kg.*

No *site* de um jornal, em manchete, numa linda terça-feira: *Lucélia de Carvalho se torna "na" 1." brasileira a ganhar dois ouros individuais em Pan.*

Depois, no início da matéria: *Lucélia de Carvalho conquistou "nesta terça-feira" a medalha de ouro no kumite acima de 58kg do caratê nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo e se tornou "na"primeira atleta brasileira a ganhar dois títulos consecutivos em provas individuais na competição continental.*

Dizem que esse jornal se tornou o melhor do país...

## sassafrás

Varia normalmente no plural: *sassafrases.*

Num jornal: *A morte dos cedros, "sassafrás", canelas e guapuruvus, entre outras árvores frondosas, eliminou dois andares ou patamares de floresta.*

## pagar / perdoar

Estes dois verbos se usam da mesma forma: *pagar* (ou *perdoar)* alguma coisa a alguém. Note: o objeto indireto é sempre pessoa; o direto é coisa. Portanto, *pagamos* dívidas, pecados, compromissos, etc., mas *pagamos ao* dono do armazém, *ao* dentista, ao médico, ao taxista, *à* costureira, *à* professora particular, aos empregados, etc. Se transformarmos isso em pronomes, eis como fica: ***Paguei-lhe*** *ontem a dívida, não foi?* ** * *Eu quis* ***pagar-lhe,*** *mas ele não quis receber.*

Portanto, não se usa "pagá-lo", "pagar o dono do armazém" ou "pagá-la", "pagar a dona do armazém", em referência a pessoa, mas apenas *pagar-lhe, pagar ao dono do armazém, pagar à dona do armazém.*

Agora, o verbo *perdoar. Perdoamos* dívidas, pecados, desfeitas, ofensas, etc., mas *perdoamos ao* devedor, ao pecador, ao ofensor, ao irmão, *ao* vizinho, ao amigo, *ao* colega, etc. Se transformarmos isso em pronomes, eis como ficará: *Seu pai ainda não* ***lhe perdoou*** *aquela sua má-criação?* * * * *Luís, seu amigo diz que nunca vai* ***perdoar-lhe.*** * * * *Depois de muito tempo é que fui* ***perdoar-lhe.***

Portanto, não se usa "perdoá-lo", "perdoar um amigo" ou "perdoá-la", "perdoar uma amiga", em referência a pessoa, mas apenas *perdoar-lhe, perdoar a um amigo, perdoar a uma amiga.*

No *site* de um jornal, em manchete: *Mãe perdoa "o"filho pela morte de estudantes.* Logo abaixo: *Ela pede que as famílias de Liana e Felipe também perdoem "o" seu filho.*

O crime cometido foi desses que não merecem perdão.

Uma de nossas melhores revistas semanais de informação trouxe certa vez um anúncio da própria publicação em forma de advertência: A *redação é uma das provas mais temidas pelos vestibulandos. Em geral, examinadores não "perdoam quem"foge ao tema ou comete erros grosseiros. A seção Veja Educação é uma ótima ferramenta para quem deseja*

*escrever em bom português. Traz testes de vocabulário, reportagem sobre dificuldades da língua e dicas sobre recursos estilísticos. Há ainda a seção Erros e Acertos, com as regras seguidas pelos jornalistas da revista.*

Depois de errarem na regência do verbo *perdoar,* eles ainda se acham no direito de oferecer dicas sobre português. Durma-se com um barulho desses!

## benzinho / amorzinho / brotinho

São três palavras absolutamente invariáveis em gênero, mesmo em referência a mulher. Trata-se de diminutivos carinhosos, respectivamente, de *bem, amor* e *broto,* também, naturalmente, nomes sobrecomuns. Portanto, usamos: *Ifigênia é **meu benzinho.*** *** *Juçara é **meu amorzinho.*** * * * *Sua filha é um **brotinho lindo!***

Há namorado apaixonado por aí que, quando comete alguma asneira, digna de fim de namoro, sai-se com esta, junto à amada: *"Benzinha", não foi por querer. Perdoa!*

Tem perdão?

Uma jornalista, talvez vizinha desse namorado imperdoável, resolve imitá-lo, escrevendo numa folha de São Paulo: *"Brotinha": se você já fez 14 anos, mas ainda não tem 21; se mede mais de "lm68", mas não ultrapassa "os lm81"; é bonita, é bonita e é bonita, acordei*

**Acorde?!** Quem usa"brotinha","lm68"e"os lm81", em vez de *brotinho, l,68m* e o *l,81m,* ainda tem coragem de pedir que alguém **acorde?!**

## Aparecida

É este o nome da cidade paulista, onde se situa a maior basílica do Brasil, dedicada à padroeira do nosso país, Nossa Senhora Aparecida. Os jornalistas, porém, insistem em chamá-la Aparecida "do Norte", uma cidade que, em verdade não existe, assim como não existe Salto "de Itu", mas apenas *Salto.*

## aparte

É palavra masculina: ***o** aparte, **um** aparte.* No diminutivo, mantém naturalmente esse gênero: *um apartezinho.* Mas muita gente continua pedindo "uma apartezinha" por aí.

Um deputado, p. ex., num debate pela televisão, saiu-se com esta: *Hélio, se me permite "uma apartezinha rápida", gostaria de falar sobre esse assunto.*

Pois fale!...

## "por causa que"

Não, não existe nada "por causa que". Mas, apesar disso, apesar de sua inexistência, um dicionário (aquele) a registra. E mais: registra também "por causo que"! É, o mundo está ficando mesmo muito estranho, muito perigoso!

Talvez "por causo" desse registro, um provedor da Internet tenha lançado recentemente em manchete esta frase: *Felipão confessou que só usa três zagueiros "por causa que" Cafu não sabe marcar.*

Certa vez, ouvi um pseudo-apaixonado se dirigir assim à namorada: *"Benzinha, onte eu num pude vim, por causo que tive doente, apesar que tava loco pa vê ocê".*

Será que elas acreditam mesmo em gente assim?!

Certas passagens e frases da vida - não sei por quê - me fazem lembrar um fato relatado por uma professora e ocorrido numa de suas salas de aula:

*O aluno era de péssimo aproveitamento em português. A professora, sempre muito dedicada, querendo corrigir mais um de seus inúmeros erros, mandou-o escrever cem vezes o pretérito perfeito do verbo* ***caber,*** *porque ele só dizia "cabeu", em vez de* ***coube.*** *A tarefa deveria ser feita depois que as aulas terminassem, como uma espécie de castigo.*

*O garoto, então, encheu a página de* ***coube: coube, coube, coube...*** *No finzinho, escrupuloso, deixou uma nota no caderno à professora, já ausente:* ***Fessora, num escrevi cem vez por causo que num cabeu.***

Já que pra chorar não dá, a gente ri...

## pão-duro

Trata-se de nome absolutamente invariável em gênero: *turma pão-duro, namorada pão-duro, mulher pão-duro, gente pão-duro.* Da mesma forma: *Sua amiga é* ***um*** *pão-duro de marca maior!*

A Veja, no entanto, na ed. 1.626, pág. 172, revela que a linda modelo gaúcha Gisele Bündchen é *"pão-dura"*assumida.

Será?

No *site* de um jornal houve a confirmação: *Descobrimos um defeito em Gisele Bündchen: ela é "pão-dura".*

Como é que tem coragem de falar em defeito aquele que está cheio deles?!

## dedo-duro

A exemplo de *pão-duro,* também é nome invariável em gênero. Portanto, use sempre: *gente dedo-duro, vizinha dedo-duro, turma dedo-duro, namorada dedo-duro, colega dedo-duro.* Da mesma forma: *Sua namorada é* ***um*** *dedo-duro de marca maior!*

## nó-cego

A exemplo de *pão-duro* e *dedo-duro,* também é nome invariável em gênero. Portanto, use sempre: *gente nó-cego, vizinha nó-cego, turma nó-cego, namorada nó-cego, colega nó-cego.* Da mesma forma: *Sua irmã é* ***um*** *nó-cego de marca maior!*

## "marcar-mos" / "poder-mos" / "fazer-mos"

Não, não se separa a terminação *-mos* do resto do verbo. Por isso, escreva sempre: *marcarmos, podermos, fazermos, entregarmos, pedirmos,* etc.

Só os pronomes átonos se ligam por hífen às formas verbais: *marcar-nos, fazer-nos, entregar-nos, pedir-nos,* etc.

## "raspar" bigode

Ninguém, em sã consciência, faz isso. As pessoas que não são masoquistas preferem *rapar* o bigode: é bem menos dolorido!

Bigode, axilas, cabeça e pêlos se *rapam.* O que se *raspa* é taco, parede, porta, janelas e, recentemente, até bilhete de loteria.

Lembre-se das palavras de Deus a Moisés: *Os sacerdotes não* ***raparão*** *as cabeças, nem as barbas, e não farão golpes no seu corpo.*

A uma ordem de tamanha magnitude, obedece-se!

## quinta e "sexta-feiras"

Não, não deve haver variação neste caso, porque *feira* não é adjetivo. Portanto, usaremos sem nenhum problema: *O comércio estará fechado na quinta e sexta-**feira.*** * * * *Não haverá aula na segunda e terça-**feira.***

## gás lacrimogêneo

É este o nome do gás, e não "lacrimogênio", cacografia que recebeu nítida influência de *gênio.* Mas... que tem a ver *lacrimogêneo* com *gênio?* Nada. O povo, contudo, sempre vê alguma coisinha...

Não só o povo; alguns jornalistas também. Eis como se leu no *site* de um jornal, recentemente: *Em meio ao gás "lacrimogênio", opositores, situacionistas, policiais militares e a Guarda Nacional se misturam numa batalha campal nas ruas da capital da Venezuela.*

*A* luta continua...

## Cheguei agora "do" Guarujá

É assim que se ouve sempre. Mas nomes de cidade rejeitam o uso do artigo. Note que todos empregamos assim: *Cheguei agora* ***de*** *Campinas,* ***de*** *São José do Rio Preto,* ***de*** *Santos,* ***de*** *Jaú,* ***de*** *Bauru,* ***de*** *Franca,* etc., sempre sem o artigo. Portanto, também: *Cheguei agora* ***de*** *Guarujá, voltei* ***de*** *Guarujá, estou* ***em*** *Guarujá, não conheço Guarujá.*

Existe atualmente uma certa febre, na mídia brasileira, de usar o artigo não só antes dos nomes de cidade *{"o" Jaú, "o Bauru", "a Franca",* etc.), mas agora também com nomes de Estado que não exigem essa classe de palavras. Então, ouve-se: *"o" Sergipe, "o"Pernambuco, "o" Goiás; cheguei agora "do"Sergipe; estou "no"Pernambuco, já voltei "do" Goiás.*

No *site* de uma folha paulistana: *Avião da FAB some em vôo "no PE".* Dias depois, no mesmo *site,* apareceu esta manchete: *Tornado "no"*

*Chipre deixa 30feridos.* Dias depois, no mesmo *site: Portuguesa contrata jogador que estava "no" Chipre: o meia Luciano Souza, 31, que estava no AEL Limassol, "do" Chipre, assinou contrato por um ano.* Agora, no *site* de tradicional jornal paulistano, em manchete: *MST realiza sete ocupações "no" PE.*

Nessa baderna toda, quem acaba se machucando são os que se orientam pelos tais manuais de redação, que são, sem dúvida, uma maravilha!...

Ou seja, é um festival de invenções, que só podem sair mesmo de cabecinhas altamente privilegiadas.

## mulheres *alemãs* e crianças *catalãs*

Perfeito. *Alemão* faz no plural *alemães-, alemã* faz no plural *alemãs; catalão* faz no plural *catalães;* no feminino, *catalãs.* Aliás, todas as palavras terminadas em *-ã* fazem o plural mediante o acréscimo de s: *fã, fãs; romã, romãs; amanhã, amanhãs,* etc.

De um jornalista: *Depois de uma guerra nuclear, não haverá "amanhães".*

Ou seja, para esse jornalista, existe *"amanhão",* e não *amanhã.*

Não é assustador?

## Deus - "nEle"

Em referência a Deus, grafa-se com inicial maiúscula o pronome ou a contração: *Creio muito em Deus e espero que Ele sempre esteja comigo. *** Acredito em Deus e confio Nele. *** Acredito em Deus e quero estar sempre junto Dele.*

Há muitos, no entanto, que usam "nEle", "dEle", etc.

## visar / aspirar

São verbos que exigem a presença da preposição a, no sentido de *pretender, objetivar: visar* ou *aspirar **a** um cargo, visar* ou *aspirar **a** um prêmio, visar* ou *aspirar **a** uma boa carreira, visar* ou *aspirar **a** um diploma, visar* ou *aspirar à presidência da República.*

Ambos os verbos podem (note: *podem)* dispensar a preposição, se vierem antecedidos de infinitivo. Portanto: *ele visa* (ou *aspira) conquistar esse cargo; ele visava* (ou *aspirava) eleger-se no primeiro turno.* Os que primam pelo rigor, no entanto, preferem construir: *ele visa* (ou *aspira) **a** conquistar esse cargo; ele visava* (ou *aspirava) **a** eleger-se no primeiro turno.*

Na mídia: *Nas emissoras de televisão não há nenhuma preocupação com programas que visem "o"desenvolvimento da criança, como programas de cunho educativo. *** Parreira não conseguiu fazer o treino nesta segunda-feira na China, visando "o" amistoso marcado para quarta, às 9h30 contra a seleção chinesa.*

Acho que estamos precisando criar urgentemente um programa que **vise** ao melhor desempenho profissional de alguns jornalistas.

## ver / vir

Cuidado, ao usar estes verbos! O problema maior com o primeiro se dá no futuro do subjuntivo. Muitos usam *"se eu ver",* o que não existe. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é este: *vir, vires, vir, virmos, virdes, virem* (que muitos pensam ser do verbo *vir).* Portanto: *Se eu **vir** Juçara, darei o seu recado. *** Quem **vir** meus filhos por aí, por favor, avise-me! * * * Na hora que eu **vir** Selma, vou arrancar-lhe os cabelos! * * * Não vou descansar, enquanto não **vir** esse caso resolvido. *** Aquele que **vira** Deus e continuar ateu, não terá salvação.*

O futuro do subjuntivo do verbo *vir é: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.* Eis frases com tais formas: *Se eu **vier** aqui amanhã, falarei com vocês. *** Quem **vier** mais cedo será recompensado. *** Quando eu **vier** aqui novamente, tudo será diferente. * * * Na hora que eu **vier** a Salvador, resolverei esse caso. *** Aquele que **vier** a Deus e não **O** vir, não merecerá salvação.*

Só por mera curiosidade, eis como aparece nos jornais: *Quem passar pela Avenida Ribeiro Dantas, em Bonsucesso, e "ver" o rosto do Cristo Redentor...*

Isso me faz lembrar aquela frase de pára-choque de caminhão: *Se você me "ver" abraçado com mulher feia, separe, que é briga!*

## Estamos no *2005.°* ano da era cristã: como escrever por extenso?

Assim: *estamos no **segundo milésimo quinto** ano da era cristã.*

Suponhamos, agora, que você tenha sido o *3001* ° colocado num concurso. Escreverá, então: *Fui o **terceiro milésimo primeiro** colocado no concurso.*

Suponhamos, ainda, que alguém seja a 5.232.- pessoa de uma fila. Dirá, então, revoltado, naturalmente: *Sou a **quinta milésima ducentésima trigésima segunda** pessoa da fila!*

## os democrata-cristãos

É este o plural de *democrata-cristão.* Quando um composto é formado de dois adjetivos, só o último varia: *social-democratas, nacional--socialistas, social-liberais, marxista-leninista, policial-militares, liberal-progressistas,* etc.

Numa revista semanal de informação: *Segundo a pesquisa, os "sociais-democratas" receberiam 40% dos votos contra 38% dos "democratas-cristãos".*

No principal jornal baiano, esta manchete: *"Democratas-cristãos" deixam o governo de Berlusconi.*

Assim, não há cristão que agüente!

## "aparição" do papa no terraço da basílica

Os jornalistas brasileiros insistem em confundir *aparição* com *aparecimento.* A primeira só se usa com seres sobrenaturais e com fenômenos; a segunda é que se aplica aos demais casos. Assim, temos: *a **aparição** da Virgem, a **aparição** de um fantasma, de uma alma, a **aparição** do Sol, de um cometa,* etc.

Mas: o *aparecimento do papa no terraço da basílica, o aparecimento do governador para falar com um seqüestrador, o aparecimento do candidato para as câmaras de televisão,* etc.

Eis como se viu escrito numa de nossas revistas semanais de informação: *Jader Barbalho faz "aparições" certas nos três noticiários diários.*

O jornalista não soube informar, porém, quando foi que o ex-senador virou fantasma ou qualquer outro ser sobrenatural...

## "Anexo" segue a foto

*Anexo* não é advérbio (palavra invariável), mas adjetivo (palavra variável). Como o adjetivo toma sempre o gênero e o número do substantivo modificado, temos: ***Anexas** seguem **as** fotos.* *** ***Anexos** seguem **os** recibos.* *** ***Anexa** segue **a** nota fiscal.* *** ***Anexos** envio **os** documentos.* *** *A foto está **anexa** aos documentos.* * * * ***A** Alvares Penteado era uma escola **anexa** ao curso superior.* *** *Vão aqui **anexos seus** livros preferidos.*

Eis outro exemplo de emprego inadequado dessa palavra: *"Anexo" à presente envio-lhe a nota fiscal.* Vemos aí *anexo* novamente como advérbio. A frase legítima é: ***Anexa** à presente envio-lhe **a** nota fiscal.*

Apenso se usa rigorosamente como *anexo.* Convém, contudo, não confundir *anexo* com *incluso* (= o que está dentro, o que está contido; ou seja, eqüivale a *incluído). Anexo* é o que está junto, ligado, unido. Repare nestes exemplos: *Já está **inclusa** na conta **a** comissão do garçom.* *** *Seguem **anexas as** novas listas de preços.*

## "em anexo"

Os que sentiam uma natural dificuldade no emprego de *anexo* como adjetivo resolveram encontrar uma saída (pouco honrosa) para o problema: criaram a locução "em anexo", que, como locução, não sofre variação nunca. Ora, "em anexo" eqüivale rigorosamente a "em junto". Quem enviaria *"em junto"* sua foto?

## "lapizão" de cera

O aumentativo de *lápis* - qualquer criança sabe - é *lapisão,* mas uma fábrica de lápis de cera achou de estampar na caixa do seu produto, em letras enormes: *"Lapizão" de cera.* Não tenho visto o referido produto: ou acabou, ou mudaram o nome. Se acabou, mereceu; se mudaram o nome, fizeram-no a tempo.

## creme dental com "micro-partícula"

Cuidado com esse tipo de creme dental! Há uma empresa que anda divulgando aos quatro cantos do mundo que acabou descobrindo isso aí. Se tivessem feito propaganda de um produto com *micropartícula,* talvez fossem levados mais a sério.

O elemento *micro-* não se liga a nenhuma palavra mediante hífen, com apenas uma exceção: micro-habitat.

## As vendas do comércio caíram "em" 30%

O verbo *cair,* assim como *aumentar* e *diminuir,* não admite "em", nesta frase e semelhantes: As *vendas do comércio **caíram** 30%.* *** As *vendas de veículos **caíram** 10%.* *** *As vendas de chuchus **aumentaram** 50%.* *** A *inflação **diminuiu** 8% este ano.*

Nos jornais: *Conjunto de opcionais pode aumentar o preço de um carro "em"mais de 20%.* *** *O movimento de compensação de cheques em Salvador caiu "em" cerca de 30%.*

A paciência de alguns já caiu 100%.

## puro-sangue / pele-vermelha / cara-pálida / pronto-socorro

São substantivos compostos formados por adjetivos e substantivos, elementos que variam normalmente no plural: *puros-sangues, peles-vermelhas, caras-pálidas* e *prontos-socorros* (có).

Nos jornais: *Criar cavalos "puro-sangue" é um negócio milionário.* *** A *miséria é intercalada com publicidade de jatos particulares e cavalos "puro-sangue".* *** *Gerônimo, líder dos "pele-vermelha".* *** *Com a greve dos médicos, a população passou a procurar os "pronto-socorros " da Prefeitura.*

Pois é.

## lotação

Pode ser palavra feminina ou masculina, com significados diferentes.

***A lotação*** é a capacidade de veículos coletivos, elevadores, salas de espetáculo, estádios, etc.: ***a lotação** do ônibus é de 40 passageiros.*

*O lotação* é redução de *autolotação,* ou seja, qualquer veículo coletivo (carro, perua, ônibus, etc.) que transporta passageiros de um ponto a outro da cidade, com maior rapidez e preços maiores que os coletivos de linha regular, saindo do ponto de origem somente quando se completa a sua capacidade de transporte. Assim, usaremos: O *motorista **do lotação** estava nervoso, porque o prefeito o proibiu de trabalhar.* *Há muitos **lotações** clandestinos na cidade.*

Num telejornal: *A população paulistana voltou hoje a se apertar "nas" lotações, por causa da greve dos ônibus.*

## muçarela

É este o aportuguesamento correto do italiano *mozzarella.* Nunca é demais repetir: os dois zz italianos dão c ou *ç* em português, mas jamais"ss".

Há uma variante, *mozarela,* que deve ser desprezada, porque ninguém usa. Nem o *seu* Mané, do boteco da esquina, que prefere escrever "mussarela". *Mozarela,* no entanto, ele se recusa a escrever no cartaz do seu estabelecimento. Tem bom-gosto. E bom-senso.

Um dicionário (aquele) registra *mozarela* a par de *muçarela,* mas (veja!) dá o gênero feminino para a primeira e masculino para a segunda.

A vacilação oficial acerca da ortografia deste italianismo tem provocado desencontros ortográficos em alguns periódicos, entre os quais a Veja, ed. 1.785, pág. 60, que traz três vezes "mussarela", justamente a forma preferida do seu Mané.

## É para *a* frente que se anda

Perfeito. Há muita gente que deseja andar *para trás,* quando escreve: *É "para frente" que se anda,* isto é, sem o devido uso do artigo antes da palavra *frente.* Note que em situação antônima (com o uso de *atrás),* o artigo não aparece.

Antigamente, ficou famosa uma frase entre nós: *O Brasil é um país que vai pra frente.* Está correta. Por quê? Porque aí houve a contração de *para a* em *pra.* Aliás, não eram poucos os que diziam: *O Brasil é um país que vai "pa "frente.*

A verdade é que, com *pra* ou com"pa", o país ainda não foi. Irá?

## "semi-final" / "semi-novos"

O prefixo *semi-* só exige hífen antes de palavras iniciadas por **vogai** *(semi-analfabeto, semi-automático, semi-eixo, semi-interno, semi-oculto, semi-úmido),* **h** *(semi-horda),* **r** (*semi-reta*) ou s *(semi-selvagem).* Em qualquer outro caso, não deve aparecer o hífen.

No *site* de um jornal: *Peixe obtém um bom resultado na Cidade do México. Precisa de uma vitória simples na Vila para ir à "semi-final".*

Chega a ser inacreditável que ainda haja jornalistas que escrevam "semi-final", assim como inacreditável são as revendedoras de automóveis que vendem "semi-novos".

## movimento "ético-moral" na política

Trata-se de uma redundância: o grego *ethike* corresponde ao latim *morale.* Sendo assim, *ética* e *moral* são rigorosamente sinônimos. Daí por que não existe nada (sério, pelo menos) que seja *"ético-moral"* ou *"ético e moral",* tão a gosto da oposição brasileira. ***Essa é uma questão de ética e sobretudo de moral,*** foi a frase de conhecido político brasileiro, que até chegou à presidência da República.

## A medida tornou "inelegível" vários candidatos

A palavra *inelegível* está modificando um termo no plural; portanto: A *medida tornou* ***inelegíveis*** *vários candidatos.*

Eis outros exemplos: *Faço* ***minhas*** *as suas palavras.* *** *Deixaram* ***esburacadas*** *as estradas federais.* * * * *É preciso tornar novamente* ***agradáveis*** *as noites paulistanas.* * * * ***O*** *voto eletrônico tornou* ***impossíveis*** *as fraudes.* *** *Convém tornar* ***úteis*** *os deficientes físicos.*

Nos jornais: *O IBGE só considera como "desempregado"aqueles que procuraram emprego nos 30 dias anteriores à consulta.* * ** *O governo vai divulgar nova tabela do IPI de modo a tornar "compatível" as alíquotas brasileiras "às" cobradas pelos seus parceiros do Mercosul.*

No lugar de "compatível" deveria estar *compatíveis;* no lugar de"às", *com,* que é a verdadeira preposição pedida por *compatível.*

Como se vê, o jornalismo brasileiro continua evoluindo...

## *plantei* de jogadores

*Plantei* é palavra que se usa com propriedade em alusão a atletas de primeira linha, a craques. Assim, o Flamengo tem o seu *plantei,* o Palmeiras tem o seu *plantei,* o Cruzeiro, o Atlético Mineiro, o Grêmio, o Inter, etc.

A Folha de S. Paulo, todavia, publica em seu manual de redação exatamente o inverso, ou seja, condena o emprego da palavra *plantei* em referência a jogadores de futebol.

## "estupideza" sem "tamanha"

É certo que "estupideza" é uma aberração, mas nem por isso deixa de constar em dicionário (aquele).

Os que variam o pronome *tamanho,* quando faz parte da expressão *sem tamanho* (= enorme, grandioso) demonstra desconhecer os princípios mais elementares da língua portuguesa.

Conhecido jornalista esportivo, que pensa conhecer todos os segredos da nossa língua, mas já notável pelos furos que comete, soltou isto, não faz muito tempo: O *deputado Eurico Miranda é de uma desfaçatez sem "tamanha"!*

Ao ouvir a desfaçatez, acabei eu próprio ficando com uma cara *sem tamanhol* O referido deputado pode ter lá seus pecados, mas até para criticar é preciso ter alguma classe, saber o que faz. Senão, perde-se a autoridade (quando se tem, naturalmente).

Não é por acaso que já lhe chamam *Zezinho Kfuro.*

## engajado / alistado / integrado / reintegrado

Usam-se de preferência com a preposição *em,* assim como todas as palavras da mesma família, além de *condução* e *recondução: estar* ***engajado*** *num movimento, numa candidatura; estar* ***alistado no*** *Exército;*

*já estar integrado no plantei; ser reintegrado nas funções; engajar-se na luta; o alistamento no Exército; integrar-se no grupo, a condução* (ou *re-condução) do funcionário no cargo se deu por mandado judicial.*

Nos jornais: *Há dentro do próprio Palácio do Planalto uma corrente não engajada "à"candidatura oficial. *** Fábio Costa é reintegrado "ao" elenco do Corinthians.*

Declara uma professora de Psicologia da Educação, na revista Veja: *Se o indivíduo não consegue se integrar "a"uma sociedade, tenta destruí-la.*

Sem dúvida...

## Não estou hoje "nos" meus melhores dias

Quando alguém se levanta visivelmente mal-humorado, pode dizer que não se levantou *num dos seus melhores dias,* mas não "nos seus melhores dias".

Como estou hoje *num dos meus melhores dias,* posso ainda continuar explicando: uma pessoa que dança, depois de longo tempo de inatividade, pode dizer a seu par: *Estou como **nos meus melhores dias.*** Agora, sim, podemos usar a expressão toda no plural, porque se trata de uma comparação: entre os tempos antigos e os atuais.

## Dersa

Sigla de *Desenvolvimento Rodoviário S.A.* Como as siglas são do mesmo gênero da primeira palavra que as formam, *Dersa* é **o,** e não "a". Não importa que seja empresa. O SBT também é empresa e é **o,** porque é ***Sistema** Brasileiro de Televisão.*

Apesar da evidência, ainda há quem continue falando em "a" Dersa. Há quem continue escrevendo "a"Dersa. A gente entende...

Os jornalistas da Veja se emendaram por um tempo, escrevendo corretamente: **o** Dersa. De repente, porém, a recaída: novamente na revista só se lê "a"Dersa. A gente sempre entende...

## Os sabonetes custaram R$5,00 "cada"

O pronome *cada* é sempre adjetivo, por isso não se usa isoladamente. Portanto: *cada pessoa, cada sabonete, cada um,* etc.: Os *sabonetes custaram **R$5,00 cada um.***

Num dicionário, distribuído oficialmente nas escolas, aprovado pelo MEC, encontrou-se esta definição de basquete: *Jogo disputado entre duas equipes de cinco pessoas em dois tempos de vinte minutos "cada ".*

Quem são as vítimas? As nossas crianças, naturalmente.

## cheirar

Na acepção de *ter ou exalar cheiro,* este verbo se usa sempre com **a** (é transitivo indireto): *Suas mãos **cheiram a** perfume. *** Sua camisa está **cheirando a** cigarro.*

Pode significar também *ter semelhança com: Isso **cheira a** malandragem.* * * * *Isso está **cheirando a** golpe.*

Um jornalista, âncora de telejornal, já disse isto, entre outras coisas censuráveis: *O desfecho desse escândalo está "cheirando pizza" com sobremesa de marmelada. ISSO É uma ver-go-nha!*

O Brasil está cheio de vergonhas.

## o mesmo

É vicioso o emprego de "o mesmo" em substituição a pronomes. Repare nestas frases: *A polícia foi atrás do bandido, mas **ele** conseguiu fugir.* (E não: A *polícia foi atrás do bandido, mas "o mesmo" conseguiu fugir.)* * * * *Compraram o livro e não **o** levaram.* (E não: *Compraram o livro e não levaram "o mesmo".)* *** *A inauguração do cinema se deu ontem; **a ela** compareceram várias autoridades.* (E não: A *inauguração do cinema se deu ontem; "ã mesma" compareceram várias autoridades.)* *** *O fenômeno foi visto por Luísa e Manuel, **que** não quiseram dar entrevistas sobre **ele.*** (E não: *O fenômeno foi visto por Luísa e Manuel, e "os mesmos " não quiseram dar entrevistas sobre "o mesmo".)*

Nos jornais: *Haverá maneira de se consumirem frutas e hortaliças sem que "as mesmas"percam as suas propriedades nutritivas?* *** *O signo de Touro é justamente o que exalta os valores materiais, ou a preservação "dos mesmos".* *** *De fato, foi uma grande idéia promover esta Feira de Artesanato, mas é preciso que "a mesma" seja trabalhada de maneira profissional.*

Como se vê, a imprensa continua **a mesma...**

Agora, num dicionário (aquele): ***Rapto consensual.*** *Crime que consiste em raptar mulher maior de 14 e menor de 21 anos, com o consentimento "da mesma".*

## dizer "em" aüto e bom som

Não, é preferível dizer *alto e bom som* (sem a preposição "em"): *O pai disse **alto e bom som:** neste mês você não vai ter mesada!* *** *O ganso é uma boa ave de guarda: ele tem bons ouvidos e emite **alto e bom som** o seu alarme, ao perceber alguma anormalidade.* * * * *Ela repetiu **alto e bom som:** Não quero mais nada contigo!*

Numa revista: *Garotinho disse "em" alto e bom som que sua sucessora (Benedita da Silva) irá tungar os servidores, mudando a data de pagamento do funcionalismo e deixando de antecipar o 13° salário.*

Houve quem, sem ser servidor fluminense, tenha se sentido tungado...

Um dicionário (aquele), todavia, registra a expressão também com a preposição. Não me surpreende. A gente está acostumado a ser tungado...

## Desesperado, ele "começou chorar"

Antes de infinitivo, *começar* não dispensa a preposição: *Desesperado, ele começou **a** chorar. * * * É preciso começar **a** pensar no futuro. * * * Quando você começará **a** ter juízo? *** Em que século os jornalistas brasileiros vão começar **a** escrever melhor?*

Além de *começar,* também *aprender* exige a preposição **a:** *aprender* **a** *nadar, aprender* **a** *dirigir, aprender* **a** *viver.*

No *site* de um jornal: *"Aprenda cuidar"dos pés.*

Não estaria na hora de aprender **a** cuidar da língua?

Curioso é que no mesmo *site,* no mesmo dia, apareceu ainda isto: *Veja o que "vai acontecerá"hoje nas novelas.*

"Foi aconteceu" o quê?

## "Viva" os brasileiros!

Embora todo o mundo use *viva* como se fosse uma interjeição, trata-se de um verbo, sujeito, portanto, a variações. *Salve!* é que é interjeição e não varia nunca. Se o sujeito do verbo *viver,* em frases assim, estiver no plural, o verbo deverá, naturalmente, acompanhá-lo. Portanto: ***Vivam** os brasileiros! *** **Vivam** os noivos! *** **Vivamos** nós, brasileiros! *** **Viva** eu! *** **Viva** ela! *** **Vivam** as férias! *** **Vivam** os políticos brasileiros!*

Recentemente, uma revista de moda lançou publicidade com esta frase: *"Viva"os novos tempos!*

Como os velhos ainda não morreram, que **vivam** os velhos e os novos tempos!

## um doze "avos"

A palavra *avo,* que só se usa com denominadores acima de dez, concorda com o numerador. Portanto, ***1**/12* se lê **um** *doze* **avo,** ***2**/12* se lê **dois** doze **avos.**

Há um dicionário que "ensina" diferente: que devemos sempre usar "avos". Não. Talvez por causa desse "ensinamento", escreveu certa vez uma jornalista: *O TGV, trem francês que desenvolve 270km/h, poderá fazer a ligação entre São Paulo e o Rio de Janeiro. Sozinho, hoje, o projeto custaria cerca de 3 bilhões de dólares - exatamente um 75 "avos "da dívida externa brasileira.*

## sósia

É nome sobrecomum, ou seja, usa-se ***o** sósia* tanto para a mulher quanto para o homem, assim como *criança, vítima, testemunha, pessoa, ídolo,* etc. Portanto: *Todos queriam ver **o sósia** da rainha, que era uma mulher brasileira. ** * **O sósia** de Julia Roberts no Brasil é uma garota de **16** anos. *** Estavam procurando **um sósia** para Natalie Portman, mas não encontraram.*

Os dicionários brasileiros, no entanto, insistem em registrar este substantivo como comum-de-dois. Não é assim em nenhuma língua latina.

**N**

## Quando eu "pôr" a mão naquele dinheiro...

O futuro ão subjuntivo do verbo *pôr* é *puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.* Todos os seus derivados, que são muitos, conjugam-se por ele: *apor, compor, depor, dispor, expor, impor, opor, propor, repor, sobrepor, supor, transpor,* etc.

Numa das revistas masculinas: *As vésperas da eleição presidencial, o episódio apressou mudanças. Estava claro, então, que um novo elemento se "sobreporá"à tradicional divisão entre republicanos e democratas.*

"Sobreporá", em vez de *sobrepusera,* é de dividir não só republicanos e democratas...

## Lurdes é da mesma idade que "eu"

Nas comparações, é comum estar subentendido termo ou termos já anteriormente mencionados, mas na frase apresentada não há nexo sintático entre "eu" e outro termo anterior. Portanto, convém comparar assim: *Lurdes é da mesma idade que* ***a minha.*** (Isto é: Lurdes é da mesma idade que a minha **idade.)** *** *Hersílio é do mesmo time que* ***o meu.*** (Isto é: Hersílio é do mesmo time que o meu **time.)** [E não: *Hersílio é do mesmo time que "eu".]*

## adido

*Adido* é funcionário auxiliar de uma embaixada, sem pertencer ao quadro diplomático nem estar subordinado a chefes, que trabalha numa repartição em tarefas bem definidas ou específicas. O feminino é *adida.* Rege **a:** *Visitei um* ***adido*** *à embaixada brasileira em Paris.* *** *Hersílio é o novo* ***adido a*** *imprensa.* (Atenção: esse **a** é mera preposição, por isso não tem acento grave.)

Alguns jornalistas ainda escrevem: A *"adido"cultural "da"embaixada brasileira explicou que...,* ou seja, dois erros em cinco palavras.

Numa revista: *Pelo menos vinte leitores estranharam a ausência de Portugal no ranking do turismo, publicado na reportagem* Os estrangeiros sumiram. *João Mota Pinto, adido comercial "da" embaixada de Portugal em Brasília, escreveu para a redação lembrando que o país recebe 12,2 milhões de turistas por ano.*

## "madrilenho"

Quem nasce em Madri, capital da Espanha, é *madrileno,* e não "madrilenho". Eis, porém, como escrevem nossos jornalistas: *Ronaldo esteve numa famosa boate "madrilenha" para comemorar o aniversário de Beckliam e passou a noite na companhia de amigos.* *** *Nas poucas vezes em que saia para o ataque, o time "madrilenho"parava na eficiente marcação feita pelo time do Barcelona durante toda a partida.* * * * *Confundir um barcelonense com um "madrilenho" é o caminho mais curto para entrar numa "fria".*

## empresas "laranjas"

Todo e qualquer substantivo usado em função adjetiva não varia. Assim, temos: *empresas laranja, empresas fantasma, promoções surpresa, seqüestros relâmpago, produtos pirata, crianças prodígio, operários padrão, carros esporte, elementos chave, países tampão, carros chefe, camisas vinho, sapatos gelo, tons pastel, ternos cinza,* etc.

AVeja, ao comentar a prisão dos donos da Schincariol, por sonegação fiscal, em junho de 2005, fez-nos ler assim: *Empresas "laranjas" ou de fachada emitiam notas fiscais frias.*

## Cheguei "às" dez para a meia-noite.

Este é um erro generalizado entre nós, brasileiros. Ora, se *dez* se refere a **minutos** (que é palavra masculina), não tem cabimento chegar"às" dez para a meia noite, mas sim **aos** dez para a meia-noite, ou seja, **aos** dez **minutos** para a meia-noite.

Acostumemos as orelhas: O *telejornal, naquela época, começava* ***aos*** *cinco para as oito.* * * * *Eles retornaram* ***aos*** *vinte para a uma.* *** *A reunião começará* ***aos*** *quinze para as nove.* *** *O ônibus saiu* ***aos*** *dois para as seis.*

## Se "caso" eu não puder ir, irá meu filho.

"Se caso" é uma combinação espúria, já que ambas as palavras são conjunção. Melhor será cantar *Se* ***acaso*** *você chegasse* do que *Se "caso" você chegasse.* Não acha, não?

## Eu nunca faria uma coisa "dessa".

Nem eu: sempre que o pronome demonstrativo, em contração com a preposição *de,* substituir o substantivo anterior, usar-se-á no plural, já que *Eu nunca faria uma coisa dessas* eqüivale a *Eu nunca faria uma coisa dessas* ***coisas.***

Outros exemplos: *Fizemos um esforço* ***daqueles*** *e nada conseguimos.* *** *Um país* ***destes*** *não pode passar por tantas crises.* *** *Depois de um esforço* ***desses,*** *vocês nada conseguiram?!*

## ioga

Quando todo o mundo já dizia apenas *ióga,* quando todo o mundo já estava acostumado com a pronúncia *ióga,* eis que surge uma corrente que vem insistentemente pronunciando *iôga.*

Existem, ainda, os que admitem ambas as pronúncias, distinguindo cada uma delas com um gênero: **a** *ioga* (ó), para esses fenômenos da semântica moderna, seria a prática do *ioga* (ô), que seria a filosofia em si. Há, ainda, uma terceira vertente: dos que só grafam *yôga,* que, a bem da verdade, já não é português.

A palavra nos vem do sânscrito *yogah* = união com Deus, através do inglês *yoga.*

Cremos ter encerrado bem esta nova edição: em **união com Deus,** ou seja, em **ioga.**